

As Virtudes do Céu



CRBBM
Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V811

As virtudes do céu : a admirável coleção de mensagens recebidas nos primórdios do Grupo Ismael e constantes da segunda edição de "Elucidações Evangélicas", de Antônio Luiz Sayão / organizador: Marco Aurélio L. de Assis. - Rio de Janeiro : CRBBM, 2012.

324p. : 21 cm

Apêndice

Inclui índice

ISBN 978-85-

1. Espiritismo. I. Assis, Marco Aurélio L. de. II. Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes.

12-3268.

CDD: 133.9

CDU: 133.9

Organizador:
Marco Aurélio L. de Assis

As Virtudes do Céu

A admirável coleção de mensagens recebidas nos primórdios do Grupo Ismael e constantes da segunda edição de “Elucidações Evangélicas”, de Antônio Luiz Sayão

CRBBM
Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes

© MARCO AURÉLIO L. DE ASSIS

REVISÃO:
JULIO COUTO DAMASCENO E
MARCO AURÉLIO L. DE ASSIS

Capa:
JULIO COUTO DAMASCENO,
sobre “Noite Estrelada”, de Van Gogh

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
PROIBIDA A VENDA

Proibida a reprodução fotomecânica sem a autorização da
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES

Direitos reservados a:
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES
Rua Bambina, 128 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22.261-050
www.crbbm.org.br
Tel.: (21) 2266-2901 e 2266-6567

Aos cristãos primeiros, pelos exemplos que nos deixaram de legado e por nos ensinar de que são capazes os pequeninos do mundo, quando inspirados por Deus;

Aos 110 anos da primeira publicação de “Elucidações Evangélicas”, de Antônio Luiz Sayão.

SUMÁRIO

Prefácio - Pág. 13

Apresentação - Pág. 21

Breve Histórico - Pág. 29

Mensagens - Pág.39

1. No princípio era o Verbo / *João Evangelista* - Pág. 41
2. Orar e Vigiar / *Ismael* - Pág. 44
3. Jesus expulsa do Templo os mercadores / *Ismael* - Pág. 46
4. Jesus necessitava ser levantado / *Ismael* - Pág. 49
5. Jesus se apresentava como sendo o Salvador / *Ismael* - Pág. 51
6. Jesus como julga / *Ismael* - Pág. 53
7. O Pai a ninguém julga; mas, deu ao Filho todo o poder de julgar / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 55
8. Luta da luz com as trevas / *Ismael* - Pág. 57
9. O que são as lutas / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 59
10. Vitória da luz na luta com as trevas / *Ismael* - Pág. 62
11. Comemoração da Ascensão de N.S.Jesus Cristo / *Ismael* - Pág. 66
12. Comemoração das Ascensão de N.S.Jesus Cristo, em 8 de Maio de 1902 / *Paulo de Tarso* - Pág. 69
13. Mulher adúltera / *Ismael* - Pág. 73
14. Casamento. Repudio. Divórcio / *Ismael* - Pág. 75
15. O seio de Jesus é o Calvário da nossa ressurreição / *Ismael* - Pág. 78
16. Será Jesus a maior essência espiritual depois de Deus? / *Diversos* - Pág. 80
17. Liberdade concedida ao príncipe deste mundo / *Ismael* - Pág. 86
18. Estudo e comunicação sobre o texto evangélico “Eu via Satanás cair do céu” / *Pedro* - Pág. 89
19. Sessão comemorativa, do nascimento de Nossa Mãe Santíssima, a 8 de Setembro de 1898 / *Celina* - Pág. 95
20. Anunciação / *Romualdo* - Pág. 97
21. Comemoração da anunciação da Santíssima Virgem, em sessão de 25 de Março de 1898 / *Celina* - Pág. 100
22. Concepção da Virgem — Natureza do corpo de Jesus e dos seus sofrimentos / *Ismael* - Pág. 102

SUMÁRIO (cont.)

23. A concepção da Virgem Imaculada - Pág. 104
24. A Virgindade de Maria Santíssima / *Ismael* - Pág. 108
25. Concepção de Isabel – Mudez de Zacarias / *Allan Kardec* - Pág. 110
26. Sessão em homenagem ao nascimento de João Batista / *Isabel* - Pág. 112
27. Maria não assistiu ao nascimento de João Batista / *Paulo de Tarso* - Pág. 116
28. Arrependimento e perdão. A morte de João Batista / *Ismael* - Pág. 118
29. Assunção da Virgem Nossa Mãe Santíssima (15 de agosto de 1897) / *Elias* - Pág. 120
30. Degolação dos inocentes / *Ismael* - Pág. 124
31. Explicação da contradição aparente entre a comunicação do Bom Guia *Ismael* e a revelação dada a Roustaing, sobre a degolação dos inocentes / *Allan Kardec* - Pág. 125
32. O batismo de fogo a que se referiu João Batista / *Ismael* - Pág. 127
33. A Penitência / *José dos Mártires* - Pág. 129
34. A Penitência (cont.) / *José dos Mártires* - Pág. 131
35. Como se explica que, tendo tido voga na Índia e no Egito a Doutrina Espírita, pelo menos quanto às suas bases, se haja interrompido o progresso de tais ideias? / *Allan Kardec* - Pág. 133
36. O Espírito perdoado, mas não purificado, precisa, de provas. O castigo existe, quando o sofrimento não é espontâneo. O reino dos céus está em nós mesmos / *Allan Kardec* - Pág. 134
37. Nem sempre, nos casos de sofrimento, há castigo / *Allan Kardec* - Pág. 135
38. A prece a quem aproveita / *Allan Kardec* - Pág. 136
39. A fé raciocinada – Jesus não feriu os mercadores do templo / *Ismael* - Pág. 137
40. Estudo sobre a Fé / *José dos Mártires* - Pág. 139
41. A Igreja do Cristo está em toda parte onde se comungam as ideias do Cristo / *Ismael* - Pág. 143

SUMÁRIO (cont.)

42. Jesus não veio destruir a lei, nem os Profetas, mas cumpri-la / José dos Mártires - Pág. 145
43. Pedro, Primaz da Igreja do Cristo, que é a reunião dos fieis. — Essa graça especial concedida a Pedro passou para os Papas que se julgam seus sucessores? / *Ismael* - Pág. 147
44. Dos Discípulos qual devia reputar-se o maior / *Ismael* - Pág. 149
45. Jejum e tentação de Jesus / *Allan Kardec* - Pág. 151
46. Tentaçao de Pedro / *Allan Kardec* - Pág. 153
47. Sermão da Montanha / *Paulo de Tarso* - Pág. 155
48. Prodigio pedido pelos Fariseus / *José* - Pág. 158
49. Vinde a mim / *Agostinho* - Pág. 159
50. Dos homens só ingratidões; de Deus tudo / *Ismael* - Pág. 161
51. O feitor infiel / *Ismael* - Pág. 163
52. Para não suceder que vejam, ouçam, entendam e se convertam, e eu os sare / *Allan Kardec* - Pág. 165
53. Presença de Moises e Elias / *Allan Kardec* - Pág. 167
54. Perdão das ofensas / *Ismael* - Pág. 169
55. Confiai em meu Filho. Confiai no Bom Pastor / *Celina* - Pág. 171
56. Rendeiro da vinha / *Ismael* - Pág. 172
57. Parábola da viúva e do mau juiz / *Ismael* - Pág. 174
58. Parábolas da viúva e do mau juiz; — do Fariseu e do Publicano; — do moço rico / *Allan Kardec* - Pág. 177
59. Parábola do moço rico / *Gabriel* - Pág. 179
60. Muitos primeiros virão a ser últimos e vice-versa / *Ismael* - Pág. 183
61. Todos são irmãos, iguais na vida, como iguais na morte / *Allan Kardec* - Pág. 185
62. A Pecadora / *João Evangelista* - Pág. 188
63. Comemoração da Ceia do Senhor / *Ismael* - Pág. 192
64. Comemoração da Paixão de N. S. Jesus Cristo / *Celina* - Pág. 195
65. Ressurreição / *Maria Madalena* - Pág. 198

SUMÁRIO (cont.)

66. Outra comemoração da Sagrada Paixão de N. S. Jesus Cristo / *Ismael* - Pág. 200
67. Cura dos cegos de Jericó / *Ismael* - Pág. 203
68. Estudo minucioso sobre as teses seguintes: Juízo Final — Julgamento — Última Escolha — Vinda de Jesus / *Diversos* - Pág. 207
69. Ainda o julgamento de Deus e de Jesus / *Ismael* - Pág. 228
70. O servo fiel e prudente e o mau servo / *Ismael* - Pág. 231
71. Terceira Vigília / *João Evangelista* - Pág. 233
72. Vigilância / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 236
73. Parábola dos talentos / *Ismael* - Pág. 239
74. Falsos cristos. — Falsos profetas / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 241
75. Comemoração do aniversário do passamento de Moisés, que nasceu e desencarnou em casa de Sayão, e do aniversário de Agostinho e de João Batista / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 245
76. Moisés / *Diversos* - Pág. 247
77. Joanna, mãe de Moisés, que fazia parte da família de Sayão, desencarnou a 9 de Maio de 1902 e, logo na primeira sessão que realizou depois dessa data, o Grupo recebeu a Comunicação que se vai ler - Pág. 251
78. A promessa / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 253
79. Consagração do dia 29 de Junho em que a humanidade festeja os apóstolos Pedro e Paulo / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 256
80. Sessão do Grupo Ismael, no dia 13 de Junho de 1901, comemorativa do elevado Espírito de Antônio de Pádua / Antônio de Pádua - Pág. 261
81. Sessão comemorativa do 4º aniversário do passamento de Bittencourt Sampaio, ocorrido em 10 de Outubro de 1899 / *Diversos* - Pág. 264
82. Manifestação de Bezerra (Sessão de quinta-feira santa, a 12 de abril de 1900) / *Bezerra de Menezes* - Pág. 269
83. A verdadeira comemoração de finados / *Agostinho* - Pág. 274
84. Amor de Deus e do Próximo / Moisés, Mateus, Marcos, Lucas e João, Assistidos pelos Apóstolos - Pág. 277

SUMÁRIO (cont.)

85. Fé, Amor e Caridade / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 280
86. A espada que Jesus mandou que seus discípulos comprassem / *Diversos* - Pág. 283
87. Negação de Pedro / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 285
88. Do Calvário ao Apocalipse (Sessão de 8 de Abril de 1902) / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 287
89. Amai-vos uns aos outros (Sessão de 22 de Maio de 1932) / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 289
90. As virgens loucas. Vigilância / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 291
91. Tanque de Betsaida / *Bittencourt Sampaio* - Pág. 293
92. Sobre as “Elucidações Evangélicas” / *José dos Mártires* - Pág. 296
93. Sagração de uma verdadeira filha de Maria - Pág. 298
94. Comemoração da Sagrada Paixão de N. S. J. Cristo (Sessão de 28 de Março de 1902) / *Ismael* - Pág. 301

Apêndice - Pág. 305

- Mais três mensagens - Pág. 307
 - 95 - Paz, Amor e Caridade - Pág. 309
 - 96 - Comunicação de Fagundes Varela - Pág. 311
 - 97 - Comunicação de Benjamin Constant - Pág. 313

- Mensagem Recebida por Chico Xavier sobre Celina - Pág. 315

- Primeira Visita de Chico Xavier ao Grupo Ismael - Pág. 319

PREFÁCIO

Azamor Serrão Filho

Presidente da CRBBM

PREFÁCIO

"Se vi mais longe foi por estar de pé sobre ombros de gigantes."

Isaac Newton

Prezados irmãos, é com renovada alegria que pouco a pouco vemos florescer frutos de amor desta árvore pequenina plantada por nosso Patrono, Bezerra de Menezes, e Azamor Serrão, Fundador e Orientador de nossa CASA. Nosso Mestre Inesquecível nos ensinou que “é pelos frutos que se conhece a árvore”, mas é preciso vigilância constante para que ao longo do tempo as árvores não ressequem e as novas safras preservem o seu sabor original.

Nosso compromisso permanente é com o resgate do Cristianismo do Cristo, e rogamos todos os dias aos nossos mentores que nos guiem os passos, para que sigam firmes nesta direção; ao mesmo tempo em que acendam o entusiasmo no coração dos que darão prosseguimento a este esforço no futuro, para que carreguem com o mesmo zelo a chama sagrada que trazemos conosco, em plena alvorada da Nova Civilização do Terceiro Milênio.

Desta vez vimos a público para prestar uma singela homenagem à Casa de Ismael, a nossa querida Federação Espírita Brasileira, Casa Mãe do Espiritismo no Brasil, resgatando um pouco da história de sua parte mais formosa, mais essencial, do seu “coração”– o Grupo “Ismael” e, através dele, de um pequeno grupo de personagens que muito dignificam a história de nossa Doutrina nesta “Terra de Santa Cruz”.

Acreditamos que muitos dos nossos irmãos de ideal não estejam plenamente informados sobre os primórdios do antigo “Grupo dos Humildes”, também conhecido como “Grupo Sayão”, que, ao incorporar-se à Federação Espírita Brasileira, passou a ser o “Grupo Ismael”, o que torna urgente o resgate de sua história e sua divulgação a plenos pulmões. De seus integrantes, o nosso Bezerra talvez tenha sido o único a, ainda hoje, receber a atenção e as homenagens devidas, mas personagens como Bittencourt Sampaio, Frederico Pereira da Silva Jr. e Antônio Luiz Sayão (seu fundador), só para citar os principais, estão ainda a aguardar de nossa parte o reconhecimento a que fazem jus. Como são todos muito humildes, logo os imagino protestando em alguma parte da espiritualidade contra esta deferência, por entendê-la imerecida, mas peço-lhes que releve nossa ousadia em benefício de nós todos, habitantes do século XXI, porque seus exemplos e obras são importantes demais para serem esquecidos, e recordar o bem feito pelos outros talvez seja uma forma igualmente válida de propagá-lo, para aqueles que não tem em si as virtudes necessárias para fazê-lo *per si...*

Talvez seja em razão deste desconhecimento mesmo que ainda muitos se surpreendam como o saudoso Fred Figner diante da luz estelar de Bittencourt Sampaio no plano espiritual, na condição de supervisor do Espiritismo Evangélico no Brasil¹, mas os que já tiveram acesso à sua “Divina Epopeia” podem mais facilmente aquilatar a excelsitude do conhecimento e espiritualidade que deram origem a um dos maiores poemas já produzidos em língua portuguesa em todos os tempos, tendo como tema o Evangelho de João, através de “Cantos” que nada ficam a dever ao fabuloso “Lusíadas”, de Camões, complementados com valiosas explicações dos mesmos à luz de nossa Doutrina.

Outro sintoma do mesmo problema é o olvido a que foi levado o nome abençoado de Frederico Pereira da Silva Junior, o grande médium brasileiro do século XIX. Costumamos dizer que nós, os brasileiros, temos “memória curta”, e este caso parece realmente confirmar a tese. É fato que todos nós, espíritas, nos alegamos com as merecidas homenagens recentemente prestadas ao nosso admirável Chico Xavier, por ocasião de seu centenário de nascimento. Mas, quem poderia imaginar que quase cem anos depois de sua desencarnação, ocorrida a 30 de agosto de 1914, o nosso igualmente admirável Frederico Jr. estivesse quase de todo esquecido? Ele, justo ele, o nosso humilde e bondoso Frederico, que nos legou através de sua mediunidade abençoada e cristã obras magistrais como “Do Calvário ao Apocalipse”, “De Jesus para as Crianças” e “Jesus Perante a Cristandade”, além de dezenas e dezenas de mensagens belíssimas, provindas da mais alta espiritualidade; ele, justo ele, apontado pelo Dr. Bezerra como “um dos maiores médiuns de todos os tempos”² ? Terá o nosso Chico o mesmo fim, daqui a 90 anos?

1 Vide a respeito a obra “Voltei”, de autoria de Fred Figner, sob o pseudônimo de “Irmão Jacob”, psicografada por Francisco Cândido Xavier, 28a. ed. FEB. – “Guillon – exclamei hesitante –, você sabe que sempre dediquei amor e veneração a Bittencourt Sampaio... Onde estará ele? Poderei encontra-lo? Informou-me o companheiro que o nosso respeitável amigo colabora na supervisão do Espiritismo evangélico, em plano superior, adiantando, porém, que provavelmente, seria Bittencourt o mensageiro de amizade que viria de mais alto trazer-me as boas-vindas, na noite de minha recepção no grande templo”. Reconfortado e feliz, decidi esperar. (págs.107/108) [...] “Entre o êxtase e o assombro, notei que a estrela se transformava lentamente. Da nebulosa radiante alguém se destacou, nítido e reconhecível para mim. Era o magnânimo Bittencourt Sampaio, cuja expressão resplandecente constituía o que imagino num ser anágelo”. (pág.133)

2 “Existia na capital do País (Rio de Janeiro) um médium portador de peregrinas qualidades morais e vastos cabedais psíquicos, que dele faziam, sem contestação possível, um dos mais preciosos eminentes intérpretes da Revelação Espírita no mundo inteiro, em todos os tempos. [...] chamava-se Frederico Pereira da Silva Júnior, amplamente relacionado e mais conhecido com a singela abreviatura de Frederico Jr... Tão nobre obreiro da Seara Cristã repartia-se em múltiplas modalidades de serviços mediúnicos, dedicado e fraterno até à admiração, por quanto seus dons psíquicos, variados e seguros, obtinham também, do Além-Túmulo, as mais lúcidas revelações”. (BEZERRA DE MENEZES - A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA, 1957, PSICOG. DE YVONNE DO AMARAL PEREIRA, PÁGS. 223/4 DA 3ª. ED. FEB)

Finalmente, lembrando o valoroso Antônio Luiz Sayão, fundador e presidente do grupo, durante muitos anos, lembramos igualmente da célebre frase de Tiago, na sua epístola inesquecível: “mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tiago 2, versículo 18).

Sobre o valor da obra do admirável Sayão – “Elucidações Evangélicas” - encontramos o melhor testemunho no artigo publicado no jornal “A Gazeta de Notícias” a 06/04/1897³ pelo Kardec Brasileiro, Bezerra de Menezes:

“O livro do Sayão é um resumo de Roustaing, com as vantagens de Allan Kardec. É, portanto, correto e adiantado, sob o ponto de vista doutrinário – e é claro e conciso sob o ponto de vista do método. Por outra: contém as ideias de Roustaing e o método incomparável de Allan Kardec. Quem compreender a progressividade da revelação não pode recusar preito a Roustaing – e quem quiser colher, em Roustaing, os frutos preciosos de sua inspiração, muito lucrará estudando o livro (os livros) de Sayão. É chave de ouro, que ninguém deve desprezar – e que, além de ser tal, encerra observações práticas que, por si só, recomendariam o hercúleo esforço do Ateneu do Espiritismo no Brasil”.

"Se vi mais longe foi por estar de pé sobre ombros de gigantes." - disse Newton – e poderíamos nós dizer o mesmo, embora aparentemente tenhamos perdido a noção da dimensão do apoio recebido...

*

Tão impressionantes foram os resultados obtidos pelo Grupo Ismael, ao final das 59 sessões de seu primeiro ano de atividade, na forma de uma sucessão de mensagens de elevadíssimo teor e transcendente espiritualidade, tanto pela forma quanto por seu conteúdo, que seu fundador e primeiro presidente, Antônio Luiz Sayão, teve a preocupação de registrá-las em um volume publicado em 1893 com o título de “Trabalhos Espíritos de um pequeno grupo de crentes humildes” (Rio de Janeiro, Tip. Moreira Maximino & Cia. - Rua da Quintana, número 90).

Alguns anos mais tarde, em 1896, Antônio Luiz Sayão lança o estudo dos evangelhos sinóticos em espírito e verdade, baseada na obra de Roustaing, com o título “Trabalhos Espíritos de um pequeno grupo de crentes humildes - Estudo dos Evangelhos de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas em Espírito e Verdade” (Rio de Janeiro, Tip. Moreira Maximino, Chagas & Cia., Rua da Quitanda, núm. 90).

Completava-se assim o esforço iniciado por Bittencourt anos antes, quando da publicação de sua “Divina Epopeia”, toda baseada no Evangelho de João.

A comunidade espírita, deve, portanto, aos integrantes da “pri-

3 A respeito da data deste artigo vide as notas do Apêndice III da obra “Jesus não é Deus”, organizada pelo confrade Jorge Damas Martins, ed. AEFA - Assoc. Espírita Francisco de Assis, Rio de Janeiro, 1995.

meira hora” do Grupo Ismael, dois verdadeiros tesouros da literatura espírita mundial, que trazem em suas páginas o complemento, o resumo e um valioso conjunto de esclarecimentos complementares à “Revelação da Revelação” - Os Quatro Evangelhos - recebida por Roustaing e Collignon em França, entre 1861 e 1866.

Dr. Bezerra logo percebeu a complementariedade e a importância destas duas obras, e as destacou em um comentário publicado em “O Reformador”, na sua edição de 1o. de fevereiro de 1897 ⁴:

“Altíssima é a missão dos que foram escolhidos para fazerem na Terra a obra de Deus a divulgação do Evangelho segundo a luz do Espiritismo; e dentre aqueles missionários espalhados por toda a Terra, levantaram-se, entre nós, Bittencourt Sampaio, com a sua “Divina Epopeia”, e Antônio Luiz Sayão, com os seus estudos dos Evangelhos.

“Aquele limitou seu trabalho, que é monumental, ao Evangelho de João. Este ergueu seu monumento sobre os de Mateus, Marcos e Lucas. Um completa o outro [...]. Nenhum saiu dos limites traçados a Roustaing [...] perfeito resumo da interpretação dos Evangelhos em espírito e verdade, segundo Roustaing”.

Em 1902 Sayão publica o que viria a ser a sua obra prima - “Elucidações Evangélicas”, com uma versão revista e ampliada dos estudos dos evangelhos iniciados no trabalho de 1896 e mais uma coleção atualizada das mensagens recebidas pelo Grupo Ismael, que agora já somavam 94 primores de produção mediúcnica, quase todas recebidas por Frederico Jr.. As “Elucidações” de Sayão viriam a ter nova edição apenas em 1933. Nesta, manteve-se a estrutura original da obra, com sua divisão nas duas partes supracitadas mas, a partir daí, por razões que desconhecemos, as edições seguintes passaram a trazer apenas a primeira parte do conjunto original - a “Explicação dos Evangelhos”, sem apresentar mais as maravilhosas mensagens.

Esta supressão criou uma das lacunas mais significativas da história da literatura espírita brasileira, que um dia precisaria ser preenchida, resgatada, recuperada na forma de “patrimônio histórico” do Espiritismo no Brasil e no mundo. Afinal, foi por intermédio deste grupo de seareiros que o Espiritismo do Brasil hasteou em definitivo a bandeira “Deus, Cristo e Caridade”, por orientação de Ismael, seu Guia Espiritual. Foi a partir de mensagens como as que apresentamos neste volume que a CASA DE ISMAEL adotou a obra “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, como base para seus estudos e mais tarde como pedra angular de seus estatutos (1895), juntamente com a Codificação Kardequiana, ambas estudadas regularmente em suas instalações há mais de cem anos.

Eis que o nosso Marco Aurélio L. de Assis nos traz, em meio à

⁴ Outra citação resgatada pela pesquisa atenta do nosso Jorge Damas. Vide igualmente a edição de “Jesus não é Deus”, já citada, igualmente na página 109.

noite escura, o facho de luz que nos faltava...

Filho do ex-presidente da Federação Espírita Brasileira, de saudosa memória, Armando de Oliveira Assis, Marco Aurélio aproximou-se de nossa CASA através do nosso confrade Júlio Damasceno, a quem apresentou, pela primeira vez, a idéia deste volume e a informação de que havia, ele mesmo, redigitado as esquecidas mensagens do Grupo Ismael.

Júlio nos trouxe esta informação empolgado. A oportunidade era única. Estávamos exatamente no final de 2011, decidindo naquela ocasião que volume publicaríamos por ocasião do VIII Congresso Jean Baptiste Roustaing, realizado este ano em Brasília por iniciativa do prezado Dr. Maurício Neiva Crispin, e o trabalho do Marco Aurélio se encaixava “como uma luva” em toda a linha editorial adotada por nossa CASA ao longo dos anos.

Oferecemo-nos, então, para publicar a preciosidade que nos chegava às mãos, por certo, com uma “ajudinha” de nosso Patrono. Para nós, a publicação de “As Virtudes do Céu” é ao mesmo tempo a realização de um sonho e uma honra para a nossa CASA, a nossa “bambina”. Entregamos os volumes impressos aos seus leitores, sempre através de distribuição gratuita (“dai de graças o que de graça recebestes”), como quem entrega uma jóia a quem ama, naquele clima de expectativa e ansiedade do ofertante que espera ver o sorriso de satisfação do destinatário do seu “mimo”, escolhido com todo afeto...

Agradecemos, portanto, ao prezado Marco, por ter nos aceitado como parceiros na sua empreitada. Que Deus o abençoe por seu esforço e por sua iniciativa, que certamente será motivo de satisfação ao seu saudoso pai e a todos os “gigantes” que o antecederam na condução da expressão terrena da “Casa de Ismael”. Aproveitamos o ensejo para agradecer também ao nosso valoroso Jorge Damas, irmão querido de nossa CASA, pelo conjunto de anotações / materiais que gentilmente nos forneceu para complemento deste trabalho, reunidos no seu Apêndice.

Obrigado a todos pela atenção, pelo carinho e pela divulgação que puderem dar a este volume. Sua tiragem é pequena - apenas mil exemplares - mas estamos certos que seus volumes estarão em boas mãos...Concluimos a nossa parte lembrando a frase inesquecível, que adotamos como prece permanente em nossa CASA: “Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra a toda a humanidade. Que a Doce Paz de Jesus reine hoje e sempre em nossos corações”.

Rio de Janeiro, Junho de 2012

Azamor Serrão Filho

Presidente da Casa de Recuperação e Benefícios

Bezerra de Menezes

APRESENTAÇÃO
Marco Aurélio L. de Assis

APRESENTAÇÃO

O considerável acervo de 94 comunicações contidas na parte final da 2ª edição (1933) da obra de Luiz Antônio Sayão, *Elucidações Evangélicas*, vem agora de ser reapresentado.

No exame dessas mensagens, sobretudo convém observar a importância conferida ao estudo do Evangelho. É de se considerar com atenção que, dentre tantas questões novas trazidas sempre no bojo da Doutrina Espírita, é o Evangelho que centraliza as atenções e os estudos daquela nobre equipe de missionários pioneiros, oriundos da Alta Espiritualidade, justamente aqui reencarnados por aquela época (século XIX) para darem curso à implantação da árvore ainda tenra, que dentro em pouco estaria viçosa e rica, do Consolador prometido, na Terra de Santa Cruz. Não que não hajam encontrado dificuldades. A tarefa desses denodados servidores do Cristo, como sempre acontece àqueles que se esforçam em renovar o panorama no campo das ideias e da fé, ofereceu-lhes flagrantemente dificuldades, as mais diversas, compreendendo desde a lamentável intolerância do clero católico incitando a ação coercitiva do governo, até a acirrada oposição por parte mesmo dos mais próximos, os chamados *cientificistas*. Observando melhor, cremos agora, será possível localizar no pretérito remoto essa divergência de propósitos. A leveza, a aparente imponderabilidade, a sutileza e a profundidade do Evangelho na sua mensagem transcendente ainda se faz incompreensível para muitos. Resulta daí uma como barreira quase que material. Até mesmo grande número daqueles que já aceitam e concebem sem hesitação a Doutrina dos Espíritos, a realidade do Espírito, por vezes se detêm, hesitantes, ante as verdades sutis e profundas da Boa Nova.

A advertência de Paulo, *a letra mata, o espírito vivifica*, ainda se faz reiteradamente olvidada e a incompreensão ressuma em comentários injustos que apontam como impedimento, ora a antiguidade dos textos evangélicos, ora a dificuldade de entendê-los. Os que acusam de *velhos* os textos bíblicos, se estivessem dispostos ao estudo, não esqueceriam as palavras de Jesus: *passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão* (Mateus, 24:35). Enquanto aqueles que reagem e se queixam das dificuldades em apreender os significados contidos em cada página, em cada versículo, não levam em conta que os textos evangélicos se apresentam propícios à apreensão pelos homens de conformidade com seus próprios cabedais, tanto intelectuais quanto morais, que

vão sendo amealhados no correr dos séculos, de forma a não prejudicá-los com a excessiva luz de uma revelação extemporânea. Poder-se-ia afirmar que um mecanismo maravilhoso, encerrado em suas páginas, faculta ao homem de cada época aquilo que lhe convém, descerrando-se-lhe, na estrita medida de suas possibilidades, os ensinamentos que lhe sejam oportunos, por suportáveis. E mais, na forma de manter parcialmente velados tais ensinamentos, é possível encontrar sublime demonstração do amor misericordioso do Cristo, pois, sabendo-se que *a quem muito foi dado, muito se lhe pedirá* (Lucas, 12:48), o modo de proteger aqueles que já dotados de certos valores intelectuais, porém ainda baldos de valores morais, tais ensinamentos ficam-se-lhes inacessíveis ao coração, para que não lhes sejam imputadas culpas ou responsabilidades por aquilo que não estão ainda aptos a cumprir. Assemelha-se a um sábio dispensador de verdades, capaz de revelá-las na medida adequada somente àqueles capazes de recebê-las com proveito.

Faz-se muito importante para o espírita o estudo da Boa Nova. E causa estranheza observar que no meio espiritista fiquem as atenções circunscritas ao Evangelho Segundo o Espiritismo, obra sublime que merece todos os louvores que se lhe façam, pois vem consolando e esclarecendo uma quantidade inumerável de corações, além de se tratar de maravilhoso vestibulo ao Evangelho, estudado em toda a sua inteireza; doação sublime do Céu, transmitida à Terra pelas mãos afanosas do Codificador, reaproxima os homens da fonte de águas cristalinas que manam de suas páginas. Para o espírita – já ciente da realidade do espírito, da mediunidade, do processo evolutivo em todas as faixas da Criação –, mister será avançar nos estudos evangélicos. Conhecê-los em toda a sua extensão, pois daí é possível expandir o conhecimento, haurindo a tão almejada maturidade moral que faculta ao estudioso percepções e conclusões que se fazem como pérolas de luz, conquistas que amadurecem o coração e orientam o espírito no caminho a ser trilhado. Na ausência do Evangelho empobrece-se a compreensão mesma da doutrina, podendo levar o espírita a se deter na rama da fenomenologia, ou na estéril discussão de exigências doutrinárias, ou dedicar equivocada direção e esforços para a conquista de prosélitos, em busca de uma injustificável supremacia numérica e isto se dá em detrimento do conteúdo superior que se faz necessário semear no íntimo de cada criatura. Ao espírita movido pela boa vontade, cabe, sobretudo, o exemplo. Ademais, convém a ele entender que a sementeira se fará sempre na terra fértil do coração de cada qual, favorecida sempre pelos atos de quem semeia, observando ainda que o semeador não se detém na verificação do resultado. Cabe a ele semear, confiando a colheita a Jesus. Que não fiquem esquecidas as lições do Nazareno, que jamais se interessou pelo espetáculo suntuoso, nem pelo que ditariam as expressões numéricas, fixando sempre suas lições no coração das criaturas.

Certamente não se extinguem aí as razões e a importância da natureza insubstituível do Evangelho como *norma de elevação da vida*, como observa Emmanuel no seu “Fonte Viva” (142 – Não furtos; F. C. Xavier; ed. FEB). Mais e muito mais há para ser colhido no Livro da Vida.

Sigamos dando destaque ao que foi dito na Comunicação de nº 68:

Convençam-se todos os Grupos espíritas de que na nossa terra – a Terra de Santa Cruz – a parte que nos cabe no cultivo da Seara bendita é principalmente o estudo aprofundado dos Santos Evangelhos, para a prática da – Caridade – que, na frase inspirada de Pedro – cobre a multidão dos pecados. (I Pedro, IV, 8).

Eis a advertência valiosa que vem nos escapando aos espíritas! Assim como vem nos escapando a apreciação justa do valor daqueles denodados pioneiros, valorosos missionários do Cristo reencarnados no Brasil para a acolhida da excelsa doutrina, recém transplantada da França para a Terra de Santa Cruz.

Como entender a revoada de pássaros esplêndidos que aqui deram chegada pelo século XIX? Que acontecimento iria requerer a presença, entre os encarnados, de Espíritos da nobreza de um Bittencourt Sampaio? De um Bezerra de Menezes? De um Antônio Luiz Sayão? De um Pedro Richard? Da potência mediúnicamente de um Frederico Junior, do qual falaremos pouco adiante. De tantos outros muito nobres trabalhadores que compõem os fastos da História do Espiritismo na Pátria do Cruzeiro? O projeto divino estava posto e cabia cumpri-lo. Para tal, necessária a cooperação direta desta destacada elite espiritual que pelo amor do Cristo aqui se reuniu, no solo do Brasil, para a consecução do plano estabelecido.

Os espíritas do século XXI, em grande parte desconhecem os enormes óbices que houveram de ser vencidos. A oposição acirrada da igreja romana. A perseguição oficial, imposta pelo governo por incitação do clero católico. As dificuldades oriundas das graves desavenças internas causadas pelos *cientificistas*. O quanto de lágrimas vertidas em silêncio, urdidas pela incompreensão e disputas injustificáveis. Uma plethora de duros obstáculos exigindo sempre grandes sacrifícios para serem superados; de pesados desafios íntimos a serem vencidos, além do vigoroso esforço dos *aborrecidos da luz* no combate à chama vivente do Consolador.

Nestas 94 comunicações encontramos o registro vivo dos trabalhos mediúnicos levados a efeito por aqueles pioneiros. Neles encontramos, além dos ensinamentos derivados daqueles estudos, uma mensagem de subido valor – a primazia conferida ao estudo do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pois estes cavalheiros da luz reuniam-se sistematicamente com este fito. Acompanhados sempre pela presença

sublime do Anjo Ismael – que jamais nos escape tal acontecimento! –, acolitado por uma plêiade angelical, na companhia dos Apóstolos, de missionários de grande, grandíssimo vulto – Allan Kardec dentre eles –, deram curso a aturados estudos das páginas rutilantes do Novo Testamento. Cumprindo o programa elaborado pelo Alto, tomava parte daquele grupo seletivo de estudiosos, Frederico Junior, o excelente médium, já mencionado acima, que Bezerra de Menezes no seu “A Tragédia de Santa Maria” (FEB, psicografia de Yvonne A. Pereira), referiu assim: *“Por esse tempo, existia na capital do País, um médium de peregrinas qualidades morais e vastos cabedais psíquicos, que dele faziam, sem contestação possível, um dos mais preciosos e eminentes intérpretes da Revelação Espírita no mundo inteiro, em todos os tempos. (...)”* Isto já nos parece suficiente.

*

Sem nos alongarmos mais, buscamos apresentar ao leitor o que o espera no conjunto dessas 94 Comunicações. Como se sabe, aqueles estudos foram realizados a partir da obra organizada por J. B. Rous- taing, “Os Quatro Evangelhos”, que ainda suscita tanta incompreensão por parte de considerável número de espíritas. Dentre as objurgatórias que lhe são impostas, estão aquelas que a acusam de confrontar o que está na obra de Kardec, esquecidos que ele mesmo, o Codificador, nada viu nela que viesse a contradizer a doutrina: *“É um trabalho considerável, que tem o mérito de não estar em nenhum caso, em contradição com a doutrina (...)”* (Revista Espírita de junho de 1866, págs. 188).

Todavia – afirmemos logo – o grande escolho para a aceitação da obra reside na questão do corpo fluídico de Jesus. Não nos cabe aqui estender considerações a este respeito, já que outras vozes, muito acima da nossa e por isso mais bem aparelhadas (Ismael Gomes Braga, Guillon Ribeiro, Leopoldo Cirne, Manuel Quintão) já se encarregaram desta parte. Ajuntaríamos apenas uma observação – relevante – que é a de chamar a atenção para o fato que os estudos desenvolvidos naquelas reuniões foram sempre acompanhados por expressivos trabalhadores do Cristo que, da Espiritualidade, ofereciam o seu aval, o que chancela sobremaneira o valor e a importância da obra. Ademais, importa observar que Allan Kardec, ele mesmo, com toda a sua autoridade, deu a ela inteira aprovação, conforme se faz evidente pela sua reiterada presença naqueles trabalhos, já agora indo bem além das primeiras impressões reproduzidas acima: *“que tem o mérito de não estar em nenhum caso, em contradição com a doutrina”* e pelas Comunicações por ele assinadas.

Argumentos de que a mistificação renteou aqueles seareiros são inteiramente despiciendos. Levemos em conta a Comunicação N° 1, quando o Apóstolo João Evangelista, referindo-se a Jean Baptiste Rous- taing, apresenta:

“Mas, se a revelação dada a esse irmão ainda por todos não é aceita, nem compreendida, necessário se faz que aqui, como noutros pontos, onde com sinceridade se estuda o Evangelho de N. S. Jesus Cristo, novas comunicações se transmitam, novas explicações sejam trazidas, sempre por graça sua, a fim de que se torne irrecusável aquela revelação e se proporcione aos homens nova fonte de luz, que os conduza ao reino da verdade”.

Para que não se perca a oportunidade de travar conhecimento com aqueles estudos e conhecer como se desenrolaram aquelas reuniões, o leitor, fazendo uso da sua razão – conforme Paulo: *Examinai tudo. Retende o que é bom* (I Tess, 5:21) –, seja convidado a aproveitar o que encontrar de bom.

Por isso, estendemos o convite àqueles que não adotam a obra de Roustaing para seus estudos do Evangelho. Não rejeitem aprioristicamente as Comunicações que aqui seguem expostas. Se não aceitam a ideia do corpo fluídico de Jesus, estranhando-a como novidade, saibam que desde os primórdios do Cristianismo, os docetas, os gnósticos e outros mais a aceitavam. Sigam, pois, com Paulo, aproveitando o que lhes parecer bom. E mais, a obra citada discorre sobre a íntegra dos quatro evangelhos, elucidando em profundidade o leitor, inclusive, sobre a questão do corpo de Jesus. Nestas Comunicações existem muitos e valiosos ensinamentos para enriquecer ainda mais os leitores.

*

Pensamos que, excetuando-se a atualização ortográfica, não seria recomendável buscar promover quaisquer *adaptações* ou *atualizações* nestes textos que marcam a época inaugural dos primeiros desdobramentos no Brasil das verdades contidas no legado de Allan Kardec, a Doutrina dos Espíritos. Ao leitor caberá ajustar seu entendimento às condições então vigentes, entendendo-as como ditadas pelo ambiente próprio daquele tempo. Em razão disto – eis um breve exemplo – assim como encontramos nas obras de Kardec os apóstolos nomeados segundo os costumes da época, *São Mateus*, *São Marcos*, *São Lucas*, etc., nestes textos também iremos nos deparar com as mesmas formas. Igualmente, com as comemorações de efemérides próprias do catolicismo – *Ascensão de N. S. Jesus Cristo*, *Sagrada Paixão de N. S. Jesus Cristo*. Tendo em vista o conteúdo desses estudos, não será possível ver nisso qualquer alusão ou endosso às práticas católicas, porem o reflexo das contingências da época, entre os homens encarnados, aprendendo com a Espiritualidade Superior – que não fez quaisquer reparos quanto a isso – a tolerância e o respeito ao entendimento dos homens e atender ao conselho: *“Reunidos em nome de Ismael, não tendes outros deveres senão estudar os Evangelhos à luz da Santa Doutrina”.*

Ismael ilustra-nos e encoraja o nosso empenho mostrando o caminho – *“Sempre que souberdes conservar a paz nos vossos trabalhos, desembaraçados de quaisquer prejuízos ou preconceitos, recebereis a inspiração dos vossos guias”*.

Marco Aurelio L. de Assis
Novembro de 2011

BREVE HISTÓRICO DO “GRUPO ISMAEL”

BREVE HISTÓRICO

A história do Grupo Ismael precisa ser contada e recontada diversas vezes, sempre e sempre mais, para que sua cristandade e humildade genuínas nos contagiem a todos...

Vejam que nos anos 40 do século passado, quando da publicação da edição de 1941 da obra “Trabalhos do Grupo Ismael” um outro “gigante” de nossa história, Guillon Ribeiro, já externava esta mesma preocupação, reproduzindo, ele mesmo, um longo artigo de Pedro Richard – um dos integrantes daquele Grupo – sobre a sua história, publicada no Reformador de 1901.⁵

Penso que aqui podemos repetir o gesto, reproduzindo, por nossa vez, o resumo da trajetória dos primórdios do Grupo Ismael feito pelo próprio Guillon, primoroso tanto pelo estilo quanto pela capacidade de síntese¹. Para nós, espíritas do século XXI, sua leitura equivale a breve viagem no tempo, descortinando-nos em poucas páginas as lutas e os ideais dos nossos pioneiros...

*

“Confiada a Ismael a direção do Espiritismo no Brasil, formou-se [...] sob a sua égide e por inspiração sua o Grupo “Confúcio”, composto por um pequeno punhado de trabalhadores. Esse Grupo fez o que pôde, mas teve duração efêmera, por um conjunto de circunstâncias que não vem a pelo rememorar.

Mais tarde, em 1873, aquele mesmo Espírito, reunindo novos elementos, fundou a Sociedade “Deus, Cristo e Caridade”, Sociedade cuja denominação era uma síntese da Doutrina Espírita. Destinava-se a desenvolver ação mais ampla, qual não fora possível àquele Grupo.

Para constituírem a Sociedade, congregou Ismael todos os trabalhadores de boa vontade que lhe acudiram ao chamamento.

“Inúmeros foram, diz ainda Pedro Richard, no histórico acima, os “prodígios” que ela operou. A misericórdia divina se fazia sentir incessantemente. A luz, a jorros, deslumbrava os assistentes. Todos quanto tinham a dita de assistir a um trabalho da Sociedade se impunham a si mesmos a obrigação moral de inabalável conversão.

“Os acontecimentos que aí se deram, é ainda Pedro Richard quem o diz, produziram ruído em torno dos espíritas e provocaram a ira dos representantes do mal. Então, a marcha vertiginosa que levava a Sociedade atraiu a atenção dos inimigos de Jesus, que cerraram fileiras e

⁵ Idem, págs. 40 a 54.

juraram destruir aquele templo.

“Foram de tal ordem os ataques dirigidos contra o reduto, que o vendaval dos erros acabou por destruí-lo.

“As fraquezas humanas, o orgulho, a vaidade, o egoísmo, a presunção foram as portas por onde entraram os inimigos do Bem.

“Ali, onde a humildade deveria ter um altar, o orgulho armou a sua tenda! O egoísmo se crismou de caridade e de fraternidade, a dissensão.

“Desvairados, levantaram um templo à ciência e constituíram uma academia, cujos membros não mais se distinguiriam pelas virtudes de cada um, mas pelo cabedal científico.

“Passou assim a humilde “Deus, Cristo e Caridade” a denominar-se “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade”, cavando dessa forma o túmulo em que se lançaria, como de fato se lançou”.

Nem todos, porém, que compunham a primitiva Sociedade, se deixaram dominar pelos sentimentos que determinaram a criação da sua sucessora. Um núcleo pequeno, procurando corresponder ao desejo do seu patrono, constituiu outra agremiação, que denominou Sociedade Espírita “Fraternidade”, à qual transmitiu o Espírito do Mestre, Allan Kardec, os belíssimos e magistrais ditados que se encontram reunidos num folheto que a Federação editou e tem reeditado várias vezes, sob o título de “Ditados Espíritas”.

Para aí transferiu Ismael o seu estandarte, tendo sido a nova denominação escolhida intencionalmente, para dar a ver aos espíritas a necessidade e a obrigação de formarem uma verdadeira e única família, cujos membros se mostrassem fortemente unidos pelos laços de fraternidade, de maneira a ser una com Jesus, como Ele é uno com o Pai.

Instalada a “Fraternidade”, foi-lhe dado por Guia o luminoso Espírito que na terra se chamara Urias, encarnação da bravura, da lealdade e de retidão para com o seu Deus e o seu rei.

Logo, porém, a treva se pôs em ação e, valendo-se como sempre do orgulho existente no homem, invadiu a nova cidadela e fê-la baquear. Ao cabo de algum tempo a Sociedade reformava seus Estatutos, passando a chamar-se Sociedade Psicológica “Fraternidade”. Lavrou assim a sua sentença de morte e, efetivamente, pouco depois deixava de existir.

Mas, a semente que Ismael plantara não podia fenecer, nem o estandarte que ele desfraldara poderia enrolar-se para não mais flutuar ao sopro das brisas do céu. Sob o planejamento desse estandarte luminoso, onde continuava a fulgurar o lema “Deus, Cristo e Caridade”, um pugilo de dissidentes da orientação que ela tomara afastou-se da Psicologia e fundou o núcleo que mais tarde veio a denominar-se “Grupo Ismael”, como ainda agora se chama.

Chamou-se a princípio “Grupo dos Humildes”, mais conhecido, entretando, pelo nome de “Grupo do Sayão”, por ter sido em casa desse intrépido lutador da causa do Evangelho que se celebrou, a 15 de julho

de 1880, a reunião de que decorreu a sua fundação, depois de outra, efetuada a 6 de julho daquele ano, em que baldadas ficaram as tentativas, para as quais fora ela convocada, de reconstituição da “Deus, Cristo e Caridade” com o programa que Ismael de início lhe traçara.

Conforme consta do precioso volume “Trabalhos Espíritas”, magnífico repositório de luminosas comunicações, dadas por Espíritos da maior elevação, quais, para citar apenas alguns, Ismael, Allan Kardec, Urias, Romualdo, Gabriel, Judas, Mateus, Lucas, Pedro, etc., foram os seguintes os fundadores do novo núcleo: Isabel Maria de Araújo Sampaio, João Gonçalves do Nascimento, Manoel Antônio dos Santos Silva, Francisco Leite Bittencourt Sampaio, Antônio Luiz Sayão e Frederico Pereira da Silva Junior, médium de poderosas faculdades, por quem o Grupo recebeu a maior parte daquelas comunicações, bem como as que se encontram nas “Elucidações Evangélicas”, também publicadas por Antônio Sayão.

Este último, promotor da reunião de que tratamos, depois de expor aos seus companheiros as dificuldades que havia para se obterem resultados dos trabalhos nos grupos existentes, lançou a ideia de se fazerem reuniões para o fim de prepararem-se médiuns pelos quais se recebessem lições proveitosas, “mais do que essas em que sempre se repete o que já foi dito e consta dos livros”.

Obtida de Ismael, num belíssimo ditado, aprovação plena para esse programa, entrou o “Grupo dos Humildes” em funcionamento regular, dirigido materialmente pelo mesmo Sayão e espiritualmente por aquele glorioso Anjo.

Não tardou que também contra ele assestasse a treva suas baterias. Constituído, porém, de combatentes que se tinham aguerrido anteriormente em lutas pelo Evangelho, o reduto resistiu com galhardia, embora fosse tempestuosa a primeira fase da sua existência e lágrimas amaríssimas derramasse o seu diretor humano e grandes dores experimentassem seus componentes, aos quais já se haviam incorporado mais os seguintes: Antônio Neto, Luiz Antônio dos Santos, Zeferino Gonçalves de Campos, Albano Correia do Couto, José Silva e Luiz Hipólito Nogueira da Gama.

A não ser que as resenhas de outras sessões mais tenham deixado de figurar por circunstâncias quaisquer no volume a que nos hemos referido - “Trabalhos Espíritas” - o que, entretanto, não nos parece haja acontecido, essa primeira fase de existência do Grupo dourou cerca de um ano, tendo ele realizado 59 sessões.

*

A fase imediata lhe transcorreu mais calma, permitindo que Sayão publicasse o seu segundo livro: “Estudos Evangélicos”, reeditado com o título de “Elucidações Evangélicas”, sob o qual foi feita, pela Livraria da Federação, a mais recente de suas edições, cuidadosamente revista e ampliada nalguns pontos dos comentários sobre os textos dos Evange-

lhos, comentários esses que são um resumo dos Evangelistas na Revelação da Revelação, de J.B. Roustaing.

No curso da fase a que nos reportamos, desencarnou, em 1895, Bittencourt Sampaio, que fora o iniciador de Antônio Sayão no conhecimento do Espiritismo, a quem o mesmo Sayão considerou sempre seu mestre e que muitíssimo o auxiliou nos trabalhos do Grupo, como grande médium, que também era.

Desencarnado Bittencourt Sampaio, seu elevado Espírito encetou, tendo por instrumento o excelente médium sonambúlico Frederico Junior, a transmissão da primeira das suas três obras mediúnicas - Jesus Perante a Cristandade - seguindo-se, pouco depois, a do segundo - De Jesus para as Crianças - e a do terceiro - Do Calvário ao Apocalipse.

Algum tempo após a transmissão dessa tríade admirável e empolgante sob todos os aspectos, desencarnava o médium Frederico Júnior.

Transcorrido não longo período, eis desencarna também, a 31 de março de 1903, com a serenidade de verdadeiro justo, a recitar um "Ave Maria!", aquele que durante 23 anos dirigira os trabalhos do Grupo, que passara a denominar-se "Ismael" desde que se incorporara à Federação, fundada em 1884, incorporação que se verificou depois que o grande apóstolo do Espiritismo Cristão, Bezerra de Menezes, firmou em definitivo os passos da instituição que posteriormente viria também a cognominar-se "Casa de Ismael".

Com o regresso de Sayão à pátria espiritual, encerrou-se a segunda fase de existência do já então "Grupo Ismael".

*

Dele, no momento, faziam parte José Ramos, que se reputara bom e dedicado obreiro da seara evangélica, e o Dr. Germiniano Brasil, advogado de renome e vulto de grande e justo relevo entre os que se colocaram à frente do movimento espiritista em nosso país, logo que neste fez o seu advento a Terceira Revelação.

Ao segundo tocou ascender, naturalmente por indicação dos Guias espirituais da oficina do Anjo glorioso, ao posto que ocupara o velho trabalhador que havia concluído a sua tarefa, exemplarmente desempenhada. Houve ele, porém de repartir com o primeiro, José Ramos, o encargo que lhe fôra deferido, ficando com o de explicador do Evangelho e o outro com o de doutrinador.

Curta duração teve, no entanto, esse período da vida do Grupo, pois que, ao fim de não longo tempo, cerca de dois anos, desencarnava Geminiano Brasil, seguindo-se a breve trecho a saída de José Ramos, por desentendimento com Pedro Richard, a propósito da admissão, que este desejava, apoiado pelo Espírito de Bittencourt Sampaio, de alguns novos companheiros ao quadro dos aprendizes da oficina. Tal circunstância revela que não foi de calma e serenidade o início dessa outra fase, a terceira, das atividades do "Ismael", fase que propriamente começou ao

lhe assumir Pedro Richard a direção, substituindo José Ramos, sempre por determinação do Alto.

Frederico Junior fôra a seu turno substituído por Ulysses de Mendonça, possuidor de faculdades mediúnicas mais ou menos idênticas às daquele e igualmente desenvolvidas.

Incessante que é e violenta sempre, a ação da treva intensificou-se, por assim dizer, contra a pequena oficina do Anjo do Senhor, como que decidida a não permitir que ela perseguisse no labor que já tão copiosos e bons frutos havia produzido. Tendo constantemente a lhe facilitar o esforço as imperfeições e fraquezas humanas, se é certo que não logrou paralisar aquele labor, ou torná-lo de todo improficuo, não menos certo é haver conseguido que ele só se desenvolvesse por entre vicissitudes inúmeras, enormes dificuldades, dores vivas e amargores sem conta. Tanto assim, que Bittencourt Sampaio não logrou desobrigar-se da promessa que de há muito vinha repetidamente fazendo, de dar o seu quarto livro - Regina - em homenagem ao Espírito excelso da Virgem, nossa Mãe Santíssima, e com o qual remataria o testemunho, que se julgava na obrigação de oferecer aos seus irmãos encarnados, do reconhecimento profundo e perene que lhe transborda do coração, pelas graças e misericórdias que, recebidas por intermédio daquele pulcro e glorioso Espírito, lhe permitiram levar a bom termo a sua jornada terrena.

Entretando, também nessa outra fase da sua vida ativa, trabalhos da mais alta monta realizou o Grupo em benefício de fortes entidades espirituais que, chefiando inúmeras falanges de Espíritos atrasados, acometiam sem descanso os fracos e descuidados obreiros da Seara do Senhor. Além disso, colheu, através de tocantes manifestações dos grandes Espíritos que de contínuo atuam no seu ambiente, instruções, ensinamentos e conselhos de suma importância e da maior valia. Infelizmente, essas manifestações não foram registradas com método e continuidade, de sorte que muito fragmentário é o acervo que delas resta.

Em outubro de 1918, encerrou-se a segunda fase de existência do Grupo "Ismael", com a desencarnação, a 23 daquele mês, de Pedro Richard, aos 65 anos de uma vida acidentada, mas sempre produtiva e modelar, do ponto de vista espírita. Depondo na Terra o seu bordão de peregrino, valoroso na sua jornada em busca do Mestre divino, foi juntar-se aos companheiros que o tinham precedido no regresso à verdadeira pátria do Espírito e aumentar de uma unidade valiosíssima, do valor de importante unidade coletiva, a corte formada pelos Romualdo, Geminiano, Sayão, Bezerra, Bittencourt e tantos outros, corte que, continuamente acrescida, conduz, sob as vistas de Ismael, a Terra de Santa Cruz, a investir-se definitivamente da missão que o Senhor lhe atribuiu, de "Patria do Evangelho".

O relato preciso de Guillon se estende até outras fases do Grupo “Ismael”, até o ano de publicação de sua obra - “Trabalhos do Grupo Ismael”, em 1941, mas infelizmente não temos espaço aqui para reproduzi-lo todo, e ao mesmo tempo nos tiraria o foco sobre o período dos primórdios do Grupo, fase que especialmente nos chama a atenção pela relevância de seus participantes e pela excelcitude dos resultados alcançados.

Antes de concluirmos este “Breve Histórico”, no entanto, gostaríamos de acrescentar a estas páginas mais alguns parágrafos do mesmo texto do venerável Guillon, que no nosso entendimento merecem também uma reflexão de todos nós espíritas brasileiros, na alvorada do século XXI, nesta abençoada “Pátria do Evangelho”:

“Desde que apareceu e começou a divulgar-se entre nós a obra de J.-B. Roustaing, Revelação da Revelação, por ela entrou a ser feito o estudo dos Evangelhos em espírito e verdade, no Grupo a que Antônio Sayão presidia e do qual fazia parte, como já dissemos, Bittencourt Sampaio, a quem o primeiro considerava seu mestre e assim lhe chamava. Do mesmo Grupo também fez parte Pedro Richard que, posteriormente, foi, como vimos, substituto de Sayão, na sua presidência, sem falar de outros espíritas de escol, que igualmente pertenceram ao quadro de seus constituintes.

As Elucidações Evangélicas, compiladas e publicadas por Antônio Sayão, constituem, na sua primeira parte, excelente resumo dos comentários dos Evangelistas, na obra de Roustaing, sobre os três Evangelhos canonicos, os de Mateus, Marcos e Lucas.

Bittencourt Sampaio publicou a Divina Epopeia, que é uma tradução em versos endecassílabos do Evangelho de João, seguindo-se a cada canto do poema algumas páginas de comentários explicativos, comentários que nada mais são do que resumo dos dos Evangelistas naquela obra.

Bezerra de Menezes, quando, no desenvolvimento da sua ação apostolar em prol da união da família espírita, ocupou a presidência da Federação, era pela Revelação da Revelação que fazia o estudo dos Evangelhos, nas sessões públicas desta instituição, e as suas explicações evangélicas, em artigos do Reformador, giravam em torno do que consta da citada obra de Roustaing.

Todos estes Espíritos, terminadas as suas missões na Terra, se incorporaram à legião dos mentores e guias da Federação e, em particular, do Grupo “Ismael”, manifestando-se ali pela forma consignada na segunda parte das Elucidações Evangélicas, comprovando, pelas suas comunicações a qualidade que, quando ainda encarnados, lhes fôra universalmente reconhecida, de Espíritos elevados, evangelicamente esclarecidos e ricos de virtudes cristãs..

Entretanto, nunca nenhum deles, em qualquer dos seus ditados, quer psicográficos, quer sonambúlicos, proferiu uma única palavra que se possa considerar de condenação, velada ou clara, de Os Quatro Evangelhos, de Roustaing, ou, sequer, como restritiva de alguma das revelações e explicações contidas nesta obra.

Ora, será crível que Espíritos de tão alta envergadura, de tanto saber e de tão largo cabedal de grandes predicados morais, dirigindo um grupo de crentes, sinceramente desejosos de assimilar os ensinamentos do Evangelho e possuídos de inegável boa vontade, hajam descaridamente assentido que os seus guiados patinassem durante anos no erro e na mentira, se orientassem por uma revelação falsa e por elucidações apócrifas dos ensinamentos evangélicos, sem lhes ministrarem, ainda que veladamente, um esclarecimento que os divorciasse das errôneas ideias esposadas? Será crível que, ao contrário, só tenham, com as suas instruções, corroborado essas ideias, atestando-lhes a justeza e a veracidade e, com isso, a procedência altíssima da obra onde foram hauridas. a pureza da fonte donde promanou a Revelação da Revelação?

Ninguém, cremos, ousará dizer que semelhante coisa se possa ter dado.

Mas, então, é quanto basta para que a Federação, mesmo que aos que nela mourejam e a tem humanamente dirigido falecessem todos os requisitos intelectuais e morais para por si mesmos lhe aprenderem o subido valor e a sabedoria do que nela se contém, como provindo dos mais luminosos planos da espiritualidade, aceitasse, adotasse e recomendasse, para inteligência integral de tudo o que nos Evangelhos se encerra e, em especial, no de João, a aludida Revelação da Revelação, sem se perturbar com as opiniões personalistas dos que, sem a conhecerem, por não na terem estudado convenientemente, condenam, combatem, repudiam e achincalham essa obra sábia, que completa admiravelmente a de Kardec, imprimindo à Revelação Espírita o seu cunho mais relevante - o de complementar da Revelação Cristã.”

*

O que acrescentar à uma manifestação tão lúcida, tão sincera, tão cristã na expressão de sua indignação?

Melhor passarmos logo ao conhecimento das mensagens recebidas pelo Grupo “Ismael”, que finalmente voltam às mãos da seara espírita.

Afinal, são mensagens das “Virtudes do Céu”, e talvez falem mais alto aos corações do que as palavras humanas, sempre limitadas em seu alcance.

A todos, boa leitura e muita paz.

**AS MENSAGENS DO
GRUPO ISMAEL**

Organização e Revisão:
Marcos Aurélio L. de Assis

No princípio era o Verbo

(João I, v. 1 a 18)

Paz, amor e caridade.

Meus filhos, como já compreendeis, é indispensável que no vosso templo haja homogeneidade de pensamento, para perfeita interpretação dos ensinamentos ministrados por graça de N. S. Jesus Cristo e, ainda por graça, explicados pelos Espíritos seus mensageiros.

Se essa necessidade não fosse real para o prosseguimento dos vossos estudos, eu me reportaria às explicações dadas ao bom irmão Roustaing, relativamente ao ponto que faz objeto da minha comunicação.

Mas, se a revelação dada a esse irmão ainda por todos não é aceita, nem compreendida, necessário se faz que aqui, como noutros pontos, onde com sinceridade se estuda o Evangelho de N. S. Jesus Cristo, novas comunicações se transmitam, novas explicações sejam trazidas, sempre por graça sua, a fim de que se torne irrecusável aquela revelação e se proporcione aos homens nova fonte de luz, que os conduza ao reino da verdade.

“As palavras que vos digo são espírito e vida”, disse o Divino Mestre. “A letra mata e o espírito vivifica”, disse Paulo. Se os homens procurassem a substância das palavras do Senhor e das desse seu fervoroso discípulo; se se desapegassem da letra e, em todos os ensinamentos, procurassem o “espírito e a vida”, se em conta levassem a deficiência da linguagem humana, a pobreza dos termos com que se tem de vestir o pensamento; se destacassem, das variantes com que o ensino é dado, as partes concernentes ao passado, ao presente e ao futuro, certamente a orientação seria outra, a homogeneidade existiria, a expansão do entendimento seria mais pronunciada, para compreenderem, em “espírito e verdade”, aquilo que “em espírito e verdade” se lhes ensina.

“No princípio era o Verbo; o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”. O princípio, aí, vós o compreendestes muito bem, é o da formação do vosso planeta; é o momento em que Jesus, em união com Deus, recebeu de Deus o mandato de dirigir e governar o mundo que ia ser formado. Como Verbo de Deus, Ele era Deus, porque refletia em si a vontade do Pai, exprimia a sua ação, participava, portanto, da grandeza do seu poder. Ele era Deus, porque era um princípio atuante, emanado

da vontade divina, um Ser que pela sua pureza se identificara com o Pai, do qual jamais se desagregara pela influência dos erros do mundo, dos crimes que acarretam a morte espiritual, crimes de que infelizmente participais nesse ingrato planeta.

Jesus era Deus, por ser o Verbo de Deus. Como tal, era a vida e a vida era a luz dos homens. Tudo foi feito por Ele, como diretor e governador do vosso planeta.

Houve, entretanto, um homem, que não era a luz, mas que vinha dar público testemunho da luz — da verdadeira luz, que alumia a todos os homens — o qual se chamava João.

Que necessidade havia desse testemunho? Pois, o Divino Mestre, que no seu Espírito concentrava todos os poderes; que amedrontava os Espíritos imundos só com um raio do seu olhar divino; que confundia as massas pecadoras com a, autoridade da sua palavra e a ação poderosa dos seus chamados milagres, precisava do testemunho de João? — Estudemos as condições da época do seu aparecimento, para percebermos a necessidade desse testemunho. Confrontemo-la com a época presente.

João não viera, como enviado de Deus, apenas dar o testemunho da luz. Veio preparar o caminho ao Senhor, isto é, veio trazer paz aos atribulados, esperança aos que descreiam, fé aos que esperavam, dispondo as almas a receberem o Filho Amado do Pai, o Messias prometido ao povo de Israel.

João, considerado um profeta, assim pela verdade dos seus ensinamentos, como pelo prodígio do seu nascimento, conforme acertadamente dissestes, abalava aquelas almas retardatárias, aqueles Espíritos refratários à luz e os obrigava a se retemperarem, a revestirem a túnica apropriada às bodas, a fim de se assentarem à mesa com o enviado do Rei dos céus — seu próprio Filho.

João argumentava com as palavras de todos os profetas aceitos pelo povo, explicava-lhes as máximas, as sentenças, as profecias, enfim, de modo que, quando o Divino Mestre deu começo à sua peregrinação de luz e de martírios, grupos e grupos extraordinários de homens, mulheres e crianças, iniciados nos ensinamentos do Precursor, o procuravam por toda parte e o seguiam, submissos à sua autoridade.

Era preciso, meus filhos, persuadir aquelas almas da necessidade de uma reforma moral e, não, vence-las pela força, ou pelo terror.

O que hoje vedes não é igualmente uma preparação para o recebimento do Espírito da Verdade? Não tem Deus em suas mãos confundir os nossos espíritos com o seu poder infinito e a sua vontade? Entretanto, como é que nos fazemos crentes? Não é pelo coração e pela razão?

Os Espíritos que hoje se manifestam não vos oferecem um *simile* dos profetas de outros tempos, que anunciavam aos homens a vinda do Messias, anunciando eles agora a vinda do Espírito da Verdade? E,

quando os homens se acharem perfeitamente compenetrados de seus deveres de cristãos, capazes de se fazerem *filhos de Deus*, não será necessário que João venha, como último elo da cadeia, dispor a humanidade para o reaparecimento de Jesus?

Sim! Felizes sereis se, como os escolhidos de outros tempos, souberdes receber o Divino Mestre.

Ele virá de novo para o *que é seu* e aqueles que o receberem serão chamados *filhos de Deus*, “os quais não nasceram, não nascem, nem nascerão por vontade da carne, ou do sangue, ou do homem, mas sim de Deus”.

Meus filhos, compreendi bem o sentido destas palavras “fazer-se filho de Deus”. — Deus é a pureza, Deus é a luz, Deus é a verdade. Aqueles que se quiserem tornar “filhos de Deus” precisam fazer-se puros, evitar as trevas, pela verdade. Assim, jamais nascerão pela vontade do sangue, da carne, ou do homem, pois que, desaparecendo a necessidade da depuração do Espírito, a *carne para nada serve*.

Meus filhos, continuai os vossos estudos. Eu vos acompanharei, por graça do bom Ismael, e estou certo de que, com a, vossa boa vontade, o vosso amor ao trabalho divino, me haveis de conceder ainda a dita de falar-vos sobre as coisas santas.

Que assim permita o Bom Deus, abençoando-nos por intermédio de Jesus.

João Evangelista.

Médium: Frederico.

Orar e Vigiar

(João I, v. 19 a 31)

A misericórdia de Deus ampare aqueles que, a despeito de todas as lutas tremendas do mundo, procuram, na santa paz de N. S. Jesus Cristo, fazer dos seus santíssimos ensinamentos a diretriz única dos seus Espíritos, para o reino da verdade.

Meus filhos, jamais deixeis de orar e vigiar, de estar atentos, a fim de não cairdes na tentação e nas tramas dos inimigos da luz. Orai; e que, verdadeiros crentes, homens do espírito, compreendais que a verdadeira prece é a elevação dos vossos pensamentos, sob o sagrado impulso das virtudes cristãs, até aos pés do Altíssimo.

Se é verdade que se aproximam os tempos; se os Enviados do Amado Mestre não vêm aos templos da fé apenas proferir palavras que armem ao efeito, mas, sim, transmitir bons conselhos, capazes de vos libertar da morte, para que, livres, os vossos Espíritos ingressem no reino da suprema felicidade, abri todos os vossos sentidos espirituais e imergi todo o vosso ser nesse imenso Jordão que é o Evangelho, a fim de vos purificardes para a ressurreição.

Se é verdade, meus filhos, que se aproximam os tempos do conagração de toda a família humana, em que esta se regerá por uma única lei, a do amor, adorando o Deus único, infinito em todos os seus atributos, e venerando o seu Amado Filho, *o que tira os pecados do mundo*, começai, em pequenos grupos, a ensaiar esse amor, esse grande amor que vos há de dominar um dia, permitindo que tenhais constantemente ao vosso lado aqueles que vos querem mostrar o carreiro santo, os quais então nunca afastareis de vós pela prática de qualquer ato reprovável, de que possais envergonhar-vos diante de Jesus.

Deus só dá ao Espírito aquilo que cabe em suas forças. A vossa regeneração, se não é fácil, pelas tribulações do mundo e pela corrente das vontades opostas, que se vêm chocar no vosso centro de estudos, também impossível não é. Foi nessa convicção que um dia vos dissemos:

“Filhos, se estudais o Evangelho, caminhai com ele. Se precisais de luz para a inteligência, não desprezeis o amor para o coração. Se compreendeis que fazer o bem é elevar o Espírito aos olhos do seu Deus e do seu Mestre, fazei o bem. Se compreendeis que precisais subir ale-

gres e resignados a escabrosa montanha do vosso Calvário, não deixeis se vos turbe o Espírito, com os primeiros espinhos. Não se curve a vossa frente ao peso de pequenas dores; antes, levantando os olhos, dai graças ao Senhor, que experimenta a vossa fé e perseverança, a sinceridade dos vossos compromissos, quando, livres da carne, assumistes o de serdes continuadores da grande obra da regeneração humana. Convidados ao banquete da vida, procurai vestir-vos com a alva túnica das virtudes, através da qual se veja a limpidez das vossas consciências, ao lado do Filho Amado do Pai — o Enviado de Deus!”

Meus filhos, não cessarei de vos pedir fé, confiança nas promessas de N. S. Jesus Cristo, pois a luta cresce.

Ai de vós, pobres crianças, se, descuidados, vos deixardes apanhar de surpresa nas ciladas que vos armam.

Não cessarei de vos aconselhar a oração, não a oração dos lábios, mas a oração dos atos e das obras, que vos deem direito ao titulo de discípulos de N. S. Jesus Cristo, porque, só debaixo da influencia benéfica que vos advirá de terdes as vossas almas em elevação para Deus, podeis estar a coberto de todos os males, trabalhando pela depuração dos vossos Espíritos e pela reforma moral da humanidade.

Orai e vigiai. Que Deus vos abençoe e Jesus vos ilumine
Ismael.

Médium: Frederico.

Jesus expulsa do Templo os mercadores (João II, v. 14-21)

Meus filhos, na paz de N. S. Jesus Cristo estudemos, procuremos compreender os seus Santos Evangelhos. Assim, que a sua puríssima luz, penetrando o nosso entendimento tanto quanto for necessário, nos dê a conhecer a verdade.

As vossas dúvidas em nada absolutamente podem trazer desgosto aos que daqui vos acompanham, concitando-vos a permanecerdes no caminho do bem. Antes, achamos que, apresentadas, discutidas na paz do Senhor e elucidadas por sua infinita misericórdia, elas concorrem indubitavelmente para a concreção dos vossos pensamentos, que devem ser uno, em relação à santa doutrina que estudais.

Meus filhos, já tive a dita de vos falar sobre o ato de Jesus no templo, expulsando os mercadores, os profanadores.

Repugna aos vossos Espíritos o fato tal como foi relatado pelos Apóstolos, porque não podeis conciliar a mansidão, a doçura, a elevação moral de N. S. Jesus Cristo com esse arrebatamento iracundo, ainda que pelo zelo da casa de seu Pai, como bem se disse.

Se pudésseis precisar as condições da época em que tal fato ocorreu em Jerusalém; se pudésseis compreender a necessidade que teve Jesus de se encobrir aos olhos dos homens, de surgir entre eles como Espírito apenas revestido de um corpo aparente; sem dúvida não vos turbaria o espírito a formação desse azorrague, cujo único fim foi mostrar aos humanos que Ele precisava de um instrumento de disciplina, instrumento material, para os chamar ao cumprimento do dever como filhos de Deus.

Já vos disse e hoje repito: — Esse instrumento ignominioso, mas necessário então, não teve absolutamente o emprego que os homens costumam dar-lhe.

O castigo — se castigo se pode chamar à confusão do Espírito, que, como bem dissestes, se revê na sua própria consciência — foi todo moral. Aquela turbação, aquela confusão que, para vos dar uma ideia aproximada do ocorrido, eu disse ter sido mais forte do que se desabara o templo, foram semelhantes à produzida pelo episódio do jardim das Oliveiras, quando a horda numerosa dos quadrilheiros armados caiu por terra, azorragados pela grande elevação moral do Divino Mestre.

Tanto é essa a verdade, que, como sabeis, Jesus, depois de lançados ao chão os quadrilheiros, perguntou a quem buscavam, para, já então havendo retomado a aparência humana, poder ser dominado pelos homens.

Confrontai os dois fatos e fareis ideia aproximada do que se passou no templo de Jerusalém, entre o Mestre e os mercadores.

Meus filhos, precisamos de muita paz em nossos espíritos, para podermos compreender as verdades divinas. O templo de que Jesus se mostrou zeloso, tanto que foi levado a expulsar os que ali mercadejavam, feito embora pelos homens, era uma casa em que o povo se reunia para prestar sua adoração e suas homenagens a Deus.

Dissestes: “Mas, se Jesus condenava a circunscrição de um lugar para adorar-se ao Pai, como é que o próprio Jesus vem, cheio de zelo, afrontar os mercadores e pedir respeito para o templo, um lugar circunscrito?”

Porém, meus filhos, eu vos pergunto: — é o templo que santifica o homem, ou o homem que santifica o templo? Seria exatamente pela casa, pelo local, que Jesus se enchia de ira aparente, ou o seu zelo era pela lei do Pai celestial, profanada pelos que se diziam seus adoradores na Terra?

Ali era a casa onde se ensinavam as santas Escrituras e esse ensino, para ser puro, não devia estar contaminado pelas especulações da hipocrisia dos homens.

Foi deste ponto de vista, todo divino, que Jesus manifestou o seu zelo, zelo que era amor, respeito às coisas do seu Divino Pai. Se os homens procurarem tirar desse fato, sobretudo depois de explicado em “espírito e verdade”, fundamento para insultar e aviltar os seus semelhantes; se admitirem que aquele exemplo lhes dá direito a magoar as carnes do próximo, para fazê-lo sofrer, chorai por esses homens, orai por eles, porque, diante de um oceano, morrem de sede, sem encontram uma gota d’água para beber.

Jesus, já então encoberta a sua natureza extra-humana, é afrontado pelas turbas, que lhe reclamam um milagre, uma maravilha, que justificassem a autoridade com que fazia todas aquelas coisas e Ele simplesmente responde: “Abatei este templo, que o levantarei em três dias”. E João, explicativamente, acrescentou: “Mas, ele falava do templo do seu corpo.”

Sim, embora não haja impossíveis para a Divindade, a Divindade estabeleceu leis a que ela própria se submete. Jesus, por aquelas palavras, não podia referir-se ao templo de Jerusalém. Tudo obedece a uma ordem preestabelecida. Se os mundos, para serem formados, precisaram de matéria cósmica, como já não ignorais, Jesus, conhecedor do princípio inteligente das coisas e subordinado a esse princípio, jamais avançaria uma proposição destas, se não fosse relativa tão somente

ao templo de seu corpo, verdadeiro templo, como o de todas as criaturas, pois é o recinto onde o Espírito se recolhe e concentra, para poder elevar-se às plantas do Criador, por intermédio do seu Divino Mestre.

Era o zelo por esses templos, ainda profanados, que devorava a Jesus.

Meus filhos, *orai e vigiai*. Caminhai com firmeza pela senda do bem e da verdade. Chamai-me sempre para o vosso lado, que com satisfação virei, pedindo bênçãos a Deus e luz a N. S. Jesus Cristo.

Ismael

Médium: Frederico

Jesus necessitava ser levantado

(João III, v. 14-15)

Paz, amor e caridade.

Meus filhos, unidos no santo amor de N. S. Jesus Cristo, com inteira paz nas nossas consciências, procuremos estudar os seus santos ensinamentos, ilustrando os nossos espíritos com as coisas divinas, as únicas que nos podem dar livre passagem para a verdadeira vida.

Do vosso estudo de hoje, apenas um ponto precisa de algum esclarecimento: aquele que certa dúvida, se dúvida posso chamar, levantou nos vossos Espíritos.

Não cessarei de pedir-vos atenção para a época em que os fatos se deram, relativamente à vida de N. S. Jesus Cristo; de assinalar-vos a deficiência da linguagem humana, para externar os nossos pensamentos; de apontar o estado intelectual e moral daquele povo a quem Ele falava e que precisava compreender — ainda que materialmente, os seus ensinamentos.

Jesus, como a serpente *levantada* na vara por Moisés, necessitava ser também *levantado*.

Estudemos a aplicação que pode ter o levantamento de Jesus ao grande olhar da humanidade inteira e o da serpente pelo grande Legislador hebreu.

O povo, por suas iniquidades, por seus crimes extraordinários, havia provocado, segundo a linguagem antiga, a ira do Senhor. Uma chuva de serpentes caiu sobre aquelas infelizes criaturas e muitos eram os sofrimentos, os desesperos por que passavam com esse castigo.

Sob tão dura calamidade, desbaratado pelas amarguras e pelas agonias da dor, o povo reconhece os seus erros para com o Senhor. Procura a Moisés e pede a sua benéfica influencia junto de Deus, a fim de que cesse tão grande flagelo. Então, Moisés, médium, ouve uma voz que lhe manda tomar de uma das serpentes incandescentes e com essa serpente, levantada em suas mãos, afugentar as outras e produzir a cura dos que houvessem sido vítimas.

Os que, mordidos, se aproximassem da serpente que Moisés empunhava, tinham a vida, isto é, eram curados. Esse fato, por sua grandeza maravilhosa, deu a Moisés extraordinária autoridade e ascendência sobre o povo hebreu.

Jesus, como a serpente, precisava ser levantado. Jesus precisava de uma cruz. Jesus precisava derramar o seu preciosíssimo sangue, incandescente pelos martírios e pelas agonias sem iguais, para afugentar todos os males que assoberbam os homens — as novas serpentes geradas por seus próprios erros, por seus próprios crimes.

Quem reconhece seus pescados, quem se aproxima da cruz, quem se lava de todas as máculas no sangue de N. Senhor Jesus Cristo — compreendi-o em espírito — quem se serve do sangue precioso do cordeiro imaculado para tornar límpida a sua alma e pura como a verdade, terá vida, porque Jesus é a vida, terá glória, porque Ele o fará partícipe do reino de seu amado Pai.

Moisés levantou a serpente na ponta de uma vara, para extinguir o mal e curar os enfermos. Deus permite que o seu Amado Filho seja levantado ao alto de uma cruz, para extinguir o pecado dos homens e, enfermos que eles são da alma, restabelecê-los para a vida eterna.

Felizes, mil vezes felizes os que se abraçam à cruz! Bem-aventurados os que participam, em sua alma, de todas as dores sofridas pelo mais amante dos Espíritos que têm baixado ao mundo! — Felizes os que se curvam, no supedâneo da cruz, e recebem em suas cabeças os jorros da luz divina, que Jesus faz descer a todos os seus fieis.

Meus filhos, orai e vigiai. Os tempos se aproximam da luta franca das trevas com a luz. Crentes sinceros, levitas da vida, precisais encobrir-vos das vistas dos vossos inimigos no reduto da fé, tendo nos lábios, ainda quando sob o peso das mais cruciantes dores, a palavra do Evangelho e na, destra o lábaro da verdade.

Ismael

Médium: Frederico

Jesus se apresentava como sendo o Salvador

(João, IV, v. 22-26)

Bendito seja o Senhor, que nos dá luz ao espírito, a fim de caminharmos com segurança pela tormentosa senda dos nossos compromissos, até chegarmos às suas divinas plantas, no reino da verdade!

Meus filhos, ainda uma vez, graças à paz que soubestes manter no vosso estudo, conseguistes perceber, tanto quanto o comporta o vosso entendimento, o espírito das palavras de N. S . Jesus Cristo.

Não precisando de maiores esclarecimentos o vosso estudo de hoje, apenas vos assinalarei a verdade seguinte: Jesus, descendente da raça judaica aos olhos do mundo, Espírito que “desde o princípio” estava no Pai, participando de todas as suas graças e de toda a sua sabedoria; que, por consequência, tinha o conhecimento integral da verdade, podia dizer, referindo-se àquele momento, que a salvação vinha dos Judeus.

E, para que o seu pensamento, então velado, melhor compreendido fosse pela mulher samaritana, Ele, desde que esta faz referência à vinda do Messias, abertamente se declara como sendo o Salvador, *o que tira os pecados do mundo*.

Rogo a Deus, nosso Criador, a Jesus, nosso Divino Modelo, que possais tirar do estudo de hoje toda a essência pura, para saberdes ser tolerantes e humildes, não só diante dos idólatras e dos gentios, como também diante dos vossos detratores; — que, pela aplicação do que aprendestes, possais fazer que nasça no íntimo de vossas almas a fonte dessa *água viva*, que o Divino Mestre figurou, para levar os vossos Espíritos, em suas cristalinas ondas, à vida eterna; — que possais regar o campo da humanidade, onde já vão florescendo as sementes do Evangelho, com as lágrimas da vossa resignação e juntar-lhes às raízes a terra vigorosa da vossa inteligência, da vossa razão e vontade, a fim de que elas se tornem árvores santas, crescidas sob o olhar do Divino Mestre: — e possais, também, meus filhos, compreender bem o desideratum do espírito, daquele que sinceramente crê nas verdades ensinadas pelo Verbo de Deus não pode consistir somente em estudar o Evangelho, mas em aplicá-lo, dando a todos os atos de sua vida o cunho de verdade e pureza que o mesmo Evangelho apresenta.

Bendito seja o Senhor, que nos dá luz ao entendimento! Bendito seja N. S. Jesus Cristo, que nos aponta o caminho do dever.

Ismael

Médium: Frederico

Jesus como julga (João I, v. 22-47)

Paz, amor e caridade.

Ainda uma vez, louvemos a Jesus, o nosso Divino Mestre, pelo podermos estudar a divina lei do nosso Criador, por Ele trazida à Terra em toda sua pureza máxima, para orientação das almas, que vão atravessando este vale de amarguras, em busca de um bem perdido por efeito de culpas e atos inconsiderados.

Meus filhos! Se todas as vezes que neste templo se reunirem, não os vossos corpos, mas as vossas almas e as vossas consciências, guardardes a placidez do que investiga a verdade sem resquício algum de ideias preconcebidas, estou certo de que, sem grande esforço, a luz penetrará no vosso entendimento e vos fará avançar mais um passo no caminho do progresso, aproximando-vos da fonte de todo o bem, porque, assim como o Pai tem a vida em si mesmo e deu poder ao Filho de a ter também em si mesmo, o Filho, nosso irmão pela identidade da origem, nos fará participantes dessa mesma vida, que é a que transcorre na pureza, na verdade, na paz, na justiça e que isenta o Espírito de sofrer a morte.

É para a conquista *dessa vida* que devem convergir todos os esforços dos corações fieis à doutrina do amado Mestre. É para viver essa vida, que todos os corações se devem dilatar, pelo sentimento do amor, comprovando assim que fazem honra a Jesus e testemunhando-lhe todo o reconhecimento pelos martírios a que Ele se submeteu neste mundo.

Sobre os que exercitam a sua vontade fora destes termos, para os quais as próprias consciências os impelem, é que se verifica o *juulgamento* de Jesus: – julgamento que, como acabastes de ouvir, se restringe à aplicação da lei, que Ele recebeu de seu Pai, como diretor e protetor do planeta que habitais; julgamento que a vossa razão não pode deixar de aceitar, qual princípio de ordem e de unidade, necessário em todos os mundos, como em todos os povos, em todas as sociedades, como em todas as famílias; julgamento que, no dizer do Evangelista, Ele exerce segundo *ouve*, mas que melhor compreendereis se, mudando a frase, disserdes: *segundo sente*, o que vos é autorizado pelo que, com maior clareza, diz o vers. 42 do cap. V de João, onde se lê que Jesus, dirigindo-se aos Judeus, declarou abertamente: “Mas, eu bem conheço que não tendes em vós o amor de Deus.”

Era preciso que falasse desse modo aos escribas e ao povo que o acusavam, pois, adstritos à lei de Moisés, dizendo-se cumpridores dessa lei, zelosos da legislação mosaica, não admitiam que Jesus praticasse o que eles consideravam uma transgressão da lei do sábado, muito embora para operar a maravilhosa cura de um paralítico, fato que só aos cegos do espírito não demonstraria o poder e a autoridade do Mestre. Lendo no íntimo daquelas almas, reconhecendo fingido o zelo que manifestavam ao povo, Jesus declara não ser Ele quem os acusaria diante do Pai; que o acusador deles seria, o próprio Moisés, ou antes, toda a lei de Moisés, que eles aparentemente respeitavam, mas que na realidade transgrediam. Essa lei é que havia de acusá-los de todas as faltas, de todos os erros, de todos os pecados.

Jesus, que vinha em nome de Deus, era aborrecido. Trazia uma doutrina de paz e esperanças e era repellido. Abria o seu grande coração a todos os sofrimentos e o arrastaram até ao Calvário. Entretanto, tudo tinha que ser assim, porque Jesus dizia a verdade e a verdade não cabia naquelas almas!

Ele personificava a justiça e os homens amavam a injustiça. Ele era a suprema expressão do amor divino na Terra, e os homens, com as almas atrofiadas por suas paixões, ressumavam os ódios, as iniquidades de todos os tempos. Se, ao contrário, fora o espírito das trevas, que sobre eles exercia domínio pela afinidade dos sentimentos, quem viesse ao mundo em nome de Deus, obrando maravilhas, que provocassem emoções fortes e lisonjeassem as paixões humanas, seria bem recebido; não teria um Calvário, mas a glorificação; não encontraria o apodo, nem a injúria, porém hinos festivos, como um rei.

Esse, em síntese, o pensamento de Jesus (vide o capítulo V do Evangelho de João), no ponto cujo estudo acabamos de fazer. Quanto ao mais, reportai-vos às explicações dadas a Roustaing e ao vosso companheiro de trabalhos, para a confecção da Divina Epopeia, e tereis completo o pensamento do Divino Mestre, do nosso Bendito Pastor.

Meus filhos, ainda uma vez, oremos e vigiemos. Não retireis um só momento as mãos do arado, porque a terra precisa de novo trabalho para que a árvore do Evangelho floresça, banhada pelo orvalho da misericórdia divina. Paz.

Ismael

Médium: Frederico

*O Pai a ninguém julga; mas deu
ao Filho todo o poder de julgar*
(João V, v. 22)

Feitas as preces, o irmão Frederico recebeu a seguinte comunicação inicial:

“Orai e vigiai, para não cairdes em tentação. Estudai e compreendei, em espírito e verdade, a palavra do Senhor, a fim de serdes verdadeiramente felizes.

“Eis a mesa do banquete divino. O saboroso vinho, melhor que o das bodas de Caná da Galileia, ai está excitando nosso paladar. Beba-mo-lo, em honra de Jesus, na taça de ouro do seu divino Evangelho.

Marcos.

Depois do estudo, veio a Comunicação seguinte:

Paz. Bendito seja o Senhor, por haver permitido que os seus humildes discípulos ainda uma vez, folheando a sua Divina Epopeia, pudessem apreender, em espírito e verdade, todas as sutilezas dos seus santos ensinamentos.

Tudo tem a sua época, seu tempo. Por maiores que sejam os desejos do Espírito, somente lhe é dado aquilo que o seu entendimento comporta.

A criança, que trêfega, brinca no lar, quantas vezes não provoca o vosso riso compassivo e carinhoso, com perguntas infantis, a que não podeis responder? Tudo o que de maravilhoso lhe cai debaixo das vistas, impressionando-lhe o Espírito, nela provoca imediatamente o desejo de saber o porquê. Assim a criatura, criança trêfega e erradia no lar do mundo, faz perguntas impossíveis de ser respondidas, sobre o mistério que encobre as verdades das leis divinas. E os Espíritos, compassivos e carinhosos, sorriem, porque não podem fazer-se compreendidos pelos homens. Assim foi nos tempos de Jesus, assim é hoje, assim será sempre, enquanto o Espírito não se houver de todo emancipado dos véus da carne, da lei da morte, que lhe entenebrece, mutilam a inteligência, para a compreensão das coisas divinas.

Como vistes, meus amigos, Deus a ninguém julga; mas, deu a seu Filho, N. S. Jesus Cristo, o poder de julgar. Deus a ninguém julga, porque a sua lei já é um julgamento. Sábias leis presidiram à formação dos Espíritos, de tal sorte que cada criatura é o promotor que denuncia

as suas próprias culpas. Sábias leis presidiram à formação das almas, de tal arte que cada criatura tem no seu próprio eu um tribunal: o da consciência, para defendê-lo, para pronunciá-lo, para julgá-lo em face da Lei. E a execução dessa lei está, *ab eterno*, nas mãos de N. S. Jesus Cristo.

Se Ele, como lemos no Evangelho, está no Pai e o Pai n'Ele; se, para Ele, nenhum mistério existe dentro da criação, porque Ele é a vocação de Deus; se Ele é o verbo, verbo que se fez carne, para ser conhecido pelos homens, todo código, toda a lei estão nas suas mãos benditas. Por isso é que o Evangelho diz: Deus a ninguém julga, isto é, a lei é integralmente conhecida do Filho, que a codificou e proclamou nas terras da Palestina, para chegar ao conhecimento de toda a humanidade. Esse Código faz a felicidade de todas as almas boas, mas, também faz o desespero das que dele se afastam, porque as leva a receber o julgamento do infalível tribunal da consciência.

Jesus, a preço do seu martírio, apresentou aos homens o Código Divino, a lei, o julgamento; ditou às consciências estas sapientíssimas palavras: *Tens amor, serás amado. — Tens caridade, serás socorrido. — Tens misericórdia, misericórdia encontrarás. — Tens ódio, encontrarás também o aborrecimento. — Faltas à caridade, centuplicarás as tuas dores. És indiferente ao gemido do, aflito, à angustia do teu próximo, indiferença também encontrarás em toda parte. — E teu promotor será a tua consciência!*

Como bem dissestes, Deus não poderia descer até às suas criaturas, para julgá-las, como faz o homem. A lei aí está codificada por Jesus. Nela se firma o seu julgamento. Aquele que compreender, em espírito e verdade, o julgamento de Jesus, conforme o poder que o Pai lhe outorgou; aquele que souber ouvir a voz do seu promotor, ao dar a denúncia das suas faltas quotidianas, esse recorre à prece, eleva o pensamento ao Pai celestial e *habeas-corporis* obtém da caridade divina. Falastes como advogado, respondo-vos no mesmo estilo.

Bittencourt

Médium: Frederico

Luta da luz com as trevas

(João V, v. 5-15)

Paz, Amor e Caridade.

Meus filhos! Após a leitura da Divina Epopeia, inspirada em grande parte pelo discípulo amado, nada lhe posso acrescentar aos ensinamentos, que mais esclareça o vosso entendimento, para melhor apreenderdes toda a verdade contida no ponto hoje estudado, o da multiplicação dos pães, operada por Jesus.

Tudo o que a vossa inteligência pôde comportar na atualidade, vos foi dito. Roguemos ao nosso bom Deus, a Jesus, nosso divino Mestre, que nos concedam bem aproveitarmos de toda essa lição; que dilatem as percepções dos nossos Espíritos, para sermos dignos de mais, até saciarmos com o seu sangue toda a nossa sede de saber; até, matarmos toda a fome, que sentimos, de virtude, comendo o pão do seu amor.

Oh, sim! Que cada dia, santificado pelos nossos labores, esses pães se multipliquem na nossa mesa de trabalho que os nossos corações se engolfem nesse precioso sangue, tornando-nos capazes de ressurgir da morte.

Meus filhos! Como observadores que sois, deveis perceber a tormenta que se arma sobre as vossas frentes e cujos raios, se não forem desviados pelas vossas boas ações, poderão causar ruínas e estragos em vossas almas.

Se assim é, se essa tormenta já se faz sentir nos vossos Espíritos de crentes, orai e vigiai; pedi forças ao amado Mestre, abrigados no refúgio da vossa fé, sob o lábaro da verdade.

Não vos descuideis um momento, porque o príncipe deste mundo, julgado pelo Mestre divino, ainda tem poder sobre vós.

Se assim é, não vos senteis descuidosos sobre a rocha, até que o vulcão, tornando efetiva a erupção latente, abra suas crateras aos vossos olhos, quando já só tiverdes aos pés a profundidade do abismo.

De há muito vos prevenimos. Dois elementos se embatem, atuando poderosamente sobre os seres: a luz e a treva.

Se sois da luz, como creio, trazei n'alma a claridade de todas as virtudes, porque só assim, repelindo as sombras que se projetam, sobre vós, estareis firmes no vosso campo de trabalho, cultivando desassombrosos e alegres a vinha do Espírito da Verdade.

Não vos descuideis, ainda uma vez vos digo, porque são dos vossos próprios sentimentos que os inimigos de Jesus fabricam as armas para vos atacar e arredar da luta.

Cumpri todos os vossos deveres, na vida íntima e na vida pública, em toda parte honrando o nome d'Aquele por quem trabalhamos. Paz.

Ismael

Médium: Frederico

O que são as lutas

O irmão Frederico, depois de ausente a muitas sessões, compareceu e, sonambulizado, disse:

Vejo uma cruz pendida e, no topo, uma multidão de Espíritos de todas as classes. Lá estão, com os nossos Guias e Protetores, muitos Espíritos sofredores. À frente da cruz, destaco a angélica figura de Ismael, espargindo seus raios luminosos. Somos como que tocados por essa onda de luz. Em cima, mas muito em cima, está a Estrela que representa o *Espírito da Verdade*. Vem, dizem-me, sobe mais e observa, enquanto os teus companheiros cumprem o programa.

Os outros médiuns recebem as comunicações de seus guias. Sayão, consultando se devia dar princípio ao estudo, Frederico, sempre sonambulizado, a chorar, faz-lhe sinal para que espere e diz:

Levaram-me a um campo florido. Flores de luz, de embriagantes aromas! Lá encontrei, descuidosa, uma criancinha, colhendo-as. Era Celina! Dirige-se ao meu Espírito inebriado e diz:

“Filho, tu te apressaste a vir. Eu ia levar-te uma delas: uma flor singela, como o teu Espírito, simples, como a tua alma, perfumada, como a tua crença.

“Filho, no seio das multidões ingratas, por entre as quais te arrastas, vergando ao peso de todas as iniquidades; lá, nas sombras da morte, onde o teu Espírito se debate, desejoso de servir a Jesus sem poder fazê-lo, acompanha-te um olhar divino e puro, procurando a todo instante entrar nos recessos da tua alma e levantar-te as energias da fé, para combateres pela divindade contra as ingratidões dos homens. Esse olhar é o de *Maria* — Choras? As lágrimas são boas, quando são sinceras. Sobre todos vós se abate um punho terrível, tentando pulverizar, se possível fosse, aqueles que trabalham na seara bendita. Sobre ti pesa mais, porque os inimigos observam que és o instrumento necessário a que a verdade apareça e maior se torne o abençoado rebanho de Jesus. Eis a razão do teu sofrimento; mas, não desanimes. Agora, que estás comigo, agora que participas dos perfumes dos jardins do Céu, vou fazer-te um pedido”.

Diz o médium, em desprendimento: Celina, fala; sou teu escravo.

“Pois bem: sabes que há feita a promessa de um livro em favor das crianças, livro que o teu companheiro vai ditar em nome de Jesus. Peço-te que as suas primeiras páginas sejam pronunciadas pelos teus

lábios, no dia da Conceição. Será possível?”

O médium: Ajoelhei-me, beijei-lhe as plantas e prometi-lhe que, se isso dependesse de mim, seria prestada mais essa homenagem à Rainha dos Anjos.

“Vai, disse Ela, vai estudar com os teus irmãos as páginas do livro sagrado”.

Diz ainda o médium, em estado de desprendimento:

Ismael! Anjo muito amado, anima a minha alma, levanta o meu espírito, para que eu cumpra a promessa que acabo de fazer. E tu, Bittencourt amigo, socorre-me, porque, sem ti, nada farei.

Responde Bittencourt:

“Sem mim, tudo farás, meu Frederico. Tanto maior é a recompensa, quanto mais ingente e afanoso é o trabalho. As lutas? Há quantos anos vivemos em lutas? Todos nós pisamos um solo ardente, que talvez nos calcinasse as plantas, se não tivéssemos o orvalho da misericórdia divina. E quantos Espíritos palmilham esta dolorosa estrada!

“Lutas? Mas, meu amigo, estudemos a vida da Sagrada Família. Acompanhemos a trilha dos Apóstolos. Vamos mais longe: vamos aos primeiros tempos da humanidade e lá encontraremos os velhos Patriarcas, que rocejavam o profundo Oceano, onde devia um dia navegar a barca de Pedro. Com os Profetas, com os Apóstolos, com os Santos Padres, encontramos o espírito das trevas movendo luta, desencadeando tempestades sobre a cabeça dos crentes, no empenho de afogar as crenças nascidas na alma, de apagar as pequeninas centelhas da fé e queimar com o sol abrasador das suas maldades a seiva da caridade, que desabrochava no coração do homem, a conduzi-lo às plantas do Senhor.

“Se aqui, sentados ao redor desta mesa de banquete, apenas nos dessem o saboroso e tonificante vinho, para nos deliciar o paladar do espírito; se nesta mesa de banquete nos dessem somente o saboroso pão preparado pela mão dos Anjos, para nos saciar a fome e alimentar a fé, a esperança e a caridade, cumprir-nos-ia, por efeito da experiência, desconfiar do delicioso vinho, suspeitar do saboroso pão.

“Mas, quando vemos a alternativa do alimento; quando hoje provamos o vinho do Senhor na *taça do seu livro* e amanhã provamos o fel na ânfora que nos trazem aos lábios; quando hoje provamos o *pão da vida* e amanhã nos dão o bolo negro da morte; quando hoje os nossos lábios desfolham risos e amanhã os nossos olhos derramam prantos; podemos sentir a lágrima incandescente a nos queimar a face; mas, devemos imediatamente desatar o semblante em riso, que traduz a certeza de que estamos com a verdade! O labutar é esse! Aqueles que compreendem o símbolo que a cruz é — o peso de todas as iniquidades do mundo, carregado por Jesus, devem dizer: Graças, Senhor, pois também fui digno de tomar parte no teu martírio.

“Essa é, meus companheiros, a orientação do crente.

“No amparo mútuo, no conforto recíproco, procurai mostrar aos infelizes que, acima de tudo, a despeito de todo esse poder efêmero, teremos a graça de festejar a Conceição da Virgem, falando às crianças, em nome de Jesus”.

— Obrigado! Página eloquente de fé! Arrebata-nos essa linguagem! Sim, teremos os olhos voltados para a cruz, pedindo ao Senhor nos permita tomar parte também no seu martírio! Imagem bela do teu Espírito elevado! E o nosso trabalho? Fala-nos sobre ele.

— “Por hoje basta. Na próxima sessão, que devia ser de caridade, Sayão fará a recapitulação dos pontos que não foram explicados e deles trataremos. Enquanto estiveres doente, os trabalhos serão todos sobre os Evangelhos.”

Bittencourt

Vitória da luz na luta com as trevas

(Mateus XVII, v. 10 a 13; Marcos IX, v. 11-13)

Depois do recebimento e publicação do grande livro *Jesus perante a Cristandade*, entrou o Grupo Ismael numa fase inexplicável, pois, quando tudo indicava que a nossa fé devia achar-se robustecida, para prosseguirmos mais ardorosos no trabalho, com o intento de lavar-nos das manchas do pecado e nos habilitarmos à glória de um dia nos contarmos entre os servos fieis de N. S. Jesus Cristo, fomos como que induzidos à falsa crença de que havíamos cumprido a nossa tarefa, de modo que seguros podíamos estar do resto.

Por isso, ou por outras faltas, que se acumularam, o caso é que o trabalho foi perdendo de interesse e chegamos a discordâncias, desaparecendo o nosso companheiro, o médium escolhido para instrumento do Bom Guia Ismael, no atropelo das aflições mundanas.

Felizmente, chegou o dia em que a misericórdia de N. S. Jesus Cristo, ainda uma vez, desceu aos seus ingratos e inúteis servos, trazendo bálsamo às suas dores. Vimo-nos todos novamente reunidos.

Presentes todos um dia, feitas as preces e lido o programa do Mestre, o médium Frederico, que compareceu, depois de ausente a muitas sessões, disse o seguinte, em transe sonambúlico:

“Vejo um grande campo coberto de flores agrestes e levantada nele uma coluna de ouro, com o capitel, porém, partido na face direita, para onde olho. O bloco que lhe falta está no colo de uma criança, cujo rosto cobre-o um véu, ou coisa que o valha. — Quero aproximar-me dela: impedem-me. — Quem me fala? Subamos, dizem-me. Vejo a imensidade de um Oceano revolto; pedaços de navio, corpos flutuantes à tona das águas. Vejo também, com rumo desconhecido, um navio veleiro, desmastreado, que segue ao acaso. A sua maruja se compõe de pobres mendigos esfarrapados, que, de joelhos no tombadilho, oram, voltados para a luz de uma brilhante estrela que vem surgindo lá muito ao longe, entre brumas pardacentas. Ave Maria! Rezam a prece das angústias, a prece dos naufragos! Como são sentidas as vozes! Parece que só nesses momentos se desabotoam na alma do homem os lírios da verdadeira crença! Enquanto o mar é manso e bonançoso, todos navegam sorridentes e descuidosos; as canções profanas amenizam o tédio da viagem quando muito, uma saudade dos que ficaram na terra cava nas almas o sulco de um sentimento melhor. — Mas, dir-se-ia que Deus tem

ciúmes de suas criaturas descuidadas; que, no amparo aos navegantes, a Mãe Santíssima tem ciúmes dos olhos que se desviam dela; que Jesus sente a ausência da voz sonora dos seus discípulos e essa *trindade* augusta do Céu provoca as tempestades do Oceano, revolve-lhe as águas, enegrece os róseos mantos do brilhante espaço, e eis, então, que, tombando do alto, a noite da procela vem colher os navegantes, no melhor dos seus cantares e das suas festas, chamando-os à hora da Ave-Maria, à prece do arrependimento. — Aonde me levas mais, tu que me falas e a quem não posso ver? Mais ainda? Sim. — Ouço cânticos, harpas e cítaras chorosas! Uma melodia angélica vibra nos espaços, acompanhando os cânticos. Sim, eles, reunidos, oram e a sua oração é um cântico de salmodias! Os nossos Guias, os nossos Protetores, de lá de muito longe, pedem por nós.

Fala Bittencourt:

Eras o escolhido (o médium chora)! Crianças! Já devíeis saber que não podeis ficar sem uma resposta, mas uma grande resposta: o meu livro.

Crianças! Estudam e não compreendem. Palpam e não sentem. Põem-se lhes quadros diante dos olhos e não observam (o médium continua a chorar)! Que fazem da razão e do sentimento?

Tempo houve, em que era crime falar-se desta Doutrina que esposais na Terra e os homens que a estudavam se envergonhavam de expô-la, para, não serem apontados como réprobos, ou loucos. Congregaram-se, porém, todas as falanges obedientes à voz do grande Mestre. Saneou-se a atmosfera e preparou-se um livro de combate a tudo quanto era mentira. E os Espíritos, penetrando as consciências mansas, desenvolveram o proselitismo. No momento dado, tudo se curvou como por encanto e aos qualificados de doidos foram pedidas notícias dessa Doutrina, saindo os filósofos dos seus gabinetes ao encontro do Evangelho.

A imprensa, principalmente, levantou o nome do Espiritismo, como coisa santa, divulgando os fatos que se narravam como dignos de observação e tendentes a encaminhar o homem à verdade e à salvação.

Pois bem, esse triunfo, essa vitória de Jesus podia ficar sem uma resposta, solene? Só podiam contar com essa hipótese os descuidados, os náufragos da fé...

É assim que, adormecidos, se deixaram levar ao estado em que vieram a achar-se, ao ponto de pensar no suicídio, como remédio capaz de curar-lhe todos os sofrimentos, o aparelho que servira para a obra! O suicídio foi propositadamente escolhido, como o fato que mais descrédito e mais desonra podia trazer à Santa Doutrina!

Ah! Mas, lá estava a estrela dos navegantes, a figura excelsa de Maria, amparo dos aflitos no revoltoso mar das angústias! Cumprindo o que prometera, Ela vos acolheu a vós sob o seu manto de misericórdia.

Assim, pelas preces dos vossos Guias, ainda uma vez pudestes encaminhar-vos ao santo trabalho.

Companheiros, ah! Não sei como vos fale. É o vosso Bittencourt, cujo Espírito, atordoado, não sabe o que vos diga. — Ah! Mãe Santíssima! Eu sabia que velavas por eles. Bem-aventurada para sempre tu, pura e imaculada. A minha alma se roja a teus pés e louca soluça um beijo na fimbria do teu manto. (O médium chora) *Porque choras?* Somos uns ingratos. Tens razão; pedes fê, dão-te o egoísmo. *Tens razão.* Castiga-me com as tuas palavras, fere-me fundo porque eu mesmo o sou... todos o somos... Lá, no teu campo de flores silvestres, onde levantaste uma pequena coluna para apoio do nosso templo, quebrou-se-lhe o capitel, porque dormíamos na alfombra, quando devíamos estar vigilantes. Celina apanhou o bloco no seu aventalzinho e temos de colocá-lo de novo. Para isso, quanto trabalho, quanto sofrimento temos diante de nós! E que derrota! Sim... não foi um, foram muitos... Hábeis atletas da maldade! — Vamos refundir...

Fala o Espírito do médium:

Sim, lembro-me, é exato. Pois bem, se é essa a tua proposta, aceito-a, conquanto sinta o meu espírito enfraquecido pelas minhas lutas de homem. Aceito-a. Sabes que, há 20 anos, nunca recuei diante deles; agora mesmo, com essa revelação tua, vejo que fui vítima; mas, que aconteceu? Voltei de novo ao meu lugar, ao meu posto, que jamais abandonarei.

Hoje, que houve? Sim, só uma coisa te peço: faz como ontem fizeste, anima-me, para que eu possa resistir a tudo, seja o que for. Sim, já, se quiseres.

Bittencourt, diz:

Não; vejamos, primeiro, a sinceridade da tua promessa. Domingo que vem; e, quanto a mim, fica descansado. Já pela amizade, já pela gratidão, serei sempre contigo. Espero que voltes. Vai retemperar a tua alma nas páginas do Evangelho. Vamos, crianças.

Seguem-se as comunicações dos Guias e o estudo dos Evangelhos, que foi feito com calma. Por último, concentrados todos, foi recebida e transmitida pelo médium Frederico a comunicação final, nos termos seguintes:

“Paz seja convosco. Glória ao Senhor, que ainda uma vez baixou os olhos sobre a humanidade escrava do erro e do pecado. Glória à puríssima Virgem, a consolação dos aflitos, o bálsamo de todas as dores! Glória a Jesus, a quem devemos a seara da abundância e que, pelo seu grande amor, ainda não nos achou indignos dos seus santos labores e conserva carinhosamente o arado em nossas mãos.

“Eu já sabia que, na luta da treva com a luz, não há hipótese alguma de ser esta absorvida por aquela. São escabrosos os caminhos da Cruz e muitos os que vêm lançar à margem da estrada sementes de

plantas daninhas. Mas, esquecem-se de que um doce e suave sopro, vindo do Céu, varre as sementeiras, ao passo que outros vão plantando as flores que embelezam a estrada conducente à verdade, para encher de aromas deliciosos a alma e o coração dos caminheiros.

“No doce e manso oceano do Cristianismo, há quem venha revolver as águas e amedrontar os pobres navegantes; mas, esquecem-se de que de lá das brumas mais espessas do ocidente surge a rútila Estrela da esperança, num sorriso da Virgem Imaculada. Aos que tiverem ouvido de ouvir eu falo; que me escutem.

“Aqui estamos de novo. Mais um triunfo, mais uma glória para N. S. Jesus Cristo, se mais glória pode Ele ter, na sua excelsa glória.

“Aqui estamos de novo; solapem de novo os alicerces do templo; esboroem-no, e ele surgirá novamente das mãos do Grande Operário: N. S. Jesus Cristo. Alastrem de abrolhos e urzes o nosso estreito caminho; certo nos ferirão as plantas e o sangue correrá a jorros; mas, um Grande Médico virá, que nos, restituirá a saúde, para continuarmos no nosso carreiro: N. S. Jesus Cristo. E, à proporção que as nossas almas forem avançando para a luz, vós outros a quem falo ficareis nas *sombras da morte*, entregues aos vossos cuidados, de tudo destruir, quais iconoclastas, sem nunca poderdes construir coisa alguma de bom, que aproveite aos vossos Espíritos.

“Ficai nas *sombras da morte*, se na morte repousam todas as vossas esperanças, que nós seguiremos, a despeito de tudo, para os clarões da vida.

“Deus vos abençoe”.

Ismael

Comemoração da Ascensão de N. S. Jesus Cristo

Feita a prece inicial, foi recebida a seguinte comunicação:

Prestai mais uma homenagem Àquele a quem tudo deveis. Comemorando a ascensão do nosso Salvador, temos ensejo de estudar ainda uma vez a sua divina despedida, que deixou no coração de seus Apóstolos, como no de toda a humanidade, as feridas pungentes das grandes saudades.

Estudemos, pois, os capítulos dos Evangelhos, referentes ao assunto que este saudoso e glorioso dia recorda! Paz, Amor e Caridade — Bittencourt.

Procedeu-se à leitura dos trechos seguintes dos Evangelhos: Mateus, XXVIII, 16-20. — Marcos, XVI, 15-20. — Lucas, XXIV, 50-53. — João, XX, 17. — Atos, I, 1 a 12.

Concluído o estudo desses trechos, concentraram-se todos e, ao cabo de alguns momentos, o médium Frederico, sonambulizado, disse:

Vejo, presidindo aos nossos trabalhos — *Ismael*. Ao seu lado, está um formoso mancebo de louros cabelos, vestido de alva túnica. Achar-se presentes todos os nossos Guias e Protetores e muitos Espíritos sofredores.

Bittencourt me diz e eu repito: O estado do teu Espírito é precário. Acalma-te, para exprimir, ainda que superficialmente, os pensamentos do Bom Ismael. Que luta, meu amigo, temos travado com os aborrecidos da luz! Não sucumbas em meio do caminho. Já quando começamos o nosso trabalho *Jesus perante a Cristandade* foste assaltado pela porta; hoje, que pretendemos elaborar o humilimo trabalho destinado ao estudo das crianças, e à sua orientação moral, assaltam-te até pela janela! Exatamente no dia de hoje, 16 de Maio, concebi, se é que posso conceber alguma coisa, a ideia de um livro e, assistindo a estes trabalhos, lembrei-me do cap. 24 de Lucas, v. 27, que nos fala das despedidas de Jesus. Sublime recordação fez ele então do passado. Veio desde os tempos de Moisés, passou pelos profetas até aos seus dias. Pois bem: *por Moisés começaremos o trabalho, pelos profetas seguiremos as narrativas que forem necessárias e chegaremos ao nosso Amado Jesus*.

Imagina, meu bom amigo, que tormento, para aqueles que não querem conhecer a Deus, nem ao nosso Redentor. De tudo se servem,

tudo aproveitam para turbar; mas, valha-nos a fé; precisamos concluir a jornada que encetamos, não nós ambos apenas, porém todos, fazendo com que os nossos compromissos se tornem uma realidade aos olhos d'Aquele a quem tudo devemos.

Ora, meu amigo, e não esmoreças. Chama pelo teu Marcos, teu verdadeiro amigo e venceremos. Acalma-te e transmite aos teus irmãos e palavra de Ismael.

O médium levanta-se e fala:

Paz. Estava satisfeita a sede dos homens. Sangue pediam por ambição e por orgulho; sangue tiveram, precioso, jorrando de uma fonte cristalina — *o coração de Jesus!* Consumado o sacrifício do Calvário, parecendo-lhes resolvida toda a questão, as almas ferrenhas se expandiram. Os espíritos inimigos da luz e da verdade banquetearam-se, porque, finalmente, da face da Terra desaparecera aquele espectro, como o consideravam, verdadeiro pesadelo entre seus sonhos de inveja e de ambição. Jesus estava sepultado, pesada pedra lhe cobria o sepulcro e apenas o silêncio da campa responderia aos chamados de seus Discípulos! Pobres criaturas daqueles tempos, vítimas, como as de hoje, de terrível sonho, do qual haviam de ser despertadas muito em breve pelos hinos da Aleluia!

Jesus, como sabeis pelo estudo que fazeis do Evangelho, levanta a pesada pedra do seu túmulo, para ainda uma vez mostrar o poder do Pai.

Após essa morte aparente, que os homens julgavam definitiva, Ele ainda precisou dar instruções àqueles que haviam de levar por diante, a todos os povos e através de todos os séculos, a sua abençoada Doutrina.

Homens rudes, como se apresentavam na Terra os seus Apóstolos, Espíritos, podemos dizer, imersos em letargo, como era necessário para confusão dos fátuos e dos poderosos, Jesus, Estrela do Céu caída na superfície do planeta, ainda precisava banhar de seus eflúvios luminosos aquelas inteligências, infundindo-lhes todo o saber necessário à propaganda do seu Evangelho.

Foi assim que, logo depois da sua ressurreição, buscou os Discípulos que, tímidos, se haviam escondido de medo dos Judeus, como sabeis, e, num amoroso colóquio com eles, pondo à prova a fé do que duvidara de haver Ele ressurgido, dá-lhes a luz e, considerando terminada a sua missão, quanto àqueles tempos, notai bem, *vai assumpto ao Céu*, na frase do Evangelista.

Uma nuvem, diz o livro santo, cobriu o Senhor, de sorte que eles não mais o viram. Deveis, porém, compreender hoje que essa nuvem estava na pupila dos olhos dos pecadores, que não podiam ver o Mestre, subindo à sua suprema glória.

Diz ainda o texto: — “onde está sentado à direita de Deus.”

Bem percebeis que é simbólica essa linguagem. Diz-se que Jesus

está à direita, porque, na Terra, a direita sempre se dá aos prediletos. É um lugar de honra. Hoje, depois de tantos séculos, já podeis compreender que, dizendo assim, o Evangelho disse bem, disse a verdade. Jesus teve e tem a primazia do primogênito. Como Espírito que jamais pecou, está desde sempre ao lado do seu Criador!

Oh! Jesus, quantos sofrimentos experimentaste no teu Espírito bom! Quantas angústias suportaste, para levar todos os homens ao lado direito do Pai! Por quantas agonias passaste na Terra, para numa mesma paralaxe de amor — englobar todas as almas dos teus irmãos.

Não pudeste fazê-lo, oh! Jesus, na tua ascensão; mas, deixaste na Terra teus Discípulos, aos quais iluminaste, para que, difundindo, por todos os seus irmãos infelizes, a luz que lhes deste, estes se habilitassem a um dia, libertando-se da morte, como se diz na Terra, também se colocarem à direita do Divino Pai.

Jesus, amado Jesus, baixa os teus divinos olhos sobre estes pequeninos. São teus amigos. Eles só têm fraquezas, fraquezas do mundo. Tu disseste — a carne é fraca. Falta-lhes a vigilância, o cuidado, o zelo da tua Doutrina; mas, eles te amam. Jesus, Amado Jesus, pelo dia de hoje, abençoa-nos.

Ismael

Comemoração das Ascensão de N. S. Jesus Cristo, em 8 de Maio de 1902

O irmão Sayão, encarregado de explicar os Evangelhos, diz:

Vamos comemorar ainda uma vez um dos grandes fatos relatados nos Evangelhos — a *ascensão de Jesus*.

Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de “morto”, sepultado e resuscitado, segundo a maneira de ver dos homens, mandou que seus discípulos fizessem outros discípulos e lhes afirmou que estaria com eles todos os dias, até à consumação do século. (Mateus, 28:20) Ele foi realmente assunto ao Céu, onde está sentado à direita de Deus. (Marcos, 16:19). Enquanto abençoava seus discípulos, deles se apartou, elevando-se ao Céu. (Lucas, 24:51).

O Messias anunciara a seus discípulos que o Filho do Homem (denominação que dava a si mesmo) subiria para onde estava antes (João, 6:62) e, finalmente, disse a Maria Madalena: *Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai; mas, vai a meus irmãos e dize-lhes que vou para meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus* (João, 20:17).

O Imaculado Cordeiro de Deus, tendo dado preceitos aos Apóstolos, à vista deles se foi elevando, e o recebeu uma nuvem que o ocultou a seus olhos. (*Atos, 1:9*).

O fato, portanto, está comprovado e confirmado como real, para não admitir dúvidas, do mesmo modo que os outros fatos narrados nos Evangelhos. Toda a questão consiste na maneira de entendê-lo em espírito e verdade. Os Evangelistas não se contradizem: ao contrário, completam-se. Segundo os Evangelhos de Marcos, Lucas, e João, Jesus se ausentou de seus discípulos, ao passo que, pelo Evangelho de Mateus, Ele ficou com os seus discípulos *todos os dias até à consumação do século*. Vê-se daí a necessidade de bem compreendermos o fato, para bem firmarmos as nossas convicções, observando fielmente a regra estabelecida — de não interpretarmos os ensinamentos evangélicos segundo a letra que mata; mas, segundo o espírito que vivifica. Se recorrermos à revelação dada a Roustaing, encontraremos que Jesus se elevou para a imensidade, *fazendo cessar a tangibilidade do seu corpo fluídico, conservando-o, porém, visível*; que, depois, desapareceu numa nuvem de fluidos opacos, fluidos semelhantes ou análogos aos de que se servira para formar aquele corpo aparente, com que desempenhou a

sua missão na Terra.

O progresso é lei emanada do amor e da justiça do nosso Criador, pelo que a verdade absoluta não pode ser apreendida pelo homem, ainda imperfeito, embora perfectível, o qual só de acordo com o seu adiantamento a vai percebendo, de modo cada vez mais claro e convincente.

Jesus, o Melquisedec, rei de Salem, rei da paz, sem pai, sem mãe, sem genealogia, que não teve princípio de dias, nem fim de vida, a quem até Abraão pagou os dízimos (*Hebreus, 7:2*), não vem, nem vai, não desce, nem sobe, porque tem o dom da ubiquidade, está em toda parte onde é chamado pelos nossos pensamentos, palavras e obras, quando boas.

A sua ascensão quer dizer a cessação da tangibilidade e da visibilidade que Ele imprimira ao seu corpo aparente, a fim de que os homens o pudessem ver e escutar. A sua ida para o Pai deve ser entendida de harmonia com os seus ensinamentos. Veja-se o Evangelho de João. — Perguntaram-lhe: Onde está o Pai? Respondeu Ele: *Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se me, conhecêsseis a mim, certamente também conheceríeis, a meu Pai.* (João, 8:19, 10:30, etc.)

A nuvem, como já se vos disse, simboliza a imperfeição do Espírito, imperfeição que o impossibilita de ver as coisas da espiritualidade. Cessada a visibilidade do seu corpo, ficou Jesus oculto aos encarnados e, ao mesmo tempo, pouco visível aos desencarnados mais ou menos, atrasados, até se lhes tornar de todo invisível pelo intenso brilho da luz que do seu Espírito excelso se irradia.

Com efeito, os homens viam a Jesus, quando Ele tornava visível o seu corpo, deixavam de vê-lo quando o privava da visibilidade, sem que precisasse descer ou subir. Ele se acha neste momento entre nós, porque trabalhamos sob o seu sacratíssimo nome e por graça de sua grande misericórdia; mas, não o vemos. Por quê? Porque nos nossos olhos de ínfimos pecadores ainda existe a nuvem opaca das nossas imperfeições. Os Espíritos adiantados o veem; entretanto, nem esses mesmos veem a Deus, que só pode ser visto pelo seu Filho.

Jesus também disse a seus discípulos: “Ide, ensinai a todos as gentes, batizai-as”. E acrescentou: “Ficai certos de que estou convosco todos os dias, até à consumação do século”. (Mateus, 28:19-20). Logo, Jesus não se ausentou dos seus Discípulos; portanto, a *ascensão* não pode ser entendida segundo a letra dos textos. O nascimento, os sofrimentos, o sacrifício, a morte, a ressurreição de N. S. Jesus Cristo, Espírito de pureza perfeita e imaculada, foram fatos verdadeiros, necessários ao desempenho da sua missão, como a ascensão o foi, para complemento dela. São fatos verdadeiros e comprovados, mas que devem ser bem entendidos. Perdoe-nos o divino Mestre, se nos afastamos da verdade.

Em seguida, concentrados todos, o médium Frederico, sonambu-

lizado, disse:

Vejo, numa projeção de luz, agrupados e presididos pelo nosso Guia Ismael, Espíritos elevados, os nossos amigos e protetores. Destaca-se do agrupamento Paulo. Bittencourt me pede calma, para traduzir fielmente a palavra do Apóstolo dos Gentios.

Paulo dá a seguinte Comunicação:

“Paz aos que trabalham de boa vontade na seara do Senhor. Não te bastaram, humanidade escrava do erro e do pecado, os milagres do Nazareno! Não te bastou vê-lo, coberto de angústias e martírios, escalar a sombria montanha do Calvário! Precisasvas de mais, no desvario das tuas paixões? Perdulária de um tesouro imenso, sentias a imperiosa necessidade de ver Redivivo o Mártir diante dos teus olhos, após o seu martírio! Humanidade escrava do erro e do pecado, quiseste ver, ainda não consciente da sua grandeza, pairando sobre a tua cabeça, o sol dos sois, o sol de todos os amores — esse Espírito que a tua ingratidão, que a fereza dos teus instintos levaram até ao cimo do Gólgota!

Jesus teve, como acabastes de ver pela leitura do Santo Livro, que reaparecer aos seus próprios discípulos, para firmar, na consciência de todas as gentes, que Ele foi, é e será sempre o *Redentor dos homens*. Após tantas obras que, para o entendimento dos homens, foram milagres, precisou remover a pedra do sepulcro, que representava talvez o peso de todas as ingratidões humanas, para atestar a seus irmãos da Terra, que Ele realmente era o *Messias* prometido de há muito e a muitas gerações!

Meus irmãos em Jesus Cristo, apesar de todos os sacrifícios, apesar da sua “ressurreição”, ainda hoje lhe exigem novos cometimentos, para n’Ele acreditarem! O homem, no seu orgulho e na sua vaidade, os Espíritos, nas suas tribulações, nessa cegueira, que poderíamos chamar de infernal se existisse o inferno, ainda hoje encaram a N. S. Jesus Cristo, o nosso bendito Pastor, uns indiferentes à verdade, outros com o ódio forjado pelo seu próprio orgulho! Loucura, teimosia, desgraça! Onde, porém, na ciência da vaidade, ou na vaidade da ciência, encontrarão ódio tão poderoso e tão forte, que esmague o amor de todos os amores, o amor do manso Cordeiro pelos seus irmãos da Terra? Irmãos em Jesus Cristo, só peço ao Senhor que possais ter a inteira compreensão das vossas responsabilidades de homens que estudam o Evangelho, de homens que envelhecem nesse estudo sacrossanto!

N. S. Jesus Cristo disse a seus apóstolos: *Nenhum cabelo das vossas cabeças cai pela vossa vontade; todos, eles estão contados!* Isto, em espírito e verdade, quer dizer, meus irmãos em Jesus Cristo, que tudo quanto se passa na vossa vida íntima, todos os fatos da vossa existência obedecem a uma lei, lei irrevogável, porque é lei de Deus, do nosso Criador e Pai, a quem devemos todas as graças, inclusive a existência na Terra!

É penoso o vosso viver, lágrimas de sangue derramais muitas vezes, para vencer os ínvios caminhos traçados pelas vossas próprias culpas. Ainda isso, no entanto, meus irmãos em Jesus Cristo, é uma graça! Abençoadas lágrimas, abençoados sofrimentos e martírios, que vos colocam no mesmo caminho, na mesma estrada que percorreu o Redentor!

Descem do alto as aves e, maldosas, procuram tirar as boas sementes que foram lançadas no vosso eirado. Ao descerem, sentis o roçar das suas azas e vos amedrontais, como se um riço tufão viesse varrer todos os vossos Espíritos. Não vos amedronteis. Disse eu hoje, aqui mesmo neste templo⁶, que ninguém tentasse tocar em um só de vós, porque me encontraria diante de si! Não é, meus irmãos em Jesus Cristo, que Paulo seja o mais forte. É que Paulo, levantado da estrada de Damasco pela misericórdia do Senhor, quando lhe ia perseguir os discípulos, tomou esse compromisso consigo mesmo e há de levá-lo avante. Paulo levantará todo aquele que cair na estrada de Damasco. *Sim, Senhor, Bom e Redivivo, todos estes que aqui vejo agrupados, Senhor, também tomaram espadas, armaram-se de couraças para bater os defensores da tua Doutrina. Hoje, arrependidos, levantaram-se pelo teu braço misericordioso! Estão de pé, mas são fracos, Bom Jesus! Tentam esmagá-los os aborrecidos da luz, os aborrecidos do amor, aqueles que só encontram prazer no ódio e na vingança! Teus inimigos querem aniquilá-los! Dá, Senhor, que o teu Paulo seja a sentinela constante aqui! Tu, Senhor, és bom!!*

O médium, ao acabar de pronunciar esta última frase, fica imóvel, extático.

Os irmãos que o rodeiam vertem lágrimas de comoção e, nesse estado, permanecem por alguns momentos, até que, afinal, o mesmo médium diz com voz meiga e suave:

Amai-vos uns aos outros.

Em pranto, acrescenta o médium:

Bittencourt! Que dita! Meu Deus! E tenho de descer outra vez à podridão, quando vejo a N. S. Jesus Cristo! Paciência!

⁶ Na tarde daquele mesmo dia, ao fazer uma prece, o médium fora acometido por um Espírito maléfico. Socorreu-o Paulo, que fez então a promessa aqui repetida.

Mulher adúltera

(*João VIII, v. 3-11*)

Paz, Amor e Caridade.

Meu Espírito também se enche de gozo, vendo que a paz de Jesus reina entre vós e que, com serenidade d'alma, buscais a essência dos ensinamentos da sua Doutrina, para melhor poderdes conduzir-vos neste mundo, pelo carreiro alastrado de espinhos, mas o único, sem duvida, que vos pode levar ao reino da verdade.

Já uma vez vos disse e agora repito: Sempre que souberdes conservar a paz nos vossos trabalhos, desembaraçados de quaisquer prejuízos ou preconceitos, receberéis a inspiração dos vossos guias, de tal sorte que o que lá fora vos poderia parecer dificilmente compreensível, aqui vos parecerá simples, claro e intuitivo.

Nessas condições, a minha manifestação tem por fim apenas dar-vos uma prova da minha assistência e salientar um ou outro ponto que, embora bem explicado, precise ficar gravado em vossos Espíritos, para segurança da vossa fê, para estabilidade da vossa crença.

Assim, volvendo ao ponto estudado, o em que se diz que levando à sua frente a filha do pecado, aquela onda de povo, ávida de sangue e de escândalo, foi ter com Jesus, que é o que se nos depara? Ele, sem desmentir a lei de Moisés, que autorizava o apedrejamento da mulher adúltera, lavra solene, protesto, protesto divino, escrevendo na areia esta grande sentença: — “Não façais aos outros aquilo que não quiserdes se vos faça”.

Procedendo desse modo, Jesus, que de momento não podia romper com todos os prejuízos da época, atendeu à interpelação do povo; mas, ao mesmo tempo, exigiu fosse o primeiro a justificar a culpada o que, como Ele, estivesse limpo de culpas.

Foi o meio que o Divino Mestre encontrou para revolucionar aquelas consciências, que se exaltavam na sua presença, assumindo a autoridade de juizes; foi o meio que encontrou para salvar a infeliz do justicamento dos homens, tão pecaminosos quanto ela. Ouvindo a condição posta por Jesus para o apedrejamento, eles desceram das alturas da autoridade que se atribuíam, até à baixeza dos réus e se foram dali, cabisbaixos, humilhados pela cintilação do olhar do Cristo de Deus, que lhes devassava o íntimo das almas.

Quando ficou a sós com a pecadora, que se lhe rojara aos pés, buscando refúgio nas dobras do seu puríssimo manto, perguntou-lhe Ele: “Mulher, que foi feito dos teus perseguidores? Ninguém, mais te acusa? Pois então, vai; vai e não peques mais.”

Poderemos, acaso, meus filhos, deduzir das palavras do Divino Mestre que Ele houvesse livrado a pecadora das consequências inelutáveis do seu delito? Dar-se-á que, por ter evitado o escândalo do ato de barbaria prestes a ser praticado contra uma infeliz mulher, haja esta ficado, desde aquele momento, isenta de culpa? Não; fora tornar privilegiada uma criatura e vós sabeis que toda a grandeza da lei do Eterno está na sua justiça perfeita.

Jesus não a condenou; Deus tampouco a condenou; mas, a lei, sob cuja ação se acha toda a humanidade, infalivelmente lhe impôs a reparação da sua culpa, sem que, entretanto, para isso, fosse mister se consumasse mais um dos dramas de sangue a que estavam habituados os povos primitivos, cujos costumes selvagens e instintos grosseiros tornaram necessárias leis fortes, bárbaras mesmo, como algumas das que, lendo as Escrituras, haveis de encontrar, promulgadas por Moisés para o povo hebreu.

“Vai e não peques mais!” Não podeis, sequer, imaginar o efeito produzido por estas singelas palavras no Espírito daquela pobre mulher! Se pudésseis compreender todas as dores que o mais sincero arrependimento infligiu àquela criatura, então, sim, veríeis quanto é grande, quanto é santo, em face do crime, só ter a palavra doce do Evangelho, o conselho amigo, cujo espírito vivifica e eleva a alma, inversamente ao que produzem a censura, a humilhação, a repulsa, o desprezo!

Oh! Vós, meus amigos, que espontaneamente vos fizestes discípulos de Jesus, aqui, como no vosso lar, no lar, como na sociedade, tende sempre diante dos olhos o quadro da mulher adúltera! Estou certo de que ele será um estímulo a despertar as virtudes que já se aninharam no seio de vossa alma e as virtudes, como exemplificou o Divino Mestre, nos livrarão da morte, eternamente, porque vos levarão à verdade.

Jesus é a verdade, é a vida, é a luz. Estejamos com Ele e seremos salvos.

Ismael

Médium: Frederico.

Casamento. Repudio. Divórcio

Já de muitas sessões vinha o Grupo estudando as questões relativas ao casamento, ao repúdio autorizado por Moisés, ao divórcio permitido pelas leis e o lúgubre espetáculo dos assassinios que, sob o pretexto da infidelidade, não passam de expansões de instintos sanguinários. À falta de instrumento capaz de transmitir o pensamento dos Espíritos, sobre as verdades emanadas do céu, prosseguia-se no mesmo estudo, animados todos da esperança de uma oportunidade, para receber-se a lição dos Guias.

Comparecendo, afinal, o companheiro Frederico, graças à infinita misericórdia de N. S. Jesus Cristo e ao amparo da Virgem Nossa Mãe Santíssima, depois de orarem todos, foram apontadas as dificuldades que oferecia a interpretação dos textos, lidos no livro de Sayão, dos Evangelhos de Mateus, cap. 5, v. 31 e 32; cap. 19, v. 1 a 12; de Marcos, cap. 10, v. 10 a 12; de Lucas, cap. 16, v. 18.

Feita em seguida a prece aconselhada no v. 9 e seguintes do Evangelho de Mateus, cap. VI, concentraram-se os presentes e o médium, sonambulizado, disse:

“Vejo presente o nosso Guia Ismael. Cercam-no os nossos protetores, entre os quais o mestre, Madalena, Bittencourt, Romualdo, Dias da Cruz, e muitos Espíritos sofredores. Sim, dizem-me, acalma teu Espírito, tanto quanto possas, para ouvires e transmitires as palavras do Anjo Ismael.”

Depois de alguns momentos, o médium levantou-se e com a maior humildade assim falou:

“Paz. Abençoados estes momentos em, que as almas dos homens podem casar-se com a nossa alma. Bendito matrimônio, que se torna indissolúvel, porque o firma esse laço que vamos buscar ao Evangelho, nos mistérios da lei do Eterno, nos arcanos desse amor que vem do infinito às almas boas, predispostas ao consórcio que Jesus, bondoso e meigo, ditou aos seus Discípulos, aos homens.

Bendito sejam estes momentos, em que a paz do Senhor, dominando todo o nosso ser, não permite jamais que nos possamos repudiar uns aos outros, praticar o que na sua linguagem os nossos antepassados chamavam repúdio, e que era — o aborrecimento, o ódio, que muitas vezes levava até à vingança.

Claras são as leis do Eterno aos Espíritos que as querem compreen-

der. Aí, nesse manancial de luz, está bem positiva a palavra do Senhor: Deus não faz casamento de corpos. Deus faz casamento de Espíritos.

O barro grosseiro, utilizado para complemento da ação das leis eternas que estabelecem o equilíbrio da criação, poderá ser tomado pelo homem, a quem habitualmente a estética das formas deslumbra, como objeto de sentença. Sê-lo-á para o amor carnal, que só ele conhece o despeito, de onde se origina o repúdio.

É todo, porém, do homem esse modo de apreciar as coisas, tendo em vista somente a carne, pois Deus só faz o consorcio dos espíritos. Nos tempos primitivos, quando a humanidade apenas começara a ter domínio na terra da proscricção; quando, açoitados pelo tufão dos seus primeiros erros, os Espíritos vinham, quais aves, ruflando as azas da esperança, pousar na superfície do globo; quando ainda a voz do Senhor, pelo órgão de seus profetas, não ecoara, chamando-as ao ninho do arrependimento; nada mais encontravam elas, as pobres aves, do que o gozo impuro da matéria, de valor somenos aos olhos do Senhor. Uma só era a preocupação: o gozo, na sua maior ardência. Daí o domínio bestial sobre a mulher, que os fortes acreditavam lhes fora dada para satisfação de seus instintos brutais.

Família era palavra sem sentido. Os filhos eram apenas colonos, simplesmente braços aproveitáveis para o cultivo da terra. O amor não santificava a mulher, porque dele compartilhavam muitas mulheres e se conspurcava em gozos e mais gozos. Foi nesse estado precário, com a alma ensoberbecida e mergulhada nos pântanos da materialidade, que o grande legislador Moisés veio encontrar a massa humana, para a qual lhe cumpria legislar, a fim de encaminhá-la à observância da lei do Senhor!

Permitindo que o homem repudiasse a mulher, Moisés não teve em vista senão condenar o uso, a que aquele se afizera, de ter uma multidão de mulheres sob o seu domínio; senão condenar o que na vossa linguagem se chama poligamia. Foi como se dissera: Já que não tens amor à mulher, dá-lhe ao menos a liberdade.

Passam os tempos. Essa lei foi mantida e cumprida. Chega, afinal, o momento da vinda do Cristo. Ele vem e, compadecido de seus irmãos, baixa piedoso olhar, principalmente sobre a mulher, porque tinha sob suas vistas a Virgem Imaculada. Santificando então o lar e apontando os filhos como verdadeiros frutos do amor e dos afetos, Jesus, todavia, ainda transige com a miserabilidade dos sentimentos humanos e diz: Só vos é permitido repudiar as vossas mulheres em caso de infidelidade.

Pobre linguagem a vossa na Terra! Se pudéssemos valer-nos de uma outra frase, diríamos: Compadeci-vos das vossas esposas; não, repudiéis vossa mulher por principio algum. A criatura não pode repudiar os seus próprios sentimentos.

Se as convenções do mundo, se as susceptibilidades mandam que

os homens não tenham convivência com as que se tornam adúlteras, não podem, entretanto, as leis terrenas impedir que, dando expansão aos sentimentos da vossa alma, leveis, no segredo do vosso coração, o pão da caridade à desgraçada.

Meus filhinhos, compreender a linguagem do Evangelho é difícil; mas, não será impossível, quando do íntimo de vossa alma pedirdes a Jesus a luz que vos ilumine. Riscai dos vossos Espíritos a palavra repúdio e obedeci à lei do Mestre divino: Tende compaixão da infeliz esposa.

Ismael

O médium chora e diz: “Sim, só tu, Anjo bom, podias transmitir-nos esses ensinamentos.”

Bittencourt, depois de alguns conselhos, manda: Fazei as vossas orações e encerrai o trabalho.

Assim se fez. Louvado seja N. S. Jesus Cristo.

Médium: Frederico.

O seio de Jesus é o Calvário da nossa ressurreição

Meus filhos! Se o poder da vontade, resultante da germinação da fê, cuja semente mão paternal lançou em nossos corações, nos faz aspirar a ser verdadeiros discípulos de Jesus; se o poder da vontade, fortalecida pela nossa crença, nos inspira ideais de doçura, de mansidão e de humildade, para nos constituirmos, realmente, ovelhas amigas do Bom Pastor, concentrem-se todos os esforços, toda a potencialidade do nosso ser pensante em atingirmos o grau de elevação moral o ponto de onde possamos, com límpido olhar, perceber a estreita porta do Aprisco, que nos dará passagem livre para o gozo da *seara da abundância* — o reino da verdade.

Tanto maiores esforços devem para isso fazer as nossas almas, quanto, lançando em torno de nós o olhar frio do observador, notamos que lobos vorazes buscam assaltar-nos, senão para nos devorarem os Espíritos, o que não lhes é possível, ao menos para arrancar de nós as boas sementes, que vão germinando sob as vistas do Divino Mestre, banhadas pelo orvalho da misericórdia divina.

Se, graças ao sacrifício do Gólgota, os nossos Espíritos já puderam elevar-se até à compreensão da verdade relativa, tenhamos a coragem do verdadeiro crente, do verdadeiro levita e procuremos iluminar todo o interior de nossas almas com a luz do Crucificado. Atraindo-a, poderemos espancar as trevas que se amontoam em torno de nós e não daremos acesso senão ao Bom Pastor, que entra pela verdadeira porta, a porta do coração, e o transforma num templo onde, em completa paz, podemos bendizer do nosso Criador — o Deus único de todas as criaturas.

Procedei assim, sempre de acordo com a Doutrina de N. S. Jesus Cristo, porque é pela aplicação dos seus ensinamentos que sereis justificados aos olhos da humanidade e aos olhos de Deus, como seus discípulos, como suas ovelhas. Não vos intimidem a luta, nem os vãos caprichos daqueles que não querem enxergar a verdade. Todos os meios serão utilizados para vos impedir os passos no caminho do bem e do dever; mas, estou bem certo de que, se caminhardes à sombra do Amado Mestre, poderão os lobos, por fraqueza dos vossos Espíritos, amedrontar-vos; nunca, porém, conseguirão apagar nos vossos corações

as centelhas que vos iluminam a consciência e que Jesus despede do seu seio puríssimo, para orientar suas ovelhas no rumo que conduz ao aprisco do seu amor.

Meus filhos! Vigiai e orai, ainda uma vez vos digo. A luta vai crescer mais, porque cada vez mais resplendente precisa ser, no seio da humanidade, a glória de Jesus. Não vos intimideis: lutai desassombrados, porque é na luta pelo bem que se conhecem os verdadeiros discípulos do Mestre divino, os, que são capazes de ir até ao martírio. A luta vos é necessária, porque é nas dores, no martírio e nas graças que promiscuamente com aquelas envolvem o Espírito do homem na Terra, que a depuração se faz, a expiação se cumpre e a elevação moral deixa de ser vã utopia, para tornar-se realidade grandiosa e indestrutível.

Não maldigais das dores; não maldigais dos martírios; bendizei a hora dos vossos sofrimentos; beijai a mão dos vossos algozes. Perca-se tudo o que é da matéria deste mundo; guarde-se, porém, ciosamente, no sacrário da alma, — a verdadeira pátria do Espírito, onde melhor se compreende Deus — o amor e Jesus, seu bendito Filho, a luz de todas as almas. Sede, finalmente, mansas ovelhas; ainda que sejais votados ao sacrifício, sorride, exultai de gozo, porque o *seio de Jesus será o Calvário da vossa ressurreição*. Paz.

Ismael

Médium: Frederico.

Será Jesus a maior essência espiritual depois de Deus?

O estudo deste grandioso assunto ocupou o nosso Grupo em duas sessões longas, para, afinal, receber uma solução, que veio como mais uma graça da infinita bondade de N. S. Jesus Cristo; como mais uma grande recompensa à simples boa vontade, aos esforços de ínfimos pecadores, servos inúteis, que almejam conhecer a verdade. Por nos parecer um estudo transcendente, oferecemo-lo, em resumo, à consideração dos nossos irmãos.

Segundo se lê no Evangelho de Mateus (XI, 27), Jesus disse:

“Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. E ninguém conhece o Filho senão o Pai; nem alguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o queira revelar”.

Isto é confirmado, *ipsis verbis*, por Lucas (X, 22) e João, no seu Evangelho (III, 35), diz: “O Pai ama ao Filho e todas as coisas lhe pôs na mão”.

Mateus (XXVIII, 18) diz ainda: “Todo poder me foi dado no Céu e na Terra”.

Paulo, na sua *Epistola aos Romanos* (XIV, 11), diz:

“Porque, escrito está: Por minha vida, diz o Senhor, que ante mim se dobrará todo joelho e toda língua dará louvor a Deus”.

Na 2ª *Epistola aos Coríntios* (XI, 3-4): “Mas, temo que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim sejam corrompidos os vossos sentidos e se apartem da sinceridade que há em Cristo. Porque aquele que vem prega outro Cristo que nós não temos pregado, etc.”

Na *Epistola aos Efésios* (IV, 5 e 6): “Assim como não há senão um Senhor, uma fê, um batismo, um Deus e Pai de todos, que é sobre todos e governa todas as coisas e reside em todos nós”.

Na *Epistola aos Filipenses* (II, 6-11): “Jesus Cristo que, tendo a natureza de Deus, tomou a natureza do servo, fazendo-se semelhante aos homens, humilhou-se, obediente até à morte, e morte da cruz, pelo que Deus também o exaltou e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, na Terra e nos infernos”.

Na *Epistola aos Hebreus* (I, 2): “Ultimamente nestes dias nos falou pelo Filho, ao qual constituiu herdeiro de tudo, por quem fez os séculos

(isto é, os mundos)”.

Na sua 1ª *Epístola*, Pedro diz (III, 22): “Jesus Cristo, que está à direita de Deus, depois de haver absorvido a morte, para que fôssemos herdeiros da vida eterna, tendo subido ao céu, sujeitou a Ele os anjos, e as potestades, e as virtudes”.

Na sua 1ª *Epístola*, João diz (IV, 9): “Nisto é que se manifestou a caridade de Deus para conosco, em que Deus enviou o seu Filho UNIGÊNITO ao mundo, para que nós vivamos por Ele”.

Ora, à vista desses textos e outros muitos que omitimos, considerado Jesus o pensamento de Deus, o Verbo de Deus (Evangelho de João), estávamos convencidos da superioridade de N. S. Jesus Cristo, como sendo a maior essência espiritual depois de Deus, pois que outra verdade não podíamos depreender dessas Epístolas de Paulo e Pedro, aquele o mestre do Evangelista Lucas, o segundo mestre dos Evangelistas Mateus e Marcos.

Mas, a *Revelação da Revelação*, que os Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos Apóstolos, transmitiram pela lúcida médium Sra. Collignon, em 1861, a João Batista Roustaing, revelação confirmada pelos nossos Protetores e Guias, sem discrepância de uma vírgula, e que, portanto, merece toda fê, como verdade incontestável, nos trouxe dificuldades de interpretação, exigindo esclarecimentos, que, felizmente, obtivemos.

Com efeito, a referida Revelação diz: Que Jesus é um desses Espíritos que, puro no estado de inocência e de ignorância, no estado de infância e de instrução, sempre dócil aos Espíritos encarregados de dirigi-lo e desenvolvê-lo, seguiu simples e gradualmente o caminho que lhe fora indicado para progredir e, nunca tendo falido, se conservou sempre puro e chegou à perfeição sideral, tornando-se puro Espírito, de pureza perfeita e imaculada;

que Jesus, sendo a maior essência espiritual depois de Deus, em relação ao nosso mundo, *não é, entretanto, a única*, porque há outras essências espirituais, iguais a Jesus, outros Cristos de Deus que, não tendo falido e sendo infalíveis, presidem a outros mundos, como seus protetores e governadores, encarregados do seu desenvolvimento e progresso e do desenvolvimento e progresso de todos os Espíritos que os habitam, para conduzi-los à perfeição;

que Jesus, sendo a maior essência espiritual depois de Deus, posto que não seja a única, a sua ciência é tal, que as nossas inteligências não podem compreender; que mesmo os Espíritos superiores dela não fazem ideia exata; que uma inumerável multidão de puros Espíritos admiram e trabalham por adquiri-la, através das eternidades, donde se deduz a existência de hierarquia mesmo entre os puros Espíritos, com relação à ciência universal, porquanto só Deus tem a perfeição absoluta, só d’Ele se podendo dizer que não irá mais adiante, nem mais longe,

porque só Ele de toda eternidade atingiu o superior limite, como criador incriado que é de todos e de tudo!

Finalmente, aquela Revelação diz haver Jesus proclamado solenemente que seu Pai era maior do que Ele e era o único Deus verdadeiro.

Mas, a mesma Revelação ensina que foi relativamente à Terra e aos seus habitantes que Jesus declarou ser o único doutor, único mestre, o *filho unigênito*, colocado acima de todos por sua pureza e seu poder.

Assim, expostos os termos da controvérsia, manifestada a dificuldade em sua transcendência, tomou-nos o receio de prosseguir e pensamos desistir desse estudo, por nos parecer superior à nossa compreensão e, pois, inoportuno. Fomos, porém, incitados a continuar, pelas comunicações dos nossos bons Guias e Protetores, as quais passamos a transcrever para conhecimento complementar e apreciação da autenticidade do nosso trabalho.

Ei-las:

Debaixo do pátio estão todos os que estudam as sagradas letras. Ler, estudar, compreender e praticar: eis o grande problema. Continuaremos a ouvir-vos e, mais tarde, teremos o prazer de ver a luz brilhar nos vossos Espíritos.

Paz. — Bittencourt.

*

Paz, amor e caridade. Deus vos abençoe e ilumine, a fim de perderdes entender, compreender e praticar os santos Evangelhos de N. S. Jesus Cristo. Paz. — Filipe Nery.

*

Ainda uma vez eu vos digo: preside aos trabalhos o Bom Guia Ismael. Acham-se presentes os nossos guias, amigos e protetores. Estudai em paz e com humildade. — Bittencourt.

*

Meus filhos, Paz e amor.

Alentai-vos na fé, preparai as vossas almas, por uma concentração de eflúvios amorosos dirigidos a Deus e aos vossos irmãos, para receberdes o que por misericórdia de Jesus se vos prepara, como mais uma das muitas provas do seu amor aos pequeninos obreiros, que para Ele elevam confiantes as suas vistas. Estudemos. Deus seja convosco. — Mateus.

Amados filhinhos. Bendito o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

Ouvi as questões que vos interessaram no estudo que fizestes e delas ressalta a necessidade de preparardes os vossos Espíritos para o recebimento da verdade que a respeito o Divino Mestre vos dispensará.

O esforço, o mérito que dele derive devem pertencer-vos. Assim, aproveitai as preliminares sobre que atentastes e, na próxima ocasião,

isto é, quando for da vontade do Senhor, o salário vos será dado, pois, como sabeis, meus filhinhos, de antemão Jesus o possui para vô-lo dar.

Recebei a benção da Virgem Mãe, que em nome do seu bem amado Filho me fez seu enviado. Paz e bênçãos. — Ismael.

*

Em subsequente sessão obtivemos o seguinte:

A paz seja com todos aqueles que se fazem discípulos do Cordeiro Imaculado.

Muito temos que estudar e muito temos ainda que adaptar os nossos sentimentos às verdades que estudamos, obrigando os nossos Espíritos à evidencia dos fatos que nos apresentam os Santos Apóstolos.

Meus amigos, a lição de hoje, bem compreendida, é uma das mais importantes para o Espírito que com sinceridade busca a luz da verdade.

Para isso, mister se faz que nos preparemos todos, de modo que os enviados do Senhor encontrem nos vossos corações a paz, o amor e a sede de saber, a fim de vos darem *aquilo somente* que possam comportar os vossos Espíritos: ainda presos ao poste da carne. Preparemo-nos e peçamos a Jesus a esmola; mas, saibamos pedir-lha. As ponderações feitas na sessão passada, podeis completá-las hoje e submete-las ao Bom Guia Ismael, a fim de serdes orientados. Muita concentração e que a vossa análise seja, como até agora, feita com humildade e muito amor. Prendei-vos à lição, deixando outros fatos para serem analisados a seu tempo. Paz, amor e humildade. — Allan Kardec.

*

Meus filhos, a luz não é negada àqueles que de boa e firme vontade a querem receber em seu seio. Jesus vê e conhece as vossas almas, os vossos sentimentos e os vossos desejos.

Confiai n'Ele e, humildes, esforçai-vos, porque ao esforço tereis, por sua misericórdia, a recompensa, como salário de seu amor em luz para bem compreenderdes os seus divinos ensinamentos. Deus vos abençoe. — Vicente de Paulo.

*

Meus filhos, paz e amor.

Com a alma aberta ao amor de Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos, estudai os divinos ensinamentos, que abrem ao Espírito a verdadeira senda da salvação.

Sede humildes e confiai na misericórdia de Jesus, que não se fará esperar, a fim de que possais compreender, *tanto quanto o puderdes suportar*, a essência da lição que ides estudar. Deus seja convosco. — Marcos.

*

Sim, meus filhos, a luz vós a tendes na inspiração que vos dou constantemente e, sobre isso, ela não vos é negada. Ouvi a vossa consciência e prossegui. Deus vos abençoe e Jesus vos ilumine. — Frei José dos Mártires.

*

Acham-se presentes os nossos Guias e preside ao nosso trabalho o Bom Anjo Ismael, tendo de um lado o Apóstolo Paulo e do outro Mateus, o Evangelista. Estudai e meditai com o máximo cuidado. — Bittencourt.

*

Assim confortados e animados, prosseguimos no estudo, apresentando cada um suas dúvidas acerca do ponto em apreço. Em seguida, concentramo-nos, implorando luz a N. S. Jesus Cristo.

Feito isso, o nosso irmão Mattos Cid, médium, recebeu a comunicação que se segue:

Paz. — Bendito seja o Nosso Divino Mestre por todos os séculos dos séculos.

A misericórdia de Deus se manifesta com a sua indefectível justiça. *ela não diferencia, nem faz exclusão de qualquer das suas criaturas.*

Compreender em espírito e verdade a vossa lição transcendente consiste em saber guiar-vos por esse estalão de amor, pela razão, para das palavras de Jesus chegardes à verdade relativa que podeis suportar, obterdes a luz que os vossos Espíritos já são capazes de receber, sem pretenderdes mais do que vos pode ser dado com justiça.

Se assim não fora, todos seriam esclarecidos sem o esforço que dá o mérito, fato que implicaria, como de pronto reconhecereis, um favor especial, o que não podemos, nem devemos admitir.

“Eu sou o Filho. Meu Pai é maior do que Eu. Admirais-vos das obras que faço? Pois, maiores fareis um dia.”

Meus filhos, compreendi, em espírito e verdade, o alcance e a substância do pensamento do Divino Mestre.

Desde que Deus não tem privilegiados, nem faz favores, como se diz na vossa linguagem, não sendo Jesus o único criado no tempo, na eternidade, parece claro que outros puros Espíritos devem existir na imensidade, sem que esta verdade diminua aos vossos olhos a grandeza do vosso maior Amigo, Senhor e Governador do vosso Planeta.

Este ensino, meus filhos, conformando-se com a justiça e os demais atributos de Deus, nos faz ver quanto é grande, de uma grandeza que não podemos ainda compreender, a Majestade do nosso Pai, o Pai de todos, o Senhor do Universo, o Deus infinito, o Deus de amor e de justiça, que dá, no tempo e no espaço, a cada um de seus filhos os meios de o compreenderem qual Ele é.

Que a Paz do Senhor fique convosco.

Recebei as bênçãos do Bom Guia Ismael.

Louvai a Jesus, que pouco a pouco vos vai concedendo mais luz, como poderoso incentivo para cumprirdes os seus sublimes ensinamentos, elevando-vos para o Pai.

Mateus

Liberdade concedida ao príncipe deste mundo

(João XII, v. 31)

Louvado seja o Senhor, que nos concede a suprema graça de estudarmos, na paz de seu bendito Filho, a sã doutrina, que Ele trouxe ao mundo, atravessando um evo de dores.

Como bem dissestes, a deficiência da linguagem humana, principalmente na sua infância, as traduções de língua a língua e as interpretações dadas aos textos, de acordo com o cabedal de conhecimentos de cada um, fazem que se torne difícil a compreensão de certas passagens do Evangelho, não se podendo de um só golpe de vista apanhar toda a grandeza dos ensinamentos de Jesus. Só mesmo com inteira paz, para receber as benéficas influências externas, e, ao mesmo tempo, com o espírito despreocupado de todo e qualquer preconceito quanto à sabedoria divina, é que podeis perceber claramente estes ensinamentos, para, como é do vosso dever, pô-los em prática, propagando-os pelo exemplo.

Não cogiteis dos males que possam sobrevir à vossa presente existência, pelo uso que fizerdes do Evangelho; não cogiteis das derrotas que possais sofrer na luta franca do bem contra o mal, porque 12 são as horas do dia e aquele que caminha com o dia tem luz bastante para perceber a profundidade do abismo com que defronte e evitá-lo, dando uma norma segura aos seus atos, às suas ações, aos seus pensamentos, às suas palavras.

Se, com a claridade do dia, caminhais desassombradamente, orientando os vossos passos, porque vacilações? Porque dúvidas, porque incertezas, quando tendes o amor de Jesus, que é o dia claro da vossa salvação, a orientar as almas? Porque não haveis de caminhar firmemente, sem esse apego à vida, que perdereis, se a quiserdes salvar, e que salvareis, se a perderdes por amor de Jesus?

Meus filhos, é certo que o vosso mundo, por sua condição, de planeta de expiação e reparação, vos sobrecarrega os Espíritos de sofrimentos extraordinários e cobre de pesadas nuvens de tristeza o claro horizonte das vossas esperanças; mas, o Espírito do crente na justiça de seu Deus e no amor do seu desvelado Mestre se sobrepõe a todas as sombras do mundo e, através do límpido horizonte da felicidade, que ainda não é deste orbe, fita o grandioso e sonhado termo da jornada, onde não medra a flor dos vícios, onde só repontam os lírios da virtude,

embalsamando as almas de suavíssimos aromas.

Se o *príncipe do mundo*, pelo Senhor julgado, ainda pode ter acesso aos vossos corações de pecadores, procurai também dar acesso neles aos Espíritos do bem, que vos procuram, a fim de que em vós se contraponha ao mal, que vos assalta, o bem que se vos oferece em nome do Crucificado.

Quando, pressentindo aproximar-se a sua hora extrema, neste mundo, disse a seus discípulos ser chegado o momento do *juízo do mundo* e de ser *lançado fora o príncipe deste mundo* — Jesus, que mostrava de todos os modos ter a providência de sua morte, aludiu, para esse efeito, à injustiça que contra Ele ia o mundo praticar e à *liberdade* — notai bem — *que ia ser dada, ao príncipe do mundo*, para integral cumprimento de todos os desígnios com que Ele ao mundo viera.

Se, por pobre, como bem dissestes, a linguagem humana careceu de termos precisos, para com fidelidade projetar o pensamento de Jesus na história, dando lugar a que aí se leia “será lançado fora o príncipe do mundo” — sem que se perceba que o momento em que tal ocorreria era o da sua paixão e morte — eu vos afirmo que isso é o que estava no pensamento do Amado Mestre, ao dirigir a seus discípulos aquelas palavras. E tanto mais facilmente podeis compreender que essa é a verdade, quando, percorrendo as páginas da história evangélica, verificais que muitas vezes Jesus se ocultava às vistas dos que o cercavam e procurava outros lugares para sua peregrinação, ao passo que, desde aquele momento, se entrega, como manso Cordeiro que era, cheio de humildade e amor, à ação do reino das trevas. Era preciso fosse assim: o grão de trigo posto na terra precisava morrer, não a morte dos homens, mas a morte de um Deus; precisava florescer no cume do Gólgota, para espalhar seus frutos pela humanidade.

Muitas vezes dizeis que não foi a morte de Jesus que remiu os homens, mas a sua vida, toda santificada pela exemplificação das maiores virtudes e pelo derramamento de sua grandiosa Doutrina para regeneração dos homens. Porém, o que é certo é que Ele precisava subir ao cimo do Calvário, a fim de dar, com a sua morte, uma fonte de vida para a humanidade.

Foi depois desse sacrificio extraordinário, dessa tragédia de sangue e de martírios, que os apóstolos, os discípulos, o povo, enfim, principiaram a ser atraídos para o supedâneo da cruz, a fim de se tornarem também verdadeiros mártires, depois de ali haurirem a coragem e o desassombro de que necessitavam para transmitir aos povos, como verdades inconcussas, os ensinamentos do divino Mestre.

Disse Ele: “Todos atrairei a mim.” Foi como se dissesse: “A humanidade que habita este planeta, compreendendo que a sua natureza é feita de sofrimentos, para a reparação de suas faltas, e seguindo-me o exemplo, não procurará evitar o seu Calvário e alegremente tomará

aos ombros a cruz de seus pecados, para subi-lo até ao cume, banhada pela luz da minha Doutrina, alentada pela esperança, que lhe deixo, de ressurgir para a vida.”

Entretanto, apesar de todos os chamados milagres, que Ele operou no seio daquele povo cheio de prejuízos; apesar da autoridade moral que tinha sobre todos os homens que dele se aproximavam, chegada a sua hora extrema, muitos ainda não lhe davam crédito e, tomando-o por impostor e aventureiro, cogitavam dos meios de que lançariam mão para o levarem à crucificação.

Diz esta passagem do Evangelho, reportando-se a Isaías, que assim acontecia, porque o Senhor a muitos cegara e endurecera os corações, para que não entendessem, não viessem a converter-se e a ser por Ele curados (v. 40).

Não é tão somente pelas provações necessárias ao Espírito, que esse fenômeno ainda hoje ocorre no seio da humanidade. O Espírito, seja qual for a sua condição moral, está sempre apto a ser convertido, a ser curado por Jesus. Pelo simples fato de precisar reparar culpas e faltas do passado, não lhe são negadas as graças, não se lhe intercepta a luz, não se lhe amordaçam os sentidos. Jesus, porém, que lia em todas aquelas almas, como num livro aberto, via de que natureza eram os sentimentos da maioria dos que o cercavam. Medindo-lhes a força moral, bem percebia o de que seriam eles capazes, em face da sua doutrina e da sua crucificação. De grande misericórdia, pois, usava para com eles, uma infinita graça lhes concedia, com o não se fazer compreendido pelos ingratos. Poupava-os assim a um enorme acréscimo de responsabilidades, qual o que lhes adviria de praticarem, depois de terem compreendido as suas lições, o ato que estavam dispostos a consumir e consumaram no monte das Oliveiras e no alto do Gólgota.

Meus filhos, permita Deus, sempre misericordioso, que possamos ter luz para os olhos do nosso espírito e corações capazes de ama-lo e à humanidade, tendo os ouvidos abertos para a percepção da palavra de salvação. Se, por essas graças, nos vierem as dores assaltar as almas, volvamos o olhar para o Gólgota, cedamos à atração daquele amor sem limites e participaremos, necessariamente, da glória do Justo.

Os pontos em que deixei de tocar foram satisfatoriamente explanados pelo vosso irmão. Não deixeis, entretanto, por isso, de dirigir-me qualquer pergunta nas sessões seguintes, quando entenderdes que um ponto estudado pelo vosso irmão ou por mim não vos ficou perfeitamente claro.

Ismael

Médium: Frederico.

Estudo e comunicação sobre o texto evangélico “Eu via Satanás cair do céu”

Lucas, cap. X, v. 17-20. — v. 17: Voltaram os setenta e dois muito alegres, dizendo: Senhor até mesmo os demônios se nos submetem em virtude do teu nome. — 18. E o Senhor lhes disse: Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago. — 19. Vedes que vos dei o poder de esmagar as serpentes, os escorpiões e toda a força do inimigo; nada vos causará dano. — 20. Contudo, por vos estarem submetidos os Espíritos não é que vos deveis alegrar; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos nos Céus.

O irmão Sayão, incumbido de fazer o estudo, disserta sobre esses versículos, como se segue, em resumo:

v. 18 — E o Senhor lhes respondeu: — *Eu via Satanás cair do Céu como um relâmpago*. Como já sabemos, Satanás, o Diabo, a serpente são uma figura; simbolizam o mal, o adversário da humanidade, denominado no Evangelho, de João (XII, 31) por “príncipe deste mundo”; por Paulo (II Cor, IV, 4) o “deus deste século”, tomada a palavra século como sinônimo de *mundo*. Na *Epistola aos Efésios (II, 2)* é “o príncipe das potestades deste ar”. É o que tentou Ananias (*Atos, V, 3*); o que entrou no espírito de Giezi, criado de Eliseu, o qual recebeu ouro e ficou leproso (*II Reis, V, 20-27*). É o que entrou no coração de Judas (João, XIII, 2), etc. Finalmente, é o que inspira toda maldade.

Ora, admitido, figuradamente, Satanás como sendo o mal; como sendo a *inimizade* que é o seu nome, do mesmo modo que o nome de Deus é *amor*, a queda de Satanás confirma a sua presença no mundo, conforme se vê do Ev. de João, XII, 31: *Agora é o Juízo do mundo; agora será lançado fora o príncipe deste mundo*. Logo, ele estava no mundo. No *Apocalipse (XII, 7-10)*, se lê:

“E então houve no Céu uma grande batalha. Miguel e seus anjos pelejavam, contra o dragão e o dragão com os seus anjos pelejavam contra ele; porém, estes não prevaleceram, nem o seu lugar se achou mais no céu. E foi precipitado aquele grande dragão, aquela antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que seduz a todo o mundo; sim, foi precipitado na Terra e precipitados com ele os seus anjos, etc.”

Tudo isto confirma a queda de Satanás, a sua permanência na Terra e a sua guerra contra os que guardam os mandamentos de Deus e dão

testemunho de N. S. Jesus Cristo. *Mas, o mundo vai ser julgado. Agora é o juízo do mundo e será lançado fora o príncipe deste mundo.* (Ev. de João, XII, v. 31).

Como devemos entender este trecho? Isso se daria com a vinda do Messias, o Redentor anunciado pelos profetas, e, depois, com a vinda do Espírito da Verdade, que é sempre o nosso Amado Jesus, cuja missão está toda na lei do amor, pela qual tem o mundo que ser julgado. Quer dizer: tudo o que é mal, tudo o que é contrário a essa lei tem que ser banido do mundo, do planeta terreno, o que se dará nos tempos da sua transformação, pela purificação da humanidade, pela ausência completa, no seio desta, de Espíritos rebeldes, endurecidos, os quais serão lançados em mundos inferiores. Esse julgamento, bem o sabemos, será a retribuição, o fruto da árvore que houvermos plantado. Proferi-lo-á a consciência, de acordo com as obras de cada um. Não será, não, como erradamente o ensina a Igreja romana, *a punição dos filhos pelas culpas dos pais*. Isto seria uma iniquidade, contrária ao que ensinam a lei e os Profetas, como se pode ver em:

Deuteronomio, XXIV, 16: “Não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; mas, cada um morrerá pelo seu pecado.”

IV Reis, XIV, 6: “... Não morrerão os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; mas, cada um morrerá pelo seu pecado.

II Paralipômenos, XXV, 4⁷: “Não serão mortos os pais pelos filhos, nem os filhos por seus pais; mas, cada qual pelo seu delito.”

Jeremias, XXXI, 30: “Mas, cada um morrerá na sua iniquidade”.

Ezequiel, XVIII, 20: “A alma que pecar essa morrerá. O filho não carregará com a iniquidade do pai, etc.”

O julgamento de que se trata é o a que desde o começo da sua existência o homem se sujeita a si mesmo, perante o tribunal da consciência, que o julga segundo as leis absolutas e imutáveis de Deus, leis cujas sanções, sábias ele experimenta nos efeitos do seu proceder, isto é, no sofrimento, ou na paz, na tranquilidade, no bem estar do seu Espírito. Quando acarreta o sofrimento, como castigo, o impenitente, pelo arrependimento e pelo que se lhe segue, o transforma em graça, que, ele solicita como o enfermo, que sente a necessidade da cura, solicita o remédio. Assim, bem se compreende que o que aí há é uma expansão do amor de Deus para com os seus filhinhos.

E o príncipe deste mundo está julgado. Com efeito, se, figuradamente, o príncipe deste mundo é o mal, são os sentimentos e as obras más, e, se é certo que o Espírito veio encarcerar-se neste Planeta, exílio destinado aos criminosos, aos pecadores, para a sua depuração, para seu saneamento moral, como condição do seu progresso e da perfei-

⁷ No original está II Paralipômenos, XXV, 4. Conservamos a indicação original e assinalamos que *Paralipômenos* é atualmente mais conhecido como *Crônicas*. Após havermos consultado, confirmamos: II Crônicas, XXV, v. 4.

ção que lhe destinou o seu Criador, segue-se que as suas inclinações viciosas, contrárias à lei, seus pensamentos e atos criminosos, desde o passado foram julgados. Vemos assim que a aparição do homem no Planeta terreno nada mais foi do que uma retribuição que era devida ao seu Espírito, uma consequência do julgamento que se fez e continuará a fazer-se, enquanto nele existir a menor parcela do vírus *mortal* do pecado. O Evangelho de João (cap. III, v. 18-20) confirma o nosso acerto, quando diz que aquele que aborrece a luz faz a sua escolha, é julgado por si mesmo, condena-se a si próprio, escolheu a sua pena e a sofrerá. Portanto, enuncia-se uma verdade, quando se diz que o príncipe das trevas, ou o mal, está julgado, podendo-se acrescentar: e *condenado*, em face do que consta das lições dos profetas.

Assim, Ezequiel (cap. XVIII, 20) diz: “A alma que pecar, essa morrerá, isto é, encarnará. Paulo, na *Epístola aos Romanos* (VI, 23): “Porque o estipêndio do pecado é a morte” (a encarnação) Tiago (I, 15): “O pecado, quando tiver sido consumado, gera a morte” (isto é, a queda neste mundo).

O trecho evangélico que estamos, estudando, as alusões que à queda de Satanás e de seus anjos faz o *Apocalipse* (XII, v. 7); as locuções “anjos decaídos”, “anjos das trevas” e “anjo mau” embaraçam a compreensão da verdade, pelo se não conciliarem com a ideia que geralmente se faz de um *anjo*, como sendo um Espírito puro, que vive na bem-aventurança. Entretanto, parecemos que todas as dúvidas se dissipam, desde que consideremos o termo “anjos” como equivalente a Espíritos. Estes, criados perfectíveis, se viram na contingência de sair do céu, isto é, do espaço, para encarnar neste planeta atrasado. Podem, pois, considerar-se decaídos do *paraíso da inocência*, quais filhos pródigos, que deixaram a casa paterna. Assim sendo, todos nós somos anjos decaídos, que morremos em Adão e esperamos ressuscitar em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quanto à luta entre os filhos da luz e o príncipe das trevas e os seus anjos, existiu, existe e continuará a existir na Terra, como presenciamos, e no espaço, como nos dizem os nossos protetores.

Com efeito, Satanás lutou, tendo por instrumento Herodes, mas não pôde impedir o aparecimento do Cordeiro Imaculado entre os homens!

Lutou, excitando os infelizes a levarem o Manso Cordeiro de Deus ao sacrifício do Calvário, mostrando-se, desse modo, aparentemente forte e vitorioso. Porém, de fato foi vencido pela *ressurreição* do Justo. (Veja-se: *Daniel*, VII, v. 21 e 22; *Apocalipse*, XIII, 7) A luta, no entanto, continuou e, ainda hoje, o poder se manifesta do príncipe deste mundo. E temos notícia de que também no espaço há luta! Mas, tudo tem uma razão de ser. Por que essa luta? Para que se trava? Quando terá termo? Quem sairá vencedor? A todas estas interrogações responde cabalmen-

te a Santa Doutrina de N. S. Jesus Cristo.

A luta existiu e ainda existe, porque a humanidade foi e ainda é enferma. Existiu e existe como remédio para curar a humanidade. Há de ter fim, quando no nosso Planeta não houver mais enfermos. Dela sairá vencedor sempre o Bem. À medida que o homem se for purificando, irá vencendo o seu inimigo, isto é, ir-se-á libertando dos seus vícios, das suas paixões e desaparecerão as incertezas, as vacilações e as angústias que caracterizam a ação do príncipe deste mundo. Jesus disse: *Eu via Satanás cair do Céu*. Mas, logo em seguida, disse: — *Vedes que vos dei o poder de esmagar as serpentes e escorpiões e toda a força do inimigo, e nada vos causará dano*.

Com efeito, a história santa nos mostra a extensa luta em que se empenha quem quer seguir a doutrina de Deus; mas, sabemos, porque o temos visto, que o mal é sempre vencido pelo bem.

Sim, bem sabemos que o mal será vencido, sempre e sempre, por aqueles que vestirem a couraça da fé e da caridade, tendo por elmo a esperança da salvação, como diz o grande Paulo:

“Será vencido por aqueles que, ante as seduções, olharem para a Cruz; por aqueles que, aturdidos pelos seus rugidos, lhe mostrarem as chagas do Cordeiro; por aqueles que se lavarem no sangue de Jesus; por aqueles, finalmente, que entoarem o cântico de Moisés: “A minha fortaleza e o meu louvor são o Senhor e Ele se fez o meu Salvador. Este é o meu Deus, e a esse eu glorificarei. Ele é o Deus de Meu Pai, e eu o exaltarei!” (*Êxodo*, XV, 2).

Feliz do homem que pode exclamar. “Eu me volto para ti, oh! Jesus; doravante, serás a estrela da minha justiça”; e entoar o cântico de Isaías (LXI, 10) :

“Eu me regozijarei sobremaneira no Senhor e a minha alma exultará no meu Deus, porque Ele me cobriu com as vestiduras da salvação, me envolveu num manto de justiça, como o esposo aformoseado com a sua coroa e como a esposa ornada de seus colares.”

Feliz desse! Será vencedor e poderá dizer com o discípulo amado:

“E eu, João, vi a Cidade Santa, a Jerusalém nova, que da parte de Deus descia do Céu, adornada como uma Esposa ataviada para o seu Esposo.” (*Apocalipse*, XXI, 2).

Disse mais o Divino Mestre: “Contudo, por vos estarem submetidos os Espíritos, não é que vos deveis alegrar; alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no Céu.”

Esse conselho achamo-lo plenamente confirmado na Lei e nos Profetas:

Êxodo, XXXII, 33: “Eu riscarei do meu livro aquele que pecar contra mim”. *Salmo* LXIX, 28⁸ : “Sejam os maus riscados do livro dos viven-

⁸ No original está: Salmo LXVIII, 29, onde se lê: *oriunda do seu templo em Jerusalém*. Corrigimos para Salmo LXIX, 28: *Sejam riscados do livro dos viventes*.

tes, etc.”

Isaías, IV, 3: “ ... santo será chamado todo o que está escrito na vida em Jerusalém.”

Daniel, XII, 1: “E salvar-se-á todo aquele que for achado escrito no livro”.

Paulo, aos Filipenses, IV, 3: “ ... com outros cujos nomes estão no livro da vida”.

Paulo, aos Hebreus, XII, v. 23: “E à Igreja dos primogênitos, que estão escritos nos Céus.”

Apocalipse, XX, 12: “... e foram abertos os livros, e foram julgados os mortos pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras”.

A inscrição no livro é para o salário; é também uma linguagem figurada. Significa a graça de Deus; é a vida perdurável em N. S. Jesus Cristo. (*Paulo aos Romanos*, VI, 23.)

Concluído o estudo, o médium, em estado sonambúlico, levantou-se e disse:

Paz seja convosco. Meus filhos, o critério com que acabastes de estudar mais uma das passagens do Evangelho de N. S. Jesus Cristo bem demonstra o interesse que vos vai na alma, por encontrar, fora do véu da letra, a verdade dos sublimes ensinamentos do Senhor, que vos devem levar um dia à salvação, ao vosso paraíso perdido.

Tão corretamente foi feito o estudo, que bem pouco sobre ele vos posso dizer, que adiante ao que está na consciência de todos. Jesus via Satanás cair do Céu. Jesus, bem o compreendeis, viu o Espírito, do seu estado de inocência, deixar-se arrebatar pelas tremendas paixões do orgulho e da vaidade e, por isso, tornar-se necessitado de baixar ao mundo da expiação, para, nesse abençoado crisol da dor, depurar-se das satânicas paixões que lhe invadiram a alma e voltar à felicidade, que por seu livre arbítrio perdera um dia. Ficou claro isso no vosso estudo e o nosso amigo, o nosso companheiro foi feliz quando vos disse claramente que todos sois anjos decaídos.

Anjo não é absolutamente o que em geral o homem julga, isto é, o Espírito na integridade da máxima pureza, não. Anjo é o Espírito inocente, é o Espírito que tem o céu na sua consciência, porque nem a mais leve sombra de culpa lhe empana o brilho dos sentimentos.

Anjo é a inocência, criada por Deus para desenvolver em si todas as faculdades nela depositadas, a fim de ascender aos maiores cumes da sabedoria, como aos maiores cumes da verdade. Anjos são os homens, anjos são os habitantes deste inferno; anjos são os transformados em Satanás pelas suas culpas, pelos seus erros de muitas existências.

Meus filhos, Jesus, depois de afirmar que vira Satanás cair do Céu na Terra, depois de dizer isso aos seus discípulos maravilhados, por verem que os demônios fugiam espavoridos só com o lhe pronun-

ciarem o nome, aproveita a ocasião para lhes dar uma lição sublime: — “Não vos maravilheis pelo fato de ver corridos os demônios só pelo poder do meu nome antes, alegrai-vos de terdes os vossos nomes escritos no Céu.”

Hoje, que a revelação vos permite conhecer melhor as coisas santas; hoje, que sabeis que, um dia, talvez não distante, falsos cristos e falsos profetas se levantarão por toda a superfície da Terra, fazendo tais maravilhas que, se fosse possível, aos próprios escolhidos enganariam; hoje, aceitando esses ensinamentos do Amado Mestre, deveis procurar fazer, não prodígios, maravilhas de profetas, mas, antes, por um esforço continuado, a inscrição dos vossos nomes também no livro do céu, como discípulos de N. S. Jesus Cristo. O livro é o próprio coração de Jesus; a pena, vós a tendes, precisais apenas apará-la: tendes a pena do amor, a pena da caridade, molhai-a no sangue de Jesus e no seu coração escrevei o vosso nome. Esse o vosso dever. Esforçai-vos por cumpri-lo.

Felizes daqueles que têm ouvidos de ouvir; felizes daqueles que têm coração para sentir. Amai-vos uns aos outros.

Pedro

Médium: Frederico.

Sessão comemorativa do nascimento de Nossa Mãe Santíssima, a 8 de Setembro de 1898

“O Misericordioso Deus, baixando os olhos sobre a mísera humanidade, viu que grandes eram suas dores; que, para o concerto de gemidos que se elevava do mundo, necessidade de consolação havia. Deus viu isso e, apiedando-se — *nasceu Maria*”.

*

Viu o Senhor que as plantas todas que nasciam na mísera Terra vinham de espinhos eriçadas, quase privadas de perfumes, como de esperanças os corações dos homens. Deus se apiedou da falta de flores nelas e, pensando na rosa imarcescível da pureza — *nasceu Maria*.

*

Negra noite tombara sobre a existência do homem; seu caminhar era incerto, de abrolhos estavam seus caminhos juncados. Deus então pensou na luz do Amor e — *Maria nasceu!*

*

Quando, nos campos da Terra, os pastores cantavam, dos balidos das ovelhinhas acompanhados, as vozes de seus cantos eram confusas e tão sem harmonia, que o Supremo Senhor, deles apiedando-se, foi buscar as melodias do Céu e, lançando-as ao mundo — *nasceu Maria!*

*

O pesado batel da existência vagava em tormentoso mar de dores; ermos os mares e o Céu escuro. Apiedou-se Deus dos míseros navegantes e — *nasceu Maria!*

*

Felizes dos que, avaros, sabem guardar da misericórdia o grão tesouro: a fé, a consolação, a esperança; todas são virtudes de Maria!

Feliz do que ainda à carne preso, de seus erros sofrendo as consequências, pode o perfume aspirar da rosa da pureza, pode ouvir as célicas harmonias, pode fitar a estrela da manhã e, da eternidade o porto santo demandando, vai encontrar Jesus!

Meus filhinhos, recebi da Virgem puríssima todas as bênçãos.

Nas vossas fronteiras recebi de Celina um ósculo, como de seus afeitos prova, e das esperanças que nos novos discípulos de Jesus deposita.

Não tarda a hora da colheita, sentimo-lo. Os nossos braços preparemos para os frutos atingirem e, colhendo-os, entregá-los a Jesus.

Neste momento, a Ele rogo, como das suas servas a mais humilde, que sobre vós descer faça suas bênçãos; que imprima em vossos Espíritos a coragem dos levitas do passado, que, afrontando todos os tormentos, todas as dores, iam a toda parte levar a Boa Nova.

Celina

Médium: Frederico.

Anunciação

(Lucas I, v. 28 e seguintes)

Salve, Maria, cheia de graça. Eis que conceberás em teu ventre um menino, que será chamado JESUS; por isso que não conheces varão, Ele será chamado Filho do Eterno.

Maria, sem cogitar das consequências desse fato, que iria dar passo à maledicência pública, às suspeitas do escolhido do seu coração, responde que se faça na escrava a vontade do seu Senhor. Esse ato de submissão e humildade é a prova mais eloquente, meus filhos, da eleição de Maria, para a alta missão de Mãe do nosso Redentor. Por aquelas simples palavras, sua alma se revela em toda a pureza.

Fazia-se a aliança da Terra com Céu; surgiam os primeiros albores, dessa aurora da vida, que espanca as sombras da morte. Maria, toda devotada ao culto do seu Criador, recebendo, no maior despreendimento de sua alma, a revelação completa do seu futuro, não estremece, antevendo o quadro de suas angústias; antes, forte e sobranceira, por amor dos homens, espera o momento das suas provas. A mais amante das mães, o coração de mulher mais bem formado que já houve na Terra, não articula uma palavra de queixume, de recriminação contra os algozes de seu filho!

Procurai em toda a história sacra e não encontrareis um desmentido a estas minhas palavras. Maria, portanto, meus filhos, se apresenta aos nossos olhos humilde e boa, protetora e santa.

As festas que se lhe celebram na Terra, a comemoração com que a humanidade relembra a sua *Concepção* não exprimem mais do que o cumprimento de um dever da alma cristã; dever de gratidão, por haver ela sabido receber no seu coração de Virgem puríssima todas as ingratidões dos homens, todas as injúrias por eles atiradas à face do seu Menino Jesus, sem que uma palavra lhe escapasse, ou um sentimento lhe penetrasse o íntimo contra os ingratos, que se fizeram os algozes de seu filho!

Salve, Maria, cheia de graça! Bendita, és entre os Anjos! Senhora Nossa, pausa, pausa sobre nós os teus misericordiosos olhos. Infiltra em nossas almas as doçuras de teu amor. Consola ainda hoje os aflitos. Levanta, ainda hoje, os oprimidos. Inunda todas as almas com o rocio da tua compaixão. Faze de cada coração um tabernáculo de fé e de amor em honra do teu Filho. Sim, Senhora Nossa! Em honra do Manso Cordeiro a quem devemos a seara da abundância! Salve, Maria, Mãe

de misericórdia, *estrela de Israel!* Farol dos justos, abençoa a todos os teus filhinhos, no dia de hoje, que te é consagrado. E que a tua bênção santíssima seja um conforto para as suas mágoas; um incentivo para as suas crenças, a fim de que jamais deixem o santo carreiro, que trilham, buscando o teu amado Filho.

Salve, Maria! Bendita és entre os Anjos. Glória a Deus nas alturas!
Gabriel

*

Continua o médium: Abre-se de meio a meio a estrela que eu há pouco via e a formosa Celina desce, festejada pelas Virgens. Traz na sua mãozinha um objeto, que não posso ver o que é. Dirige-se a Gabriel e chega ao seio o objeto. Quanta alegria vai pelo espaço!

Depois de breve pausa, diz:

Folgam os anjos, enquanto a humanidade chora. Chora, porque vive com os olhos voltados para as coisas da matéria. Folgam os anjos e a humanidade chora, porque mais lhe agradam as coisas deste mundo, do que as coisas de Deus. Se, voltando o olhar para o passado, rememorando a história do mais nefando dos crimes, contemplando a figura de Jesus, a vítima inocente, procurasse ela aprender em seus atos a, resignação no sofrimento pelo amor de Deus e por amor dos homens; se, menos ingratos, procurassem estes aproveitar as sublimes lições, que se irradiam das páginas dos Evangelhos, para fazê-los felizes, certamente folgariam os anjos e folgariam também as criaturas terrenas.

Oh! Vós, que fostes chamados à ultima hora para as bodas do filho do rei; oh! Vós, que fostes escolhidos para a difusão da verdade do Cristianismo no seio da humanidade; oh! Vós, espíritas, em cujas crenças repousam todas as esperanças dos Espíritos eleitos, não troqueis os vossos andrajos, os vossos farrapos de servos humildes, pelas pomposas vestes dos grandes da Terra. Não prefirais os esquisitos manjares da mesa farta dos ricos, ao pão endurecido dos desgraçados. Não abandoneis as vossas sandálias de peregrinos, invejando os que, bem calçados, livram dos espinhos os pés. Em nome da Virgem, cuja Conceição comemoramos hoje, eu vos suplico que permaneçais nos vossos postos de crentes, trabalhando alegremente, através de todos os sacrifícios, pela Doutrina de Jesus.

Fostes chamados. Pois bem, fazei com que possais ser escolhidos. A vossa escolha depende do fruto do vosso trabalho, da abnegação dos vossos Espíritos. Conservai-vos no vosso lugar, a fim de que não o tomem os coxos e estropiados.

Assim procedendo, tereis atestado a vossa gratidão à Virgem; assim procedendo, tereis resgatado os vossos erros, as vossas faltas e mitigado, quem sabe, muitas amarguras.

Meus filhos, o último dos vossos Protetores suplica também a Deus, em nome da Virgem Maria, Mãe e Senhora nossa, luz, benção e misericórdia para todos vós.

Romualdo

Médium: Frederico.

Comemoração da anunciação da Santíssima Virgem, em sessão de 25 de Março de 1898

Leram-se, do cap. I do Evangelho de Lucas, os v. 26 a 55 e a Comunicação do Anjo Gabriel.

Todos, em humilde concentração, derramando lágrimas, esperavam.

O médium Frederico, instrumento do Bom Guia, em estado de sonambulismo, com os olhos fechados, mas em atitude de quem via no espaço, descreveu o seguinte:

Tem a grandeza de um templo aberto este pequeno recinto! Luz a jorros! A presença de Espíritos da maior elevação aformoseia o sublime quadro que vejo neste momento.

Como projetado de longínquo farol, um feixe de luz vem até nós. Ladeando-o, vejo Espíritos angélicos em êxtase. Vejo também, sorridente, com as suas mãozinhas como que aparando o referido feixe de luz, a boa Celina, a descer para junto de nós.

Aguardam-na os nossos Guias, os nossos Protetores, presididos pelo Anjo Gabriel.

O médium chora e, levantando-se, fala com voz pausada e suave:

“Paz. A pompa das catedrais, os hinários das Igrejas, o incenso que sobe em nuvens, os cânticos sacros que reboam no espaço não têm maior valia, para o coração da Virgem Mãe, do que essa prece, ditada pelo amor, lavada pelo vosso pranto, vibrante, dentro da *Catedral* dos vossos corações!

Humilde e boa, santa e pura, ao seu Espírito amorável só pode chegar aquilo que exprime amor.

Humilde e santa, compassiva e boa, só lhe podem chegar os sentimentos que saem puros das almas cristãs e vão, como verdadeiro incenso, fendendo os ares, dizer, junto ao trono de sua glória, que estêreis não foram as suas amarguras, que em vão não banhou a Terra o sangue do seu amado Filho.

Meus filhinhos, comemorais a Anunciação feita à mais pura das mulheres; fazei passar sob os vossos olhos o sublime quadro da humildade da Virgem, expondo-se abnegadamente, como já foi dito, ao juízo

temerário das multidões.

Pois bem, comemorando esse fato grandioso, orastes, e essa oração, eu vô-lo afirmo, chegou ao seio de Maria, que vô-la devolve em bênçãos. Ela me disse:

“Vai, Celina, e afirma aos discípulos novos do meu amado Filho, que a humilde escrava do Senhor jamais de suas almas afastará os olhos. Tê-los-ei sempre postos, assim sobre os que, pelo fruto de suas obras, se envolvam nas ondas da misericórdia do Senhor, como sobre os que, pelo infortúnio de seus erros, sofram os rigores de uma aflitiva existência na Terra.

“Dize-lhes, Celina, que invoquem o *Farol dos justos* e que, se tenho alguma luz em minha alma, pelo amor do meu Deus, pelo amor do meu Jesus Amado, essa luz não será para iluminar os justos, que dela não precisam; será, antes, para os pobres pecadores, que não souberam seguir a trilha luminosa, traçada por Aquele que passou por meu filho diante dos homens.

“Vai, Celina, neste raio de luz, e leva a esses filhinhos a certeza de que Maria, a humilde filha do Senhor, lhes manda a sua bênção, neste dia de tanta glória para Ela!”

Cumpro assim uma ordem, dizendo-vos: Recebei as bênçãos da Virgem Santíssima e que essas bênçãos se infiltrem nos vossos Espíritos e limpem as vossas almas de todas as impurezas, para poderdes seguir a estrada de luz, que ainda há pouco viu o vosso companheiro, até chegardes a depor com os vossos lábios um ósculo nas santíssimas mãos da Mãe Puríssima e Santíssima.

Confiai plenamente no seu amor e nas suas divinas promessas, que não deixam de cumprir-se, porque descem do céu.

Não vos entibiem os Espíritos os infortúnios e as angústias. Nas aflições em que vos acheis, dizei, certos do seu amparo e da eficácia da sua misericórdia: “SEDE COMIGO, OH! VIRGEM IMACULADA”.

Celina

Continua o médium:

Oh! Meus companheiros, quanto sois felizes! Encerrai a vossa reunião, certos de que ganhastes muito bem ganho o vosso dia.

Bittencourt

A sessão se encerrou, rendendo-se graças a N. S. Jesus Cristo e pedindose pelos sofredores.

Médium: Frederico.

Concepção da Virgem – Natureza do corpo de Jesus e dos seus sofrimentos *(Lucas II, v. 14)*

Meus filhos, bem pouco me cabe dizer sobre o vosso estudo de hoje. Soubestes guardar convosco a paz que os vossos guias vos trouxeram e, recebendo facilmente as suas inspirações, pudestes, com o vosso próprio espírito, tocar a verdade. É assim que firmastes opinião definitiva sobre a concepção da sempre Virgem e sobre o corpo aparentemente carnal de N. S. Jesus Cristo.

Se a opinião isolada do vosso bom mestre Allan Kardec pôde, de alguma sorte, influir no entendimento de alguns, fazendolhes crer que o Redentor do mundo viera revestir-se da matéria grosseira dos corpos comuns, para dar o exemplo das maiores virtudes, encaminhando a humanidade inteira, para a terra da promessa, hoje, que todos os Espíritos bem iluminados afirmam que o nascimento de Jesus foi todo aparente, que o seu corpo apenas se constituíra de fluidos concentrados no seio da sempre Virgem Maria, não há mais razão de ser para duas opiniões a tal respeito.

Maria foi mãe de Jesus, como todas as mães são mães dos homens. Se o que se gera no ventre da mulher não é o Espírito, mas, sim, a massa que vai vestir o mesmo Espírito, incontestavelmente Maria foi mãe de N. S. Jesus Cristo. E, assim, bem o vedes, realizaram-se todas as profecias; e, assim, veio ao mundo Aquele a quem devemos a *Seara da abundância*, os frutos da verdade. Insistamos: a opinião do homem, falível quase sempre, pôde como que inocular, no espírito de seus irmãos, a ideia de que Jesus, se não revestisse um corpo carnal, igual ao de todas as criaturas humanas, seus sofrimentos seriam nulos. Entretanto, como bem disseram entre vós, qual o maior sofrimento, o físico, ou o sofrimento moral?

Mas, mesmo com esse corpo de natureza celeste, com essa reunião de moléculas fluídicas, que ainda desconheceis, não seria possível o próprio sofrimento físico do Redentor? Quem sofre, é o Espírito, ou a carne? Não é a lesão, o golpe sobre a matéria, que, por intermédio do perispírito, faz chegar ao Espírito as sensações e a dor? Vedes, portanto, que não pode prevalecer de modo algum a opinião isolada do vosso bom mestre Allan Kardec.

Meus filhos, continuemos a estudar os Evangelhos do Senhor em todos os seus mais pequeninos detalhes. Procurai conhecer o *espírito* de toda a *letra*, com humildade, porque a verdade há de fazer-se aos vossos olhos; como um testemunho do agrado do Senhor, que vos vê esquecidos das paixões do mundo, concentrados, estudando a vida do seu amado Filho.

O único requisito que se vos pede é a humildade. Agora, ouvi as palavras de Gabriel.

Ismael.

Médium: Frederico.

A concepção da Virgem Imaculada

Sayão diz, em resumo:

Nos momentos de paz, em que podemos desprender-nos da vida da matéria, voe a nossa alma aos páramos da luz, em procura da verdade, mostrando ainda, para desmentido dos nossos adversários que, como espiritas, adoramos todos esses vultos sacrossantos que, enviados do nosso Pai do Céu, baixaram ao nosso planeta, ao nosso *purgatório*, para ensinar-nos o caminho da salvação.

Cristão sem N. S. Jesus Cristo, apartamo-nos da religião dos Padres de Roma, por não podermos aceitar os seus dogmas e milagres, os das penas eternas, do pecado original, tudo inovações com que deturpam a Boa Nova, para, tirando todo mérito às ovelhas, lhes imporem pelo terror a crença que deve ser fruto de profundas convicções, oriundas do conhecimento da verdade.

A concepção da Santa Virgem, que toda a Crístandade soleniza por entre festas e alegrias, assunto de que nos vamos ocupar, é um fato que, estudado à luz da Santa Doutrina Espírita, se mostra muito diverso do que, por séculos e séculos, tem sido considerado, sob o véu do mistério. Esse mistério que foi necessário à humanidade na sua infância, tinha que ser desvendado para que a verdade se patenteasse, de conformidade com as leis absolutas.

Esse mistério tinha que desaparecer, pois constituía um estorvo, uma dificuldade, que descoroçoava os que procuravam aplicar-lhe os ditames da razão e da lógica, servindo, ao mesmo tempo, de alimento ao fanatismo e à especulação, bem como de argumento para cismas.

Chegados à época em que vivemos, em que tudo deve ser estudado, discutido e entendido para ser acreditado, por efeito da civilização e do progresso, realizado em virtude de lei imposta a entes perfectíveis, quais somos, o véu desse mistério tinha que ser levantado, por constituir ele um obstáculo à mesma civilização, jugo imposto por uma autoridade sem mais razão de ser, um resto de superstição contrária à dignidade da inteligência, mantida unicamente em proveito dos retardatários e dos mercadores do templo, que evitam por todos os meios possam os fiéis esclarecer-se.

O esquecimento dos mais solenes preceitos da revelação mosaica deu causa, para os Hebreus, às maiores desgraças e calamidades; as leis, recebidas pelo vidente do Sinai, adulteradas pelas invasões, se

tornaram ineficazes para despertar a humanidade, adormecida pelos vícios e paixões.

O terror, que lhes entorpeceu as faculdades, pelos fenômenos de efeitos físicos que envolveram o monte no momento em que o Médiun ouvia a voz do enviado de Deus, fenômenos que foram a mais convincente confirmação deste outro, deixou de prevalecer naqueles Espíritos, vencidos pelos antagonismos, pelos ódios, pelos propósitos de vingança e pelos abusos da matéria.

Tudo destruíram, tudo aniquilaram, para só guardarem as paixões e os apetites carnis, como únicos impulsos diretores do homem.

Para a enormidade de todos esses males, que ocasionavam perniciosas consequências, o remédio, de certo, já não podia ser a ação devastadora das armas contra a humanidade; mas, a persuasão, mediante o ensino de uma moral pura e sã, exemplificada por um ser da maior pureza.

Eram necessárias a missão de um Cristo de Deus e uma lei, um código moral, como a Boa Nova, para dar às almas a esperança e a luz, e à existência terrena uma explicação.

Mas, que atenção podia o homem então dar aos atos de um Espírito, se ainda hoje, depois de 19 séculos, se moteja da ideia da comunicação dos Espíritos com os homens?

Era preciso que surgisse um homem de carne e osso, que fosse visto e ouvido mostrando a praticabilidade dos seus ensinamentos, exemplificando a sua moral, para que a humanidade se deixasse conduzir como uma criança. Eram indispensáveis as obras maravilhosas das curas e tantas outras, então inexplicáveis para a ignorância dos homens.

Foi para isso que Jesus, Espírito, Criatura de Deus, perfeito, imaculado, em direta comunicação com o seu Pai, e nosso Pai, cercado de outros Espíritos eleitos e escolhidos para ajudá-lo em sua grandiosa missão, baixou à Terra, a fim de nos ensinar a viver e a morrer, ou antes a progredir, até ressurgirmos na vida eterna e entrarmos no foco donde saímos.

Imaginemos a altitude dos Espíritos de escol a quem Deus confiou a incumbência de ajudarem o seu dileto Filho na obra da regeneração da humanidade.

Imaginemos a predisposição daqueles seres elevados, designados para representarem o [papel] de progenitores do Cordeiro Imaculado e teremos os traços característicos da Nossa Mãe Santíssima e do seu Virtuoso, Santo Esposo, a cujos esponsais precedeu o voto de castidade.

Com efeito, Maria era um conjunto de perfeições, como nunca se vira igual.

Segundo o testemunho dos que conheceram a Rainha dos Anjos, sua figura graciosa, gentil, realçada pelo véu divino de um pudor

sublime, atraía os sentidos da alma, inspirando não só respeito, como adoração. No seu semblante resplandecia a graça, que a iluminava interiormente, e sua voz deleitava o coração. Da modéstia e singeleza do seu falar e das suas ações evolava-se o perfume da virtude, que é do Céu e não do mundo. As qualidades que em alto grão exornavam a Virgem, ressaltavam aos olhos de quantos a contemplavam, infundindo a José a maior veneração.

Este, a seu turno, o Santo Patriarca, escolhido dentre os solteiros da raça de David para consorte daquela que o Senhor predestinara a ser considerada Mãe do nosso Salvador, já pelos dotes da sua esposa, já pelos votos que lhe consagrava, vivia sob tão elevada e santa adoração, que nem sequer a possibilidade de uma suspeita podia invadir-lhe a mente e fazê-lo duvidar da pureza daquele Espírito excelso.

Mas, diante do fato material que cada vez mais avultava, o Santo Varão veio a encontrar-se num labirinto de hesitações e receios, com a alma dilacerada, em transe ocultos e dolorosíssimos de grandes aflições; mas, ainda assim, foi vencedor naquela luta titânica, praticando um desses rasgos de resignação, de que só são capazes os Espíritos superiores, aptos, pelo poder da Fé, a afrontar as dores mais cruciantes.

À hora, porém, em que, cansado e fatigado de tantos embates íntimos, ele cedeu ao sono, a mão do Senhor se lhe estendeu e fê-lo ouvir as vozes, harmoniosas do seu Anjo, que, derramando suavíssimo bálsamo sobre as suas angústias, em sonho lhe arrancou, por meio de uma revelação divina, o espesso véu que lhe escondia o portentoso mistério.

“José, filho de David, não temas: conserva contigo Maria, como tua esposa, porque o fruto do seu ventre é obra do Espírito Santo. Ela terá um filho ao qual chamarás de Jesus, porque há de salvar o povo do pecado.”

Quando o Patriarca abriu os olhos, desvanecida a visão, estavam acalmadas as tempestades da sua alma. Obediente à voz do Céu e valeroso na sua fé, esperou pelo sucesso, sem duvidar, nem discutir! Pai do Messias perante o mundo, nem a soberba entrou no seu peito, nem a humildade da criatura ante o Criador se alterou. Apenas disse, no imo do seu coração: — *Seja feita a vontade de Deus.*

A concepção, pois, e tudo o que se seguiu, até ao *suposto* nascimento do nosso Redentor, obra chamada miraculosa, por inexplicável segundo os conhecimentos de então, graças à Terceira Revelação (Espírita), sabemos que não passou de uma ação espírito-magnética, exercida por meio de fluidos apropriados, e que o corpo, de natureza celeste, que Jesus revestiu se formou de uma concentração de fluidos desconhecidos dos homens. Assim formado, esse corpo era todo *aparente*, com relação aos corpos humanos, visto que tinha a possibilidade de aparecer e desaparecer, sob a ação exclusiva da vontade do Mestre.

“Por isso meu Pai me ama: porque deixo a minha vida para a reto-

mar. Ninguém m'a tira; por mim mesmo a deixo, tenho o poder de a deixar e de a retomar. Este o mandamento que recebi de meu Pai." (Ev. de João, X, 17-18)

Se é certo que a verdade Jesus não a revelou toda, conforme Ele próprio o disse, *declarando que não dava senão o que o homem podia suportar, é também certo haver Ele prometido que, quando viesse, o Espírito da Verdade nos ensinaria todas as verdades.* (Ev. de João, XVI, 12-13).

Não podíamos, portanto, ficar estacionários, sem explicações satisfatórias dos fatos, explicações que convencem a nossa razão, de acordo com os progressos da ciência, perdoem-nos os Doutores de Roma.

Essas tradições, guardadas desde tantos séculos no santuário da alma dos crentes, produziram frutos benditos, é verdade; porém, considerados como milagres, os fatos envolviam uma contestação às leis absolutas. Hoje, esclarecidos pela nova revelação, tornam compreensíveis a Onisciência do Nosso Criador e Pai e fazem que a crença cega seja substituída pela fé racional.

A Conceição de Maria, sempre Virgem e Imaculada, Nossa Mãe Santíssima, assim se operou, sem quebra da sua pureza e, ontem como hoje, como amanhã e na eternidade dos séculos, será um motivo de alegrias e festas do coração o podermos exprimir a nossa gratidão a esse Anjo Benedito, que nos traz a palma da Oliveira, a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu divino Filho.

Salve Maria! Cheia de graça! Mãe de N. S. Jesus Cristo! Roga por nós, míseros pecadores, agora e na hora em que deixemos este mundo de misérias. Senhora Nossa, compadece-te dos infelizes inimigos da Santa Doutrina do teu Bendito Filho e intercede por eles, como por todos os que sofrem as consequências, de suas faltas e de seus pecados.

A Virgindade de Maria Santíssima (Mateus I, v. 25)

Graças rendamos ao Senhor, pela paz que reina entre nós, paz que vos dá inteira tranquilidade ao espírito, permitindo que as verdades divinas facilmente as aprecieis e entendais.

Sim, meus filhos, só estando completamente embotada a todos os sentimentos nobres; só estando incapacitada para todas as manifestações de respeito e de amor a Deus, poderia a alma humana admitir a hipótese, horrível direi, de José, varão ilustre, todo devotado às coisas da religião, inteiramente submisso à vontade divina, cometer um adultério abominável, unindo-se material e grosseiramente à esposa de Deus! Qual de vós, cujo Espírito ainda não alcançou a elevação do de José, seria capaz de praticar semelhante atentado? Qual de vós violaria aquele sacrário, de onde sai a hóstia do mundo, a hóstia da verdade, para ser comungada, para ser absorvida pela pobre e infeliz humanidade? Ora, se nenhum de vós, mal grado à vossa inferioridade, seria capaz de cometer esse erro, essa profanação, como admitir que José, cuja, elevação moral era tão grande que lhe foi confiada a guarda da esposa de Deus, fosse capaz de praticar semelhante crime? Felizmente, presente ao vosso estudo, ao vosso trabalho, pude perceber claramente a repulsão que em cada um de vós encontram tais ideias, contrárias à verdade dos fatos evangélicos. Afastada, por impossível, a hipótese de tão horrendo adultério, da parte de José contra o seu Criador, compreende-se perfeitamente que Jesus foi o *primogênito*, o *unigênito*.

Filhos, é natural que no correr dos nossos estudos se nos deparem fatos e passagens que, como esta, exijam meditação muito séria, uma vez que eles não puderam, nem podiam, chegar até nós com a sua fisionomia absolutamente real, já porque, pelas necessidades da época, como bem dissestes, tiveram de ser compreendidos sob outros aspectos já porque, relatando-os, os Evangelistas o fizeram sob o influxo, muitas vezes, de suas impressões humanas; já porque não pouco perde a verdade integral dos fatos, quando são registrados depois de terem passado de boca em boca pelas multidões, das quais recebem acréscimos, sofrem apreciações que os modificam, pela razão de que cada indivíduo os apreende e toma de acordo com as suas possibilidades e capacidades.

Mas, com a paz que soubestes manter entre vós, com os favores da infinita misericórdia de N. S. Jesus Cristo, a luz se há de fazer nos

vossos Espíritos de modo que possais, mais tarde, abrindo outras escolas, transmitir o que aprendestes nesta comunhão.

Que Deus vos abençoe e que José, presente no nosso humilde santuário, receba nas suas plantas o nosso ósculo verdadeiramente fraterno, como testemunho do nosso respeito ao humano Anjo de Guarda da Mãe de N. S. Jesus Cristo.

Ismael

Médium: Frederico.

Concepção de Isabel

Mudez de Zacarias

(Lucas I, v. 5-25)

Paz. Agradeço ao bom Ismael a benevolência de que usou para comigo, cedendo-me o seu lugar, para que também eu pudesse, meus bons amigos, dar-vos a minha opinião. Não é o mestre quem fala, é o discípulo que, como vós, aspira a conhecer as verdades divinas, limitando-se, no entanto, a buscar somente aquilo que pode comportar o entendimento do seu espírito.

É sempre difícil a nós outros argumentar com a ciência do mundo. A ciência dos homens, tão limitada, mas tão ativa ao mesmo tempo, em certos casos nos traz grande embaraço, que tanto maior se torna, quanto não dispomos ou da graça para a revelação, ou dos instrumentos aptos a exprimir os nossos pensamentos.

Diz a Ciência: — “O parto de Isabel, depois de ter ela atingido idade avançada é uma derrogação das leis.”

Mas, sejamos filósofos: para conhecer a derrogação das leis, é preciso conhecer as leis. Por que nos há de impressionar tanto a inteligência o parto de Isabel e não nos impressionarmos com a mudez de Zacarias? Perguntamos: a mesma lei que atrofiou os órgãos da palavra a Zacarias não podia ter atrofiado os órgãos da fecundidade a Isabel, até ao momento psicologicamente apropriado à realização do fenómeno providencial e necessário? Parece que já me destes a resposta: Sem dúvida, e assim desaparece a derrogação das leis. O fato se apresenta então como consequência lógica de uma preparação anterior. Cai-nos sob os olhos apenas a grandeza da graça outorgada àquela família, que, irrepreensivelmente, na linguagem do bom Evangelista, seguia o caminho do Senhor.

Resta-nos a punição. Tudo, como bem sabeis, naquela época se preparava para o aparecimento de N. S. Jesus Cristo na Terra, para a vinda do Messias. Tudo estava previsto. Tudo se encadeava de tal sorte que, lendo atentamente todos os profetas, todos os inspirados, melhor direi todos os médiuns, encontrareis sobeja prova de que o Senhor, assim como hoje prepara o caminho para a vinda do *Espírito da Verdade*, naquele tempo preparava o caminho para a vinda do seu amantíssimo Filho.

A pergunta de Zacarias não foi um ato espontâneo. Seu Espírito, já bastante adiantado naquela época, implorava no templo ao Senhor, com a fé ardente do verdadeiro apóstolo, que tirasse do opróbrio a sua casa.

Evocando, na sua prece fervorosa, um Espírito do Senhor, não podia duvidar da sua graça, da sua infinita misericórdia, tanto mais quando, conforme bem dissestes ainda há pouco, via diante de si um ser extraordinário.

Mas, era preciso que ele recebesse a intuição, que lhe fosse sugerida a ideia de estranhar a possibilidade do fenômeno, considerando a velhice da sua companheira, a fim de que da sua pergunta resultasse a suposta punição, a mudez, que *foi a mais retumbante palavra, proclamando a vinda do Precursor de N. S. Jesus Cristo.*

Meus filhos, meus amigos, essa é a minha opinião. Para falar-vos com autoridade, tendes aqui Espíritos de alta hierarquia, cuja superioridade me confunde, me abate.

Como são agradáveis estes estudos!! Como a alma se sente forte, tonificada por estes ensinamentos, por estas meditações, que nos arrebatam ao seio de Deus!

Estudemos, pois, uma vez que tão agradável é o estudo; estudemos amanhã, como hoje, como sempre, sem pretensões de sabedoria, sempre pequeninos e humildes, iguais a Ismael, segundo a sua palavra.

Allan Kardec

Médium: Frederico.

Sessão em homenagem ao nascimento de João Batista

Lucas, na primeira página do seu Evangelho, ofereceu à Cristianidade o histórico do nascimento de João Batista, a última encarnação que teve esse elevadíssimo Espírito, com a missão de preparar o caminho para passagem do Manso Cordeiro de Deus!

A clareza dos textos dispensa explicações para sua inteligência; mas, o reconhecimento, que nos enche a alma, a esse santo Varão nos leva a recapitular a narrativa que todos conhecemos, como a única prova de gratidão que lhe podemos prestar, a fim de recebermos os eflúvios que descem do Céu, em jorros de caridade, sobre os pobres pecadores que, como nós, precisam preparar-se para a jornada eterna.

João, que significa — *cheio de graça*, — foi escolhido para aparelhar os caminhos por onde havia de transitar o Cordeiro Imaculado e, segundo a crença de então, foi salvo do furor de Herodes, por sua mãe Isabel. Refere a tradição que, quando a Mãe do Batista soube da terrível matança de Belém, fugiu com o filho nos braços e, perseguida por vários soldados, ao subir, como tímida corça, áspera montanha, abriu-se-lhe diante dos passos uma rocha, onde ela entrou, podendo assim salvar o filho; e que os soldados fugiram espantados. Desse modo, João Batista, o Precursor de N. S. Jesus Cristo, escapou, como o filho de Maria, ao furor dos seus perseguidores! O deserto se lhe tornou desde então a morada. As feras respeitavam o corpo daquele que, fugindo aos homens, se refugiara, entre elas; daquele que, mais tarde, lançaria, sobre a cabeça do Filho de Deus, as purificadoras águas do batismo, donde lhe veio o apelido de Batista,

Meu Senhor Jesus Cristo! Como poderemos nós, tão pequeninos, tão indignos, pela miséria dos vícios, falar dos vossos escolhidos, de Espíritos da altitude de um Moisés, de um Elias, de um João Batista?!...

A vida nova que este pregava, quando entrou a cumprir a sua santa missão, apresentava duas faces vivas e igualmente humanitárias — *a esmola e o desinteresse!*

Sentado numa pedra, à sombra de frondoso olmo, aquele homem, contando apenas 30 anos, rodeado de uma multidão que, sedenta das suas palavras, acudia a ouvi-las pronunciadas com um acento que penetrava o mais recôndito dos corações, dizia: — “Raça de víboras! Quem

vos ensinou a fugir da ira, que ainda não chegou? Fazei obras dignas de penitência, e não digais: “Temos por pai Abraão”, porque vos digo que destas mesmas pedras pode Deus fazer que nasçam filhos a Abraão. — O machado está colocado junto às raízes das árvores, para que as que não derem fruto sejam cortadas e lançadas ao fogo.”

E a multidão compacta e espantada lhe perguntava o que havia de fazer.

Respondia-lhes ele em tom solene: *Aquele que tem dois vestidos dê um ao que não tem; e o que tem de comer faça o mesmo com o que tem fome...*

Perguntavam-lhe: Não és o Messias? Não és o Cristo? E ele respondia: *Não. Eu, vos batizo com água; mas, virá outro, de quem não sou digno de desatar a correia das sandálias, que vos batizará em Espírito Santo.*

Apenas trazia por vestuário um saio curto de pele de camelo, atado à volta da cintura. Sua frente, tostada pelo sol e pelo vento do deserto, era larga e espaçosa como a de Elias. Quando repreendia, sua voz era forte como o rugido da tempestade e, quando aconselhava, branda como o doce arrulho da rola. Amado pelo povo, que o tinha como um Santo Profeta, era odiado pelos doutores de Jericó, pelos fariseus de Jerusalém, que lhe chamavam feiticeiro e possesso e lhe atiravam outras diatribes, até mesmo nas sinagogas. Aconselhavam todos os dias a Pilatos, governador de Jerusalém, e ao Tetrarca da Galileia que dele se apoderassem, pois fomentava a sedição no povo. Isso, porém, não impedia que o Enviado do Senhor prosseguisse na sua árdua e santa missão!

Vindo a saber que Ântipas se apoderara da mulher de seu irmão Filipe, que este engolira a afronta, com que se indignou Israel, então simples rebanho de escravos, João, criado no deserto, livre como o vento, procurou os criminosos, que esqueciam o crime na embriaguez dos gozos e, numa ocasião em que saíam do palácio Ântipas e a adúltera Herodíades, acompanhados de luxuosa comitiva, lhes interceptou a passagem, os repreendeu e lhes indicou o caminho que deviam tomar, arrependidos. Desde então, Herodíades, ligando-se aos doutores da lei e aos fariseus, planejou exterminar o Batista.

Ântipas a princípio resistiu; mas, por fim, cedeu. João foi arrebatado aos seus discípulos e conduzido preso para o castelo de Maqueronte, acusado do crime de sedição, ali ficando até ao dia em que o tetrarca, festejando naquele castelo o seu aniversário natalício, acedeu ao feroz capricho de Herodíades e mandou degolar o Precursor, no cárcere onde se achava.

Não nos pode surpreender esse ato de ferocidade e malvadez daqueles tempos bárbaros, quando, muito depois e ainda hoje, passados quase vinte séculos, vemos os santos Padres concitando os fieis à guerra, ao extermínio de seus irmãos.

Porém, se tais fatos se explicam como expiações para os que praticaram crimes idênticos, para reparação de culpas graves, do mesmo modo não o podemos explicar com relação àquele que foi o maior dentre os nascidos de mulher, na frase do Divino Mestre.

Não, decerto. João Batista, escolhido para Precursor do Messias; João Batista, que fora o grande Moisés, o Legislador Hebreu, que fora o Profeta Elias, purificado perante Deus, só tinha virtudes a engrandecê-lo. Com ele se deu o mesmo que se verificou com os Mártires, com Pedro, com Lourenço, com Daniel e tantos outros que, dispostos a seguir o Bom Jesus na sua obra de redenção, se submeteram ao martírio, exemplificado no Gólgota pelo Santo dos Santos.

O entusiasmo da fé, o fervor da crença, a exaltação do espírito seriam bastantes para a neutralização de toda a sensação material; porém, mais do que tudo isso, esses eleitos do Senhor possuíam a pureza, a abnegação e a dedicação que lhes traziam os santos eflúvios do céu e, assim, cheios de graças, gostosamente se ofereciam em holocausto, acompanhando o seu amado e divino Mestre. Tal o quadro em que palidamente se retrata o Espírito cuja elevação foi proclamada por N. S. Jesus Cristo. Sejam essas as letras que entoamos ao glorioso Filho de Isabel!

O médium Frederico, já então em transe sonambúlico, fala:

Vejo presentes os nossos Guias e, no meio deles, *João Batista*. Muitos Espíritos sofredores oram e, entre esses, como símbolo de arrependimento, está a Madalena! Vejo mais o nosso Romualdo, o mestre, Dias da Cruz, Moisés, Gabriel, Urias e muitos Espíritos elevados que festejam a João, tomando assim parte nas festas da humanidade. Sobre a sua cabeça diviso uma chama, um círculo luminoso, que o destaca de todos. O riso, a alegria reina em todos os semblantes. Agora chega Paulo, trazendo pela mão uma mulher idosa (o médium chora) de cabelos brancos, morena, olhos rasgados, envolta numa espécie de manto. *É santa Isabel!* Abrem-lhe alas e recebem-na. Ela deposita um ósculo na frente de João; todos se curvam e procuram beijar-lhe as mãos. Chega Celina, como emissária da Virgem Santíssima. Também vem trazer a sua saudação.

Quanta luz! Soberbo quadro tenho diante da vista! Parece que o Céu se abre, para apresentar todas as suas magnificências! Feliz, muito feliz me considero por te ver, oh! Mãe predestinada ao Precursor de N. S. Jesus Cristo! Tem piedade de nós, pecadores, pede a teu filho que nos batize de novo, para lavarnos completamente das máculas do pecado. Conheces as nossas fraquezas; tem piedade de nós, socorre-nos, agasalhando-nos sob o teu manto, como a Virgem também socorre os desgraçados e os infelizes. Vem até nós. Entra em nosso pequeno templo, onde há pouco estudamos, nos santos Evangelhos, a passagem que fala dos venturosos dias de tua concepção, da revelação que tiveste da

graça do Eterno. Vem comigo, entra e toca estes corações impuros que ainda assim se voltam para o teu filho e para Jesus, pedindo forças e graças. Vem, oh! Isabel! Ei-la, aproxima-se. Todos entram em nosso templo: sofredores e felizes. Obrigado, por mim e por eles.

O médium levanta-se e fala em voz suave:

“Recebo as flores das vossas almas amigas e as guardarei como uma dádiva de alto preço por toda a eternidade. Elas me farão recordar estes momentos passados entre homens que, fugindo às coisas do mundo, aos seus prazeres, quase sempre nefastos, vieram prestar a João as homenagens do verdadeiro amor cristão. Meus filhos, sois muito felizes; vejo-vos no caminho da verdade! De todos os lados vejo resplandecentes estrelas de virtudes a alumiar o vosso caminho! Vejo-vos cercados das virtudes do Céu, que abalaram de lá, ao sentir os vossos afetos, para repartir convosco todos os tesouros que adquiriram no seio do Eterno! Vejo-vos com a mão no arado e vejo outras muitas mãos ocultas postas sobre elas, a fim de duplicarem os vossos esforços, para que o trabalho da eira seja fértil e abundante. Como sois felizes! repito. Continuai, meus filhos; não vos importeis com as vossas fraquezas; todos nós as tivemos. Eu mesma, quantas vezes, não vendo satisfeitas as minhas aspirações, apontada como árvore estéril, coberta de opróbrio, não senti a dúvida invadir-me a alma e não supus, por momentos, que Deus era injusto?

Todos nós temos fraquezas; façamos um esforço para vencê-las: é o nosso dever. Caminhemos a passos lentos, mas seguros, sem nunca retroceder. Do ponto em que vos vejo, meus queridos, tendes que caminhar sempre para diante. Deus vos protegerá, porque quereis ser discípulos do seu Filho; a sua misericórdia nunca vos faltará nos momentos de aflições, porque, embora fracos, procurais seguir o caminho do céu e das virtudes. Não retrocedais, olhai sempre para a frente, certos de que N. S. Jesus Cristo, vosso Santelmo, vos mostrará o caminho que leva à porta estreita, por onde chegareis a Deus. São estes os votos que Isabel faz por todos vós, por toda a humanidade sofredora, por aqueles mesmos que, desconhecendo a N. S. Jesus Cristo, procuram destruir a sua doutrina, pregada e exemplificada há 19 séculos. Deus seja convosco, Deus vos proteja, Deus vos abençoe.

Isabel

Médium: Frederico.

Maria não assistiu ao nascimento de João Batista

(Lucas I, v. 56 e 57)

Agradeço-te, oh! Bom Ismael, o momento que me concedeste para falar aos discípulos do nosso amado Mestre. Certamente, a tua palavra teria melhores harmonias; vibraria com mais entusiasmo nos seus corações; mas, benevolentes, bem orientados pelos teus conselhos, eles saberão relevar a rudeza da minha palavra, procurando nela todo o espírito da verdade com que lhes desejo falar.

Meus irmãos, quando há pouco eu ouvia os vossos corações humildemente contritos, ante a suprema graça da Puríssima Virgem, abençoando-vos por intermédio de Gabriel, de mim para comigo disse: — Felizes homens, bem aventuradas criaturas, que sabem medir a grandeza das suas imperfeições, que já principiam a percorrer o caminho da regeneração com o sentimento da humildade, mas da verdadeira humildade: a do coração e do espírito.

De que recebestes a graça não podeis duvidar, não só porque reconheceis a vossa fraqueza e imperfeição para merecê-la, como ainda pela contraprova, conforme foi dito, que tivestes no vosso último trabalho, como ainda porque maior do que todas as vossas imperfeições é o amor do nosso Criador, que nos levanta da estrada de Damasco, cegos de ira, ávidos de extermínio, e nos abre os olhos à luz e nos encaminha para as cruzadas do Evangelho. Entretanto, o vosso escudo, o vosso elmo, a vossa espada é um pequenino livro, repositório de tudo quanto há de mais belo e mais sublime à face do vosso mundo! Felizes sois, repito, porque procurais ser humildes, reconhecendo o vosso nenhum merecimento.

Irmãos em crença, irmãos em Jesus Cristo, de quem somos *co-herdeiros*, vindo entre vós, tenho um objetivo: levantar a fé nos vossos Espíritos, secundando os esforços do vosso Bom Guia Ismael. O tempo se aproxima, como sabeis; mas, ainda não está marcado, pois *só o Pai o sabe*, como diz o Evangelho.

Se o Precursor já vos anunciou a sua vinda, sem contudo determinar a época, estai de sobreaviso, não adormeçais um instante, porque a carne é fraca e ao mal sempre propensa.

Desenvolvi todas as energias da vossa alma no cumprimento do

dever, abrindo os vossos corações às manifestações de todas as virtudes, espalhando o bem por toda parte, em nome do vosso e meu Mestre, e, assim, por vossa vez, preparando também o caminho ao Precursor, ajudando a desbravar o terreno pedregoso e imundo, como verdadeiros trabalhadores da seara do Senhor.

Tende fé, porque com ela vos exercitais para o amor e com o amor chegareis à caridade, larga porta aberta para a vida, que não mais prova a morte. Coragem, portanto; ânimo; caminhai. Se Jesus é convosco, nada temais. Ele abaterá os vossos inimigos, derramando os eflúvios do seu coração no íntimo das vossas almas. Esses eflúvios serão a muralha erguida contra todas as potências do mal. Esses eflúvios serão a vossa purificação, para ascenderdes à verdadeira glória.

Sobre o vosso estudo, que posso dizer-vos se, inspirados sempre pelos vossos guias, soubestes tirar da letra todo o espírito dos ensinamentos?

Satisfazendo, no entanto, ao desejo de alguns de vós, direi, autorizado pelo Bom Lucas: — Maria não se achava presente ao nascimento de João Batista. Este crescia e se glorificava em espírito. Quer dizer: crescia materialmente e espiritualmente; dia a dia se ia tornando patente a grande lucidez do seu Espírito. Segundo a linguagem bíblica: crescia em sabedoria.

Meus irmãos, que Deus, o nosso Criador e Pai, abençoando-nos do alto de sua glória, continue a alentar o nosso espírito no carreiro da cruz, de sorte que o nosso ânimo não desfaleça, quando os falsos profetas, arditosamente penetrando o nosso santuário, venham lançar a discórdia, a dúvida, a desconfiança dentro dele.

São estes os votos de *Paulo*. São estes os votos de todos aqueles que vos acompanham.

O Bom Ismael diz fazer suas as palavras de

Paulo

Médium: Frederico

Arrependimento e perdão. A morte de João Batista

Paz. Bendito seja o Senhor, que une os nossos Espíritos pelo amor, para estudarmos, na sua santa paz, a Boa Nova, trazida ao mundo para salvação dos homens.

Meus filhos, não vejo onde possamos encontrar dúvidas sobre o que vos foi dado com relação a João Batista, nem sobre as fases por que passa o Espírito, após o pecado, após o arrependimento.

Está no ânimo de todos que o arrependimento traz, como consequência imediata, o perdão de Deus, as graças da sua infinita misericórdia, como Pai.

Mas, no ânimo e na compreensão de todos, também está que esse perdão não é senão o manto do amor, que desce sobre o delinquente, formando um como véu que lhe encobre o passado, mas em cujas dobras, formadas pela justiça de Deus, está a sua lei indefectível, que há de ser cumprida. Aos Espíritos pecadores compete então, pela sinceridade do seu arrependimento, dar execução à justiça, dar sanção à lei.

O perdão não destrói o ódio, não destrói a avareza, ou a inveja, nem qualquer dos sentimentos que o Espírito tem arraigado em si e de que lhe cumpre escoimar-se, para progredir.

O perdão, permiti que use da palavra pela deficiência da vossa linguagem, podemos considerá-lo uma *moratória*, que Deus concede ao Espírito para que, reabilitando-se em novas existências, possa colocar no seu íntimo, em vez do ódio, o amor; em vez do orgulho, a humildade; em vez da avareza, a generosidade e, finalmente, a caridade.

Mas, direis: e se o Espírito reincidir na sua falta?

Então, por efeito dessa reincidência, ele volta a sofrer as consequências dos seus erros passados, que haviam sido atenuados momentaneamente pelo amor de Deus. Entretanto, ainda aí, se novo arrependimento nasce no Espírito do pecador, novas manifestações do amor de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo descem sobre ele.

É que, meus filhos, o amor de Deus é infinito e Ele não quer a morte do pecador, mas que se salve. Voltará assim o infeliz tantas vezes quantas forem necessárias a livrar-se das suas imperfeições.

Voltará para a expiação. Voltará para a reparação.

Voltará para dar provas do seu verdadeiro amor a Deus e de com-

pleta obediência às suas leis. Foi o caso de João Batista que, já então perdoado de sua falta, tanto que mereceu o grande sacerdócio de Precursor de N. Senhor Jesus Cristo, reconheceu que precisava, pois não podia fazer exceção à lei, levar a efeito uma reparação e veio a entregar a sua cabeça, para ser decepada, como o haviam sido outras, por sua ordem em tempos anteriores e, pelo seu desassombro diante do holocausto, dar ao povo provas da existência de Deus.

Meus filhos, estou em que, lendo com calma a explicação que vos é dada, compreendereis, em espírito e verdade, o ponto estudado; mas, se porventura persistirem dúvidas nos vossos Espíritos, pedirei a quem melhor do que eu possa vir, em nome de Jesus, abrir-vos o entendimento e dar-vos a verdade.

Filhos do meu Salvador, amai-vos uns aos outros, uni-vos, porque isso agrada a Jesus; porque é este o meio de afugentardes aqueles que por todos os modos procuram lançar a discórdia entre vós, procuram destruir o vosso pequenino templo de trabalho. Uni-vos aos vossos bons guias e façamos com a nossa fé, com o nosso amor, o antemural onde venham quebrar-se as ervadas setas e todos os sentimentos do mal que tentem ferir-vos. Sede um por todos e todos por um, por amor de vós mesmos e por amor de Jesus.

Ismael

Médium: Frederico.

Assunção da Virgem Nossa Mãe Santíssima (15 de agosto de 1897)

Sayão diz:

Neste dia, popularmente chamado — O DIA DA GLÓRIA — segundo a Igreja romana, festeja-se a ASSUNÇÃO, ou a subida aos céus, de Nossa Senhora, fato idêntico ao que se verificou com Jesus Cristo e foi denominado — ASCENSÃO DO SENHOR.

Mas, se, a despeito da ascensão de N. S. Jesus Cristo, encontramos solene referência no Evangelho de Lucas (cap. XXIV, v. 51) e nos *Atos dos Apóstolos* (cap. 1, v. 10 e 11), sobre a assunção da Santa Virgem nada há nas narrativas evangélicas, o que nos inclina a duvidar do fato, tanto mais quando outras razões, que passamos a expor, fundamentam as nossas dúvidas.

É claro que, se a assunção da Virgem se houvesse dado, como referem as tradições da Igreja, seria esse um fato digno de menção nos Evangelhos, para os devidos efeitos. Mas, então, a narrativa viria acompanhada das circunstâncias em que o fato ocorrera, como se verifica com relação ao nascimento e a outros acontecimentos da vida da Santa Virgem para, no futuro, certificarem a natureza especial do seu corpo, conforme se deu em relação a N. Senhor Jesus Cristo, que sabemos ter tido um corpo celeste e não terrestre.

Não podemos deixar de atribuir uma razão de ser a certas inovações, ritos, cerimônias e fórmulas, com que a Igreja romana entendeu de revestir alguns fatos de que os Evangelhos não tratam, ou referidos com a simplicidade da verdade.

Tal procedimento se pode atribuir às contingências do meio ou, talvez, ao intento de inculcar nas almas as crenças religiosas em tempos idos. Chegada, porém, a época que atravessamos, em que ao homem é facultado ver tudo pelo prisma do espírito e da verdade, não logramos compreender como houvesse podido a santa Virgem subir ao céu em corpo material.

Sabemos, pela historia, que S. Joaquim e Santa Ana, unidos pelos laços matrimoniais, se conservaram por mais de 20 anos sem ter filhos, o que lhes foi motivo de opróbrio e provação, que cessou, afinal, concebendo Santa Ana e dando à luz a Virgem Santíssima, eleita a figurar

como Mãe de N. S. Jesus Cristo.

Os fastos da Igreja romana apresentam, como uma das tradições dignas de acatamento que, depois da morte de Jesus, João Evangelista, fiel às recomendações do Mestre, nunca mais se apartou da Virgem, indo com ela morar em Jerusalém, onde permaneceram até rebentar contra os cristãos a cruel perseguição decretada no ano de 44, ocasião em que, ainda segundo a Igreja, a Virgem se retirou com os Apóstolos para a montanha de Sião, acrescentando que, chegada a hora dela deixar a Terra, um anjo foi o nuncio dos decretos do ALTÍSSIMO.

Diz mais, que o seu rosto se ruborizou então, por efeito do íntimo ardor da sua infinita adoração, e que, despindo o involucro terrestre, o Espírito jubiloso subiu ao trono de Deus, caindo o corpo em suave sono, com sessenta e um ou sessenta e seis anos de idade, no ano 798 de Roma e 45 da era vulgar.

Porém, continuando a sua narrativa, diz ainda a Igreja que os discípulos conduziram o corpo, rescendente de aromas e coberto com um véu riquíssimo, ao túmulo, transformado em verdadeiro açafate de flores; que, depois de velarem três ou quatro dias, orando sobre o sepulcro, eles se separaram, partindo cada um em busca da sua coroa de glória pelo martírio.

Antes, porém, quando ainda estavam reunidos, Tomé, que, fora último a chegar e que não assistira ao passamento da Senhora, desejoso de beijar pela derradeira vez as mãos à Mãe do Redentor, tanto pediu, tantas súplicas formulou que, vencidos, cederam todos aos seus prantos e levantaram a tampa que cerrava o jazigo.

Apenas isso feito, ficaram pasmos! O corpo não estava lá e somente encontraram, murchas, as flores sobre que o haviam pousado, e, fragrante de celeste perfume, o alvo sudário de linho em que fora envolto.

Acrescenta a lenda ser essa a razão por que nenhum reino ou cidade se honrou nunca de possuir a menor relíquia do corpo da Virgem. E a tradição da Igreja é constante em afirmar que o Céu o chamou todo a si, para o glorificar.

Entretanto, essa tradição, que não encontra fundamentos na natureza do corpo de Nossa Mãe Santíssima, não se apoia no testemunho de nenhum Profeta, nem em dado algum que nos possa comprovar a autenticidade da afirmação da Igreja romana.

Parece antes tratar-se de um desses romances nascidos das primitivas crenças, que devemos supor arquitetados com sinceridade, mas que de nenhum modo convencem e, menos, obrigam.

Ora, nesse estado de dúvida nos conservávamos, do mesmo modo que por muito tempo vivêramos antes, com relação a algumas verdades evangélicas impostas autoritariamente como dogmas quando, certo dia, em conversa com um pobre Padre, que fazia do sacerdócio meio de vida e não de salvação, entramos a discutir com ele sobre a procedência das

penas eternas, do pecado original e outros pontos que, impostos com a escandalosa simonia, explicam o estado, que tanto deploramos, da Igreja.

O Padre, declarando que nada daquilo compreendia e que não lhe era permitido entrar em tais discussões, apesar de achar razoável a Doutrina Espírita e ter observado fatos comprobatórios dessa doutrina, pediu-nos uma explicação sobre a assunção da Santa Virgem, perguntando-nos se a explicação era a mesma da ascensão de N. S. Jesus Cristo.

Sem sabermos o que lhe responder, prometemos dar-lhe uma solução satisfatória.

Procuramos em seguida o nosso guia na Terra, o bondoso companheiro, o nosso amigo e mestre Bittencourt Sampaio, a quem devemos o pouco que possuímos e, achando-o, como sempre, pronto a esclarecer o nosso pobre espírito, pecador e insciente, tomou do lápis e entregou-nos a mais esplêndida solução que podíamos esperar.

Ei-la:

Ainda uma vez te digo: a tomada da Virgem ao Céu não é um mistério, como pretendem alguns. O fato deu-se do modo seguinte:

A Santa Virgem, depois de desaparecer da Terra o Cristo, muitos anos depois de viver em companhia do Apóstolo querido de Jesus, a quem Este a entregara no momento do seu martírio, aos olhos dos homens, na cruz, para que a tratasse como sua mãe, dizendo-lhe que o considerasse como seu Filho, deixou a vida naturalmente, na idade de 60 anos e o seu corpo foi sepultado pelo Discípulo querido, ao pé de uma oliveira, junto ao rio Cedron.

Pela hora sexta, à tarde, alguns rústicos, que voltavam dos campos onde tinham ido recolher seus rebanhos viram a Virgem que, de mãos postas e como que ajoelhada sobre uma nuvem, se encaminhava para as regiões siderais, precedida de um coro de anjos que entoavam hosanas ao Criador e paz aos homens na Terra.

Pasmados com esse prodígio, partiram a correr para as aldeias, referindo o que viram a todos os que encontravam, julgando terem visto o próprio corpo da Virgem, quando apenas fora o seu perispírito que, com forma visível, se apresentara aos olhos dos homens. João não presenciou o prodígio, mas creu também no fato, porque admitia a possibilidade de um prodígio, que ele mesmo não podia explicar.

Quanto à ASCENSÃO DO CRISTO, Senhor Nosso, sabe-se que Ele não era senão Espírito com forma tangível, forma que deixava e retomava todas as vezes que lhe convinha. Subiu por si mesmo às regiões etéreas, à morada dos puros Espíritos, pelo poder imenso de que dispunha antes mesmo de haver mundo. Cumprida a sua missão, restava-lhe deixar aos homens uma prova inconcussa da grandeza do seu poder. Elevou-se então, pela ação exclusiva desse poder e à vista de todos, à

morada do Pai Celestial.

Se a Igreja conserva o mistério da assunção da Virgem, sem o explicar, tendo a certeza de que seu corpo material foi sepultado, conforme declarou o Apóstolo antes de retirar-se para a ilha de Patmos, é que não quer destruir a crença popular gerada de uma apreciação errônea do fato real, por lhe convir manter na ignorância os que lhe seguem a doutrina.

Mas, a verdade é que o corpo de Maria caiu por terra como matéria perecível e somente seu Espírito subiu ao Céu.

Elias.

Degolação dos inocentes

(Mateus II, v. 16-18)

Meus filhos, jamais deixarei de atender-vos, seja qual for o instrumento que ponhais à minha disposição.

Bem razão tendes para pedir ao nosso Divino Jesus que vos seja dada uma explicação da carnificina ordenada por Herodes, para tirar a vida ao Menino Jesus.

Realmente, para vós, que tudo vedes de baixo, é inexplicável semelhante acontecimento; mas, lembrai-vos de que Jesus, antes de vir, preparara o seu caminho, mandando à sua frente mensageiros em missão. Esses mensageiros, encarnados naquelas crianças, nenhuma expiação vieram sofrer. Vieram, sim, com a missão de submeter-se àquele sacrificio, porque o fato tinha de dar-se, segundo fora anunciado. E deu-se sem que acarretasse àqueles Espíritos o menor desgosto. Ao contrário, foram todos glorificados no Senhor, bem como seus pais, que tiveram a mesma glória.

Que importa ao Espírito vir ao mundo e passar aí apenas um ou dois aos, se antecipadamente assim o quis por missão, mesmo para ser decapitado por um Herodes, desde que desse modo concorra a preparar o caminho do Senhor.

Irmãos, a vida material, que ainda tanto vos agrada e prende, não passa, para nós Espíritos, de um grande castigo, muito pior, sobretudo, para os que têm de demorar-se nela muito mais tempo do que os inocentes de que se trata. Assim, tenho respondido às vossas perplexidades, a fim de não mais encontrardes nesse extraordinário acontecimento o menor motivo de dúvida com relação à justiça do nosso Criador, em suas sábias leis.

Quanto aos magos, eles vieram tempos depois do nascimento do Divino Mestre, pois, de outra forma, não se podia dar o fato, em virtude da distância, que tinham de percorrer.

Sinto não poder melhor explicar-me, pela deficiência do médium; mas, o que deixo dito é suficiente para as vossas razões esclarecidas poderem bem julgar. — Irmãos, que a paz do Senhor fique convosco.

Ismael

(Esta comunicação foi recebida por outro médium, em virtude de não se achar presente o médium Frederico.)

*Explicação da contradição aparente
entre a comunicação do Bom Guia
Ismael e a revelação dada a Roustaing,
sobre a degolação dos inocentes*

Paz. Meus filhos, mais de uma, vez temos demonstrado a dificuldade com que lutamos para exprimir os nossos pensamentos, fazendo precisas as nossas ideias, pela deficiência da linguagem humana, quicá dos conhecimentos que possuem os aparelhos que nos são facultados nestes trabalhos.

Realmente, há uma espécie de contradição entre a comunicação dada pelo nosso Bom Guia e a revelação transmitida a Roustaing. Com efeito, porém, o que há é uma simples questão de palavras, porquanto o espírito, numa e noutra, é o mesmo.

Expiação, provação, reparação: aqui tendes três palavras que exprimem ideias completamente distintas. Todavia, a dor existe em qualquer das três condições que esses termos indicam.

Se, aproveitando as revelações que a misericórdia do Senhor nos tem concedido, recordarmos a história da infância da humanidade, encontraremos o grande Legislador hebreu a ditar, inspirado pelos Espíritos superiores, leis tendentes ao levantamento moral dos povos. Na sua qualidade de homem, porém, usando do seu livre arbítrio, de par com as leis que lhe eram inspiradas, outras promulgava, traduzindo seu modo de raciocinar, sua maneira pessoal de encarar as questões sob diversos aspectos. Daí a necessidade que, como sabeis, teve Jesus, de transformar muitos dos princípios estabelecidos por Moisés, que já não tinham razão de ser, em vista do progresso, do adiantamento da humanidade, que não podia continuar sujeita às férreas leis de que o mesmo Moisés precisou valer-se para domar, permiti-me a expressão, o povo que lhe fora confiado.

Encontraremos ainda aquele Legislador, segundo a revelação, na pessoa de Elias, Espírito mais adiantado já, porém, que ainda se ressentia de uma certa fraqueza espiritual, pois se nos mostra a levantar na praça pública um grande holocausto e a querer convencer da existência de Deus os incrédulos, mediante a destruição desse holocausto

por línguas de fogo descidas do espaço, e ordenar, obtida a prova da existência do seu Deus, do nosso Deus, a degolação de grande número de sacerdotes contrários às doutrinas que ele pregava. (Veja-se: III Reis, cap. XVIII, v. 36-40).

Quando veio como João Batista, Precursor de N. Senhor Jesus Cristo, já então o maior dentre os nascidos de mulher, mas ainda o menor dos que se achavam no reino dos céus, conforme a linguagem *figurada* do divino Mestre, convidou todos os Espíritos de elevada categoria, que o tinham acompanhado, como Elias, nas suas prédicas e participado do seu culto, a virem também saudar o advento do Cristo, entregando suas cabeças ao cutelo de Herodes.

Esses Espíritos eram os que haviam sido seus instrumentos e que, assim, não precisavam expiar um crime, mas passar pela mesma prova por que fizeram passar seus irmãos, quando, dirigidos por Elias, quiseram convencê-los da existência de Deus.

Para completar a sua obra, isto é, para realizar maior progresso, seu Espírito, já tão elevado, ao reencarnar no mesmo meio, como Precursor, se votou ao mesmo sacrifício que aqueles outros, que foram os inocentes degolados.

Deveis agora compreender que não houve realmente expiação, mas, apenas, conforme dizem as revelações, uma prova, que se tornara necessária, porque, como sabeis, a justiça de Deus é indefectível e, assim, se cumpre, quer se trate de Moisés, de Elias, de João Batista, quer de qualquer outro Espírito.

Meus filhos, pela luz que recebo dos vossos guias é que vos pude dizer o que acabastes de ouvir sobre o assunto com qual nos ocupamos.

Que a paz de Deus fique convosco e que possais receber a bênção de nosso Divino Jesus, por intermédio do vosso Bom Guia Ismael.

Allan Kardec

Médium: Frederico.

O batismo de fogo a que se referiu João Batista

(Mateus III, v. 11; Lucas III, v. 16)

Meus filhos, graças à paz que soubestes guardar convosco, bem pouco posso adiantar, com relação ao estudo que fizestes hoje, sobre os primeiros passos do Precursor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Realmente, João Batista, com a dupla vista de que dispunha, lia, como em livro aberto, o que ia naqueles corações refratários aos sentimentos do amor e da fraternidade, sentimentos que, no entanto, deviam haurir constantemente nas sagradas escrituras, de que egoisticamente se faziam senhores. As palavras de João tinham por fim abalar aquelas consciências, chamá-las ao cumprimento do dever, à verdadeira penitência, que é o arrependimento sincero dos erros e dos pecados. Lembrava aos opressores e oprimidos que o machado já estava aparelhado para decepar as árvores que não dessem bons frutos, a fim de serem lançadas ao fogo que jamais se apaga, porque nunca faltam culpados que dele necessitem para se purificarem.

Ligando este versículo ao em que João declara que Jesus viria batizar os homens em Espírito Santo e em fogo, procuremos compreender o sentido da palavra “fogo”, nesta ocasião empregada.

Como sabeis, por maior que sejam os crimes dos homens, por mais tigrinos sejam os seus corações, Deus não condena suas criaturas à eternidade do fogo; mas, pela sua justiça mesma, pelo seu grande amor, as encaminha a novas existências, onde o fogo das expiações, das dores mais pungentes as purifica, para poderem ascender à verdadeira vida, que lhes está destinada.

O fogo, portanto, no sentido em que João Batista empregou o termo, são as dores, são as provações, são as agonias tremendas do mundo material, fogo esse, depois do qual, podemos agora compreendê-lo, N. S. Jesus Cristo nos batizará de novo, dando-nos um Espírito Santo que nos encaminhará os passos para, como seus discípulos, chegarmos à sua glória.

Aquele que se arrepende sinceramente, que purifica o seu coração do lodo, da lepra do mundo, e se volta cheio de fé e de esperança para o seu Criador, esse já foi batizado no fogo, está ao abrigo das dores e das provações, está apto a receber o título de filho de Deus e de ver a

sua glória.

Meus filhos, deve ser esse o vosso objetivo constante, a preocupação contínua dos vossos Espíritos. Procurai arrancar do vosso íntimo a lepra do pecado, que forma o denso véu que vos priva ainda os Espíritos da verdadeira felicidade.

Dia a dia, momento a momento, vencendo uma imperfeição, chegareis à pureza, ao batismo em Espírito Santo.

Seja essa a vossa firme resolução, amparados pelos bons Espíritos, na paz de N. S. Jesus Cristo.

Ismael

Médium: Frederico.

A Penitência

(Lucas XIII, v. 1-5)

A palavra penitência, proferida pelos sacratíssimos lábios do Divino Mestre, é tão complexa e, ao mesmo tempo, tão sintética, que serviu para os povos daqueles tempos, para os séculos que se seguiram, para o nosso século, e servirá para os vindouros.

A Igreja, nos últimos séculos, entendeu que a penitência aconselhada por Jesus era a reclusão do homem em claustros, a ciliciar o corpo e em completa abstenção das coisas materiais. Assim fizeram muitos dos que, com a consciência dolorida por faltas praticadas, um dia se arrependeram. Entregavam-se então a esses martírios voluntários, procurando harmonizar-se com os conselhos do Divino Mestre. Por esses claustros passaram alguns Espíritos de eleição, uma Tereza de Jesus, por exemplo, que, desprezando as glórias do mundo, a adoração dos que se tornavam escravos da sua beleza plástica, se entregava a tais exercícios, ciliciando o corpo e dilacerando as carnes com instrumentos flageladores. Pensava que desse modo se punha em perfeita harmonia com os ensinamentos do seu Amado Jesus.

*

Mas, os séculos passaram e veio o atual. Os claustros se vão fechando, as reclusões diminuem, por efeito da evolução que se opera na humanidade, evolução que, como já sabeis, é o princípio fundamental da regeneração do Planeta que habitais. Hoje, portanto, vós outros que estudais a revelação da revelação, procurando tirar da letra o espírito, deveis compreender perfeitamente que a palavra “penitência” não tem a significação que lhe foi dada. Como bem dissestes, comparada à caridade, ela sintetiza muitas coisas. Estudada acuradamente, verifica-se que não consiste só no arrependimento momentâneo; que não se limita à observância de fórmulas exteriores; que é o firme propósito, tomado depois de um arrependimento sincero, de não tornar a incorrer na falta cometida, de trabalhar de todas as formas por apagá-la, a fim de que a sua lembrança deixe de acicatar a consciência.

*

Aí está, portanto, em primeiro lugar, o arrependimento sincero; em segundo, o firme propósito de não mais pecar; em terceiro, a prática do bem, como resgate da falta ou faltas cometidas.

Concluindo, digo-vos, como Jesus aos povos de então: Abri o livro de vossas consciências e procurai fazer penitência.

A paz fique convosco.

José dos Mártires

Médium: Frederico.

A Penitência

(Lucas XIII, v. 1-5)

Meus filhos, mais uma vez se enchem de júbilo as nossas almas, pela paz que mantivestes durante o estudo das coisas sagradas. Permite o Senhor que assim seja sempre, para que o vosso espírito, fortificando-se dia a dia no conhecimento da verdade, se livre, puro e sereno, à vida eterna.

Na ultima reunião, presidida por Paulo, achavam-se presentes o Espírito de Ismael, os dos Evangelistas e os de outros muitos Protetores, que constantemente vêm convosco estudar os ensinamentos da Boa Nova. Paulo, presidindo em nome de Ismael, foi o Espírito que o nosso bom companheiro de trabalhos viu, por efeito da sua desenvolvida mediunidade que, com a graça do Senhor, lhe permitirá de futuro descortinar todos os sublimes quadros que os médiuns, em estado sonambúlico, observam pelo seu desprendimento.

Quanto à lição, bem pouco me cabe dizer, pois que, pelo primeiro esforço da vossa inteligência, bastante vos aproximastes da verdade.

Uma coisa, entretanto, precisa ser melhor compreendida: falo-vos da *penitência*.

Dissestes que as dores e as provações constituem a penitência, aconselhada por Jesus. Não. A penitência é a conservação inalterável do arrependimento. O Espírito penitente está constantemente voltado para o seu Criador, buscando receber os eflúvios do seu amor infinito, as graças da sua misericórdia, por intermédio daqueles de seus mensageiros que se comunicam com a Terra. O Espírito penitente se absorve todo na oração e na vigilância que Jesus aconselhou e que formam, podemos assim dizer, o antemural às ondas de paixões, que vos lançam no abismo dos infortúnios.

Eis, pois: não basta conheceis a lei, não basta mesmo que vos arrependais; é preciso mantenhais na penitência o vosso arrependimento.

Quanto à mulher possuída do espírito das trevas, precisamos ainda entender-nos. O Evangelista afirma que ela se achava, havia 18 anos, possuída de um Espírito; mas vós, acostumados ao que dizia Jesus relativamente à expulsão do espírito das trevas, estranhastes que nesse caso não houvessem os seus santos lábios proferido palavras semelhantes às de que usou em outras circunstâncias análogas.

Eu vos afirmo, autorizado pelo bom Evangelista, que aquela mulher sofria, desde longos anos, a atuação de um infeliz Espírito, que lançava sobre ela de contínuo pesadas camadas de fluidos maléficos. Como sabeis, esses embates fluidicos sobre o organismo, que tem uma economia própria, produzem desequilíbrio nos órgãos, acarretando moléstias para o corpo do Espírito que os suporta. Ora, tendo Jesus, com a sua presença, afastado o espírito de trevas, só lhe restava restabelecer o equilíbrio dos órgãos. Foi o que Ele fez.

Explicado assim esse ponto, vê-se que Roustaing não contradiz o Evangelista, quando afirma que, naquele momento, Jesus unicamente reabilitara a vida orgânica.

A paz de Jesus seja convosco.

José dos Mártires

35

Como se explica que, tendo tido voga na Índia e no Egito a Doutrina Espírita, pelo menos quanto às suas bases, se haja interrompido o progresso de tais ideias?

Meus amigos, congratulo-me convosco, pelo bom êxito do vosso trabalho de hoje.

Tomados os vossos Espíritos do entusiasmo da fé, tudo se desvendará aos vossos olhos, nenhuma treva tereis diante de vós.

Dissestes que o progresso parou, para uma certa parte da humanidade, com relação às reencarnações!

Como sois fracos no vosso desenvolvimento intelectual! Não vos ocorre que os Espíritos daqueles tempos são os mesmos que hoje se acham encarnados?

Logo, Espíritos, quando no espaço, progrediram sabendo que teriam de voltar ao mundo, reencarnando, para uma nova existência material. Assim, a reencarnação deixou de existir por algum tempo apenas para o homem, não para os Espíritos que vêm a formar o homem.

Criaram-se filosofias religiosas, que entorpeceram a marcha da doutrina do Divino Mestre; mas, as leis de Deus permanecem sempre, porque, eternas e imutáveis, são recebidas espiritualmente.

Aquilo que muitas vezes parece estacionar, continua a progredir no mundo dos Espíritos, que é o verdadeiro mundo, o único real.

Amigos, continuai sempre com o mesmo fervor e contaí com a proteção do Divino Mestre.

Allan Kardec

O Espírito perdoado, mas não purificado, precisa, de provas. O castigo existe quando o sofrimento não é espontâneo. O reino dos céus está em nós mesmos.

Meus amigos, o estudo consciencioso que fizestes da minha última comunicação quase me dispensava de voltar ao seu assunto; entretanto, como temos a responsabilidade da enunciação do nosso pensamento em matéria de doutrina, direi mais algumas palavras a respeito.

Partimos deste princípio: *o castigo só existe, quando o sofrimento não é espontâneo*. Aqueles que, por um arrependimento sincero, como eu vos disse, obtêm o perdão do misericordioso Pai, jamais *absolutamente* serão constrangidos a estes ou àqueles sofrimentos. Contudo, se por estes ou aqueles sofrimentos, independente do perdão de Deus, passa a sua criatura, é que o Espírito, perdoado, mas não purificado, compreendendo a necessidade de não estacionar no perdão, espontaneamente busca, como João Batista e como muitos outros, provas que sancionem o seu arrependimento, provas que o levem ao reino dos céus.

O reino dos céus, meus bons amigos, está em nós mesmos, disse-o Jesus. O reino dos céus é a limpidez da consciência, é o concentrar a alma em si todas as virtudes; é o poder de o Espírito ver a face de Deus sem estremecimentos na consciência, sem sentir a vergonha desta ou daquela falta; é ser o que chamamos um *Espírito puro*. Esse está e tem em si o reino dos Céus.

Mas, como poderemos compreender o que seja o Evangelho do reino, neste passo: “E Jesus rodeava toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o ‘Evangelho do Reino’?” (Mateus, IV, 23).

Jesus chamava Evangelho do reino o que Ele pregava, para não se confundir com aqueles outros a que se refere Paulo, na *Epístola aos Gálatas* (cap. I, v. 6 e seg.)

Allan Kardec

Nem sempre, nos casos de sofrimento, há castigo

Paz. Meus filhos, seja-me permitido firmar a verdade seguinte: as obsessões, como outras expiações e provas, nem sempre importam um castigo, palavra que traz a ideia de uma lei cujos efeitos o indivíduo experimenta. Nem sempre, repito, nos casos dos sofrimentos humanos, há castigo.

Se as provas são a sanção, a confirmação do arrependimento, o que é uma verdade, onde exista, verdadeiro, aquele, existirá o perdão de Deus. Não haverá, conseguintemente, castigo.

Perdoado por Deus, pela sinceridade do seu arrependimento, pela lealdade de suas promessas de reparação, é o próprio Espírito quem, espontaneamente, se submete às provas que lhe sancionarão o arrependimento e o mostrarão puro aos olhos do seu Criador, de quem recebeu o perdão.

Temos disso provas inúmeras nos Evangelhos. Já citei, como exemplo, o Precursor de N. S. Jesus Cristo, que não podia absolutamente, pela grandeza da sua missão, vir ser castigado de faltas do passado. Foi ele próprio quem, para testemunhar por um sacrifício o seu devotamente ao Senhor, tudo dispôs, a fim de que os fatos se consumassem, caindo a sua cabeça aos golpes de seus algozes.

Allan Kardec

A prece a quem aproveita

“Vigiai, pois, orando todo o tempo, a fim de que vos façais dignos de evitar todos os males que têm de suceder e de apresentar-vos com confiança diante do Filho do homem”. (Lucas, cap. XXI, v. 36.)

Meus amigos, os escândalos, se darão; mas, ai daqueles por quem os escândalos se derem. O mal, arraigado como se acha no vosso Planeta, trará sempre, até à sua purificação, sofrimentos e dores, como condição do seu progresso. Evitá-lo é impossível, porque seria querer pôr entraves aos decretos imutáveis do nosso Criador.

Quando se vos aconselha que oreis, é para que, assim fazendo, o vosso Espírito caminhe para a perfeição moral. Orar é elevar a alma aos pés do Criador. E nem só a nós aproveita a nossa oração; aproveita igualmente àquele que for tocado por ela. Se, porém, esse também não orar, nada aproveitará da nossa intercessão por ele.

Crede, meus irmãos, que tudo o que os Evangelhos do Senhor dizem são fatos que hão de suceder. Jesus, antevendo-os com a sua presciência, os anunciou, para que, à medida que se forem dando, mais crida vá sendo a sua palavra.

É o que vos posso, neste momento, dizer e julgo ser bastante para que bem compreendais o ponto em estudo.

Allan Kardec

A fé raciocinada – Jesus não feriu os mercadores do templo

(Mateus XXI, v. 1-22; Marcos XI, 22-23; Lucas XIX, v. 28-48)

Paz. O estudo, que acabamos de fazer, meus filhos; nos dá, como bem dissestes, ensejo para longos comentários. Não convém, porém, os precipitemos. Devemos ir por partes, pouco a pouco.

Virtude da fé! Como poderei falar de ti, que és a pura essência de uma crença absoluta? Senhora indômita de uma força incoercível! Onde encontrarei, na linguagem humana, palavras que possam dar uma pálida ideia da tua força? Como poderei separar-te da esperança, com a qual te confundem muitas vezes aqueles que ainda não abriram bastante o coração para te dar pousada?

Meus filhos, não posso dizer-vos o que seja a *fé*, como não vos posso dizer o que seja a caridade de Jesus, que ainda tanto se confunde com a filantropia. Sei apenas e vos digo que ela é uma essência pura da alma que acredita sem sombra de dúvida na existência de Deus. Sei que ela tudo obtém da misericórdia do Pai, porque se libra às regiões da luz e sobe até aos seus pés, sem mesmo saber porque e como sobe. A fé é um sentimento que nem sempre implica pureza da parte do Espírito que a possui. Quantos pecadores, quantas criaturas baldas de outras virtudes há que são fortes na da fé! Aqui mesmo, no Evangelho que estudamos, encontrais a verdade desta asserção. Eis porque vos aconselharam a fé *raciocinada* e não compreendestes.

A fé racionada é um passo para a fé absoluta, assim como a filantropia é a primeira porta que se abre para a caridade. Raciocinar a fé? perguntareis; mas, como? Tendo, meus filhos, o critério de só pedir aquilo que é de justiça. Examinar a consciência para, por esse exame, verificar se se tem o direito de pedir aquilo que se pede.

Se assim não fora, nada impediria que o homem pretendesse colocar-se acima de Deus, ser mais caridoso do que o seu Criador.

Mas, prossigamos no nosso estudo. Jesus, como bem dissestes, tornando estéril a figueira, quis ensinar aos homens que só é boa a árvore que dá bons frutos; que a que nenhum fruto dá para nada serve, somente para ser queimada. Quis, ainda, por outro lado, mostrar àquele povo, que o via pela primeira vez, ter direito às hosanas, às glorifica-

ções festivas, que lhe tributavam as crianças, pois que, na realidade, Ele era o maior de todos os Profetas, o Verbo de Deus na Terra!

Entrando no templo, ainda sob aquelas aclamações precursoras do seu sacrifício, Jesus estranha o mercado que se fazia na casa consagrada à elevação do espírito para Deus e, tomando de um maço de cordas, fez uma vergasta e castigou os vendilhões do templo. Mas, Jesus, a personificação da caridade na Terra, Jesus, o amor dos amores, o amor jamais visto em outro homem neste mundo, poderia ferir os seus irmãos, porque comerciavam na casa do Senhor? Não: tudo foi aparente. As vergastadas que caíam sobre aqueles pobres pecadores eram vergastadas de luz! Eram irradiações do amor essência que Ele desprendia do seu coração amante, mostrando-lhes a verdade. Assim como, no horto das Oliveiras, os soldados que armados o buscavam, ao se aproximarem d'Ele, tombaram por terra a estas simples palavras suas: *Eu sou*, também os mercadores tombaram às irradiações que o Mestre sobre eles fez cair do seu Espírito.

Eis a verdade, meus filhos, do que se passou em Jerusalém, quando Jesus, visitando-a, lamentava a sua futura ruína, por efeito do endurecimento de coração dos seus filhos.

Mais, muito mais ainda tinha a vos dizer; porém, metodizamos o nosso trabalho, como aconselhou o bom Mestre. Pela graça do Senhor, que suplico para todos vós, pedindo a sua santa benção, espero que dia chegará em que compreenderéis, em espírito e verdade, esses esplendores, esses tesouros do amor de Deus para com as suas criaturas.

Deus vos abençoe.

Ismael

Estudo sobre a Fé

“Se alguém necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que tudo a todos dá liberalmente, e não impropere. Ela lhe será dada. Mas, peça-a com fé, sem hesitação alguma, porque aquele que duvida se assemelha à onda do mar, que a violência do vento agita e leva de uma parte para outra. Não cuide, o que assim pedir, que alcançará do Senhor alguma coisa.” (*Ep. de Tiago I, v. 5 a 7.*)

“Se a fé é uma força tão poderosa que pode transportar montanhas, muni-vos dela e executai trabalho reparador para as vossas almas e, ao mesmo tempo, proveitoso ao gênero humano.” (*Comunicação de João Evangelista.*)

“Meus filhos, *não posso dizer-vos o que seja a fé*; sei apenas e vos digo que ela é uma essência pura da alma que acredita sem sombras de dúvida na existência de Deus. Sei que ela tudo obtém da misericórdia do Pai, porque se libra às regiões da luz e sobe aos seus pés, sem mesmo saber por que e como sobe. A *fé* é um sentimento que *nem sempre implica pureza da parte do Espírito que a possui*. Quantos pecadores, quantas criaturas há, baldas de outras virtudes, que são fortes na da fé! Eis porque vos aconselharam a fé raciocinada e não compreendestes.” (*Vide comunicação anterior – Nº 39, de Ismael.*)

Se compulsarmos os Evangelhos, vemos confirmadas estas asserções pelo Divino Mestre, quando, atendendo às súplicas feitas com fé, para Ele visível no íntimo dos que lhe imploravam misericórdia, dizia: *Filho, tem confiança, perdoados te são teus pecados*. (Mateus, IX, 2) — *Filha, tem confiança, a tua fé te sarou*. (v. 22.)

Aos discípulos, que, numa barca com Ele, apavorados pela tempestade, lhe clamavam: “Senhor, salva-nos, que perecemos”, replicou: “*Por que temeis, homens de pouca fé?*” (Mateus, VIII, 26.)

A Pedro que, caminhando sobre o mar ao seu encontro, pelo temor de submergir, bradou: “Senhor, põe-me a salvo”, Ele, estendendo a mão, o sustentou e lhe disse: “*Homem de pouca fé, porque duvidaste*”. (Mateus, XIV, 29 a 31.)

Donde se conclui claramente que a fé em Deus pode alcançar o que lhe pedirmos confiantes na sua misericórdia.

Mas, como explicar o fato, que se dá conosco, de termos crença firme em Deus, pelas nossas convicções, filhas dos nossos estudos, do

raciocínio, dos ensinamentos recebidos e dos fatos que no-los comprovam, e faltar-nos a fê na menor adversidade?

Não eram crentes os Discípulos? Não acreditavam em Jesus os próprios infelizes Espíritos que viviam nas trevas? Veja-se o Evangelho de Lucas (IV, 34): *Deixa-nos; que tens tu conosco, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: És o Santo de Deus.* Parece, portanto, que não basta a simples crença firme, inabalável, com exclusão de toda dúvida, de toda vacilação, hesitação, incerteza, para que contemos obter infalivelmente o que peçamos.

Entretanto, se estudarmos a lição que aos seus discípulos deu o Divino Mestre (Mateus XVII, v. 15 a 20 e XXI, v. 21; — Marcos XI, 23; — Lucas XVII, 6; — 1ª *Ep. de Paulo aos Coríntios* XII, 9 e XIII, v. 2), veremos confirmados, cada vez mais, os prodígios da fê. Porém, subsiste a nossa dúvida a respeito dos requisitos necessários a alcançarmos esse poder extraordinário. Convimos, por exemplo, em que fosse pela pouca fê que os discípulos não puderam curar o irmão perseguido pelo “demônio”. (Mateus XVII, v. 14 a 19).

Mas, se meditarmos sobre isto de Mateus (XVII, 20): “Esta espécie de demônio, disse Jesus a seus discípulos, não se pode lançar fora senão à força de *oração e de jejum*”;

se atendermos a que a prece não consiste na repetição de grande número de palavras, mais ou menos harmoniosas, mais ou menos humildes, ditas dos lábios, distraidamente e com fadiga, às vezes, pela sua extensão; que, ao contrário, é um impulso de amor, de adoração, de humildade, são os atos que, reagindo sobre os pensamentos, formem um todo perfeito, digno de aproximarmo-nos da sede da perfeição;

se atendermos, ainda, a que o jejum recomendado é o espiritual, isto é, a abstenção de pensamentos, palavras e obras culposas, e não a privação de alimentos;

se considerarmos que crer em Deus não é simplesmente ter como certa a sua existência, mas cumprir as suas leis, os seus ensinamentos;

se nos lembrarmos de que a força do crente está no auxílio dos Espíritos do Senhor, que ele atrai a si pelos seus pensamentos puros;

se levarmos em conta tudo isso que as revelações nos facultam, concluiremos que a simples certeza, ainda que sem sombra de dúvida, sem hesitações, que traduz a crença firme, não basta para constituir a fê capaz de resolver todas as dificuldades.

E a nossa falta de luz nos leva mais longe, porque nos faz supor que a virtude da fê é um dom, especial, uma graça, que nos vem da Infinita Bondade e Misericórdia do nosso Pai do Céu, o que Paulo confirma na sua 1ª *Epístola aos Coríntios* XII, v. 1-11:

“E, sobre os dons espirituais, não quero, irmãos, que vivais em ignorância. Há repartição de graus, mas um mesmo é o Espírito, mas um mesmo Deus é o que obra tudo em todos. Porque, a um, pelo Espíri-

to, é dada a palavra de sabedoria: a outro, porém, a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro a *fê*, pelo mesmo Espírito; a outro a graça de curar as doenças em um mesmo Espírito; a outro a operação de milagres; a outro a profecia; a outro o discernimento dos Espíritos; a outro a variedade de línguas; a outro a interpretação das palavras. *Mas, todas estas coisas obra só um e o mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer.*”

Por conseguinte, apoiado na autoridade de Paulo, dizemos que a *fê* é uma graça, como o é a mediunidade, e sendo tal, é dada, pois, de outra parte, a graça deixaria de ser graça, para ser um jornal. Veja-se: Paulo, *Epístola aos Romanos IV*, v. 4 e 5:

“Ao que obra não se lhe conta o jornal por graça, mas por dívida. Mas, ao que não obra e crê naquele que justifica o ímpio, a sua *fê* lhe é imputada a justiça, segundo o decreto da graça de Deus”.

Preceito é este que tem fundamento nos livros da lei. Veja-se: *Deuteronomio IX*, v. 1 a 5:

“Ouve oh! Israel: Tu passarás hoje o Jordão para te assenhoreares de nações muito populosas e mais possantes do que tu. Porém, depois que o Senhor teu Deus os tiver destruído diante de ti, não digas lá no coração: por causa da minha justiça; porque não é pela tua justiça, nem pela retidão do teu coração, mas porque o Senhor queria cumprir o que tinha prometido a teus pais Abraão, Isaac e Jacó.”

Mas, se a *fê*, como dom espiritual, é dada não pelas obras, ou como jornal, e sim como graça d’Aquele que justifica o ímpio, vejamos como se deve entender a Epístola de Tiago, cujo ensino parece em oposição à de Paulo. Diz Tiago, no cap. II, v. 14, 20, 24:

“*Que aproveitará o que diz que tem fê, se não tem obras? Acaso podê-lo-á salvar a fê? Queres tu saber oh! homem vão, que a fê sem obras é morta? Não vedes como pelas obras é justificado o homem, e não pela fê somente?*”

Sem dúvida, nós homens não podemos conhecer esse dom em nosso irmão, se ele não o manifestar por obras; mas, para Deus, que sonda com o seu divino olhar o nosso íntimo, será preciso que, externamente se manifeste a nossa *fê*, a fim de que produza os devidos efeitos? Porventura, para Deus conhecer até onde podia chegar a *fê* em Abraão, precisava que este a justificasse, imolando seu filho Isaac sobre o altar, ou foi isso reclamado apenas como edificante exemplo de submissão e dedicação levadas até, ao maior sacrifício que se possa imaginar, exemplo de que precisavam os homens?

A *fê*, como pura essência da alma que acredita no seu Criador, que se libra às regiões da luz e sobe até aos pés do Altíssimo, que tudo obtém pela misericórdia do Pai, precisa de manifestações para justificar-se perante Deus, ou de obras, como para obter justiça, remuneração, jornal, ou paga? A Epístola de Tiago, nessa parte, está em oposição

realmente à de Paulo. Ou a verdade está em ambas, consideradas por diversos lados?

Assim, bem se compreende o que disse o Bom Guia Ismael: “Meus filhos, não posso dizer-vos o que seja a fé.”

Resta-nos ainda, tocar num ponto, para darmos por concluído este nosso estudo, naturalmente falho, porque se ressentido do nosso atraso. De que meios devemos valer-nos, para nos munirmos dessa força capaz de transportar montanhas, como aconselha João Evangelista?

Se é uma graça, como diz Paulo, só depende da vontade do Espírito que a distribui. Se é uma remuneração, só depende da pureza da nossa alma. Em todo caso, se, pelo raciocínio, nos convencemos de que Deus é a inteligência suprema, a causa primária de tudo que existe, daí naturalmente nos vem a fé raciocinada, para a certeza de obtermos tudo o que de justo a Deus pedirmos, para chegarmos à fé absoluta, do mesmo modo que pela repetição de simples atos de filantropia chegamos à caridade indefinível de Jesus.

Que estes esforços do pobre trabalhador da Santa Vinha, ainda tão cheio de imperfeições, subam aos sacratíssimos pés de N. S. Jesus Cristo, como uma súplica à sua infinita misericórdia.

Tais os votos do guiado de Frei José dos Mártires

A Igreja do Cristo está em toda parte onde se comungam as ideias do Cristo

Paz. Bendito seja o Senhor, que ainda uma vez me concede a ventura de vir entre vós.

A lição hoje estudada, meus filhos, confirma o que foi dito sobre a Igreja do Cristo. Vemos um crente em Nosso S. Jesus Cristo, que não fazia parte da comunhão dos Apóstolos, operando “milagres”; vemos a censura dos discípulos, que se arrogavam a exclusividade desse direito, e o Mestre afirmando não precisar ninguém pertencer corporalmente à sua comunhão, para levar alívio aos que padeciam de enfermidades e perseguições.

Não era o filho de *Cevas* que, em nome de Jesus, se aplicava a fazer prodígios e maravilhas, como disse Paulo, não; era o crente que, abalado pelos sofrimentos alheios, se socorria do nome de Jesus para fazer o bem. Assim, a Igreja do Cristo não está circunscrita a uma certa e determinada zona, nem a um certo e determinado grupo. A Igreja do Cristo está em toda parte onde se comungam as ideias do Cristo.

Os Apóstolos, cedendo um pouco às influencias da matéria, inquietavam qual deles era o maior, e Jesus, para combater esse sentimento de vaidade, toma pela mão uma criancinha e lhes diz: “Se não vos tornardes como esta criança, não entrareis no reino dos céus.”

Fez ver, desse modo, que só os simples e puros podem pretender entrar no reino dos céus, onde verão a face de Deus e todo o seu esplendor e glória. Puros e limpos de coração seremos quando, fechando os olhos a tudo que pertence ao mundo material, abrirmos o coração às coisas pertencentes ao Divino Mestre, que não tem predileção por este ou aquele discípulo, da mesma maneira que o Pai, o nosso Criador, não tem por este ou aquele filho.

Trabalhai, operários do Senhor, fazei o bem em nome de N . S. Jesus Cristo, com a confiança de discípulos do Cristo, sem que vos embarace a vossa fraqueza humana.

Sois fracos, sois pecadores; mas, Deus é grande, Deus é perdão! Desde que o vosso Guia, os vossos protetores percebam nos vossos corações o desejo de caminhar, de praticar o bem, por que vos hão de recusar a mão, o auxilio, tanto mais quanto sois os primeiros a confessar a vossa fraqueza? Nada justifica a inércia. O trabalho é lei e a lei é amor.

Trabalhai pelo amor, trabalhai pelo bem e, dia a dia, prodigiosamente sentireis nos vossos Espíritos avolumarem-se a fê, a força e a coragem, que ainda na véspera vos faltavam. Caminhai, pois, impávidos e seguros de alcançardes a vitória, que é a destruição das causas de todos os males que vos afligem e, simples e puros, veremos um dia a Deus, que nos abençoa.

Ismael

Veja-se: *Atos dos Apóstolos* XIX, 11-17, sobre os filhos de Cevas.

Jesus não veio destruir a lei, nem os Profetas, mas cumpri-la (Mateus V, v. 17-19)

Sayão, depois *de* dissertar sobre o ponto, pede desculpas, por não se achar habilitado para explicar os Evangelhos, tendo apenas suprido a falta do irmão Bittencourt, que deixara de comparecer por enfermo.

Acabado o estudo, o médium, sonambulizado, disse:

Filhos, a condição única para se compreender e ensinar o Evangelho de Jesus é a *humildade*. Rudes pescadores eram os discípulos do amado Mestre, que mais tarde se tornaram os grandes apóstolos da fé.

A conspiração nefanda, urdida contra Jesus, conspiração que o levou ao altar do mundo — o glorioso Calvário — teve como causa alegada rasgar Ele a lei dos seus maiores, apresentando novos princípios e novas doutrinas. Não encontrando, naquele Espírito imaculado, motivo para o acusarem perante Deus e perante o povo, era aquela a razão que apresentavam os falsos ministros da religião, para apagar a luz daquele sol, que projetava seus cintilantes raios na sombra das consciências conturbadas pelas paixões, mundanas.

Daí, meus filhos, a necessidade que teve o Mestre de afirmar que a lei seria eternamente cumprida e que Ele não fazia mais do que lhe dar o devido cumprimento.

Se nos tempos primitivos, foi necessário que homens, com a lei nas mãos, se fizessem juizes dos outros homens, Jesus, na sua época, deixando inalterável a lei, enunciou o princípio de que o único juiz, para julgar os erros das criaturas na Terra, é a própria consciência. Durante a sua gloriosa vida, encontramos-lo, mais de uma vez, sancionando por atos essa verdade.

Ele não compreendia o apedrejamento da mulher adúltera, quando os que a queriam apedrejar tinham os Espíritos ainda mais pecaminosos do que ela. Não compreendia o sacrifício de simples animais sobre o altar do templo, quando a consciência do ofertante se achava prenhe e assoberbada de crimes, e de erros. Daí o seu conselho de que primeiro santificassem o Espírito, para depois trazerem a oblata. Porque, meus filhos, a lei deve servir unicamente para vos orientar sobre o modo de vos conduzirdes na Terra e nunca para julgardes como e de

que modo o vosso semelhante se conduz.

Dar-lhe a mão, aconselhá-lo com humildade, esse o dever do bom cristão no Cristo. Se apenas vos absterdes da perversidade e chamardes ao vosso irmão perverso, cometeis um erro, senão um crime, aos olhos do nosso Divino Mestre, que nos seus ensinamentos perfeitamente exemplificou o amor que deseja exista nos vossos corações, de uns para com os outros.

Onde há o amor não podem existir os sentimentos que levam à censura, assim como no Espírito dado à censura não se percebe a paz da consciência, que dulcifica o pensamento para a prece que se eleva até aos pés do Senhor.

Meus filhos, tirai proveito da lição que acabais de estudar. Esforçai-vos por entrar neste pequenino templo, trazendo as oferendas do vosso espírito crente e caridoso, com o coração desanuviado das paixões que aqui não podem ter entrada. Esforçai-vos por cumprir a lei — *o amor a Deus sobre todas as coisas, o amor ao próximo como a vós mesmos.*

Obrigado, Bom Ismael, pela luz que derramaste no meu espírito. Que dela partilhem todos os teus discípulos e guiados.

Frei José dos Mártires

Pedro, Primaz da Igreja do Cristo, que é a reunião dos fiéis. — Essa graça especial concedida a Pedro passou para os Papas que se julgam seus sucessores?

(Mateus XVI, v. 13-20; Marcos VIII, v. 27-30; Lucas IX, v. 18-21)

Aquele que tiver fé, como Pedro, e o zelo que demonstrou pela doutrina de N. S. Jesus Cristo, esse será o chefe da sua Igreja; pois, esta se acha em toda a parte onde se saiba orar, onde se saiba honrar as tradições gloriosas do seu Fundador.

Se, naqueles prístinos tempos, Jesus delegou a Pedro poderes espirituais sobre o Planeta, é que, presciente, antevendo o futuro, abrangia na sua visão a legião dos falsos discípulos, falsos profetas, que não se conformando *in-totum* com as exigências de sua doutrina, haviam de, a todo transe, procurar amoldá-la aos seus prejuízos, aos seus interesses mundanos.

Percorrendo a história do Cristianismo, encontrareis, como confirmação do que vos digo, um número imenso de Evangelhos, cujas doutrinas nada têm de comum com a do Filho de Deus. Daí, a necessidade de um Chefe à altura, de Pedro; daí, a necessidade do Divino Mestre lhe perguntar, diante dos outros discípulos — *que juízo faziam dele os homens* — para ter ensejo, na presença de todos os que lhe deviam seguir os passos, de dar-lhe a investidura da Chefia da sua Igreja, como realmente deu.

Lendo a história do Cristianismo, meus filhos, encontrareis o grande Apóstolo Paulo em luta aberta, não com os gentios, que ele o sabia, haviam de ser dominados pela influência da sua doce palavra evangelizadora, mas com aqueles que se denominavam cristãos e divulgavam Evangelhos e doutrinas elaborados unicamente para gozo do homem e não para gozo do Espírito. Por isso é que o povo em grandes caravanas procurava a Pedro, de cujos lábios sabia a verdade sancionada pelo Cristo.

Mas, separado do trigo o joio pela mão do Apóstolo da fé, expurgado de todo o enxerto dos homens o verdadeiro Evangelho, cessada a autoridade de Pedro como homem, pela ascensão do seu Espírito à verdadeira vida, necessariamente todos serão chefes da Igreja de N. S. Jesus Cristo, desde que tenham a fé e o zelo que Pedro tinha pela Doutrina do Amado Mestre.

Não me cabe, meus filhos, encarar a questão religiosa sob o ponto de vista em que vos colocastes. A verdade é a luz. Por mais densas que forem as trevas da ignorância, ou da maldade do homem, a luz há de brilhar e a verdade há de aparecer.

Vós, que não conheceis outra autoridade senão a de N. S. Jesus Cristo; vós, que no grande dilúvio das paixões humanas, fizestes do Evangelho a vossa arca santa; vós, que sabeis soltar a avezinha da esperança pelo azul do espaço, sob a forma de uma prece sincera e verdadeira; deixai, meus filhos, que a onda cresça, deixai-vos elevar, na vossa arca santa, até ao monte Sinai, para lerdes em espírito e verdade, nas tábuas da lei — *o amor de Deus e o amor do próximo*.

Não abandoneis jamais este santo reduto dos infelizes; não abandoneis jamais a enxada com que deveis quotidianamente cavar a terra dura dos vossos próprios erros.

Compreendi, em espírito, as palavras de Felipe Nery — quando vos convida a não exigirdes salário. Ele quer dizer, meus filhos, que não deveis, como ainda muitas vezes acontece, exclamar, no íntimo dos vossos Espíritos quando vos sentis acabrunhados pelas pesadas iniquidades deste mundo e com o coração transido das mais cruciantes dores — *Meu Deus, porque soffro tanto?*

Quereríeis fossem mais suaves os vossos sofrimentos na Terra; quereríeis fossem amenizadas as vossas dores e, por isso, embora cren-tes, julgando da misericórdia de Deus segundo a vossa razão e sabedoria, ofendeis a sua justiça sem o perceberdes. O espírito da revolta vos contamina o coração e sufoca a vossa humildade!

Meus filhos, fazei o bem por amor de Jesus. Amai aos próprios inimigos, por amor de Jesus. Sêde resignados, por amor de Jesus, por que o seu amor vos estreitará num amplexo divino aos pés de Deus, o nosso Criador e Pai.

Ismael

Dos Discípulos qual devia reputar-se o maior

(Lucas XXII, v. 24-30)

Depois do estudo, o médium Frederico disse:

“Paz seja convosco. O exemplo do berço não bastava; era preciso que o mal invadissem por instantes a serenidade da consciência dos seus Discípulos, para que Ele, o Bom Pastor, pudesse, mais uma vez, aclarar com o seu amor a ínvia estrada por onde havia de passar o seu rebanho, sujeito a todas as vicissitudes que atormentam o homem, quando se deixa arrastar pelas seduções do poder e da grandeza.

Os Discípulos de Jesus, que o tinham visto nascer no estábulo, no deslumbramento da maior humildade; os Discípulos de Jesus, que o viam aclamado pelas multidões como Rei dos Judeus, pela sua sabedoria, pelos seus chamados milagres; os Discípulos de Jesus, que o viam, para servir aos homens, em constantes fadigas, sem pouso certo e sem conforto; os Discípulos de Jesus procuravam saber qual dentre eles seria o maior. Cederam às tentações e chegaram a consultar o seu Mestre.

Assim era preciso que acontecesse, para que Jesus ainda uma vez falasse dessa virtude que enaltece os homens aos olhos de Deus: — *a humildade*.

Quereis ser grandes aos olhos do nosso Pai? Fazei-vos o menor. Quereis parecer senhor aos olhos do nosso Criador? Fazei-vos servo. Quereis o domínio das Nações? Fazei-vos crianças, isto é, trazei na vossa alma a simplicidade dos inocentes; fazei do vosso coração um leito de arminho, onde possam repousar todas as virtudes do Céu.

Como a criancinha que, palmilhando inconsciente o cume da montanha, se atira sorridente à profundidade do abismo, assim vós, meus Discípulos, crianças inconscientes, subi as encostas do Calvário, galgai os píncaros do monte e arrojai-vos ao abismo da minha alma.

Eis, em toscas palavras, o resumo daquilo que estudastes: — *a humildade*.

Felizes daqueles que a sabem ter. Felizes daqueles que se fazem servos dos seus semelhantes, para aparecerem grandes aos olhos de Deus.

Sem humildade, meus filhos, onde o amor? Sem humildade, onde

a caridade? — Sim, o sentimento mais pernicioso que invade o homem é o do orgulho. Como podereis esposar sentimentos nobres, sem arrancar do vosso ser a vaidade, como chamais, na Terra, ao amor próprio, matiz com que se mascara o orgulho, que cada homem tem dentro de sua alma? Quantas palavras inventa o homem para dar outra significação ao sentimento do orgulho! Que são, senão orgulho, essas susceptibilidades, que vos incompatibilizam com a verdadeira humildade cristã, com a virtude que estudastes e a que me refiro?

Ama, porventura, o homem, a criatura que recebe o açoite no rosto e se revolta?

Tem caridade aquele que chora sob o peso de atroz calúnia e se revolta? O mesquinho instinto individual reclama a vingança. A humildade, porém, é o ponto de partida para o verdadeiro cristão: por ele é que se vai ao amor, à caridade, a Deus!

É certo que, nas agruras da vossa existência de homens, muitas vezes vos encontrais em condições de não saberdes como resolver a vossa situação perante a sociedade e perante Deus.

Almas simples e desprevenidas, quando virdes cravados em vós, interrogativos, os olhares dos vossos semelhantes, desviai deles os vossos pensamentos, fechai-lhes as vossas consciências e abri-as para Deus.

Meus filhinhos, em todas as circunstâncias da vossa vida, sejam quais forem os clamores do mundo, levantai os olhos para Deus, buscai unicamente a Deus e o seu julgamento receberéis.

Ê-me grato, a propósito da lição de hoje, oferecer-vos um exemplo no vosso irmão que acaba de partir, no vosso querido companheiro, que, se atendesse ao juízo do mundo, não estaria, como está, presente aqui, estudando convosco, na maior paz da consciência.

Lembraí-vos sempre do vosso companheiro Bezerra, castigado pelo juízo dos homens e recompensado por Deus.

Ismael

Jejum e tentação de Jesus

(Mateus IV, v. 1-11; Marcos I, v. 12-13; Lucas IV, v. 1-3)

Sublime é a lição que acabais de estudar na paz de N. S. Jesus Cristo! Sublime, porque traz grandes ensinamentos àqueles que, tendo sinceramente colocado a mão no arado, não mais olham para trás, antes, caminhando sempre, prosseguem no santo labor, revolvendo a terra que tem de receber a sementeira da verdade.

Meus filhos e amigos, compreendestes bem que Jesus, o nosso divino e querido Mestre, jamais poderia ser tentado pelo espírito das trevas, sobretudo da maneira por que se acha descrita a tentação pelos Evangelistas. Compreendi-me bem: Jesus, depois de haver recebido a manifestação do Espírito Santo, se elevou ao seu “deserto”, que é o infinito, onde, predispondo as coisas para a sua grande missão, recebe o fluxo e refluxo de todas as paixões que se agitam, quer no seio dos homens, quer no seio dos Espíritos. Lendo em todas as consciências, em todas as almas, como num livro aberto, podia Ele perfeitamente receber o pensamento de um Espírito qualquer, que, no seu orgulho, julgasse poder subjugar-lo pelas paixões do mundo, fazendo abortar, por conseguinte, a sua missão de paz e salvação de todas as criaturas.

Diretamente, porém, essa tentação era impossível, porque, como bem dissestes, só a sua presença afugentava o espírito do mal. Indiretamente, ela se dava naquele tempo, como ainda hoje se dá. É o próprio Evangelho que nô-lo ensina, quando nos apresenta Jesus perguntando aos Fariseus e Escribas do templo: “Porque me tentais?” Mais de uma vez, menosprezando o grande poder de que Jesus dispunha sobre o povo, os Espíritos que se abalançavam a tentá-lo, influenciavam as massas populares, para que o proclamassem rei, quando o único reinado, a única realeza a que Ele aspirava eram o reinado e a realeza do martírio!

Que era isso, meus filhos, senão a tentação indireta do espírito das trevas, do demônio, na linguagem da época, procurando despertar naquele Espírito puríssimo sentimentos que jamais tiveram guarida nele? Eis, em rápidos traços, o que foi a tentação do nosso Redentor, narrada pelos Evangelistas.

Escrevendo estes segundo a tradição, umas vezes por inspiração, outras de acordo com as suas próprias impressões, podemos encontrar

divergências nas suas narrativas; mas, nunca poderemos classificá-los de romancistas. Tudo quanto escreveram tinha uma razão de ser; se assim não fora, não estaria escrito. Quer dizer que, nesta passagem, eles escreveram simplesmente como médiuns. Relataram um fato íntimo, passado de Espírito a Espírito, isto é, foram levados a escrever as impressões que o Espírito de N. S. Jesus Cristo recebia daqueles que procuravam fazer abortar a sua missão, quando no “deserto” do infinito. E tanto mais necessária era essa revelação, quando dela se podem tirar, como ainda há pouco o fizestes, tão grandes ensinamentos.

O tempo a que se refere o Evangelista também teve a sua razão de ser. Jesus ainda não entrara em ação decisiva contra os prejuízos e os crimes do mundo. Logo que Ele baixou à Terra e tomou a sua forma corpórea *aparente*, para as lutas, pela verdade, também baixou toda a falange dos inimigos da luz, para por toda parte cercar os passos do Grande Evangelizador, que vinha oferecer seu sangue em holocausto, para salvação dos homens!

Ainda hoje podemos dizer que os espíritos do mal tentam a N. S. Jesus Cristo. Tentam, todas as vezes que investem contra o seu Evangelho, todas as vezes que procuram destruir a sua obra. Meus amigos, são estas as inspirações que recebo dos vossos Guias, os meus maiores.

Allan Kardec

Tentação de Pedro

(Mateus XVI, v. 21-28)

Paz seja convosco.

Meus filhos, sobre o vosso estudo preciso dizer algumas palavras. Não podemos afirmar, em absoluto, a impossibilidade da tentação de Pedro, quando convidava seu Mestre a desviar-se do Calvário. Pedro, como todos os médiuns, estava sujeito à influência dos bons Espíritos, mas também às sugestões perniciosas. Se assim não fosse, não se compreenderia o mérito das suas boas resoluções. Ele era homem; precisava de todos os batismos, para a grande missão que ia desempenhar após a partida do seu Mestre. Tinha de dar provas, não só de sua fé, do seu zelo, do seu amor, como de sua caridade. Tanto essa é a verdade, que Jesus não cessava de lhe aconselhar vigilância, o maior cuidado para que a tentação não lhe entrasse no Espírito, isto é: para que nem por um instante deixasse adormecer no seu íntimo o grande amor que consagrava às coisas divinas e que o fizera descer à Terra para a grande missão de *Primaz da Igreja*.

O Espírito revoltoso aproveita os sentimentos que encontra na criatura humana, para tentar a realização de seus desígnios. O povo inteiro sabia quanto. Simão, filho de Jonas, amava ao Divino Mestre. Quantas vezes afirmou ele às multidões que daria o seu sangue, a sua vida pelo Nazareno! Por efeito desse amor, dessa dedicação, que votava ao seu Mestre, é que foi levado a alçar a mão, a fim de afastar dos lábios o amargoso cálice.

*

Meus filhos, ainda outro ponto precisa ser explanado, para que os vossos Espíritos se harmonizem, no modo de compreender os Evangelhos de N. S. Jesus Cristo. O ponto ficou perfeitamente explicado; mas, precisamos aprofundá-lo mais. Jesus afirmou a seus discípulos que muitos deles não provariam a morte, ou não gostariam a morte, sem que vissem o reino dos céus; noutros termos, sem, que vissem a glória.

Fugindo à *letra que mata*, buscando o *espírito que vivifica*, diremos em linguagem mais clara: Jesus afirmou que muitos dos seus discípulos não se libertariam da morte, enquanto não vissem sobre a Terra a glória do seu reino. Quer dizer que muitas outras existências terrenas teriam eles, depois daquela em que se achavam, que outras muitas

missões teriam de desempenhar no planeta, para chegarem a ver, como desejavam, o mesmo Jesus em toda a sua glória, em todo o esplendor de seu reino.

Meus filhos, recebei a benção de Ismael por meu intermédio. Orai pelos infelizes.

Allan Kardec

Sermão da Montanha

(Mateus V, v. 1-12; Lucas VI, v. 17-26)

O irmão Bittencourt Sampaio disserta, a lucidez de sempre, mostrando a improcedência da opinião de alguns escritores que notam contradição nesses dois Evangelhos, por dizer Mateus que Jesus subiu a um monte, ao passo que Lucas diz ter Ele descido a uma planície.

Terminado o estudo, esperamos as explicações dos nossos Protetores e o médium, o nosso companheiro Frederico Junior, sonambulizado, disse:

Como Felipe Nery, digamos: Hosanas ao Filho de Maria! Como Tomé, hoje, não duvidemos do seu infinito amor para com os seus irmãos da Terra.

Meus amigos, muito propositadamente retardei o que tinha a vos dizer, inspirado pelos bons Apóstolos, pelo Bom Guia Ismael, relativamente ao *sermão da montanha*.

Peço-te, oh! meu Jesus, ilumines o meu espírito, para que eu possa fazer-me compreender por eles, que avidamente procuram a fonte da tua Doutrina, a fim de mitigarem toda a sede que sentem do teu ilimitado amor!

Meus amigos, haveis de compreender que grandes foram as dificuldades com que lutaram os Evangelistas para dar publicidade às suas narrativas.

Volvamos aos primitivos tempos e procuremos estudar a linguagem daquele povo. Assim, melhor a luz se fará no nosso espírito.

A língua hebraica, como bem se disse aqui, era pobre, principalmente no que concerne à mecânica da palavra. Na sua gramática, encontram-se todos os substantivos sem plural; poucos adjetivos; ausência completa de comparativos e superlativos; verbos sem as precisas desinências para a variedade dos tempos pretéritos e futuros sem diversidade de modos. Jogando com estes elementos falhos, como exprimir com toda a clareza os pensamentos do nosso divino Mestre?

Obrigados a repetições constantes de palavras, para dar forma às ideias além da monotonia que se observa nos escritores bíblicos, eles só com muita dificuldade, repito, podiam refletir nos seus escritos as imagens do pensamento.

Bem-aventurados os pobres de espírito, disse Mateus, colocando

Jesus sobre a montanha. Bem-aventurados os pobres, disse Lucas, colocando Jesus na planície.

O fato é um só. Jesus, depois de falar ao povo que o cercava, depois de haver curado muitos enfermos, paralíticos, estropiados, sobe a uma colina e, dirigindo-se aos discípulos, ao mesmo tempo que ao povo, lhes apresenta as virtudes que alcançam o céu.

Deste modo, harmonizam-se perfeitamente os dois Evangelistas. Deste modo, compreendemos a que pobreza Jesus se referia e que era, como bem o percebestes, a ignorância e a simplicidade que o Espírito há conservado desde a sua origem.

Onde há simplicidade, onde reside a ignorância, não tem pousada o orgulho, motivo principal da queda de todos os Espíritos.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra. Certamente, porque a Terra é o Planeta onde Jesus impera e o Espírito que possui a Terra a domina. Dominar a Terra é ser aliado de Jesus; ser aliado de Jesus é estar com Ele, trabalhando incessantemente para o levantamento moral da triste humanidade. Felizes dos que bem compreenderem esses ensinamentos do Divino Mestre e os puserem em obra.

Sede humildes, sede mansos, para que o vosso espírito possa aliar-se a Jesus, de quem somos *co-herdeiros*.

Assim como Ele levantava o paralítico, dava vista aos cegos, repartindo com todos as imensas graças do seu puríssimo amor, assim também podereis fazer se, desapegados das coisas do mundo, souberdes colocar-vos sempre em condições de receber suas luzes, seus conselhos, por intermédio dos Espíritos seus servidores. Evitai ser filhos de Cevas, pois não basta ter o nome de Jesus nos lábios, é preciso trazê-lo no coração.

Agora mesmo Ele vos dá uma prova do seu amor. Agora mesmo, vem firmar os vossos passos no caminho da Cruz. Agora mesmo, todos os vossos Guias, todos os Apóstolos; todos os vossos companheiros de trabalho lhe sentem a presença e rendem graças por mais este favor concedido aos pequenos obreiros da sua vinha.

Oh! meu Jesus, se é da tua vontade, dá mais um sinal patente de quanto amas aos teus irmãos da Terra, de que ainda hoje te ajoelhas aos pés dos pecadores, para lhes dar um exemplo sublime da humildade e do amor que devem praticar uns para com os outros!

Meus filhos, concentraí-vos, pedi, pedi a graça ao Pai celestial. Ele vô-la dará.

Paulo

O médium diz:

Sim, vejo uma porção de criancinhas que vêm descendo (chora) ; trazem cestinhas de flores que jogam para um e outro lado, ao mesmo tempo que dizem: *Glória a Deus nas alturas, paz aos homens de boa vontade! Hosanas ao Filho de Maria!*

O médium chora, arqueja em pranto e acrescenta:

Oh! Oh! que luz! Cega-me. Ouço uma voz suave que diz:

“Bem-aventurados os que trabalham pela minha doutrina. Bem-aventurados os meus discípulos da Terra. Eu vos abençoo em nome do Pai. Segui meus passos, carregando a minha cruz. Tendes em cada um de vossos Guias um Cireneu. Não se turbe o vosso espírito pelas tribulações. Dai o vosso sangue, se o exigirem, recebei bênçãos.”

O médium, sempre em pranto, põe as mãos, atira um ósculo e pede que o despertem.*

Esta memorável sessão se realizou a 6 de Agosto de 1895, achando-se presentes Bittencourt Sampaio, Frederico Junior, Bezerra de Menezes, Domingos Filgueiras, Netto, Santos, Bevilaqua, Ramos, Bernardino Cardoso, Campos, Richard, Sayão pai e filho.

Prodígio pedido pelos Fariseus

(Mateus XII, v. 38-42; Lucas XI, v. 29-32)

Feito o estudo, o médium, sonambulizado, diz:

Paz. Felizes os que ocupam as horas do repouso do corpo no estudo dos Evangelhos, que é trabalho do espírito. Felizes aqueles que sabem recolher-se ao *templo do seu corpo* e orar ao Pai celestial, pedindo forças para as lutas e perigos da existência.

Felizes os que, para crerem, não pedem ao Céu outros prodígios a não ser os da misericórdia divina, que os alente, que os fortifique, para a jornada do infinito.

Meus filhos, peço, rogo, Àquele que na Terra passou por meu filho, que derrame sobre vós as infinitas graças do seu grande amor, para que possais, dia a dia, melhor compreender a sua lei e descortinar novos horizontes, tornando-vos aptos à ressurreição definitiva, *que é não mais provar as dores e as agonias da morte.*

A ti, cuja referência muito me agradou, não pelo merecimento que porventura eu tenha aos olhos do Senhor, mas por sentir em ti o espírito de mansidão e de humildade; a ti, bom pescador, que desces ao profundo mar das Escrituras santas, para apanhar as preciosas pérolas que colocas sobre esta mesa, digo: obrigado. Que essas joias sirvam para esmaltar as vossas coroas, ao entrardes no Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Deus vos abençoe.

José

Continuou o médium:

Sim, é ele! É um velho de barba à nazarena, grisalha, cabelo cacheado. Veste uma túnica rósea, segundo o costume dos tempos antigos. Vejo-o como era quando recebeu a anunciação da vinda de Jesus. Tem na cabeça uma auréola de luz. É doce o seu olhar, é um verdadeiro Santo. Cercam-no muitos Espíritos respeitosos, entre eles o próprio Ismael. Que serenidade!

Vinde a mim

(Mateus XI, v. 28-30)

“Vinde a mim vós todos que andais em trabalhos e vos achais carregados que vos aliviarei. — Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas, porque o meu jugo é suave e leve o meu fardo.”

Feito minucioso estudo deste ponto, como discípulos que sinceramente desejam aprender, seguindo o preceito de Paulo: *Examinai tudo (I Tessalonicenses, v. 21); ou segundo Pedro (1ª, III, 15): “Santificai o Cristo Senhor nosso em vossos corações aparelhados sempre para responder a todo o que vos pedir razão daquela esperança que há em vós”*; alguns irmãos apresentaram suas dúvidas, apontando as dificuldades que achavam para compreender a *suavidade do jugo e a leveza do fardo* a que aludiu o Senhor, porquanto entendiam que o fardo é o da Cruz, que os pecadores têm de carregar até ao cimo do seu Calvário, como meio de purificação do Espírito sobrecarregado e subjugado pelas suas próprias paixões, crimes, faltas e erros.

Considerado o martírio por que passaram os Profetas e Discípulos; as perseguições a que se expõem os que seguem a Jesus, difícil se tornava compreender aquelas expressões evangélicas, salvo para Espíritos elevados por suas virtudes e desprendidos do domínio da matéria.

Preocupados com tais dúvidas, elevamos as nossas preces a Jesus e esperamos as vozes do Céu.

O companheiro Frederico Junior, médium sonambúlico, levantou-se e disse:

Paz seja com aqueles que se reúnem no Santo Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, para estudar e compreender toda a grandeza dos seus sublimes ensinamentos.

Paz aos que procuram a suavidade do jugo, a leveza do fardo.

Meus filhos, chegaram os tempos de poderdes entender, em espírito e verdade, os ensinamentos do Amado Mestre.

Nos primeiros tempos, na época da aparição do Messias sobre a Terra, o homem, entregue exclusivamente às suas paixões, sem orientação segura quanto aos seus destinos, apesar do esforço dos Profetas mandados ao mundo e que, em troca das suas missões, receberam morte afrontosa, constituía imenso prazer, motivo de alto júbilo, conquistar,

pela força dos exércitos, os povos fracos e, a bem das suas ociosidades, fazê-los escravos, carregá-los dos maiores fardos e de todos os sacrificios que possais imaginar.

Pois bem, havia na Terra essa dor suprema: a dor lancinante da perda da liberdade; a dor pungente da escravização do pensamento; a dor sacratíssima do coração oprimido! Todas, como um gemido constante, se libravam, aos supremos Paços, em súplicas, em rogos para que viesse à Terra o rocio divino aviventar as flores murchas de todas as esperanças.

Esse rocio veio, apareceu Jesus; mas, como também Ele era grande; como também era poderoso; como também tinha exércitos para conquistar os povos e também precisava de escravos para o serviço da lei divina, proferiu aquela frase doce e simples:

“Vinde a mim, o meu jugo é suave; o meu fardo é leve.”

O jugo de N. S. Jesus Cristo é o Amor; o seu fardo, isto é, os trabalhos, os grandes sacrificios, que exige dos homens, são a caridade. Um jugo, sim, Ele impõe a todos: o do Amor. Liga sua alma, sempre boa e divina, a todos os que gostosamente entregam os pulsos às cadeias da Fé. E, exigente ao extremo, reclama esse trabalho que não conhece noites nem auroras, o trabalho do bem, a obra da caridade, labor santo divino que se executa durante as vigílias e na própria escuridão das noites, na Terra e nos Céus.

Eis, meus filhos, rapidamente explicada essa passagem do Evangelho do Nosso Mestre Divino.

Pela fé, pela consciência da vossa inferioridade, dos vossos erros, dos vossos pecados, fazei-vos escravos de N. S. Jesus Cristo.

Entregai-vos, de boamente, ao seu jugo suave e na eira, de arado em punho, sem olhardes para traz, lavrai a terra onde devem florescer as boas sementes, onde devem crescer as boas árvores, a cuja sombra vos colocareis um dia, *livres da morte*.

Bem-aventurados sejam os escravos de Jesus.

Honra aos trabalhadores da última hora, que se tornaram capazes de compreender em espírito o seu pensamento.

Agostinho

*Dos homens só ingratidões;
de Deus tudo*
(Lucas XIV, v. 1-15)

Paz seja convosco.

Pouco me cabe acrescentar ao que foi dito. Que vos posso dizer, quando a própria dúvida apresentada pelo vosso irmão, que explica os Evangelhos, não foi mais do que um pretexto para terdes ensejo de ouvir a explicação científica desse estado patológico que se denomina hidropisia?

Qual de vós seria capaz, em consciência, de pôr em duvida a possibilidade da cura instantânea de qualquer enfermidade, sob a ação da vontade de Jesus?

Ele, que dava vista aos cegos, que fazia andar os paralíticos, não poderia, naquele momento oportuno a um grande ensinamento, projectar os seus divinos fluidos sobre o hidrópico e fazer desses fluidos filtros capazes de lhe esgotarem os vasos repletos? Quem de vós poderá duvidar, em consciência, da possibilidade desse fato? Meus filhos, em nenhum de vós, felizmente, encontro essa dúvida, tanto se tem fortalecido a vossa fé. Possa ela, no trabalho de todos os dias, se ir desenvolvendo nos vossos Espíritos e tornando-vos aptos para outros cometimentos da crença. Assim, pois, que vos posso dizer mais?

O banquete é um símbolo da caridade que deveis praticar, sem fins ocultos. Que mais dizer-vos? Que na prática dos ensinamentos da Doutrina do Amado Mestre deveis proceder sem nada esperar dos homens, mas pondo todas as vossas esperanças em Deus, nosso Criador e Pai? Isto já foi dito por outros e como exprime a verdade, guardai-o em vós, porquanto a Verdade, quer venha do Céu pela boca dos anjos, quer da Terra pelos lábios dos homens, deveis conservá-la nos vossos corações, para aplicá-la, abrindo os tesouros das vossas almas aos necessitados, esperando deles a ingratidão e de Deus a recompensa.

Meus filhos, bem-aventurados os que estudam, compreendem e praticam. As bênçãos de Deus desçam sobre vós, a paz de N. Senhor Jesus Cristo vos acompanhe, com as felicitações do meu espírito, pelo vosso trabalho de hoje.

Ismael

(A explicação dos Evangelhos, nesta, como em todas as sessões, era dada pelo irmão Bittencourt Sampaio. As explicações científicas, pelo irmão Bezerra de Menezes. O médium sonambúlico era o irmão Frederico Junior).

O feitor infiel (Lucas XVI, v. 1-12)

Que na paz do Senhor possais compreender esta parábola, dedicada aos pródigos da fé, aos perdulários do amor, como já tive ocasião de dizer. Meus filhos, nas eras pristinas da humanidade, os vossos semelhantes se julgavam exonerados de todas as faltas cometidas à face do seu Criador, mediante um sacrifício de animais, ou a oferta de outros bens, em honra dos seus deuses, dos seus santos. Dessa riqueza, que a mancheia Deus havia colocado em seus corações, tornavam-se pródigos e perdulários, não em proveito dos seus semelhantes, mas em proveito próprio.

Compreendamos: pouco se lhe dava a este, ou àquele, o não possuir a fé, desde que tinha uma ovelha para imolar. Ninguém se importava com o não possuir o amor, nem a caridade, desde que tinha um bando de pombas mansas para levar ao sacrifício do altar. A cega bajulação aos deuses, com a qual julgavam encontrar a paz futura, levou Jesus a condenar, numa parábola, que só hoje pode ser explicada em espírito, todas as ofertas que, não partindo do coração, eram antes inspiradas por ideias especulativas.

Deus, nosso Criador e Pai, inoculou em todas as almas os sentimentos da fé, do amor, da caridade, da humildade.

Se, por amor da nossa individualidade, por amor da nossa carne, das nossas paixões, atirmos esses sentimentos, sementes do bem, às aves do Céu, necessariamente esbanjaremos uma fortuna, que ainda não era nossa. Mas, como vos disse a princípio, aqueles nossos irmãos se julgavam exonerados desse depósito santo, feito pelas mãos do Eterno, mediante o sacrifício de animais. Como todas as parábolas de Jesus, a que estudamos abrangeu um rosário de séculos, pois, ainda hoje encontrais quem se julgue desobrigado de amar a seus semelhantes, desde que mande dizer algumas missas pelo repouso da sua alma.

Ainda hoje, desperdiçando todos os tesouros da alma, os homens lançam mão dos bens da iniquidade, das riquezas do mundo para, como se isso fosse possível, correr um véu espesso entre seus crimes e Deus.

Eis porque disse o Divino Mestre: *se não fostes fiel no alheio, etc.* — Compreendamos: fostes feitos simples e ignorantes; Deus vos confiou uma partícula da sua divindade para, pelo vosso esforço, a desenvol-

verdes, e com ela vos enriquecerdes. Se a desperdiçastes, quem vos pode dar o que é vosso? Na verdade, haverá mais do que um Criador? Não é Ele quem dá a seus filhos os incomensuráveis tesouros do seu amor sem limites? Quem nos dá a fê, o amor, caridade, a humildade e a luz?

Se Deus julga que não somos merecedores, se nos falece a fidelidade nas coisas santas, como poderemos possuir aqueles tesouros?

Entretanto, diz a parábola: *o amo louvou*, digamos antes; *admirou-se* (dois termos que tinham a mesma significação naquela época), da perspicácia daquele homem que, embora cometendo um delito, se lembrara do seu dia de amanhã. Eis o ensinamento: — pensar e cuidar do futuro.

Ninguém nasce indigente, enfermo, aleijado, porque seja essa a sua única condição. Se os homens, apreendendo em toda a amplitude a justiça de Deus, negassem amparo e auxílio ao desgraçado, isso lhes seria relevado; mas, desde que o homem, não podendo perscrutar os desígnios de seu Deus, nem conhecer quando a hora soou para a cessação dos sofrimentos alheios, aproveita, lançando mão dos bens da iniquidade, a moeda que para o Senhor nada vale, a fim de socorrer os infelizes, esse procedimento, meus filhos, não o desobriga aos olhos do Pai, porém, dá ensejo à permuta, incita a reciprocidade dos mesmos sentimentos filantrópicos, de sorte que, um dia, o indigente, o enfermo, desprendido dos véus da carne, também repartirá com aquele os bens que lhe faltavam: o amor, a fê, a verdadeira, caridade.

Ismael

Médium: Frederico.

*Para não suceder que vejam, ouçam,
entendam e se convertam, e eu os sare*
(Mateus XIII, v. 15)

Paz. Bendito seja o Senhor, por ter permitido que a paz reinasse entre nós, mau grado àqueles que procuram a todo transe trazer o desgosto aos vossos corações amigos.

Bendito o Senhor, por ter permitido que o vosso espírito penetrasse o âmago da sublime lição que Ele deu aos seus amados discípulos, preparando-os a levar por toda parte a boa nova que trouxera para todos os povos, para todas as gentes.

Usando da linguagem parabólica quando se dirigia diretamente ao povo, tinha Jesus dois fins: falar, como vistes pela leitura do Evangelho, de modo que os ouvidos e os olhos dos endurecidos se não abrissem para entendê-lo, o que os levaria a converter-se *inutilmente*, e também deixar plantadas no coração da humanidade as divinas sementes de que era portador e que haviam de frutificar a seu tempo, de acordo com o desenvolvimento do espírito humano.

Mas, como se pode compreender que Jesus, o Espírito mais elevado em amor e caridade que tem vindo à Terra, evitasse que dos seus ensinamentos beneficiassem os que deles aparentemente mais precisavam?

Meus filhos, compreender, em espírito e verdade, os receios ou temores de Jesus em converter aquele povo ingrato é reconhecer uma das maiores manifestações do seu Espírito misericordioso.

Ele era o amor e não podia negar a gota d'água límpida e pura ao que a pedisse para matar a sede; mas, com a sua visão de Espírito perfeito e livre, percebia claramente o de que seriam capazes os que recebessem a sua palavra no pedregulho, no espinheiro. Evitava, pois, aumentar a responsabilidade dos que apenas viam com os olhos do corpo e ouviam com os ouvidos, materiais.

Todos os que eram representantes da religião, representantes do povo tinham missões de acordo com os seus sentimentos e o meio em que atuavam.

Os sacerdotes, os conhecedores do antigo testamento haviam recebido a de preparar o espírito das gentes para receber a boa nova do Evangelho do Senhor. Apaixonados, porém, transviados do verdadeiro

caminho, só fazendo da lei as aplicações que lhes convinham, *ipso facto* perderiam, desde o aparecimento de Jesus na Terra, a investidura de tais funções, ao passo que os pobres e humildes pescadores, que das doutrinas do Eterno colhiam o máximo: o sentimento de amor à humanidade, esses iam receber mais amor, iam receber a luz em seus Espíritos ignorantes, iam ser elevados à altura de um apostolado, ao mesmo tempo que aqueles outros seriam despidos da toga da sua magistratura.

Ao que tem, mais ainda se lhe dará com abundância; ao que não tem, até aquilo que julgue ter se tirará.

Meus filhos, reservo para outra vez o que ainda se pode colher desta passagem do Evangelho.

Allan Kardec

Médium: Frederico.

Presença de Moises e Elias

(Mateus XVII, v. 1-13; Marcos IX, v. 1-12; Lucas IX, v. 28-36)

Meus filhos, rendamos graças ao Senhor pela paz que soubestes manter durante os vossos trabalhos. Que nessa mesma paz nos seja dado fazer luz sobre o vosso estudo de hoje, relativamente à comunicação de José, que foi por vós apreciada com o critério de verdadeiros espíritas, critério que é: “nem aceitar tudo o que vem do mundo dos Espíritos, selado por um nome importante, nem também rejeitar tudo, julgando a priori.”

É verdadeira a comunicação dada ao vosso companheiro de trabalho e assinada — José? Sim. Encontra-se nela alguma frase que não pudesse ser proferida pelo ilustre varão, esposo de Maria? Sim. E qual é ela? É a seguinte: *Esta comunicação é apócrifa.*

Como, porém, perguntareis, manifestando-se um Espírito de tão elevada categoria, pode um infeliz penetrar no nosso meio para perturbar a serenidade do médium que servia e até intercalar frases na comunicação que então era recebida?

Meus filhos, remontemos à nossa sessão passada e vejamos se o bom Ismael, permitindo o ingresso de um infeliz no vosso templo, quis ou não fazer uma aplicação do vosso estudo. Que estudamos? A tentação de Pedro, o grande varão que se achava ao lado do Divino Mestre. Estudamos a possibilidade desses infelizes inimigos da luz e da verdade se aproximarem dos Espíritos elevados.

Falando sobre esse ponto, tive ocasião de vos dizer que não compreenderia o mérito das boas resoluções espirituais, se Deus, pelo seu grande amor, cercasse os seus escolhidos de uma muralha inexpugnável às influências perversas.

Ao vosso lado não podem estar somente os vossos guias e os vossos protetores. Ao vosso lado estarão sempre os afins convosco pelos sentimentos.

Fechar-lhes as portas do templo, para evitar que aí ingressem, seria não vos julgar capazes de manter no vosso centro a serenidade característica do bom cristão, quando trata destas coisas.

O que aconselhamos e pedimos é o fechamento do vosso coração a essa influências nefastas; o que pedimos é a caridade que pediu José; não essa caridade que não vem direta de vós mesmos, mas a extraordi-

nária riqueza dos vossos corações, a qual, muitas vezes, por egoísmo, não sabeis repartir com os vossos semelhantes, julgando-vos, entretanto, dignos e merecedores das riquezas espirituais dos vossos guias e dos vossos protetores.

Meus filhos, orai e vigiai, porque, à mão posta no arado, para revolver a Terra dura dos vossos próprios crimes, muitas mãos virão juntar-se, procurando afastá-la desse instrumento de progresso dos vossos Espíritos. Orai e vigiai, certos de que o bom Ismael, o vosso incansável guia, estará sempre convosco vigilante, para que possais alcançar na vida única, na verdadeira vida, o prêmio dos vossos esforços.

Bem explicados e compreendidos os trechos do Evangelho lidos hoje, apenas vos direi que a presença de Elias e de Moisés, simultaneamente, falando com o Divino Mestre, foi um fato que se produziu perfeitamente de acordo com as leis que regem tais fenômenos.

Se os Espíritos de ordem inferior podem, pela sua simples vontade, tomar diversas formas, porque um Espírito superior não pode imprimir no fluido luminoso as imagens que queira, para produzir certos e determinados efeitos?

Portanto, Elias, presente em espírito, como Moisés, se quisesse, podia imprimir no fluido luminoso as imagens que tivera nas suas três últimas encarnações, como fotografias perfeitas do seu pensamento.

Meus filhos, não quero fatigar mais o vosso companheiro, recebei a benção do vosso bom guia Ismael.

Allan Kardec

Médium: Frederico.

Perdão das ofensas

(Mateus XVIII, v. 15-17; Lucas XVII, v. 3-19)

Paz. Bendito seja o Senhor, que permite ao último dos seus servos vir ainda uma vez entre os seus irmãos da Terra desvendar os maravilhosos ensinamentos do seu amado Filho.

Meus filhos, graças à paz que soubestes manter entre vós, a vossa inteligência pôde penetrar em grande parte dos ensinamentos de Jesus que fizeram objeto do vosso estudo.

Estas parábolas se prendem umas às outras em seus conceitos.

Em primeiro lugar, temos o ensinamento do perdão absoluto das ofensas. Em segundo lugar, temos o cumprimento absoluto dos nossos deveres, sem a ideia preconcebida de recompensas. Em terceiro lugar, temos o ensino que patentemente mostra aos homens que os grandes sentimentos, de que o Divino Pai dotou as suas criaturas, não se aninham somente nos que fazem parte desta, ou daquela igreja.

Na primeira parte, devemos separar o que Jesus dizia ao povo do que particularmente dizia aos seus discípulos.

Abrangendo com o seu divino olhar os tempos por vir, sabia Ele perfeitamente que muitas dissensões se iam dar entre aqueles que se dispunham a levar a boa nova a todos os pontos conhecidos da Terra. Disse então a seus discípulos:

Vós, que conheceis a lei do olho por olho, dente por dente; vós, que conheceis a lei do apedrejamento dos infelizes nas praças públicas, como punição de crimes cometidos; vós, meus discípulos, esquecei essas leis que tiveram o seu tempo.

Abri o vosso coração ao perdão de todas as ofensas e, quando o vosso irmão, que faz parte da vossa comunhão, pecar contra vós, não deis publicidade aos seus pecados, ide ter com ele, não para humilhá-lo, mas para que compreenda os seus deveres de cristão, para que possa reparar suas faltas. Se não vos ouvir, chamai uma ou duas testemunhas, não porque essas testemunhas sejam necessárias ao testemunho de Deus; mas, para que na vossa comunhão fique provado o vosso procedimento todo cristão e jamais possa cair sobre as vossas cabeças o juízo temerário de terdes quebrado os elos da fraternidade com o vosso irmão, porque pecara.

Se ainda assim ele não vos quiser ouvir, doe-o à igreja, para que

a igreja, por sua vez, proteste contra aquele que, tendo-se-lhe filiado, tendo conhecimento da doutrina santa, proceda como gentio; como publicano.

Este conselho, como vedes, foi todo particular aos seus discipulos, aos seus arautos no seio dos homens.

Na segunda parte, acha-se a comprovação do que eu vos disse na minha ultima comunicação: o bem devemos fazê-lo de toda a nossa alma, de todo o nosso espírito, sem visar recompensas futuras.

O bem devemos fazê-lo porque é o bem e, desde que o homem lançar mão da moeda, ou de outros meios, esperando que com esse procedimento atenua sua falta de amor, sua falta de fé e verdadeira caridade, como filho do século poderá ser mais perspicaz do que os filhos da luz; mas, por isso mesmo, não verá a luz.

Os Espíritos prepostos que, como leprosos, se collocaram à passagem de Jesus, confirmaram todas essas verdades que vos tenho dito ultimamente. O samaritano, ou estrangeiro, na frase bíblica, recebeu o mesmo bem que Jesus havia feito a seus companheiros e veio louvar ao Pai celestial, prostrado aos pés do Mestre. Veio derramar os tesouros do seu coração purificado, no altar daquele grande Espírito, que lhe limpou a lepra o corpo. Veio ofertar a Jesus o seu amor, a sua gratidão, a sua fé. Os outros se limitaram a mandar sacrificar alguns pequenos animais, em louvor de Jeová, e com isso se deram por satisfeitos.

Eis, meus filhos, em síntese, os ensinamentos de Jesus. Que possais deles tirar todo o aproveitamento, aprendendo a perdoar, a servir humildemente, sem cogitardes da paga que haja de ter o vosso labor; que, finalmente, por todos os benefícios, digais — “Glória a Deus nas alturas, paz aos homens na Terra”.

Ismael

Médium: Frederico.

Confiai em meu Filho

Confiai no Bom Pastor

(Mateus XIX, v. 13-15)

Filhinhos, Glória a Deus nas alturas, paz aos homens de boa vontade. *Deixai vir a mim os pequeninos, porque de tais é o reino dos Céus.* Assim falava Jesus, acariciando no seu bondoso regaço, a nós outros, as criancinhas. Lembrando-vos essa passagem da vida do nosso Mestre, venho, em nome da Virgem, sua Mãe, pedir-vos que, imitando-o, me recebeis no vosso carinhoso seio, recebendo assim os suaves eflúvios do amor dos Anjos, concentrados no coração da Rainha dos Céus, e recebendo as minhas flores.

Lembraí-vos de que, em tempos idos, quando assoberbavam os vossos dias as tristezas e aflições, Ela vos prometeu proteção e amparo, porque éreis discípulos do seu Filho. De lá de sua Glória, ouvindo os vossos íntimos gemidos, de envolta com as vossas preces, boa e meiga, mandou que eu vos dissesse.:

“Filhos, confiai em meu Filho; confiai no Bom Pastor. Nenhuma das suas ovelhas será perdida, malgrado à vontade de outros. Onde está a vossa esperança nas suas promessas? Onde está a fortaleza da vossa fé, para resistir aos embates da luta que abristes em seu nome contra o reino das trevas? Filhinhos, levantai os vossos Espíritos, tende confiança no vosso amado Mestre, meu amado Filho, porque Ele é a luz, Ele é a verdade, Ele é o amor. Como poderão as dores entibiar os vossos passos, enfraquecer o vosso espírito? Lembrai-vos das minhas dores, das minhas amarguras, quando Ele, arrastado pela mão dos homens, levava sobre seus ombros todo o peso dos vossos pecados. Lembrai-vos da cruz dos martírios provados por amor de vós. Aprendei na tragédia dessas profundas dores a serdes humildes, resignados diante das pequenas dores. Meus filhinhos, o meu maior júbilo, na glória, consiste em ver-vos seguros no carreiro do bem. Meus olhos, constantemente postos em vós, procuram iluminar as vossas almas, iluminar o caminho que vos há de conduzir ao reino dos que são como as crianças, ao reino dos simples e puros. Deus vos abençoe. Deu vos proteja e meu Filho vos ilumine.”

Celina

Médium: Frederico.

Rendeiro da vinha (Mateus XXI, v. 28-32)

Paz. Bendito seja o Senhor, que nos concede a imensa graça de ainda uma vez estudarmos e compreendermos os ensinamentos do seu amantíssimo.

Jesus, se hoje voltasse à Terra e houvesse de falar às inteligências mais desenvolvidas dos homens, sobre o assunto que fez objeto da sua parábola — O *rendeiro da vinha*, diria abertamente:

“A vós, sacerdotes, ministros da lei, foram confiados os preciosos ensinamentos das Escrituras Sagradas, a fim de tirardes deles todos os proveitos, em moralidade e virtude, para elevação espiritual, não só vossa, como de toda a humanidade. Para esse efeito, o Senhor vos deu todas as garantias, todas as seguranças de conforto, reclamadas pela vossa condição de homens.

“De tempos a tempos, sabendo, pela sua presciência divina, que, como trabalhadores da sua vinha, não éreis cuidadosos, mandava que seus Profetas, como que para despertar a vossa consciência, vos viessem pedir os frutos colhidos na vinha que lhe pertencia.

“Vós, entretanto, como muito bem foi dito ainda há pouco, cuidando unicamente da ostentação, sem atenderdes à comunidade geral, cogitando apenas da satisfação dos vossos desejos materiais, recebíeis os Profetas com afrontas e injúrias, com desprezo e escárnio.

“Agora, como estímulo às vossas consciências, Ele me envia a mim, que sou seu Filho, e vós, julgando que o meu reino é deste mundo e preferindo a tudo as grandezas dessa transitória vida em que vos achais, deliberastes matar-me e me levareis carregado de afrontas, até ao cimo do Calvário, esquecidos dos vossos compromissos com relação ao depósito que vos foi feito pelo Senhor dos Senhores, quando vos entregou a vinha para o trabalho do Espírito.

“Edificadores de todas as grandezas efêmeras, que a fantasia do homem pode imaginar, maus operários, não sabeis conhecer a verdadeira pedra, própria a servir de alicerce ao templo que levantai. A mim me rejeitais como inútil; entretanto, eu sou a pedra angular do verdadeiro templo da crença e da felicidade futura.”

Seria desse modo, meus filhos, que Jesus falaria aos homens, se porventura voltasse à Terra.

Tirai todos os proveitos desta sábia lição. A vós também foi confiada uma vinha, dado vos é também um lagar e uma torre, isto é, as vossas necessidades são atendidas.

Tratai, meus filhos, de produzir frutos, pois, assim como nos tempos passados vinham os Profetas pedir, em nome do Senhor, aos doutores da lei, o resultado de seus labores, também hoje os vossos guias, os vossos protetores penetram neste pequenino templo, para o mesmo fim, desejosos de que possais mostrar frutos em abundância de amor, de fé e caridade.

Esforçai-vos por cumprir o dever sagrado que vos impõe a vossa consciência; não cedais o vosso lagar aos publicanos e às infelizes.

Jesus vos confiou a vinha, isto é, colocou em vossas mãos, misericordiosamente, o seu santo e precioso Evangelho. Que a luz que dele se desprende impregne os vossos Espíritos, iluminando todo o vosso ser, para terdes a compreensão do verdadeiro papel que representais no mundo, perante Nosso Senhor Jesus Cristo.

Oh! vós que sofreis perseguições e injúrias, oh! vós que, com os corações feridos pela iniquidade, verteis lágrimas de sangue; levantai os olhos para o Céu, dirigi-o a Jesus e depois dizei-me qual vale mais, se a consciência de um mundo, se a consciência de um Deus.

Oh! vós, que sofreis, elevai o vosso espírito nas asas da prece, aos pés do amantíssimo e divino Mestre, acolhei-vos sob o seu manto. Ele é o eterno abrigo de todas as ingratidões. Ele é o eterno refúgio de todos os infelizes. Ele é o mais brilhante Farol que ilumina a consciência das criaturas.

Voltei-vos para Jesus e esquecei-vos dos homens.

Paz e amor.

Ismael

Médium: Frederico.

Parábola da viúva e do mau juiz (Lucas XVIII, v. 1-8)

Na esperança, alegres; na tribulação, sofridos; na oração perseverantes. (Paulo, Epístola aos Romanos, cap. XII, v. 1 e 2).

Para mostrar que devemos orar sempre, incessantemente, Jesus propôs a parábola do juiz, que, não temendo a Deus, nem respeitando os homens, só pelas importunações da viúva lhe fez justiça. Se esse homem sem princípios, sem fé, fez justiça, cedendo às instâncias da viúva, quanto não devemos esperar que o Senhor ceda às nossas preces perseverantes e fervorosas, quando lhe pedirmos o que for justo?

Disse Jesus: *Ele vos vingará depressa; mas, quando vier o Filho do homem, julgais que achará alguma fé na Terra?*

Devendo tomar-se essa vingança como justiça, porque a cada um será dada a recompensa, ou o castigo, segundo suas obras; e a vinda do Senhor, como sendo a vinda do Espírito da Verdade, do Consolador prometido, que vem, pela Revelação Espírita, na era nova, restabelecer a lei qual emanou da fonte e origem em de toda a criação, é certo que, chegado à Terra, como ora presenciemos, não encontra aí fé, conforme previu o Divino Mestre.

Um ponto, porém, de difícil compreensão se nos apresentava: a razão por que Jesus nos aconselha a prece incessante, quando sabemos que Deus, fonte puríssima e absoluta da caridade, da graça, da misericórdia infinita e da justiça, as pratica para com seus filhos, de acordo com as necessidades destes, independente das instâncias de suas preces perseverantes e fervorosas.

Foi esse o ponto estudado e do estudo colhemos a luz de que necessitávamos, convencendo-nos ainda mais de que o nosso propósito com relação às sagradas letras não deve consistir na aquisição de uma fé cega, prescindindo de indagar das razões que nos convençam da verdade.

Finalizado o estudo, esperamos em concentração a santa palavra do nosso Bom Guia Ismael, que nos disse, pelo companheiro Frederico, sonambulizado, o seguinte:

Preside ao nosso trabalho o Bom Ismael. Estão presentes todos os nossos Guias. Acham-se aqui Bittencourt, Bezerra, Gama, Isabel Sampaio, Borges, Bernardino. Vejo muitos Espíritos sofredores junto

de Paulo. Formam um grupo Frei José dos Mártires, Santinha⁹, Moisés, Celestino e Mario.

Profere, em seguida, estas palavras:

Paz e bênçãos aos que trabalham.

Belo remanso este, onde vos abrigais, por alguns instantes, das lutas da existência! Adormecer, por momentos, no sossego da Santa Bíblia é sonhar e antever a felicidade, no seio de Jesus, todo o vosso anelo.

Nessa calma, nessa serenidade do espírito, folheando o Livro Santo, o homem vai infiltrando no seu coração todas as doçuras das verdades que ele contém; vai repassando a sua alma, cheia de culpas, no grande Jordão purificador, a fim de voar para o seu Deus, seu Criador e Pai!

Meus filhos, a parábola que acabamos de estudar era de necessidade naqueles tempos, como hoje, como sempre, porque nela Jesus prevê os desfalecimentos da alma, quiçá os seus desesperos, quando a criatura se vê oprimida pelo peso das suas provações, pelas iniquidades dos homens que não têm Deus, porque nele não acreditam.

Dissestes: Deus, para fazer justiça, não precisa que lhe peçam.

Sim. Mas, não é Deus quem experimenta a necessidade do pedido; é o crente, que precisa receber, por efeito de cada prece, um alento, uma esperança.

A súplica constante é a brônzea porta que se abre ao Espírito, para que se abrigue na verdadeira crença, contra os atos de desespero, contra os desfalecimentos que o assaltam, quando chega o momento das agonias, das angústias, dos infortúnios. Enquanto o Espírito ora, enquanto a alma suplica, banha-se toda na luz da esperança, luz que, fendendo os espaços infindos, leva em seus raios ao Pai esta pergunta: *Senhor, inda devo sofrer? Ou é chegado o momento de lançares sobre mim a tua misericórdia?*

Eis a necessidade da oração contínua; é para que a luz da esperança fulgure sempre na frente do crente em Jesus. Enquanto ela brilha, o desespero não lhe pode invadir a alma, os desfalecimentos não lhe podem quebrar as energias, porque com ela vêm as cintilações da fé.

Felizes os que sabem orar!

Tu, homem, que te vês oprimido pela tua existência, acabrunhado pelos infortúnios, procuras a origem dos teus sofrimentos. Se a encontras no teu semelhante, a tua primeira ideia é a vingança e buscas os meios de também aniquilá-lo. Se não o consegues, se o vês prosperar, oh! então, no teu Espírito, uma revolta se produz e suspeitas da justiça de Deus.

Mas, Jesus previu igualmente essas tempestades do teu Espírito e nesta parábola manda confies na sua vingança, que é a justiça indefec-

9 Uma irmã que desencarnara a 16 de abril de 1900; a irmã Durcelinda.

tível. Não te preocupes, porém, com os gozos, com a prosperidade dos juizes iníquos, das criaturas que te ferem, porque os gozos, as prosperidades mundanas são efêmeras, tudo se esboroa. A única verdade que preside a todos os destinos é — a Justiça de Deus.

Meus filhinhos, em toscas palavras, eis o que me acode dizer-vos, sobre o estudo de hoje.

Tarde embora o conforto às vossas dores, mantende-vos por todo o tempo em prece. Orai sempre, perdoai sempre a todos os vossos inimigos, porque a vingança de Deus, que quer dizer justiça, vos vingará. Paz seja convosco.

Ismael

Parábolas da viúva e do mau juiz; – do Fariseu e do Publicano; – do moço rico
(Lucas XVIII, v. 1-8 e 9-14; Mateus XIX, v. 16-26; Marcos X, v. 17-27)

Comemorava-se o aniversário do mestre, a 3 de Outubro de 1894.

O irmão Bittencourt Sampaio disserta sobre essas parábolas e acaba dirigindo palavras de veneração e gratidão ao mestre Allan Kardec, pedindo-lhe que ore por nós e que pelo médium Frederico satisfaça aos ardentes desejos que temos de ouvi-lo. Depois de alguns momentos de concentração, o médium, sonambulizado, diz:

Paz. Ainda é cedo para que receba homenagens e oblações, filhos, o Espírito que se comunica neste santo trabalho. Viajor de um deserto árido e ardente, sentei-me ao marco do caminho, a fim de renovar forças, para chegar à meta do meu destino. Quando lá chegar; quando, examinando a minha consciência, me sinta desobrigado de todos os compromissos que hei tomado para com Deus e o meu Divino Mestre; quando, após a travessia desse deserto árido e ardente, o seio da humanidade, volvendo os olhos para o ponto de partida, veja crescer na Terra, limpa dos joios, orvalhada pela misericórdia divina, a sementeira de Jesus, então, talvez, seja eu digno das flores que me trouxestes nos vossos corações e cujo perfume respiro nos vossos sentimentos de amor.

Meus amigos, nas poucas palavras que acabo de pronunciar pelos lábios do vosso companheiro, vai a afirmativa de que a *minha obra*, não está completa, que, lutador em prol das verdades do Cristianismo, ainda não depus as armas, que, humilde trabalhador da vinha santa, ainda tenho as mãos sobre o arado.

Voltar, isto é, levantar-me do marco do caminho; voltar ao vosso ingrato mundo, continuar a tarefa, eis toda a minha aspiração. De que conto com o vosso auxílio, quer nessa, quer na vida espiritual, não duvideis jamais. Que importa venha mão ousada muitas vezes tomar-vos os pulsos, enfraquecendo-os para o trabalho da verdade? Que importa venham mãos ousadas, iludindo a vossa vigilância, espalhar na eira urzes e espinhos, para vos ferir os pés? Que importa projetem sombras sobre as claridades do dia da vossa consciência, que deve ser vista a todo momento por Jesus? Que importa, se apesar de tudo, não nos fa-

lece a constância e nem conseguem roubar-nos a crença na existência, de um Deus justo e bom?

Quando vejo, meu amigos, descerem das célicas alturas os Enviados de Deus, de N. S. Jesus Cristo e da Virgem, para trazer-vos palavras de alento e de conforto no trabalho a que vos entregais; quando vos vejo chorosos, mas não desunidos, tristes mas não desesperados, tenho fé que encontrarei em cada um de vós uma força, uma vontade, um instrumento seguro, para a evolução da Terra, onde frutificará um dia a árvore do bem, a árvore da verdade. Meus amigos, oremos e peçamos a Deus que se torne realidade o que vos digo neste momento.

Oremos; não seja motivo para que se fechem os nossos lábios o não vermos cumpridas imediatamente as nossas vontades.

Tudo tem uma razão de ser; o que carece de razão de ser é o endurecimento das almas, esquecidas de Deus.

A viúva importunava o ímpio juiz e ele, temendo que um dia ela voltasse e o cobrisse de afrontas, lhe fez justiça.

Orando constantemente; pedindo e rogando incessantemente, Deus, que não quer vos faleça a fé, compadecido das vossas lágrimas, também vos fará justiça, também vos concederá misericórdia. Mais ainda: segreguemos o nosso espírito das coisas mundanas e voltemo-lo todo para o verdadeiro tesouro, o tesouro que nos espera na vida eterna — as bênçãos de Deus, a glória de Jesus.

Allan Kardec

Parábola do moço rico

(Mateus XIX, v. 16-26; Marcos X, v. 17-27; Lucas XVIII, v. 18-27)

Feito acurado estudo dessas passagens evangélicas, com a luz trazida pelo Cristo de Deus, que veio levantar o véu dos mistérios e iluminar as inteligências, posto que deixando ainda velada a luz, que hoje o Espiritismo, ao mesmo tempo uma revelação e uma ciência, vem intensificar, para dissipar todas as obscuridades e espancar todas as trevas, ensinando-nos a submeter tudo ao exame e à crítica da razão esclarecida pelo facho do amor e da verdade, foi objeto de reparos de um irmão o seguinte trecho: *Vende tudo quanto tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu.* Ponderou ele que o homem tem que se preocupar com a sua subsistência futura, quando lhe sobrevenha a invalidez, não devendo, portanto, ser menos providente do que certos animais, tanto mais quanto, como se sabe, há abusos.

Concluído o estudo, o médium Frederico, sonambulizado, transmitiu a Comunicação que se segue:

Graças, meu Deus, graças, Senhor Jesus, vos rendemos pela paz que presidiu aqui ao estudo da Boa Nova, o grande manancial onde o Espírito mitiga a sua sede de luz, de amor e de verdade!

Quando o crente o buscou e, naquela expansão das almas simples e boas, procurou saber quais os meios de que devia lançar mão para salvar-se, Jesus, aparentando ignorar tudo, mandou que o crente cumprisse os mandamentos da lei.

Para os que nas mais pequeninas coisas procuram achar motivo de dúvida e incertezas quanto à existência do seu Criador, a resposta de Jesus só por si oferecia tema a vários discursos. Pois, não dizem eles: Jesus, que lia nas almas como em livro aberto, não sabia que aquele que o buscava, cogitando dos meios de sua salvação, cumpria os mandamentos? Era necessário que o dissesse, para que Ele soubesse?

Parece, à primeira vista, que os duvidosos e os incertos têm razão. Mas, meus filhinhos, nós, que buscamos, na simplicidade do nosso espírito, como disse o bom Marcos, ver a Deus e a Jesus, nós que, sem as pretensões da ciência que desvaira, procuramos, na fé que santifica, a razão de todas as coisas, percebemos que Jesus aparentou ignorância dos fatos, pela necessidade que teve de dizer, aos homens daquela épo-

ca, aos do presente e aos do porvir, que não pode haver riquezas, onde há misérias; que não pode haver tranquilidade, onde existe a dor; que não pode haver sorrisos, onde existem lágrimas; que não pode haver hinos de alegria onde se escutam gemidos.

Dissestes, há pouco, bem ouvimos: as aves fazem os ninhos, tudo dispõem para a primavera e guardam o sustento de que precisarão no inverno. Dissestes, bem o ouvimos: não se deve tomar ao pé da letra o ensino de Jesus, porque há abusos.

Meus filhinhos, as aves não plantam, as aves vivem. Feliz do homem que, verdadeiro discípulo de N. S. Jesus Cristo, entregue aos vaivéns do seu penoso destino, vive isento dessas cogitações que, tendo justificação para o homem do mundo, nenhuma tem para Deus.

Há abusos. Mas, quais são os tesouros que embelezam o Espírito? De que riquezas, de que adornos pode cobrir-se a criatura, a fim de apresentar-se diante do seu Criador?

Tu, que ignoras o Evangelho, vens, à sombra de uma fingida crença, buscar-me. Que queres de mim? Os meus tesouros? Leva-os; deixa-me intacto o meu amor e a minha crença.

Tens muitos panos para cobrir a tua nudez e vens buscar a minha túnica? Leva a minha capa, porém, deixa intacta a minha fé, que é todo o tesouro da minha alma, que é a riqueza que posso apresentar a Deus.

Meus filhinhos, a linguagem da Terra não se presta à expressão do nosso pensamento. Aproveitá-la-ei o melhor que possa, para vos dar uma ideia da realidade.

Sempre que assistimos ao estudo deste ensino de N. S. Jesus Cristo, observamos uma certa confusão nos que meditam sobre estas coisas. É preciso não confundir a providência com o egoísmo. O homem, assim como tem deveres para com Deus, tem deveres para com a sociedade.

Receber de Deus os meios de subsistência e, providente, procurar, por uma economia sensata, amenizar as agruras da existência na velhice, não é condenável. Porém, fazer do seu tesouro efêmero um ídolo; substituir por um bezerro de ouro o Criador, Deus, para quem devem estar voltadas todas as atenções da criatura, cumprir todos os mandamentos, mas enclausurar-se no seu egoísmo e faltar à caridade, não é cristão, é, portanto, condenável.

Examinai as vossas consciências; colocai-vos nas condições daquele que pediu a Jesus meios de salvação; observai o ambiente em que viveis; suponde que vos achais diante do Divino Mestre. Pergunto-vos:

Se a vossa consciência vos dissesse que cumpríeis, todos os mandamentos da lei e o vosso lar apresentasse o deslumbramento dos solares dos grandes Senhores da Terra, não vos rolaria dos olhos uma lágrima? Não escutaríeis um gemido de angustia? Não vos atordoariam a alma as imprecações da fome? Achar-vos-íeis à vontade diante do Divino Mestre?

Sinceramente, depois de um exame rigoroso da vossa consciência, poderíeis, em tal caso, pretender a salvação? Não, a menos que vendêsseis os vossos tesouros e fosseis enxugar as lágrimas, atenuar os gemidos e dar de comer aos famintos.

Entretanto, dirão os ricos: E a nossa miséria?

A resposta fará objeto de outra comunicação, que peço a N. S. Jesus Cristo me conceda a graça de dar-vos na próxima sessão.

Gabriel

*

Continuação da Comunicação acima, dada em sessão precedente:

Paz seja convosco. E a nossa miséria? Que será de nós no dia de amanhã, se aceitarmos integralmente as palavras de N. S. Jesus Cristo que, por motivo das nossas riquezas, nos fecha as portas do seu céu?

Meus filhinhos, quando o homem, em qualquer circunstância da vida, depois de ter conhecido a Jesus através da sua doutrina santa, se teme do dia de amanhã, por mais que afirme, em toscas, ou buriladas frases, a firmeza da sua crença e da sua fé, não passa, quanto aos sentimentos religiosos, de simples floco de espuma, que o leve sopro da aragem desmancha, fazendo-o reentrar no grande oceano da descrença. O dia de amanhã? Perguntas aos pobres e aos miseráveis o que é o dia de amanhã. Suas esperanças estão nos ricos. A mão crispada, que o desgraçado estende ao seu semelhante, leva sempre na palma a flor da esperança. Quando a miséria invade um lar; quando o fogão não tem lume; quando a mesa não tem pão, o mísero volve os olhos para Jesus e adquire a certeza indestrutível que daí a pouco o rico abastado lhe vem bater à porta e trazer o conforto de que necessita. Pois bem, os ricos estarão fora dessa regra de misericórdia? Os que tomam de seus tesouros e vão ao encontro dos desgraçados poderão amanhã ter como recompensa a fome? Aborrecê-los-á Jesus somente porque têm tesouros? Entrando providencialmente na vida terrena, esses Espíritos, aferrados às coisas da matéria, cheios de egoísmo, não pediram e obtiveram, como provação, a posse de riquezas, para distribuí-las, chegado o momento, pelos infelizes, em nome de Jesus? Ou entraram no mundo, vazios dos grandes tesouros da alma — a *fé*, a *esperança* e, mais do que tudo, a *caridade* — e nas ocasiões de distribuírem as suas riquezas pretendem fazer com Jesus uma permuta, isto é, deixarem cair nas mãos dos pobres as moedas, para receberem das do Cristo e das de Deus outras moedas?

Meus filhinhos, Jesus disse: “*Mais difícil é um rico salvar-se, do que entrar um cabo pelo fundo de uma agulha*”. Ouvindo isso, seus discípulos naturalmente se tomaram do espanto que assalta os que pela rama lhe apanham as palavras. Semelhante dificuldade não provém, meus filhos, propriamente, do tesouro que este ou aquele possua. A riqueza não é condenada, porque ninguém seria rico, se Deus não o quisesse, bem o sabeis. O que é condenado, o que dificulta a salvação do

rico é o *egoísmo*, serpente voraz que envenena a consciência do homem, ao ponto de torná-lo surdo aos gemidos, cego às misérias, que se desenrolam às suas vistas! Sonâmbulo infeliz, que passeia sobre um monte de ouro, sem cuidar que despertará num monte de misérias e lágrimas, levantado pelo seu próprio egoísmo, para recebe-lo, na verdadeira vida!

Não, Jesus não condena as riquezas. Jesus condena o fazer-se da riqueza um Deus. Jesus condena que alguém tenha repletos os seus celeiros e olhe indiferentemente as dores alheias, cerre os ouvidos a todos os queixumes, que quase sempre se formulam nesta dolorosa expressão — *uma esmola pelo amor de Deus*.

Felizes daqueles que apenas precisam abrir mão de seus tesouros, para salvar-se. Não menos felizes são os que, embora conservando as suas riquezas, sabem, no momento preciso, suavizar os infortúnios, em nome de Jesus.

Gabriel.

Muitos primeiros virão a ser últimos e vice-versa

(Mateus XIX, v. 27-30; Marcos X, v. 28-31; Lucas XVIII, v. 28-30)

Louvado seja o nome de N. S. Jesus Cristo. Filhos de meu Senhor, pouco tenho a dizer-vos sobre o estudo que acabastes de fazer, por isso que, mantendo em paz os vossos Espíritos, puderam os vossos guias abrir-vos o entendimento. Para dissipar alguma dúvida que ainda existia, quanto à inteligência, em espírito e verdade, das palavras do nosso Divino Mestre, vamos ligar a súpula deste estudo à da parábola do filho pródigo e melhor então compreenderemos.

Aos olhos do bom filho, daquele que jamais se apartara do lar paterno, o banquete dado a seu irmão era uma clamorosa injustiça, que seu pai cometia.

Assim, também, os primeiros trabalhadores chamados classificaram de injustiça o salário que lhes era conferido, por igual ao dos outros, que não tinham suportado as intempéries.

Abandonemos a *letra, que mata*, e procuremos o *espírito que vivifica*.

A humanidade representa a vinha, como sabeis, em que trabalham, há muitos séculos, os Espíritos, para tornar uma realidade a lei do Decálogo.

Grande tem sido o trabalho para a evolução da Terra, onde a sementeira divina, plantada pelas mãos de Jesus, tem de crescer e de dar frutos.

Aproximando-se a hora da colheita, não podendo perder-se nenhum dos filhos de Deus, porque entregues foram a Jesus, este chamará a si os indiferentes às coisas divinas e, encontrando em seus corações o desejo ardente de lhe esposar a causa, conferir-lhes-á prêmio igual ao que receberão os primeiros que foram chamados, visto como aqueles, durante a sua indiferença, embora olvidados das coisas santas, passaram pelas mesmas agruras do tempo, provaram a morte muitas vezes, suportaram o grave peso da carne, causa talvez principal da aludida indiferença.

Temos, pois, meus filhos, na figura desses trabalhadores, o tipo

do filho pródigo.

Nos gozos do Espírito, no conhecimento da verdade, no libertar-se da morte se nos depara o lauto banquete que lhe dará o pai, satisfeito de vê-lo voltar ao lar paterno, disposto a servir-lhe de amparo e arrimo na velhice.

Muitos, antes de vós, foram chamados para os labores da vinha de N. S. Jesus Cristo. Dos frutos de seus trabalhos, meus filhos, não quero indagar, nem provar. Vós, indiferentes de ontem, crentes de hoje, chamados por Jesus para o trabalho da sua bendita seara, trabalhai, tornai-vos cristãos nele; pregai a sua doutrina em toda a pureza; esforçai-vos, finalmente, para receber uma moeda de valor igual à daqueles que, chamados antes de vós, ainda de vós precisam para concluir-se o trabalho.

Paz e amor.

Ismael

Médium: Frederico.

*Todos são irmãos, iguais na vida,
como iguais na morte*
(Lucas IV, v. 22-30)

Paz seja convosco. Satisfeitos, acabamos de ouvir as palavras do Evangelho, repetidas pelos vossos lábios, sentidas pelos vossos corações cheios de paz e humildade.

De todo o estudo, meus filhos, que acabastes de fazer, um ponto se destaca, para o qual devemos voltar todas as nossas atenções, pois que envolve um ensinamento extraordinário para aqueles que se comprometeram a espalhar e difundir, no coração da humanidade, a Boa Nova.

O povo de Nazareth, sabendo, por tradição oral, dos prodígios operados pelo seu patrício, julgava-se com todo o direito de exigir d'Ele fatos maravilhosos e de assombrar, que o pudessem convencer de que Ele, o simples filho do carpinteiro, se achava investido de todos os poderes do céu.

Não predominava, entre aquela gente, o desejo de conhecer a Jesus, como Espírito de virtudes; existia apenas o desejo do maravilhoso, o sentimento ferrenho da incredulidade.

Jesus, porém, que penetrava, em todas aquelas consciências e via claramente o que nelas se passava, reportando-se às Escrituras, aludiu às grandes provações por que passaram os primitivos povos e disse, em forma simbólica, que não havia ali nenhuma manifestação de amor, nenhum sentimento de fraternidade em troca dos quais pudesse dar-lhes as maravilhas que pediam. Ainda mais, mostrou, nas suas breves palavras, que para o Espírito não existe pátria; que, entre os homens verdadeiramente cristãos, não pode haver distinção qualquer de lugar de nascimento, simples incidente de ordem terrena; que as cogitações únicas do cristão devem ser a união de todas as almas na pátria universal, onde todos são iguais perante Deus e perante o amor do mesmo Jesus.

Meus filhos, vós que ainda tendes a infelicidade de pisar este mundo; que viveis ainda recebendo os embates das paixões humanas; que podeis, por fraqueza da carne, ser lançados na onda dos desvarios anticristãos, acautelai-vos, recolhei as vossas almas no Evangelho e

obrai segundo aquilo que está escrito para vossa felicidade. Todos são irmãos, iguais na vida, como iguais na morte.

Amai-vos uns aos outros, sem distinção alguma; esforçai-vos por ter uns sobre os outros uma única supremacia, a da humildade. Paz e Amor. Deus vos abençoe

Ismael.

*

Continua o médium:

Vejo todos os nossos guias. Aproxima-se o mestre e diz:

Saúdo àqueles que, reunidos em nome de N. S. Jesus Cristo, gozam a ventura de ouvir os ensinamentos do Bom Anjo Ismael.

Convidado por um dos mais leais companheiros de lutas em favor da causa do Espiritismo, para dar a minha opinião sobre a conveniência de tomarmos sob a nossa responsabilidade a cura de uma infeliz, que se acha recolhida ao hospital, sob as vistas de autoridades oficiais, venho, com toda a franqueza, com toda a lealdade de amigo, dizer o que penso a respeito.

Meus filhos, é sempre motivo de gozo, para os vossos guias e protetores nestes trabalhos, as manifestações dos vossos sentimentos caridosos para com os infelizes. Mas, como acabastes ainda há pouco de ouvir, estudando os Evangelhos, o nosso próprio Jesus, o Modelo, era prudente e cauteloso nas suas manifestações. No entanto, Ele tinha a autoridade moral, que nós outros não temos. Ele tinha uma investidura divina, que recebera do Pai, para trazer a luz a todos os Espíritos, na Terra!

Qual o espírita, que não nutre o desejo de propagar esta santa doutrina? Qual pretende colocar a luz debaixo do alqueire? Nenhum, de certo. Mas, daí a abandonardes todo o espírito de prudência, que vos é recomendado pelos vossos guias, a fim de evitardes o escândalo, vai um passo extraordinário.

Se pretendeis fazer trabalhos, nos vossos Centros, em favor daquela infeliz, cercados de todas as cautelas e com o critério que vos é aconselhado: perfeitamente.

Ir, porém, a um estabelecimento público, à vista de profanos sequeiros de maravilhas, pôr os vossos aparelhos em contacto, não com um Espírito, mas com a massa extraordinária de infelizes que perseguem a seus irmãos por amor ao mal, acho imprudência.

E deveis ser prudentes; e tendes responsabilidade, e tendes o dever de zelar, com a vossa própria honra, a honra da doutrina.

Portanto, com a minha fraqueza de Espírito, virei auxiliar os vossos trabalhos, uma vez que forem executados nos centros que lhes são próprios.

Deus vos abençoe.

Allan Kardec

A Pecadora

(Lucas VII, v. 36-50)

Lidos esses versículos, Sayão, em homenagem à Maria Madalena, disse:

Paulo, Agostinho, Maria Madalena e muitos outros Espíritos diante dos quais, submissos, nos inclinamos sobrecarregados de culpas, são como outros tantos fachos luminosos a aclarar o carreiro que nos levará a Jesus, o bendito Cordeiro de Deus.

São trombetas que soam, no lúgubre deserto do infortúnio, para despertar os infelizes, submersos nas trevas do ódio e das paixões, dizendo-lhes bem alto: levantai os olhos e contemplai o íris da esperança, que vos mostra N. S. Jesus Cristo, de braços abertos para vos acolher!

O amor que Jesus dedicava à família de Lázaro, como a predileção que manifestou pelo caminheiro da estrada de Damasco, como ainda a atenção que deu às súplicas de Mônica, mãe do apelidado doutor da graça, são provas do acervo de virtudes que, latentes, havia nesses Espíritos, predestinados a ajudarem o Messias de Deus na obra de regeneração da humanidade.

A Madalena tinha o coração não só a transbordar de amor ao luxo, aos prazeres, como de dedicação ao aflito, ao faminto, ao desgraçado.

Que importa que o encanto das joias, as seduções da riqueza e da ostentação lhe alimentassem a vaidade, se esse vício, que só a ela prejudicava, tinha a contrabalançá-lo atos repetidos, contínuos de dedicação ao próximo até à abnegação?!

Que importa fosse grande a sua fraqueza ante os prazeres da matéria, se de muito a excediam, na sua alma, a piedade, a compaixão e a caridade para com os pobres?

Que importa, desde que o arrependimento das suas faltas foi tão sincero e o fervor das preces lhe afixou a regeneração, para angariar-lhe a graça?

Maria, irmã de Lázaro e de Marta¹⁰, filhos de pais abastados, receberam, como legítima paterna, uma boa fortuna, que lhes dava para

10 Reproduz-se, neste passo, uma confusão que já assinalamos em nota à págs. 264 e 265 da 15ª edição de *Elucidações Evangélicas*. Nela, procuramos mostrar que a Pecadora de que aqui se trata não era a irmã de Marta e de Lázaro, também protagonista de um episódio semelhante ao em que o foi Maria de Magdala, mas distinto deste. (Veja-se a nota ao final desta comunicação)

gozar uma vida de grande conforto. Tendo tocado a Maria [Madalena] o Castelo de Magdala, ela aí se instalou e, deslumbrada com a própria beleza e seduzida pelos inúmeros admiradores que lhe iam render homenagens, se entregou a toda sorte de divertimentos e prazeres; tornando-se tão notável, que tomou o nome de Madalena, pela magnificência do seu solar.

Mas, a estrela que no pórtico daquele castelo cintilava, que atraía os gozadores sedentos de prazer, também atraía os pobres desvalidos, que lá recebiam o conforto e, pode-se afirmar sem receio de erro, que o amor puro do coração caritativo de uma jovem deslumbrada pela sua própria formosura, era o que exalçava a chamada pecadora, que tinha uma missão a cumprir na obra da regeneração dos homens.

Maria, como Paulo e Agostinho nas suas conversões, nos oferece um exemplo de elevação espiritual característica dos Anjos do Senhor, para nos convencer de quanto pode o arrependimento, a penitência, nos destinos eternos da humanidade, para nos dar um testemunho da infinita bondade e misericórdia de N. S. Jesus Cristo!

Jesus, que lê no íntimo das consciências, que vê os atos mais ocultos, conhecia a alma da Madalena e sabia que apenas um ensejo até então faltara para que Ele externasse, perante os Hebreus, o conceito em que a tinha.

Aproximando-se a festa da Páscoa, ocasião em que por lei os filhos de Israel eram obrigados a ir à Cidade Santa, sucedeu que um fariseu dos arredores, chamado Simão, a despeito da aversão que toda a seita farisaica votava a Jesus, o convidou para comer em sua casa. Jesus, para dar um exemplo de humildade, de benevolência, aceitou o convite e sentou-se à mesa do fariseu. Dali a pouco, entrou a formosa pecadora com um vaso de alabastro cheio de bálsamo e, lançando-se aos pés do Nazareno, começou a regar-lhos com lágrimas e a enxugá-los com os seus cabelos, beijando-os e unguindo-os.

Convidara-a, sem dúvida, o fariseu, para ver o efeito que os dotes sedutores da linda mulher produziam no Espírito Imaculado de Jesus, ao qual assim armara um laço, a fim de lhe descobrir um ponto fraco. A cilada, porém, serviu a que Ele desse uma edificante lição para aquela época e para o futuro.

Antevendo as perseguições a que, nos séculos vindouros, se encontrariam sujeitos os que iam tomar a missão de representa-lo na Terra, as atrocidades de toda sorte que em seu nome se cometeriam, a pretexto de escrúpulos sectaristas; prevendo que, passados 19 séculos, ainda haveria os ortodoxos da fé a negar preces e sepultura aos infelizes, aos desgraçados que atentassem contra a própria existência, quando, pelos seus ensinamentos, esses deviam ser objeto do maior devotamente dos verdadeiros cristãos, Jesus se sentou à mesa de Simão, um inimigo seu, acolheu a pecadora e, voltando-se para o primeiro, que,

em mente, mal interpretava o seu proceder, observou-lhe: *Tenho que te dizer uma, coisa.*

— Mestre, dize-a.

— Um credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos dinheiros e o outro cinquenta; porém, como não tivessem com que pagar, o credor perdoou a dívida a ambos. Qual o amará mais?

Redarguiu Simão: Creio que, certamente, há de ser o que devia quantia maior.

— Julgaste bem, tornou Jesus e, virando-se para a mulher, acrescentou: *“Vês esta mulher? Entrei na tua casa, não me deste água para os pés e ela m’os regou com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me ungiu a cabeça com bálsamo e ela Me ungiu as plantas. Por isso, digo-te: perdoadas lhe são muitas culpas, pelo muito que tem curado. O a quem menos se perdoa, menos ama.*

E, despedindo a mulher, disse, como em resposta aos juízos temerários: *A fé te salvou. Podes ir em paz.* Admirável testemunho de contrição, de fé e da crença professada com todas as forças da alma e, principalmente, do amor.

Maria Madalena, convertida, como Paulo, como Agostinho, se elevou aos páramos da bem-aventurança e, como eles, é um anjo do Senhor, a quem imploramos submissamente que interceda pelos que sofrem.

Rendendo-lhe ao Espírito, com essas palavras, uma homenagem que reconheciam dever-lhe, os trabalhadores da Santa Vinha, sob a proteção do Bom Anjo Ismael, receberam a graça da comunicação que se segue, dada por João Evangelista:

Benditas sejam as horas em que os Espíritos repousam para a meditação do Evangelho do Senhor. Horas de amor, horas de paz, horas que soam harmoniosamente nos recessos da alma, como os hinos da Ave Maria, chamando os corações formados pela crença à prece ao Senhor.

Filhinhos, há gozo no espaço, há gozo no Céu, quando os eleitos, baixando os olhos sobre a Terra, encontram seus irmãos, ainda agrilhoados à matéria, unidos num pensamento de amor, unidos pelo Evangelho, recordando as grandes lições que há 19 séculos o Cordeiro de Deus ditou aos homens para sua salvação.

Estudando, pudestes compreender, em espírito e verdade, a essência dos ensinamentos.

Vosso espírito, hoje mais criterioso, para me servir de expressão usada por um dos vossos companheiros, do que naqueles tempos, pode fazer justiça aos sentimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, não repelindo a pobre pecadora! Vosso espírito, mais criterioso, mais ilustrado nas coisas santas, logrou compreender como pode a criatura reabilitar-se perante o seu Criador e o seu Divino Mestre, exprimindo o sincero

arrependimento de suas faltas e crimes, não pela simples confissão e pela penitência, mas pelas grandes obras de caridade e fé, que são aparrado das almas eleitas, muito embora envoltas nas sombras do pecado.

Madalena, como bem dissestes, caros amiguinhos, vítima, da sua extraordinária beleza, requestada pelos grandes, não teve a força precisa para resistir aos embates da sua carne; mas, ao mesmo tempo que, por momentânea fraqueza, dava ao mundo o que o mundo exigia da sua natureza plástica, também dava de seu Espírito todas as belezas, que formam a imagem excelsa dos anjos.

O mundo, com as suas imperfeições, exigia de Maria de Magdala os aromas, que o embriagavam, de sua bela carne. Maria acedia aos rogos do mundo; mas, deixava pura e intacta, nos recessos do seu coração, a peregrina do infinito, a força poderosa de todas as conquistas — a fé inabalável, que a fez rojar-se em lagrimas aos pés do Santo dos santos e pedir, em soluçados gemidos, o perdão das suas culpas.

Meus filhos, meus caros amiguinhos, contemplai bem este bellissimo quadro da Madalena e, quando não possais sopitar todo o frêmito das vossas paixões mundanas em honra de N. S. Jesus Cristo, deixai, ao menos, puras e intactas, no fundo das vossas almas, essas duas pérolas, que vos hão de reabilitar um dia: — *a caridade e a fé*.

Guardai bem no fundo de vossos corações essas joias do Céu, a fim de que, quando a morte vier pairar sobre as vossas cabeças, exigindo o seu tributo, possais, derramando lágrimas ardentes de arrependimento, prostrar-vos aos pés de Nosso Senhor Jesus Cristo e apresentar-lhe intactas as dádivas que recebestes.

Que Deus vos abençoe.

João Evangelista

Médium: Frederico

Nota: Aqui devem ser suprimidas todas as referências a Maria de Betânia, cujo ato semelhante é estudado em Mateus (XXVI, 1-13) e Marcos (XIV, 1-9). Primeiramente, porque quando se comenta o episódio em que esta foi protagonista, alusão alguma é feita à Madalena, como seria natural e lógico, desde que de um só fato se tratasse. A segunda é que Bittencourt Sampaio, em sua Divina Epopeia, nas “Notas ao Canto XII”, págs. 389, in fine, e 390, da 4ª edição, depois de mostrar que os episódios são diversos, conclui dizendo: “Não se confunda, pois, a ação praticada por Maria, irmã de Marta e de Lázaro, com o que fizera a pecadora em casa do Fariseu, numa cidade da Galileia, no começo da missão de Jesus”.

Comemoração da Ceia do Senhor

(João XIII)

Meus filhos, meus bons amigos, comemoemos a exaltação de Jesus. Peçamos, de todo o nosso coração, que os sentimentos do mundo não nos obriguem a recusar um lugar à mesa onde Ele, hoje, como há 19 séculos, reparte o generoso vinho do amor, o pão que satisfaz a toda a fome do nosso espírito, por isso que representa o corpo da sua sagrada doutrina.

Que os sentimentos do mundo não nos afastem desse banquete da vida, onde, comungando o amor dos amores, podemos não só antever, mas provar a verdadeira glória do Ser dos Seres, nosso Criador e Pai.

Jesus, representando Deus na Terra, se curva, como o último dos homens, e lava as plantas dos simples pecadores, dando desta forma o exemplo da maior humildade, mostrando qual o procedimento que deviam ter os seus continuadores, os que iam espalhar-se por toda a parte, a pregar a boa nova que Ele trouxera à Terra.

Apropinquavam-se as trevas do martírio; o mundo ia ser testemunha das angústias de um Deus. Avizinhava-se a hora da sua paixão, a hora das severas¹¹ agonias e, nesse derradeiro lance, quis Ele dar a seus discípulos, como à humanidade, o maior dos mandamentos: *o amor de Deus sobre todas as coisas e o amor do próximo como de si mesmo.*

À grita desenfreada dos algozes, aos ódios, às paixões que se chocavam, formando poderoso exército contra o seu Espírito amante, respondia: — Quereis meu corpo? Aqui o tendes. — Quereis meu sangue? Bebei-o.

Quando formos capazes de imaginar o extraordinário poder de N. S. Jesus Cristo, poder que Ele tinha em si mesmo, de aniquilar todos os seus inimigos, todos os que o perseguiam por toda a parte, e o virmos, no entanto, entregar-se humilde à vontade dos seus verdugos, compreenderemos que a única força consiste no *amor*, que o único poder

11 No original, *sevas*. Optamos pela substituição tendo em vista que *sevas* pode ser, conforme o Aurélio: 1) Ato de sevar a mandioca (ralar para obter farinha); 2) Cipó ou corda horizontal onde se penduram, para secar, as folhas verdes do fumo. Ou ainda, de acordo com Laudelino Freire e J. L. de Campos: O mesmo que chalota (planta hortense de raízes bulbosas).

consiste na *caridade*, que o único elemento de destruição que devemos conservar no nosso espírito é a *fé*, sentimentos que podem tornar-nos mesquinhos aos olhos dos homens, mas que nos elevam, que nos exalçam aos olhos do nosso Criador e Pai; que nos fazem dignos, verdadeiramente, do nome de filhos de Deus.

Jesus se entrega prazerosamente a seus algozes, Ele, poderoso e forte! Nós, míseros, e fracos e mesquinhos, que devemos fazer, quando nos declaramos seus discípulos e procuramos ser os propagadores da sua doutrina?

Devemos porventura, meus filhos, revoltar-nos contra a injustiça dos homens; devemos armar o nosso braço para defender-nos dos nossos inimigos, dos nossos perseguidores? Não. E, se tal fizermos, não nos teremos sentado à mesa de N. S. Jesus Cristo, nem bebido o vinho do seu amor.

Se tal fizermos, não teremos comido o corpo, simbolizado, como bem dissestes, na doutrina que Ele trouxe para a remissão dos pecados. Meus filhos, ouvistes o que Jesus disse aos amados discípulos e companheiros de glória e infortúnios. Amai-vos também uns aos outros. Que a vossa comunhão nesta mesa não seja simples comunhão de corpos; que os vossos Espíritos comunguem os mesmos sentimentos; que se estabeleça, no vosso pequenino templo de trabalho, o amor de uns para com todos, porque o amor é a grande porta aberta constantemente para o ingresso daqueles que tomam em suas mãos o bordão dos peregrinos, nessa temerosa jornada da vida material em que vos achais, desfalecendo às vezes ante as asperezas do caminho.

Amai-vos uns aos outros, e que Jesus, presente no nosso templo, vos abençoe, sentindo nos vossos Espíritos grande amor à doutrina, às verdades que Ele trouxe ao mundo, votando-se às maiores dores e às maiores angústias.

Bendito seja o Senhor! Bom e Divino Mestre, o último de teus discípulos te pede amparo e luz, para seguir a trilha do dever. Fraco, Senhor, não poderei chegar a desobrigar-me de todos os compromissos que tomei contigo, se a tua mão protetora me não amparar e socorrer piedosamente. Dá-me, pois, a fé dos teus amados discípulos, a confiança nas tuas promessas. Dá-me o vinho do teu amor, para que o meu espírito, fortalecido, possa conduzir aqueles que me deste pelo caminho do bem e da verdade.

Jesus, Bom e Divino Mestre, abençoa-nos e perdoa-nos pelas tuas dores, tuas angústias, pelos teus martírios, sofridos por amor dos homens. Perdoa nossas faltas, perdoa a culpa daqueles que não têm te sabido amar.

Jesus salve! Salve! Salve!

Ismael

O médium continua:

Que belo quadro vejo agora! Os Espíritos, por uma espécie de escada, se elevam, a receber a luz da Estrela que representa o Espírito da Verdade.

Os Espíritos sofredores, de joelhos, oram e pedem perdão a N. S. Jesus Cristo. Em baixo, Madalena os convida ao arrependimento sincero. Meu Deus, que harmonia celeste! Cânticos por todo o infinito! Glória, Glória ao Filho de Deus! Estou num Oceano de Luz!

Tiram-se os fluidos ao médium e ele desperta.

Médium: Frederico.

Comemoração da Paixão de N. S. Jesus Cristo (João, cap. XVIII)

Reunidos os irmãos, feita a prece do começo da sessão, foi convidado o médium sonambúlico a descrever o que lhe fosse presente.

Depois de alguns momentos de concentração, disse ele:

Vejo uma espécie de templo, iluminado e cheio de anjos. Acham-se presentes todos os nossos Guias e com eles Espíritos da maior elevação, todos voltados para uma cruz enorme, que se levanta ao fundo.

No supedâneo, vejo a formosa Madalena e, do outro lado, outra mulher. Vejo uma estrela, como que fechando a cúpula do templo, cuja luz se esbate serena sobre a dita Cruz. Diviso grupos de Espíritos sofrendores aos milhares. Nos semblantes trazem uma expressão de dor, ao recordarem o martírio do Gólgota!

Que aromas! Embriagam-me o espírito!

Ismael, o Bom Guia, nos aconselha que, ainda uma vez, revendo as luminosas e sublimes páginas dos Evangelhos, aprendamos a sofrer e a amar, como Jesus; que tenhamos fé; que tenhamos confiança nas divinas promessas, para que as lições de hoje permaneçam em nossos espíritos, orientando-nos no caminho da penosa existência em que nos achamos, lições que nos são trazidas por aqueles que conosco vêm comemorar a Sagrada Paixão; que façamos por que se nos conservem abertas as portas do templo, para, desprendidos, em espírito, gozarmos as bênçãos de Jesus, que seus emissários se dignam de trazer-nos. Oremos e estudemos os Evangelhos.

Procedeu-se à leitura do cap. 18 do Evangelho de João e as respectivas explicações contidas na Divina Epopeia.

O médium Frederico, sonambulizado, disse então:

Abre-se a estrela e do seu seio sai Celina. As almas olham-na súplices. Os bons Espíritos a recebem, cobrindo-a de ósculos. Ajudem-me, porque sinto dificuldade em desprender-me.

O nosso companheiro Bittencourt dá-lhe fluidos. Ele se levanta e fala com voz suave:

Glória a Deus nas alturas e paz aos homens na Terra! Confidente de Jesus, eis-me entre vós, oh! corações amigos. Quero sentir o íntimo

das vossas almas bem formadas, ao recordar-vos daqueles tempos omnicosos, em que Barrabás, o símbolo do crime, era preferido a N. S. Jesus Cristo, o símbolo da pureza.

Quero fundir na minha alma as vossas lágrimas e, voltando aos Paços do Senhor, levá-las como sagrado penhor do vosso culto, como protesto vivo dos vossos corações amigos, às dores e aos martírios que o fizeram sofrer.

Meus amiguinhos, assim como, naquele tempo, o povo, cheio de paixões, de ódios e rancores, preferia o criminoso, o assassino, ainda hoje, infelizmente, apesar das abundantes lições do Evangelho, há quem prefira as paixões aos ensinamentos do amado Mestre, há quem feche os ouvidos às suas palavras de santo e puro amor a todos os seus irmãos da Terra.

Mas, felizmente, vós lhe viestes prestar o vosso culto de lágrimas, mostrando assim que o preferis às impurezas do mundo.

Ouvi as vossas preces, senti as vossas tristezas e pedi ao Senhor que me deixasse vir ao vosso templo trazer-vos a sua santa bênção. E ele, o meigo Cordeiro Imaculado, o Rei do Martírio, atendeu à minha súplica e me disse:

“Vai, filha, leva aos meus irmãos da Terra as seguranças do meu amor sem limites. Dize-lhes que estou no caminho por onde vão, para ajudá-los a levar a cruz ao seu Calvário, como o bom Simão me ajudou a carregar o madeiro. Dize-lhes que o mundo ainda é das trevas, porque a verdade inteira ainda não brilhou na Terra; que não adormeçam sob as graças e misericórdias recebidas; que sejam zelosos no cumprimento da sua tarefa, pois que disso depende o serem meus verdadeiros discípulos; que vigiem e orem; que essa vigilância e essa oração constantes implicam a prática do bem para com todos os seus semelhantes; que me acreditem sempre junto deles, por intermédio dos seus anjos da guarda, Santelmos postos no caminho que percorrem.

“Dize-lhes mais que, assim como José, o de Arimatéia, que aguardava o reino de Deus, me ofereceu um sepulcro virgem para guardar o meu corpo, quero que os seus corações sejam outros tantos sepulcros abertos para guardar o meu espírito; que da pureza desse túmulo, embalsamado pelas maiores virtudes, eles ressurgirão para a vida eterna, não mais provando a morte.

“Vai, Celina, e abençoa-os em nome de Deus”.

Meus queridos, cumpro fielmente as ordens do Divino Mestre. Que, com essa bênção santa, que Ele vos envia no aniversário da sua paixão, possais afugentar de vossas almas todas as sombras do pecado e, puros e limpos, voar aos seus pés, rendendo-lhe graças por tantas misericórdias.

Filhinhos, que a paz do Senhor fique convosco. Concito-vos a que avanceis sempre, porque, lá na extrema do caminho, está a vossa re-

compensa, o vosso galardão — a efetivação das promessas de N. S. Jesus Cristo, que nunca falta aos que nele confiam e esperam.

Avante! Segui sempre avante, demandando o vosso Calvário, tendo por Cireneu, como vos disse, o Filho Imaculado da Virgem Maria.

Celina

Continua o médium:

No espaço, vejo-a, formosa, loira. Seu rostinho não apresenta aquela vivacidade dos outros dias e tem razão. O verdadeiro cristão em Cristo, no dia de hoje, só pode sentir tristezas. Nós, principalmente, filhos do pecado. Quem sabe quanto colaboramos nessa horrível tragédia? Quem sabe se não preferimos também Barrabás a N. S. Jesus Cristo?

Bom Guia Ismael, abençoa-nos também; ilumina as nossas almas, no dia de hoje, com a luz do teu amor; ainda uma vez te pedimos que nos não abandones; queremos seguir os teus passos; levanta-nos da estrada, todas as vezes que cairmos e isto te suplicamos pela Sagra-da Paixão de Nosso Senhor, do Nosso Divino Mestre.

Frei José dos Mártires, Romualdo, Moisés, apóstolos da Caridade, todos vós, nossos guias e de nossos irmãos, que nos tendes auxiliado em nossos trabalhos, a mesma súplica vos dirigimos. E a todos vós, que felizes viveis a verdadeira vida, proteção e amparo imploramos para todos nós.

Ressurreição

(Mateus XXVIII, v. 1-15)

Meus caros irmãos, a bondade de vosso Guia me confunde. É mais uma prova da elevação do seu Espírito; é mais um testemunho que nos dá a todos de ser fiel discípulo do Divino Mestre. Agradeço-lhe essa prova de amor fraternal e, agradecendo, devo salientar um ponto do vosso estudo de hoje, porque me diz respeito e quero que todos vós, que aqui estudais, e todos os que estudam conosco esta santa doutrina, jamais admitam o falso juízo dos homens, procurando empanar o brilho do grande dia da *ressurreição* do Justo.

Grata ao meu Senhor, votando-lhe o mais extremado amor, pelas graças que derramou constantemente sobre o meu espírito pecador, eu o acompanhava por toda a parte, receosa de perdê-lo, porque Ele representava a minha nova vida. Eu, portanto, como os seus caros e fiéis discípulos, certamente jamais o abandonaria no sepulcro santo, se a proceder assim não nos obrigasse a força material daqueles que guardavam, com o zelo do ódio, o túmulo do Divino Mestre. Se seus discípulos subtraíram o corpo do Redentor do mundo, para simular a sua ressurreição, como é que eu, que me achava em comunhão com todos eles, que participava das suas dores, das suas saudades, que só três dias depois do seu sepultamento pude visitar o túmulo do meu amado Senhor, estranharia não encontrar o seu divino corpo para prestar-lhe ainda as últimas homenagens do meu respeito, do meu amor, da minha gratidão?

Vê-se bem que esse juízo, externado para depreciar a glória do nosso Redentor, não encontra base na razão do homem que friamente estude as verdades do Evangelho.

Meus amiguinhos, tendo repisado, neste ponto, o que já fora aqui dito, rendo graças ao meu divino Mestre, ao nosso Mestre, por vos achardes reunidos em seu Santo Nome, estudando a Boa Nova, que há de elevar todos os Espíritos até ao puro amor dos anjos. Lembrai-vos de mim, nas horas do vosso pecado. Que as vossas faltas, que os vossos erros, filhos do ingrato mundo, a que vos achais ainda acorrentados, não sejam motivo de desfalecimento. Oh! não. Arrependei-vos, porque Deus é bom e N. S. Jesus Cristo, o nosso Divino Mestre, tem sempre em seus divinos lábios uma palavra de conforto e de perdão para todos os

seus irmãos.

O mundo é ingrato, pelas suas paixões, pelos seus desvarios; mas, Deus, perdoando a todos os pecadores, os chama para a trilha da verdade, banhados pela luz que se irradia constantemente do seu Divino Filho e enche todas as almas, todos os Espíritos de um eflúvio de amor e de perdão.

Graças a Deus nas alturas e paz aos homens de boa vontade. Louvado seja o nome de N. S. Jesus Cristo.

Maria Madalena

Médium: Frederico.

Outra comemoração da Sagrada Paixão de N. S. Jesus Cristo

Diz o médium Frederico:

Vejo um quadro imponente! Preside aos nossos trabalhos Celina, rodeada de todos os nossos Guias e Protetores. Vejo Maria Madalena, Maria de Cléofas, João Evangelista, bem como, ao seu lado, de olhar triste e duvidoso, *Pilatos*. Além, uma multidão que comove — Espíritos sequiosos de luz e de perdão. No meio deles, como *astro* de esperança, num mar de angústias, ergue-se o Espírito de Gabriel. À sinistra e à destra, Bittencourt e Romualdo. — Voa mais, dizem-me. — Ah! Não o conheço. Mostram-me um homem, falo como se estivesse na Terra — um Espírito — de aspecto humano bastante desenvolvido e que, à distância contempla, na Terra, o grupo humilde dos amigos de Jesus. — Chamam-no Simão. Dois vultos distingo neste lugar em que me acho: um, de tez morena, cabelos anelados, olhos vivazes; o outro, mais ou menos com o mesmo tipo, porém de estatura superior. Assim eram, há 19 séculos.

— São, dizem-me, mas não julgues pelos semblantes, que te não revelam o que lhes vai nas almas — Judas e Barrabás. Esses personagens serão o assunto da comunicação de Ismael, se aí vocês guardarem a paz de N. S. Jesus Cristo.

Depois, procedeu-se à leitura do Evangelho de João, cap. 18, até o fim.

Sayão, comemorando a Sagrada Paixão de N. S. Jesus Cristo, falou, insistindo principalmente na missão que Jesus trouxe à Terra, para salvação da humanidade, remindo de fato a todos os que, como o cego de Jericó, imploram perdão. Insistiu, sobretudo, neste ponto, interpretando a comunicação que anteriormente recebêramos e que deixara dúvidas alguns companheiros.

Concentrados todos, logo em seguida, pelo referido médium, nos deu o Bom Guia uma Comunicação nos termos seguintes:

Paz. Na vida de Jesus, mal podemos saber qual foi o maior exemplo, dado para salvação da humanidade. Se, entretanto, com toda a fé, o procurarmos e se nos for concedido encontrar a verdade, vê-lo-emos simbolizando a caridade; vê-lo-emos, diante dos nossos olhos de pecadores, como a mais sublime expressão do amor, o mais eloquente mo-

delo de humildade, como a personificação, enfim, de todas as virtudes que engrandecem e nobilitam a criatura perante o seu Criador! Mas, naquela grande e generosa alma, ainda um sentimento se ocultava, que havia de refulgir quando Ele desaparecesse das vistas humanas.

Desde o humílimo estábulo até às amarguras do horto, Jesus como que só era conhecido pelo seu amor e pela sua caridade. Aquela nuvem de dores assombrosas, que se lhe abateu sobre a fronte divina, dir-se-ia que empanou o brilho celestial desse sentimento, que revelava todas as grandezas do seu Espírito — o perdão para todas as culpas.

Meus filhinhos, já compreendeis o que foi o perdão de Jesus na hora extrema? Ou terão perpassado nos vossos ouvidos como som sem significação as palavras do Divino Mestre perdoando a seus algozes? Assim não deve acontecer.

O perdão de Jesus foi a suprema esmola para aqueles tempos, como o é para todos os tempos! Felizes os que, no dia da paixão, ou em outro qualquer dia, subirem em espírito ao cimo do Calvário e pedirem o perdão de suas culpas!

O perdão de Jesus, meus filhos, é a promessa de redenção; o perdão de Jesus, amados meus, quer dizer que a toda hora, a todo instante em que à vossa alma se revelem as faltas que haja cometido, vereis diante de vós a cruz sacrossanta, em cujos braços achareis a vossa redenção! O perdão de Jesus é a *conquista de todos os Espíritos que se arrependem*. Ele não falha!

O Divino Mestre espreita, perscruta os remorsos de todas as almas pecadoras, esperando apenas o momento de ouvi-las dizer: — Perdão, meu Senhor!

Judas, que o vosso companheiro há pouco viu e que o mundo ainda hoje aborrece, sinceramente ou não; Judas, que por ambição denunciou o seu Divino Mestre, entregando-o à sanha dos Fariseus e Escribas, foi por Ele o primeiro perdoado! E se, porventura, aquele Divino Espírito exalou um suspiro na hora da agonia, ficai certos de que esse suspiro foi por Judas. Foi o suspiro do perdão.

Ladearam-lhe os braços da cruz sagrada dois celerados: — o bom e o mau ladrão, como se diz no mundo. O segundo, por entre imprecações, clamava ao Senhor para que, salvando-se, o salvasse. Por haver chegado a sua hora, não obrou Jesus o prodígio que aquele infeliz queria. Acolhe, porém, no seu coração divino os gemidos do outro ladrão e lhe promete a entrada com Ele na vida eterna. Daí, o se haver dito por séculos e séculos que, dos seus companheiros de infortúnios, Jesus salvou apenas um.

Hoje, entretanto, meus filhinhos, que já alguma coisa podem os vossos olhos ver e os vossos ouvidos ouvir, em nome da verdade, eu vos afirmo que salvou também o outro, pelas súplicas de Maria. Chorando de amargura no sopé da cruz, ela não podia deixar que aquele outro,

que igualmente tanto sofria, não tivesse entrada gloriosa no reino do seu amado Filho. Eis porque, do cimo do Calvário, dominando com o seu olhar divino a multidão de seus algozes, Jesus a todos perdoou. Fê-lo pelo seu amor e pelo amor de Maria.

Meus filhos, um outro personagem o vosso companheiro viu: — Barrabás, que os homens preferiram ao Salvador do mundo. Se no Espírito de Jesus existissem os sentimentos que se aninham no coração humano, Barrabás seria sempre aborrecido. Ele, no entanto, é hoje feliz, participou também do perdão de Jesus.

Não me posso exprimir de outro modo: dir-se-ia, meus filhos, que na tarde do Calvário, na dor de Jesus, houve anistia para todos os culpados. Felizes sereis, eu vos afirmo ainda uma vez, se, não no dia da Paixão somente, mas todos os dias, lembrados de que sois algozes de Jesus todas as vezes que transgredis os preceitos da sua Doutrina, souberdes, cheios de fé, sinceridade e arrependimento, dizer de coração: Perdoa-me, Senhor, porque até hoje eu não sabia o que fazia.

Ismael

Cura dos cegos de Jericó

(*Mateus XX, v. 29 a 34; Marcos X, v. 46 a 52; Lucas XVIII, v. 35 a 43*)

Feitas as preces do começo da sessão, foi lida a seguinte Comunicação do mestre:

Paz. As bênçãos de Deus baixem sobre as criaturas e Jesus, o Divino Cordeiro, nos dê Paz, Amor e Esperança.

Meus bons amigos, longa é a nossa estrada e o tempo que nos é concedido para percorrê-la não é tanto que possamos entreter-nos com fantasias quaisquer. Sigamos em busca da Paz, do Amor e da Caridade, a fim de podermos chegar ao Pai. Abramos de par em par as portas de nossas almas, para, contritos, recebermos a visita do Divino Mestre, que, por intermédio do seu Anjo, nos dispensa todas as graças, por misericórdia de Deus. Oremos incessantemente; ornemos a nossa “casa” e Jesus será conosco.

Allan Kardec

Recebeu-se depois a Comunicação inicial seguinte:

Imensa é a graça, aproveitemo-la. No estudo da Santa Doutrina do Senhor, santifiquemos as nossas almas, até que possamos ver chegar para nós o Reino dos bem aventurados. Paz, Amor e Caridade.

Marcos

Sayão, estudando os trechos relativos às curas em Jericó e querendo aprofundar outras questões, manifestou escrúpulos em fazê-lo, alegando a sua ignorância e a baixeza do seu Espírito, indigno, portanto, de pretender devassar verdades guardadas nos arcanos divinais. Entretanto; implorando perdão a N. S. Jesus Cristo, ia apresentar algumas dúvidas e aventurar opiniões, como meio de obter esclarecimentos. Disse então:

Os trechos que hoje estudamos confirmam a lição que nos deu o nosso Bom Guia: 1º que Jesus tem o poder de perdoar os nossos pecados; 2º que nesse poder de perdoar está implícito o de julgamento. Logo, Jesus nos julga. Mas, Jesus disse a um dos cegos: — *a tua fé te sarou*; e ao outro disse: *tua fé te salvou*.

Com efeito, os dois cegos foram curados, foram salvos, enquan-

to que os demais, existentes no mundo, permaneceram na cegueira. Segue-se que Jesus veio trazer a redenção de uns e não a de todos.

Mas, então, como se há de entender os que ensinam terem sido salvos os homens pelos méritos de Jesus e que seu precioso sangue, vertido no Calvário, redimiu e resgatou todas as culpas?

Jesus veio a todos ensinar o caminho da redenção e, como todos, mais cedo ou mais tarde, tomarão esse caminho, todos se redimirão.

Porém, se assim é e se a cada um é dado segundo as suas obras, a redenção tem por base as obras. Ora, Jesus disse: a tua fé te sarou, a tua fé te salvou; logo, o perdão é efeito da redenção e, se esse efeito se baseia nas obras dos homens, segue-se que a cada um o perdão vem segundo as sua obras. Porém, o perdão é graça e esta não é dada por salário, diz Paulo, *Ep. aos Rom.*, XI, 6. A cegueira é uma expiação, consequência de crimes, de atos maus, tanto que uns nascem cegos e outros com ótima vista, etc., etc. A fé é uma virtude, sem duvida; mas, há muitos que a possuem, carecendo, no entanto, de outras virtudes, como condições de salvação. Não podemos compreender que só a fé pudesse salvar aqueles irmãos, porque a salvação depende da *humildade, do amor, da caridade*. Queremos antes crer que o perdão, como graça, visto que não pode ser considerado recompensa, N. S. Jesus Cristo lhes concedeu, por sua infinita misericórdia, por sua infinita bondade e caridade, movidas pela fé que os dois cegos manifestaram. Assim, em absoluto, não se pode dizer que a redenção se baseie nas obras dos homens, que se perderiam, se não fosse a infinita misericórdia de N. S. Jesus Cristo.

O julgamento, a justiça, a equidade, o perdão¹², a redenção, a graça estão nas leis imutáveis e absolutas de Deus, as quais regulam o mundo *ab eterno*. E essas leis, cheias de justiça e de misericórdia, dão à humanidade os meios de progredir e salvar-se.

Finalizado o estudo, concentrados todos, o médium Frederico fala:

Vejo presentes os nossos Guias. Preside ao nosso trabalho Ismael. Acham-se também presentes muitos Espíritos sofredores e familiares: Bittencourt, Romualdo, Siqueira Dias, Bezerra, juntos. Todos estão em posição de quem ora e esperam ouvir a lição do nosso querido Guia.

Em seguida, o mesmo médium, que até então se conservara sentado, levanta-se e diz:

“Paz. Não há ousadia, não há profanação, quando o cego, sentado à margem da estrada, e ouvindo o rumor das multidões que se aproximam, em altos brados pede Àquele que vem à frente, luz para seus olhos, um consolo para os seus tormentos. Não há ousadia, não há profanação, meu filho, quando o Espírito se vê à borda do abismo e, sentindo a vertigem, na expectativa de cruas dores, eleva a alma ao seu

¹² Veja-se, acerca do perdão e dos seus efeitos, o que se encontra dito na seção *Fazer Penitência*; Lucas, XIII, 1-5, de Elucidações Evangélicas.

Criador e pede, suplica, em pranto, a sua salvação. As tuas palavras, ouvidas por todos nós, não tinham razão de ser; outras poderão ser as tuas ousadias, porque és homem, outras poderão ser as tuas profanações, porque ainda sofres o peso da carne. A investigação, porém, da verdade nos livros do Nosso Divino Mestre só constitui, para todos os que o amam, um motivo de alegria, um motivo de júbilo, porque esse é o dever do homem.

“Estudemos: *Salmos* 1 e 84; — Mateus, XIII:40-52; XVI:27-28. Meus filhos, compreendeis que Jesus tem o poder de julgar, compreendeis que se absteve de julgar para não dar exemplos que seriam mal aproveitados; compreendeis que Jesus podia remir pecados; compreendeis que podia remitir pecados. Entretanto, perguntais: Jesus, derramando o seu sangue, remiu todos os pecados dos homens? Mas, não disse Ele: *a cada um segundo as suas obras*?

“Meus filhinhos, posso afirmar-vos que Jesus realmente remiu todos os pecados dos homens, desde o momento da sua entrada no mundo. A linguagem humana é pobre para poder precisar, em frases que exprimam exatamente as ideias, que corporifiquem o pensamento. Dir-vos-ei, todavia: Jesus, meus filhos, apresentando-se na face da Terra, saldou todas as iniquidades, todos os pecados dos homens. O seu tesouro era imenso, incomensurável para esse pagamento, vós o sabeis. Era extraordinário o valor das suas virtudes para resgatar, ao preço das misericórdias divinas, toda a dívida dos homens.

“Se, naqueles tempos, naqueles dias de suprema felicidade para o mundo, o homem tivesse sabido praticar o perdão, à face de Jesus, o amor na presença do Cristo, ao lado do seu Mestre, a caridade em pessoa; se o homem houvesse podido compreender o pagamento de Jesus, o perdão de Jesus, a remissão de Jesus, teria, como o cego da estrada de Jericó, tomado dos eflúvios doces da sua palavra evangélica, não a luz para os olhos do corpo, mas a luz para os olhos da alma e teria, assim, ascendido, como os Espíritos puros; remido por Jesus, às mansões do Pai Celestial, ao convívio dos justos. Como diz David nos seus *Salmos*, ele teria, finalmente, completado pela graça as obras da sua fé.

David diz: “Vós, Senhor, cobristes todos os nossos pecados”, palavra divina, que explica a razão porque Jesus dizia: “Aqueles que ouvirem a minha palavra e a puserem por obras serão salvos”, isto é, aqueles que beberem da linfa, pura, que eu sei dar, jamais terão sede, não provarão jamais a morte, não se assentarão mais à sombra da morte; esses não serão transplantados para as fornalhas do fogo, que hoje compreendeis serem os mundos inferiores, onde as provações são mais duras, mais penosas, onde a alma, em expiações extraordinárias, chora, como bem disse o vosso companheiro, o seu paraíso perdido.

Mas, esse dia virá? O dia do Juízo, de que falam os Evangelhos, os Profetas, será uma hipótese, será uma verdade?

É o que estudaremos na próxima sessão e eu peço a N. Senhor Jesus Cristo que, nesse dia, nos conceda a sua santíssima Paz, a de que gozamos neste instante, para compreendermos os seus divinos ensinamentos.

Meus filhinhos, Deus vos abençoe.

Ismael

Bittencourt diz:

Sim, releiam vocês os pontos indicados pelo bom Guia e aí encontrarão uma fonte inesgotável de ciência; mas, leiam com atenção.

Estudo minucioso sobre as teses seguintes: Juízo Final – Julgamento – Última Escolha – Vinda de Jesus

Para estas teses chamamos a atenção dos que estudam os Evangelhos, oferecendo-lhes, despretensiosamente, como simples discípulos, o estudo que se segue, em que procuramos mostrar a magnitude do assunto e a impossibilidade, em que ainda nos encontramos, de conhecer a verdade, na sua plenitude.

Jesus veio ao mundo para salvar a humanidade, ensinar-lhe a viver e a morrer. “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores à penitência.” (Lucas, V:32).

Asseverou, terminantemente, que havia de salvar a todos: “Desce do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade d’Aquele que me enviou a saber: que eu nenhum perca dos que Ele me deu; ao contrário, que os ressuscite a todos no último dia.” (João, VI:38 e 39).

No último dia significa: quando o Espírito haja atingido a perfeição suprema, que o livra, para sempre, do contacto do corpo material, isto é, de reencarnar, que é o em que consiste a ressurreição do último dia, a vida eterna. “Todo aquele que o Pai me dá virá a mim e o que vem a mim eu não o lançarei fora”. (João, VI:37).

Vai a Jesus o que nele crê, o que pratica os seus ensinamentos, o que faz obras de Deus, o que ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo, o que, portanto, ama a Jesus.

Essas promessas hão de cumprir-se, porque são de Deus e de Jesus, o seu Verbo, e se cumprirão até à consumação do “século”, que quer dizer — até ao fim do mundo, fim do planeta material Terra, até ao seu último dia, o dia do *Juízo Final*, de que falou o Mestre, predizendo a sua segunda vinda, e de que falam os Profetas e os Evangelistas.

Essa vinda foi mesmo explicada, pelo Evangelista Lucas, nos *Atos dos Apóstolos* (cap. I, v. 11) assim: *Varões galileus, porque estais olhando para o Céu? Esse Jesus, que, separando-se de vós, foi assunto ao Céu, virá do mesmo modo que o haveis visto ir ao Céu. Isto é, Jesus descerá assim como subiu.*

Mas, declarou-o Ele: “As palavras que vos digo são espírito e vida” (João, VI:64). Isto significa: Apartai-vos do sentido literal, se quiserdes

achar a verdade. É assim que entendemos o pão do Céu, o pão de Deus, o pão da vida, a água viva, como símbolos da personalidade de Jesus, da sua moral, da sua Doutrina.

É desse modo que se deve interpretar o — *ir a Jesus*: como sendo a crença n'Ele, a prática da sua moral, da sua doutrina e dos seus exemplos. Assim sendo, porque não poderemos interpretar as sagradas letras em todos os seus dizeres e conceitos, isto é, sob o regímen da hermenêutica divina, contanto que nos ponhamos de harmonia com os ensinamentos do Divino Mestre?

Vejamos, pois, como devemos entender — *o último dia, o Juízo Final, o dia da vinda de Jesus*, de que falam as Escrituras Sagradas.

O progresso é lei absoluta a que está sujeita a criação.

Progride o homem, desprendendo-se cada vez mais da matéria, para se aproximar da vida espiritual. Progride pelo amor de Deus e, portanto, pelo amor de Jesus, pelo amor do próximo. Progride, alargando seus conhecimentos intelectuais. A sua transformação, como ente perfectível, se vai operando lentamente, através de meios sucessivamente compatíveis com o seu adiantamento.

Como a lei do progresso atua fatalmente sobre toda a criação, progride também o planeta, em que vive o homem, passando de um estado material a outros cada vez menos materiais e, depois, ao estado fluídico, o que também não se dá subitamente, mas mediante mudanças graduais, para que não se rompa o equilíbrio, que mantém harmônicas as forças e, ainda, para que a humanidade, na sua transformação gradual, ache sempre o meio apropriado a evolver.

Ora, se o planeta acompanha *pari passu* o progresso da humanidade, ascendendo às regiões superiores, regiões etéreas, fluídicas, é claro que os homens irão mudando de natureza com o planeta. Compreende-se então que, operada no planeta uma transformação, só poderão reencarnar nele os Espíritos que, já modificados, estiverem nas condições de viver no novo meio planetário.

Chegado o mundo ao termo dessas transformações, tendo, em consequência, tomado lugar entre os mundos fluídicos, que não precisam da luz de nenhum sol, nem de nenhuma Lua porque, como figuradamente se diz, são alumados pela claridade de Deus, isto é, têm luz própria, poder-se-á conceber que então haja nele Espíritos que não tenham “ido a Jesus” e que, por isso, mereçam dele excluídos, “lançados fora”, na frase de João (VI:37)?

Esta a dúvida em que laboramos, uma vez que, segundo a expressão literal dos textos evangélicos, a escolha final se dará no último dia, no dia do Juízo Final.

O planeta, para passar de uma fase a outra, o que se efetua lenta e progressivamente, porque é como se fazem todas as transformações da natureza, sofre consecutivamente esses abalos conhecidos pelo

nome de calamidades e que são expiações, remédios providencialmente destinados à purificação dos Espíritos, dos quais, por seu lado, uns vão sendo banidos da Terra, para virem outros. Esse afastamento se produz mesmo por vontade dos Espíritos culpados, em virtude da repugnância que lhes causa o contacto com os adiantados, fato que serve de aviso aos que permanecerem, os quais sofrerão tanto mais, quanto mais vezes tenham de descer ao planeta, porque tanto mais terão que sentir os efeitos das evoluções e revoluções, que este experimentará, cada vez mais frequente, mais destruidoras, e que, segundo a nova revelação, chegarão ao ponto do frio suceder ao calor e o inverno estender-se sobre a natureza, do fogo consumir o que o gelo não haja destruído, até à transformação completa do meio terreno.

Mas, como se sabe, esses fenômenos precursores e efetivadores da transformação do planeta há muito que se dão parcialmente; do mesmo modo que a separação dos Espíritos há muito que se efetua, porque a lei do progresso se cumpre ininterrupta e inelutavelmente, como lei absoluta e imutável, que é, e por virtude dela os castigos são infligidos aos impenitentes, conforme se vê em Lucas XIII:1 a 5:

“Ora, por esse mesmo tempo, vieram dizer a Jesus o que sucedera a uns Galileus, cujo sangue Pilatos misturara com o do sacrifício que eles faziam. Jesus, respondendo-lhes, disse: Pensais que esses Galileus fossem os maiores pecadores da Galileia, por haverem padecido tão cruel morte? Não eram, eu vô-lo declaro; e se vós outros não fizerdes penitência (vos arreponderdes), todos do mesmo modo haveis de acabar. Acreditais igualmente que aqueles dezoito homens, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou fossem mais devedores do que todos os habitantes de Jerusalém? Não, eu vô-lo declaro; e, se vós outros não fizerdes penitência, todos acabareis da mesma sorte”.

Temos assim: o progresso, como efeito de uma lei fatal; os sofrimentos, como remédios para curar as enfermidades da alma; a lei da reencarnação a se executar ampla e providencialmente; a missão do divino Mestre e de seus enviados, como cumprimento das promessas do Criador. Tudo isso nos leva a pensar que a Terra não passará, sem que se complete a redenção de todos os homens.

A parábola do festim (Mateus, XXII:2; Lucas, XIV:16) mostra que, dos indistintamente apanhados nas estradas, só um foi achado sem as vestes nupciais. Dos reunidos para a sagrada Ceia, só um se desviou do carreiro santo. Esse, porém, após dura expiação, se regenerou e entrou para o número dos eleitos, tal a infinita bondade do Senhor Jesus Cristo.

Por conseguinte, quero crer que, nesse dia, figurado como o da consumação do século, não haverá julgamento final, nem exclusão, porque todos os Espíritos já terão progredido e entrado no reino de Jesus.

II

Antes, durante e depois da passagem de Jesus pela Terra, os Profetas e os Evangelistas falaram do dia do juízo, desse grande dia do Senhor, como se vê dos *Atos* (II:20): “O sol se converterá em trevas e a luz em sangue, antes que venha o grande e ilustre dia do Senhor”. Nos mesmos *Atos*, diz Lucas (I:11): “Varões Galileus, porque estais olhando para o céu? Este Jesus que, separando-se de vós, foi assunto ao Céu, virá do mesmo modo que o haveis visto ir.”

Mas, virá para o seu reino? Ele disse — *o meu reino não é deste mundo*. (João, XVIII:36).

O nosso mestre, no *Livro dos Espíritos*, nº 1018¹³, escreveu:

— Em que sentido se devem entender estas palavras: “O meu reino não é deste mundo”?

— Respondendo assim, o Cristo falava em sentido figurado. Queria dizer que o seu reinado somente se exerce sobre os corações puros e desinteressados. Ele está onde domine o amor do bem. Ávidos, porém, das coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra, os homens com Ele não estão.

— Poderá jamais implantar-se na Terra o reinado do bem?¹⁴

— O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vem habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo.

Predita foi a transformação da humanidade e vos avizinhais do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Ela se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos outros, menos adiantados, desempenhar missões *penosas*, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que trabalharão pelo de seus irmãos, ainda mais atrasados. Neste banimento de Espíritos da Terra transformada, não percebeis a sublime alegoria do *Paraíso Perdido* e, na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si o gérmen das suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, não descobris a não menos sublime alegoria do *pecado original*? — S. Luiz.

13 Corrigida a numeração, esta questão tem o número 1018. Veja-se Nota Especial nº 2, após a Conclusão, em *O Livro dos Espíritos*

14 Questão 1019 de *O Livro dos Espíritos*.

Em Roustaing, segundo a Revelação Nova, o reino de Jesus será constituído no nosso globo, quando este, depurado, houver ascendido às regiões dos fluidos puros. Ele será então um dos reinos do Pai, só acessível aos puros Espíritos.

À vista do exposto, como poderemos entender esse dia de que falam os Profetas e os Evangelistas?

Parece-nos que só como um símbolo pode ser interpretado, mesmo porque, do contrário, devendo tornar-se cada vez menor o número dos endurecidos, com relação aos regenerados, estes estariam sujeitos a sofrer as calamidades preditas, quando já se houvessem regenerado.

Parece-nos mais razoável a exclusão dos Espíritos endurecidos, os quais ficarão em expiação na erraticidade, a lutar com as suas paixões, como observamos nos trabalhos de caridade, em que às vezes se apresentam Espíritos que erram no espaço há centenas de anos, sob torturas atrozes, sempre endurecidos, ou encarnarão em mundos inferiores à Terra, de acordo com o grau de seu endurecimento.

Para nós, Espíritos encarnados, que podemos a todo momento ser surpreendidos pela morte, isto é, pela desencarnação, cuja hora ninguém sabe, porque não há regra infalível, o dia do *juízo*, após cada existência terrena, pode vir a todo instante, para recebermos, segundo as nossas obras, prêmio ou castigo, representado este pelos sofrimentos na erraticidade, ou pelas reencarnações, que serão tantas quantas forem precisas para que nos vamos depurando, até que chegue o dia do nosso juízo final, o último juízo, depois do qual teremos ressuscitado da morte para a vida eterna, visto que já não precisaremos reencarnar, por havermos feito dos nossos corações Tabernáculos de adoração do Nosso Divino Senhor, que os habitará desde que neles domine o amor e o bem, como expressamente ensinou Jesus (Lucas, XVII:20 e 24).

“Como os fariseus lhe perguntassem: Quando vem o reino de Deus? Ele respondeu: O Reino de Deus não virá de modo que possa ser notado. Não se dirá: Ele está aqui, ou está ali, porquanto o reino de Deus está dentro- de vós.”

Paulo, na sua *Epístola aos Romanos* (XIV:17), disse:

“Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz, e gozo no Espírito Santo”.

E, na Revelação da Revelação, dada a Roustaing, encontramos o seguinte:

O reino de Deus, que é a perfeição moral, o homem o traz em si mesmo, pois que é no exercício de suas faculdades que se lhe depara o meio de alcançá-lo. Não virá de modo a ser notado, por isso que só lentamente, de progresso em progresso, de ascensão em ascensão, pode o homem aproximar-lhe o advento.

O reino de Deus não é um lugar circunscrito, qual o imaginaram os homens. Não é uma habitação feliz, onde logrem penetrar. É a união

das almas depuradas, purificadas.

Purifiquemos, pois, as nossas almas, para possuímos o reino de Deus.

III

Admitida a transformação dos Espíritos mais ou menos demoradamente, com maior ou menor número de reencarnações e sofrimentos; admitida, pela fatalidade da lei do progresso, a transformação do planeta que, em consequência, se irá afastando do ponto que hoje ocupa no espaço, para passar às regiões etéreas e tornar-se mundo fluídico; atendendo-se a que o homem é que se eleva a si mesmo, até ressurgir da morte na matéria para a vida eterna, e a que, coexistindo com outros no espaço, o planeta terreno não pode deixar de ser um lugar circunscrito, não podendo então ser o reino de Deus, não compreendemos como possa esse reino existir aí e dar-se a exclusão, a ser efetuada no dia do Juízo Final.

Disse o Divino Mestre (João XIV:2) : “Ha muitas moradas na casa de meu pai.”

Por estas palavras, diz-nos a Nova Revelação:

Jesus afirma positivamente a habitabilidade que, para os Espíritos que vegetam no nosso planeta, oferecem os mundos disseminados pelo espaço e afirma a hierarquia ascensional desses mundos. A casa do Pai é o Universo, o infinito, a imensidade. As diversas moradas que nela há são todos os mundos, indistintamente, os quais constituem habitações apropriadas às diversas ordens de Espíritos, pois que a hierarquia ascensional dos mundos corresponde à dos Espíritos que o habitam. O Espírito muda de morada, à medida que progride.

Assim, os Espíritos que se afastaram da estrada simples e reta, que lhes fora indicada, faliram. Ficam sujeitos à encarnação humana, em condições apropriadas ao grau da sua culpabilidade e às necessidades do seu progresso. Progredindo, vão encontrando nessas moradas meios adequados à sua depuração, até se tornarem puros Espíritos, condição em que vão habitar os mundos fluídicos, celestes, divinos, que são os reinos de Deus e de Jesus, a que todos temos de chegar por vias diversas.

Seguir-se-á, porém, que, transformado, o planeta terreno deixará de ser um lugar circunscrito, para se confundir no infinito com a morada divina? E a exclusão, em vez de feita num dia, ou num momento, ter-se-á efetuado, como já vimos, lentamente, indo cada Espírito, de acordo com as suas condições, ocupar as moradas que lhe sejam apropriadas, até que, de progresso em progresso, alcancem um grau de perfeição que lhes faculte encontrarem-se com o Divino Mestre?

Mas, se somos nós que temos de subir a encontrá-lo, como se deve entender a segunda vinda de Jesus, predita por Ele, quando veio a primeira vez, e afirmada pelos Profetas e Evangelistas?

Com efeito, encontramos em *Daniel*, 7:13, o seguinte:

Eu considerava, pois, estas coisas numa visão de noite, e eis que vi um como o Filho do homem, que *vinha* com as nuvens do céu e que chegou até ao Antigo dos dias, e eles o apresentavam diante dele e ele lhe deu o poder e a honra e o reino, e todos os povos o serviram.

Em *Zacarias*, XII:10:

E eu derramarei sobre a casa de David, e sobre os de Jerusalém, um espírito de graça e de preces, e eles porão os olhos em mim, a quem *traspassaram*, e chorá-lo-ão com um pranto, como se chora um filho único, e terão dele um sentimento, como se costuma ter na morte de um primogênito.

No *Apocalipse*, I:7:

Ei-lo aí vem sobre nuvens, e todo o olho o verá, e os que o *traspassaram*. E baterão nos peitos, ao vê-lo, todas as tribos da Terra: assim se cumprirá. Amém.

Idem, XXII:20:

O que dá testemunho destas coisas diz: Certamente que *venho logo*. Amém. *Vem, Senhor Jesus*.

Idem, XXII:12:

Eis aqui que depressa *virei*, e o meu galardão anda comigo, para recompensar a cada um segundo as suas obras.

Mateus, XXIV:30:

E então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu, e então todos os povos da Terra chorarão e verão o Filho do homem que virá sobre as nuvens do céu, com grande poder e majestade.

Idem, XXIV:37:

E assim como foi nos dias de Noé, assim será também a *vinda* do Filho do homem.

Marcos, XIII:26:

E então verão o Filho do homem que virá sobre as nuvens com grande poder e majestade.

João, XIX:37:

Eles verão aquele a quem *traspassaram*.

Como entenderemos a segunda *vinda*, de Jesus, se Ele então se achará, por efeito da nossa depuração, em nossos corações, e se nós o veremos desde que chegemos a um estado de perfeição?

A “Revelação da Revelação”, de Roustaing, diz:

Estas palavras encerram *um pensamento todo espiritual*. Os *homens teriam de vê-lo, pelo pensamento*, a Ele, a vítima Voluntária do Gólgota. Os discípulos, após a sua “ressurreição”, teriam também de vê-lo. Os soldados que haviam sido o instrumento do sacrificio, bem como os que a este assistiram, o provocaram e o fizeram se consumasse, todos, com efeito, são chamados a assistir ao *segundo advento* de Jesus, nos tempos por Ele preditos. Mas, então, tantas encarnações

terão passado sobre esses fatos, que a dolorosa lembrança deles se lhes terá atenuado pela reparação.

A segunda vinda de Jesus deverá ser tomada figuradamente, como significando o advento da lei do amor e da caridade, que Ele personifica? Dar-se-á, quando pusermos em prática o amor e a caridade, ocasião em que a humanidade estará unida num amplexo fraternal, isto é, consumada na unidade de que falou o Divino Senhor (João, XVII:21 a 23):

“Para que eles também sejam um em nós, como tu, Pai, és em mim e eu em ti. — Eu estou neles e tu estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade.”

Jesus é a luz, porque é a maior essência espiritual, depois de Deus, luz que só pode ser vista por Espíritos purificados, como Deus só pode ser visto por Ele, Jesus.

O reino de Deus está em nós, porque o reino de Deus consiste na paz da consciência. Não é uma habitação feliz onde tenhamos de penetrar, pois que consiste na união das almas pela posse de todas as virtudes. Possuí-lo-emos, desde que as nossas almas se hajam purificado.

Jesus é o pensamento de Deus, está em relação direta com Deus, que o inspira. O reino de Jesus não pode ser outro, senão o reino de Deus, pois, do contrário, teríamos dois reinos para os bem-aventurados: o de Deus e o de Jesus.

A vinda de Deus e de Jesus aos que praticam a sua moral e os seus ensinamentos; o fazerem Deus e Jesus morada nesses devem entender-se da maneira seguinte: Esses serão assistidos pelos bons Espíritos, cuja inspiração está sempre com os que perseveram, sugerindo-lhes o pensamento e o desejo do justo, do verdadeiro e do bom, ajudando-lhes o progresso moral e intelectual. É por essa inspiração que Jesus “se mostra” aos homens de boa vontade.

Tal a vinda do Consolador prometido, que já está entre nós, o Espiritismo, como precursor do Espírito da verdade, que significa a vinda de Espíritos superiores, de bons Espíritos, que Deus nos enviará em nome de Jesus, para nos inspirar e guiar, ensinando-nos, pela inspiração, tudo o que corresponda às necessidades da época, ao cumprimento da nossa missão. Esse Consolador nos vem trazer a luz, a ciência, a verdade, por meio da inspiração ou ação mediúnica. Sendo o Espírito da verdade, que procede do Pai, virá dar testemunho de Jesus, espalhando a caridade e o amor pelo exemplo e, progressivamente, a luz, a ciência, a verdade, que procedem do Senhor Todo Poderoso e que Jesus personifica para o nosso planeta; virá, pois, completá-las e sancioná-las, mostrando a verdade sem véu (João, XIV:26): Mas, *o Consolador, que é o Espírito Santo que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito.*

Esse Espírito, que Jesus personifica, virá, isto é, achar-se-á entre nós, visível aos homens, mostrando-nos a verdade sem véu, quando a

pureza dos nossos corações e o desenvolvimento das nossas inteligências nos houverem tornado capazes de a receber e compreender e de suportar a vinda espiritual dessa Entidade Puríssima e Elevadíssima, qual N. S. Jesus Cristo.

Portanto, o Espírito da Verdade anunciado não é um ser corpóreo ou fluídico; é o conhecimento integral da verdade, conhecimento que só se adquire pelo aperfeiçoamento, que nos é dado pelos Espíritos do Senhor, errantes e encarnados em missão, debaixo da direção do nosso Protetor. Por isso é que Jesus toma os títulos de *Cristo*, *Enviado* e *Espírito da Verdade*, complemento e sanção da verdade.

IV

Quanto ao juízo, ao julgamento, vejamos o que se encontra a respeito nas Escrituras Sagradas.

Jó, cap. XXXIV, v. 10 a 12: “A impiedade está longe de Deus e a injustiça longe do Todo Poderoso. Porque ele pagará ao homem a sua obra; recompensará a cada um segundo os seus caminhos, porque, certamente, Deus não condenará sem razão.”

Provérbios, cap. XXIV, v. 12: “Ele retribuirá ao homem segundo as suas obras.”

Ezequiel, cap. XXXIII, v. 20: “Casa de Israel, eu hei de julgar a cada um de vós segundo os seus próprios caminhos.”

Paulo, *Epístola aos Romanos*, cap. II, v. 6: “O justo juízo de Deus há de retribuir a cada um segundo as suas obras.”

Por estes textos, evidente se nos afigura que é Deus quem nos julga; porém, no Evangelho de João, cap. V, v. 22, se nos depara o seguinte: *Porque o Pai a ninguém julga; mas, deu ao Filho todo o poder de julgar.*

É o que parece explicado nos *Atos dos Apóstolos*, cap. XVII, v. 30-31, nestes termos:

“E Deus, desprezando por certo os tempos desta ignorância, anuncia agora aos homens que todos, em todo lugar, façam penitência, porquanto *Ele tem determinado um dia*, em que há de julgar o mundo, conforme a justiça, por aquele varão, que designou para juiz, do que dá certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos.”

Paulo, *2ª Epístola aos Coríntios*, cap. V, v. 10: “Porque todos *devemos comparecer diante do tribunal de Cristo*, para que cada um receba o galardão, segundo o que tem feito, ou bom ou mau, estando no próprio corpo.”

Apocalipse, cap. XX, v. 11 e 12: “Vi um grande trono branco, e um que estava assentado sobre ele, de cuja vista fugiram a Terra e o Céu, e não foi achado o lugar deles. Vi os mortos pequeninos que estavam em pé diante do trono, e foram abertos os livros: e foi aberto outro, que é o da vida: *foram julgados os mortos pelas coisas* que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.”

João, cap. VIII, v. 15 e 16: “Vós julgais segundo a carne; *eu a nin-*

guém julgo. E, se eu julgasse, o meu juízo seria verdadeiro, porque não estou só; comigo está o Pai que me enviou.”

Idem, cap. XVI, v. 8: “E quando ele vier (o Consolador) convencerá o mundo quanto ao pecado, quanto à justiça e *quanto ao juízo.* Quanto ao juízo, porque o príncipe do mundo já está julgado.”

Em face destes textos, que parecem contradizer-se, perguntamos: afinal quem é que julga?

Ainda, se nos diz: “Para o verdadeiro espírita, o dia de amanhã deve ser sempre o dia do juízo final; ele deve estar sempre pronto a comparecer perante o seu Juiz, *que é sua consciência*”.

Mas, como, se todos temos de comparecer perante o tribunal do unigênito de Deus, incumbido de julgar os mortos e os vivos?

Compreende-se que na consciência achemos o critério do julgamento, a sua justiça, a sua conveniência e necessidade mesmo; porém, aprovar um julgamento não é proferi-lo.

E os fatos não comprovam que a consciência não avalia a criminalidade de certos atos, senão quando a criatura luta com o sofrimento, consequência do julgamento, por consistir este na retribuição segundo as obras?

Se, porém, os castigos, os tormentos aflitivos continuam e se prolongam, ao ponto de abrandar o endurecimento e fazer sejam ouvidos os conselhos dos guias, solícitos sempre no exercício do amor e da caridade e no cumprimento da missão que têm; se, pela atuação da lei do progresso, o Espírito procura conhecer a causa do seu sofrer e os meios de livrar-se dele, então, sim, é o caso da consciência julgar e aprovar a sentença, ou, antes, a procedência da *retribuição*, e pedir para reparar, ou, mesmo, pedir maiores expiações, como remédio capaz de livrá-lo das suas culpas.

Em conclusão, parece que ninguém é julgado, porquanto o Pai a ninguém julga, Jesus não veio condenar, mas salvar, e nele têm os homens não um juiz e sim um guia, um apoio. Mas, sendo assim, porque é a nossa consciência muitas vezes surpreendida com o castigo que resulta do julgamento?

V

Com efeito, não há julgamento, no sentido jurídico que os homens lhe atribuem, porque o julgamento humano tem como consequência uma sentença, precedida de acusação, de defesa, de provas, etc.

Contra o julgamento tomado nesse sentido foi que o Divino Mestre disse: “O Pai a ninguém julga. Vós julgais segundo a carne, eu a ninguém julgo.” — Acrescentou, porém: “*Se eu julgasse, o meu juízo seria verdadeiro, porque não estou só; comigo está o Pai que me enviou.*”

Logo, há um julgamento, posto que *sui generis*. O julgamento de Deus existe, de fato, diz a Divina Epopeia do nosso querido companhei-

ro Bittencourt Sampaio, porque é de toda a eternidade. É uma lei imutável, como a lei da gravitação, dos efeitos do dia e da noite, do fluxo e do refluxo; mas, imutável no sentido de que a Terra pode passar, pode sofrer as suas revoluções e transformações planetárias, sem que o Espírito retardatário a acompanhe na sua marcha ascendente.

O julgamento de Deus e seus efeitos são de toda a eternidade. Estão na lei de atração espiritual, imutável e eterna, como o próprio Deus de quem emana, e que, segundo o entender de cada um, determina as combinações dos fluidos, os quais se atraem uns aos outros por analogia de espécie e de natureza. É essa lei de atração que, mediante a ação do fluido magnético, liga todos os mundos do Universo, liga todos os Espíritos, encarnados e desencarnados, constituindo um como laço universal que Deus criou para unir todos os seres, de modo que formassem, por assim dizer, um único ser, tendo em vista ajudá-los a subir até Ele, conjugadas as suas forças, trabalhando incessantemente os superiores pelo progresso dos inferiores.

Tal a grandiosa lição que nos dão os enviados do Céu.

Pois bem, o Espírito aplica livremente, a si mesmo, essa lei, com a consciência que Deus lhe deu do bem e do mal, consciência a cujo pronunciamento ele se acha irresistivelmente submetido.

O Espírito tem o livre arbítrio; é, pois, ele próprio que deve corrigir-se e reparar suas transgressões e desvios; é ele próprio que deve abrir caminho para o seu progresso e seguir por esse caminho.

Se o Espírito firma o propósito de renunciar ao mal e de entrar no caminho do bem, atrai a si as boas influências e se põe em relação com Espíritos bons, encarnados e, sobretudo, errantes, animados dos mesmos pendores, dos mesmos sentimentos, os quais o ajudam a progredir. Sob a inspiração e a proteção dos bons Espíritos, ele avança e o julgamento de Deus não o atinge, isto é, não sofre ele castigo.

Se, ao contrário, o Espírito se compraz no crime e não escuta as vozes amigas que o convidam a afastar-se do mal e a tomar o caminho do bem, atrai a si as más influências e se põe, inconscientemente, em relação com os Espíritos maus, encarnados e, sobretudo, errantes, animados dos mesmos pendores, dos mesmos sentimentos, e fica estacionário, porque o Espírito não retrograda. Então, o julgamento de Deus o atinge; ele sofre castigo.

Mas, em suma, em que consiste o julgamento de Deus? Consiste na ausência de progresso; na aplicação da lei imutável do sofrimento, que alcança, cedo ou tarde, o criminoso e lhe provoca o remorso, que é o despertar da consciência para o discernimento do bem e do mal e para apreender o princípio, a que o Espírito se encontra submetido, da perfectibilidade.

É o transcorrer do tempo, sem trazer ao Espírito melhora alguma, sem lhe satisfazer às aspirações. Nem sempre, é certo, o Espírito aspira

ao progresso; muitas vezes, pelo contrário, aspira ao crime, à indolência, por orgulho, por inveja, por egoísmo, por avariza. Porém, mesmo nesse caso, desde que seus desejos não são satisfeitos, não representará isso uma condenação, que ele a si próprio inflige, como consequência de seus maus pendores?

O julgamento de Deus é, finalmente, a luta em que o Espírito se empenha sem resultado, até que forme o propósito inabalável de renunciar ao mal e de entrar no caminho do bem, porque, como culpado e criminoso, ele não pode marchar para Deus, é retido pela influência atrativa dos fluidos magnéticos, que os Espíritos inferiores assimilam, nas esferas de expiação.

Cumpre-lhe renovar, então, suas provas, até que, fazendo-o progredir, elas o libertem das reencarnações nessas esferas.

Este assunto, por demais transcendente, exige que o tratemos de um outro ponto de vista.

VI

O juízo, o julgamento, ato tão complexo que dele mal conseguimos fazer ideia, já se deu, se assim nos podemos exprimir, antes da existência das faltas, quando Deus, o Criador, fez as suas leis, absolutas, nas quais, presciente e previamente, atendeu a todos os casos de desvio dos Espíritos, ainda os mais insignificantes.

Proferiu todas as sentenças, graduou todas as penas, proporcionando-as à imputabilidade e à criminalidade dos delinquentes e, o que é ainda mais extraordinário, fez dos castigos ou penas consequências inevitáveis das violações das leis, ficando, portanto, dispensado o juízo, o julgamento, a sentença, a condenação, porque a pena, quer consista em enfermidades, em defeitos, quer em desastres, em aflições, em mortes, é sempre consequência dos excessos, resultados fatais das infrações.

O sofrimento está ligado à imperfeição, como o gozo à felicidade.

A alma traz em si mesma os elementos próprios a chegar ao que se chama o resultado do julgamento, onde quer que ele se ache.

O julgamento de Deus existe de toda a eternidade, porque a violação da lei tem por efeito a pena, da qual não podemos fugir, porque ela é a reação natural da nossa própria ação.

Pelas suas obras é que cada um se inscreve nos livros de que figuradamente fala o *Apocalipse*, cap. XX, v. 12:

“E vi os mortos grandes e pequeninos, que estavam em pé diante do trono, e foram abertos os livros, e foi aberto outro livro, que é o da vida; e foram julgados os mortos pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo os suas obras.”

Daniel, cap. VII, v. 9 e 10:

O Antigo dos dias ocupou o seu trono, assentou-se o juízo, abri-

ram-se os livros.

Quanto a Jesus, disse Ele, como se lê em, João, cap. VIII, v. 15 e 16: “Vós julgais segundo a carne: eu a ninguém julgo. E, se eu julgasse, o meu juízo seria verdadeiro, porque não estou só; comigo está meu Pai que me enviou.”

Se, como vemos, o julgamento é o resultado das obras humanas, sua retribuição, sua consequência inevitável; se a pena está para a violação, como o efeito para a causa, é claro que a expressão “julgamento de Deus e de Jesus” não tem a mesma significação que na Terra lhe dão os homens.

Jesus, pois, não julga, condenando. Nele não temos um juiz, mas um guia, um amigo, um apoio que, por meios paternais, nos encaminha para o bem, forçando-nos a ver a luz, preparando-nos e dispondo-nos a entrar em expiação, a fim de que nos julguemos e nos condenemos a nós mesmos.

Como intermediário entre Deus e os homens, tendo recebido o poder de julgar, esse poder consiste em presidir Ele ao desenvolvimento e ao progresso dos homens e a ajudá-los por todos os modos a progredir.

No Evangelho de João (cap. XVI, v. 8-11), encontramos também dados para esclarecimento de um outro ponto que nos parece muito difícil de compreender-se.

“Quando vier (o Consolador), arguirá (ou convencerá, como se acha na Divina Epopeia) o mundo quanto ao pecado, porque não crearam em Jesus; quanto à justiça, porque Ele foi para o Pai e não mais o verão; quanto ao juízo, enfim, porque o príncipe deste mundo já está julgado.”

O julgamento, diz a Nova Revelação, é a retribuição segundo as obras. O homem, pelos seus pensamentos e suas inclinações, por suas palavras e seus atos, provoca e recebe julgamento, de acordo com as leis imutáveis e eternas da justiça divina, que a sua *consciência aplica depois da morte*.

Quanto à consciência: Tendo ficado, pelas razões expostas, demonstrado que não há julgamento, como se entende entre os homens, porque a pena é a consequência inevitável da violação da lei, claro se torna que a consciência não julga. O que há é que, desde que o homem conhece a lei e está certo da inevitável aplicação da sua sanção, ele tem nas suas mãos o julgamento, a sentença, ou, antes, o livre arbítrio para fugir à prática de atos contrários à lei divina, evitando assim as consequências necessárias e fatais desses atos.

Repetimos: se o homem renuncia ao mal e procura o bem, atrai e põe-se em relação com os bons Espíritos encarnados e errantes, que o ajudam a progredir. Se, ao contrário, se compraz no mal, afugenta de si os bons Espíritos, atrai as más influências e, conseqüentemente, estaciona, luta e retarda o seu progresso. Dai o dizer-se que, em verdade, é

o próprio homem que se condena; que escolhe a pena a ser-lhe aplicada. É ele, portanto, o Juiz de si mesmo.

Os homens que fogem da luz, porque amam as trevas mais do que à luz, são os que se condenam por seus próprios atos quando, desencarnados, se acharem diante da própria consciência, desse espelho que nos retrata em presença do infinito.

“Quem nele crê não é condenado; mas, o que não crê já está condenado.” (João, cap. III, v. 18.)

A causa dessa condenação é preferirem os homens as trevas à luz. Crer em Jesus é seguir-lhe os passos, é pôr em prática seus ensinamentos, é entrar numa fase de provas e de progresso, que fazem a criatura avançar para a perfeição, que é a vida eterna.

Não será condenado quer dizer: não entrará em expiação, antes, passará da morte à vida, isto é, não revestirá mais um corpo de carne neste ou noutros planetas inferiores, ficará sempre Espírito, viverá a vida do Espírito.

Ao contrário, não crer em Jesus é preferir as trevas à luz, é viver a vida dos gozos da matéria, é renunciar ao progresso, é estar sujeito às reencarnações, que significam expiações para depuração.

Quando se dará esse julgamento, é o ponto de que vamos tratar. Quando se dará e quando finalizará.

Começa pelas primeiras expiações a que se condenam os Espíritos que se desviam do caminho reto, por onde avançam os que, progredindo sempre, chegam à perfeição, sem nunca falirem. Seguem-se à primeira encarnação as expiações na erraticidade, as reencarnações e todas essas fases em que, retardatário, o Espírito demora ou apressa o seu progresso, conforme toma a estrada reta ou os atalhos. Ao cabo de cada existência planetária, passa ele pelo julgamento, do qual decorre a sua existência seguinte. O julgamento final, esse se verifica quando o Espírito atinge um certo grau de perfeição, que representa a sua ressurreição da morte para a vida eterna.

Quanto ao termo do julgamento final dos habitantes do planeta Terra, que necessariamente tem de progredir também, transformando-se de mundo material em mundo fluídico, não é uma utopia, um ideal dos que estudam as letras sagradas à luz da Doutrina Espirita. É uma promessa, um fato previsto na lei e nas profecias; mas, que, a julgar-se pelo atraso dos homens, demanda milhares de séculos e ninguém pode saber quando será, tanto que Jesus disse — só o Pai o sabe.

O que, porém, não se pode contestar é que o progresso moral, intelectual e físico é uma realidade, como o atesta o testemunho da História; é que a descida das Estrelas do Céu, para nos trazerem as revelações, para nos ensinarem e nos dirigirem, é um fato, pois que quotidianamente recebemos os ensinamentos dos nossos Protetores; é que o Consolador já está entre nós, dizendo-nos o que em tempos idos não

podíamos compreender; é que a Doutrina Espírita nos veio chamar ao estudo da verdade e ensinar a discerni-la da mentira; veio provocar e desenvolver a nossa experiência, a nossa perspicácia, a nossa dedicação; veio esclarecer os nossos corações, para tornar-nos dignos da assistência dos Espíritos bons e de ser conduzidos por eles, que vêm como precursores do estado de perfeição que devemos atingir.

E tudo isso tem por fim preparar-nos para receber o Espírito da Verdade, cuja vinda será “o fim do mundo”, isto é, o *fim da nossa fraqueza, da nossa ignorância, para o reinado do amor e da caridade*.

Ora, todos esses sinais precursores já se têm mostrado, mais ou menos, e os nossos Protetores não cessam de anunciar-nos a chegada dos tempos.

Mas, perguntou-nos o nosso querido companheiro e mestre, o que foi na Terra nosso guia:

“Já vistes encarnado algum dos Espíritos superiores, que hão de vir em missão? algum cuja vida se possa acompanhar desde a infância, sem descobrir nela uma mácula, uma fraqueza, e de cujos lábios não se ouçam senão lições da mais pura moral, sancionada, na prática, pelos atos?”

De certo que não. Pois bem, essa pergunta quer dizer, quer significar que, quando seres dessa ordem aparecerem entre nós, o momento se aproxima em que o Precursor nos virá anunciar a boa nova, preparar-nos para entrarmos na vida espiritual, que nos porá em condições de receber o Espírito da Verdade, como sanção e complemento da verdade.

Então, reproduzir-se-á no nosso planeta o aparecimento, qual o de Jesus, quando da sua missão terrestre, de Espíritos, por incorporação puramente fluídica, sob a aparência da corporeidade humana.

Quem será o Precursor? Será João, o mesmo que foi Elias, hoje muito mais adiantado do que o Elias dos Hebreus. Quando desempenhar a sua missão espírita, assinalando com ela a sua passagem pela Terra, maior será ainda, não sob o aspecto da austeridade dos costumes, mas sob o do poder e da ciência. Ele reaparecerá entre nós. Sua presença assinalará um progresso imenso, tanto moral como científico. Sua missão futura consistirá em alargar o círculo das nossas ideias e fortificar em nós o amor universal e a caridade, que lhe é consequente.

Ora, tudo isso que prova? Prova que Jesus, o Nosso Senhor, com seus Discípulos, se empenha no cumprimento da sua missão de Messias, de Cristo de Deus, a da — *redenção da humanidade* — porque essa é a vontade de nosso Pai. Inclina-mo-nos, pois, a crer que o “século” só se consumará, quando for completa a redenção de todos os homens.

Esta nossa crença pode não ser verdadeira; porém, não deixa de ter fundamentos, como passamos a mostrar, além dos argumentos já expendidos.

O apóstolo Pedro, escrevendo as suas primeira e segunda cartas, fê-lo principalmente para os Judeus convertidos, que, por efeito de guerras, se tinham visto obrigados a retirar-se para a Ásia Menor, indo viver com os gentios. Aconselhou-lhes então que seguissem estritamente os preceitos evangélicos, dando-lhes normas para regularem os seus costumes e prevenindo-os ao mesmo tempo contra as falsas doutrinas dos Simonitas e Nicolaitas, adeptos da seita dos Gnósticos, filósofos espalhados pela Ásia e pelo Egito, no 1º século, os quais consideravam inexatas e insuficientes as revelações dos livros santos e pregavam que o mundo subsistiria sempre no mesmo estado em que se achava e que, portanto, não haveria Juízo Final.

Na segunda daquelas Epístolas (cap. III, v. 1-9), diz Pedro:

“Esta é já, caríssimos, a segunda carta que vos escrevo; em ambas desperto, com as minhas admoestações, o vosso ânimo sincero, para que tenhais presentes as palavras dos Santos Profetas, de que já vos falei, e os mandamentos que pelos seus apóstolos vos deu o Senhor e Salvador. Sabendo, primeiramente, que nos últimos tempos virão impostores artificiosos, que andarão segundo as suas próprias concupiscências, dizendo: *Onde está a promessa ou a sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, tudo permanece como no princípio da Criação.* Mas, isso é porque ignoram voluntariamente que, primeiro existiram os céus e que a Terra foi tirada da água e que por meio da água subsiste, pela palavra de Deus, pelo que aquele mundo de então pereceu afogado em água. Quanto aos céus e à Terra, que agora existem, pela mesma palavra se guardam com cuidado, reservados para o fogo no dia do juízo e da perdição dos homens ímpios. Porém, caríssimos, há uma coisa que não se vos deve esconder, é que um dia, diante do Senhor, é como mil anos e mil anos como um dia. Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns entendem; mas, espera com paciência, por amor de vós, não querendo que alguém se perca, senão que todos se convertam à penitência (isto é: pelo arrependimento)”.

Porém, qual a promessa que, segundo alguns, se retarda? Veja-se o v. 13 do mesmo capítulo da citada Epístola:

“Porquanto, esperamos, segundo as suas promessas, novos céus e uma nova Terra, nos quais habita a justiça.”

No *Apocalipse* (cap. XXI, v. 1 e 27), lemos:

“Eu vi um novo céu e uma Terra nova, porque o primeiro céu e a primeira Terra se foram e o mar já não é. Não entrará nela coisa alguma contaminada, nem que cometa abominação, ou mentira; mas, somente aqueles que estão escritos no livro da vida do Cordeiro.”

Ora, todos esses trechos, ao mesmo tempo que provam a verdade evangélica do *Juízo Final*, proclamada por Jó, nos mostram que o Senhor espera, não querendo que alguém se perca e sim que todos se convertam. Eis porque, confiantes na sua divina misericórdia, espera-

mos que o *século* não se consuma, sem que se salvem todos os homens que ora o habitam.

Disse João: “Em verdade vos digo que a Terra não passará, sem que primeiro se consume a redenção de todos os homens.”

Em conclusão, diremos que este trabalho, colhido dos Santos Evangelhos, interpretado sem pretensões, porque temos consciência da nossa ignorância, sobretudo em matéria de tanta transcendência, representa apenas o fruto de um esforço feito, antes para provocar as explicações que nos seja dado receber dos nossos mestres, do que para refutar comunicações de Espíritos que consideramos nossos protetores e guias, por mercê de N. S. Jesus Cristo.

*

Mateus, cap. XXI, 1-17; Marcos, cap. XI, 1-11 e 15-19;

Lucas, cap. XIX, 28 a 48; João, cap. XII, 12 a 15;

Zacarias, cap. II, 10; cap. IX, 9; *Salmos*, cap. XVII, 26 a 29;

Isaías, cap. XII, 6; cap. LIV, 1; cap. LVI, 7; cap. XXVI, 11 e 12; Sofonias, cap. III, 14-20;

Feitas as preces do começo da sessão, foram recebidas dos Guias as Comunicações seguintes:

Meu filho, Paz, Amor e Caridade. Deus te abençoe e Jesus te ilumine. Sim, ouve o teu dedicado mestre. Deus te ampare. Paz.

Felipe Nery.

Ainda uma vez eu te digo: O Evangelho de Jesus é o Código Divino, pelo qual devemos pautar os nossos atos para como nosso próximo. Saibamos compreendê-lo e praticá-lo.

Paz e amor.

Bittencourt.

Paz. As bênçãos de Deus e a paz de Jesus desçam até vós, que guardais com carinho as palavras de salvação. Meus amigos, gravai nos vossos corações os ensinamentos divinos, que vos orientam para poderdes obter as vitórias da Fé, os lampejos da Esperança e as doçuras da Caridade. Cuidai, enquanto estais a caminho, da tarefa que vos foi confiada; esforçai-vos por satisfazer aos compromissos tomados com Jesus Cristo. Peçamos-lhe a graça de ouvirmos do seu Anjo as lições de amor, que nos transportam às regiões da paz, onde se desconhece a morte. Louvado seja o Senhor, que derrama sobre os humildes os eflúvios do seu incomensurável amor. Paz.

Allan Kardec.

O médium Frederico recebeu em seguida esta Comunicação inicial:

Que os puros Espíritos, os Santos, segundo a expressão do mundo, iluminem a oficina sagrada do nosso labor, a fim de que possais tirar dele frutos de amor e de caridade.

Meus filhos, ainda uma vez, iluminados por aqueles que vivem nas regiões da luz; vamos ler e compreender, a fim de as praticarmos, as sábias lições do Mestre Divino. Que a paz vos encha as almas nesse tentame que agrada ao Senhor e nobilita os vossos Espíritos.

Marcos

Para estudo, foram lidos os versículos acima citados, dos Evangelistas e dos Profetas, e, concentrados todos, esperou-se a palavra do unguido do Senhor.

O médium Frederico, depois de alguns instantes, fala:

Preside aos nossos trabalhos o bom Ismael. Acham-se presentes todos os nossos Guias e Espíritos protetores. Muitos sofredores assistem e aguardam a palavra do bom Guia. Bittencourt, Bezerra e Siqueira Dias estão juntos. Acham-se também aqui Dias da Cruz e Romualdo.

Depois, levanta-se e diz:

Paz. Oh! Que aventura gozamos nestes momentos! Quanto enlevo em nossas almas! É Jesus que vem, como outrora, repellido e triunfante; é Jesus, meus filhinhos, que ainda uma vez visita a sua Jerusalém de todos os tempos e lhe traz o seu verbo inflamado e divino, a palavra de salvação, a palavra que redime, que consolará de todas as aflições os homens. Palmas, túnicas alastram o caminho à sua passagem em demanda da grande cidade. Corações dolentes, humildes, dobram-se diante do seu majestoso vulto que, atraído pelas nossas preces, pelas nossas súplicas, nos vem encher os espíritos da sua luz celestial, para que possamos, pelos caminhos que nos estão traçados, encontrar a nossa Canaã, a terra da Promissão, a terra da Paz, a terra da felicidade.

Filhinhos, para prosseguirmos no nosso estudo, vamos ler:

Salmos, XXXVI, XXXVII e XVIII; — *Ezequiel*, cap. VII, VIII e IX.

O médium senta-se e Sayão procede à leitura desses trechos das Sagradas Letras. Terminada a leitura, o médium levanta-se de novo e prossegue:

Profetas, Apóstolos, Espíritos prepostos ao aparelhamento do caminho para o Senhor, usando da linguagem apropriada às épocas e cobrindo seus ensinamentos com o véu da letra, indispensável até que o desenvolvimento das inteligências tornasse capaz o homem de entender as coisas divinas; Profetas e Apóstolos, com a sua linguagem simbólica e figurada, falaram do Juízo Final. Meditar e não simplesmente ler é o que nos cumpre. Buscar na linguagem bíblica, como dizeis na Terra, o pensamento oculto, eis o nosso dever, o dever de todos os cristãos.

Herdar a Terra, temos nos Salmos. Aquele que não obra iniquidade, aquele que não procura ínvios caminhos, tratando unicamente do

seu eu, esse é o “herdeiro da Terra”. Mas, de que espécie é essa herança? Como pode o Espírito, na sua evolução progressiva, possuir aquilo que, no entender de muitos, tem de ficar estacionário?

Quando, no seu *Salmo* falou em “herdar o homem a Terra”, certamente, meus filhos, David não se referiu a essa Terra que conheceis, pelas dores e aflições que nela experimentais. Não se referiu a essa massa grosseira onde viestes pousar, trazidos pelas vossas iniquidades, pelo vosso aborrecimento das coisas boas, pelos vossos pecados. Não.

Se tudo se transforma, se tudo progride, obedecendo a uma lei imutável do nosso Criador e Pai; se mundos e mundos povoam as regiões do espaço, cada qual apropriado a servir de habitação aos Espíritos, segundo as condições morais e intelectuais destes, a Terra não pode formar exceção. Ela, como todos os mundos, tem que, por evolução natural, chegar a ser digna de constituir uma herança. Quer dizer: a Terra terá que chegar à condição de imperarem nela a justiça, o amor, a caridade; de servir de habitação a Espíritos crentes, obedientes ao seu Deus, discípulos sinceros e verdadeiros de Jesus.

Nem os Profetas, meus filhos, nem os Apóstolos disseram palavras ociosas. Quase todos escreviam por inspiração, visto que os seus pergaminhos formariam o código divino. Como haviam de escrever palavras que viessem a ficar sem explicação? Os tempos são chegados, há muitos anos ouvis dizer.

Ezequiel declara: *o dia vem, vem certo*. Determinar quando virá, explicar-vos a forma por que se dará a transformação do planeta é impossível. Nem nos é dado explicar, nem podeis compreender.

Mas, disseram: o dia do Juízo se apresenta, desde que o Espírito se liberta das cadeias da carne.

Não, digo-vos eu, não é esse o dia do juízo de que falaram os Profetas, os Apóstolos e o próprio Jesus Cristo.

Todos somos chamados à penitência, todos somos convidados, pelo sacrifício do Calvário, a modificar os nossos instintos, todos temos, como suprema graça do nosso Pai Celestial, que ser coherdeiros de Jesus, na frase de Paulo. Desde que o Espírito, na sua existência transitória, não se modifica; desde que o sangue derramado no martírio da cruz não vem a ser mais do que um painel que o deixa indiferente, ele não pode passar, em consequência de uma morte ocasional, pelo juízo final, visto que tem de voltar, tem de sofrer outras encarnações, como sabeis, de acordo com o que ensina a Doutrina. Se, afinal, pela sua teimosia, pela sua rebeldia, como dizeis na Terra, se tornar incompatível com o meio onde até ali encarnara, terá então o seu *juízo final*.

Imaginai, permitido me seja materializar a ideia, que encontrais no vosso caminho um infeliz baldo de todas as noções de moral, baldo de virtudes, e que, compadecidos, como cristãos o chamais para o vosso lar e, com a solicitude de um verdadeiro pai, lhe ensinais o Evangelho, o

vestis e fazeis partilhar da vossa mesa. Imaginai, ainda, que, levado por um sentimento de gratidão, ele se mostra reconhecido aos vossos favores; mas que, de espírito rebelde, inadaptável às coisas santas, começa a causar perturbação no vosso lar, dando toda sorte de maus exemplos aos que o habitam. De novo os estímulos do amor vos impelem a chamar-lhe a atenção para seus desregramentos. O homem chora, diz-se arrependido, mas continua no mal, porque é mau o seu coração.

Que faríeis nesse caso? Conservaríeis no seio da vossa família, por espírito de caridade, aquele que estava contaminando de maldades e de misérias morais o vosso lar? Não. Choraríeis, porém, o afastaríeis. No momento da dor, procurá-lo-íeis, levando-lhe o alimento para sustentá-lo e a capa para cobri-lo. Na hora da moléstia, aplicar-lhe-íeis os medicamentos, cercado-o de todas as solitudes, mas não deixaríeis se contaminassem os vossos filhos.

Assim procede Deus com as suas criaturas que, para se purificarem, são lançadas nesse mundo de dores e de amarguras. Assim procederá quando, segundo a lei imutável, em toda a natureza, seja necessária a separação das ovelhas e dos bodes, segundo a linguagem evangélica.

Assim é que chegará para os rebeldes o dia do juízo final, que não é o de nenhuma de suas mortes corpóreas. É o do degredo para mundos dominados pela avareza, pelo ódio, pelo orgulho dos que ainda não quiseram ouvir a Jesus.

Quando e como se dará esse afastamento; quando o dia do Juízo? Só Deus o sabe.

Ismael

Continua o médium:

Nunca o vi tão formoso como hoje! Quanta luz se desprende do seu Espírito! Ismael!

Junto dele, vejo um homem de tez amorenada, cabelos negros, olhos muito brilhantes, com uma túnica escarlata e uma espécie de cinturão. É *Ezequiel*. Vê-se que foi, quando na Terra, um Espírito, como se diz, de força de vontade e energia. Como eram bonitos os trajes daqueles tempos! Simples e lindos!

O médium desperta e, feitas as preces, encerram-se os trabalhos.

*

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Oremos e vigiemos, para que os cuidados da seara bendita não sejam esquecidos pelos nossos Espíritos.

Tomamos sobre os ombros árdua tarefa, porém, ao mesmo tempo, gloriosa!

“Cuidai dela, dizem-nos os Enviados do Céu, pois esse é o vosso dever e, quando vier o Senhor da Vinha, longe de o maltratardes, rece-

bei-o com aquele mesmo carinho com que Ele, solícito, vos entregou a sua herdade.

“Orai e vigiai, pois o momento é solene, pelas lutas que se vão dar. Que cada um procure estar no seu posto, vigilante, até à hora da *colheita*.

“Sabeis que nada se vos recusa, quando pedis com humildade. Tende, portanto, certeza da nossa assistência, em nome do Mestre, porque é para quem trabalhamos.

“Ai tendes mais um presente do Céu: *De Jesus para as Crianças.*”

Tal é o título do livro que ditou o lúcido Espírito de Bittencourt Sampaio ao Grupo Ismael, por intermédio do médium Frederico, incumbido o irmão Pedro Sayão de recebê-lo e dá-lo à publicidade.

*

Convençam-se todos os Grupos espíritas de que na nossa terra — a Terra de *Santa Cruz* — a parte que nos cabe no cultivo da Seara bendita é principalmente o estudo aprofundado dos Santos Evangelhos, para a prática da — *Caridade* — que, na frase inspirada de Pedro — *cobre a multidão dos pecados*. (1ª Ep, IV, 8.)

Deixemos aos Padres de Roma o exclusivismo religioso, com suas tradições do passado, seus palácios e catedrais suntuosos, suas festas, procissões, peregrinações e todas essas formalidades cênicas, com que iludem as pobres ovelhinhas, para mais suavemente tosquiá-las, acoroçoando, com seus exemplos de cobiça e de grandezas, esses leopardos esfaimados que, ainda no século XX, conquistam e sacrificam a liberdade e independência das criaturas, para satisfazer à sede do ouro, embora derramando o sangue de inúmeras vítimas, nos campos de batalha!

O Grupo Ismael, composto de irmãos que se confessam pecadores e inscientes, que procuram ser humildes, exclusivamente se preocupa com o estudo do grande código da salvação. Não perdem tempo com estatutos, regulamentos, expedientes, atas e cobranças. Em diminuto número, vivem os seus membros em intimidade familiar, todos reconhecendo que nada valem, que tudo devem à infinita misericórdia de N. S. Jesus Cristo, a quem amam e adoram, cujos ensinamentos estudam, para transmitir os frutos de suas lucubrações, pelas graças que recebem, em livros que correm mundo.

Que os médiuns se instruem, se moralizem e não façam, como os mercadores dos templos, que vendem graças e indulgências, e, levantando bem alto o estandarte da *humildade e da caridade*, peçam as inspirações, que elas virão para as lides do progresso da humanidade. Avante!

Ainda o julgamento de Deus e de Jesus

Feita a prece. Sayão pediu vênia para comemorar a data gloriosa de 10 de Outubro de 1896, do passamento do seu companheiro, mestre e guia na Terra, a quem o Grupo devia também lições e exemplos.

Passando ao estudo dos Evangelhos (Lucas, cap. XIX, v. 1-10) — *conversão de Zaqueu*, demonstrou que por essa lição devemos convencer-nos da necessidade que temos de limpar os nossos corações, para deles fazermos tabernáculos de adoração a Deus.

Concluído o estudo, depois de alguns momentos de concentração, falou o médium Frederico:

“Vejo presentes altos Espíritos pela moral e pelo saber. Preside ao trabalho Elias. Há grande número de Espíritos sofredores e familiares. Ao lado de Ismael, estão Bittencourt, Bezerra, Siqueira Dias, nossos antigos companheiros. O dia é de festa, dizem eles e, como vós, rendemos homenagens a quem soube compreender e pôr em pratica os ensinamentos do amado Mestre.”

Confuso, no meio dessa multidão, vejo Bittencourt. Move-se a massa dos Espíritos sofredores, para dar passagem a *Celina*, que lá vem, trazendo consigo um bando de crianças, trajando alvas vestes e sobraçando cestinhas de flores. Aproximam-se dele e, das cestinhas apanhando as flores, atiram-lhas. Feliz Espírito! Os Anjos também festejam a sua passagem deste mundo, onde nos deixou cheios¹⁵ de saudades! O nosso consolo único até hoje tem sido a certeza de que aí, nessa liberdade augusta de que gozas, não nos esqueces, antes te esforças por nos amparar nos nossos infortúnios e provações. Vejo, na irradiação do teu Guia, o júbilo imenso que lhe vai no Espírito, por não o haveres jamais esquecido na vida terrena — prêmio bem merecido, diz ele. As preocupações da vida material nunca o levaram a esquecer-se do Amado Mestre e, ressurgido, procura com o prestígio que recebe dos Espíritos elevados conquistar ainda mais as palmas da vitória nos combates ao erro pela verdade.

15 No original está — cheio de saudades! Consideramos ser melhor colocar — cheios de saudades! —, pois Sayão melhor poderia dizer das próprias saudades e daqueles que com ele permaneceram encarnados do que as que Bittencourt poderia sentir. Ademais, para um Espírito do quilate de Bittencourt Sampaio, que de onde está pode perceber e acompanhar tudo à distância como se presente estivesse, a ideia de sentir saudades dos companheiros não se coaduna com a realidade, já que a qualquer momento ou hora pode com eles estar.

Aproxima-se o nosso Guia, o médium levanta-se e fala:

Glória a Deus nas alturas, paz aos homens na Terra, também eu digo. Glória a N. S. Jesus Cristo. Glória à Santíssima Virgem Imaculada, que embalsama os nossos espíritos com a paz doce e serena das suas misericórdias. Glória aos varões ilustres que vem de longas eras palmilhando a estrada das dores, para servir Àquele que, a troco de seu sangue, deu a todos os seus irmãos da Terra o código da salvação. Estudemo-lo, pois, tanto quanto for possível ao nosso entendimento, tanto quanto nos for dado a nós pobres criaturas, compreender a palavra evangélica.

Vêde o cap. VII, v. 1 a 5, de Mateus. Lê-se aí: “*Não julgareis, para não serdes julgados, pois, com o juízo com que julgardes, sereis julgados. Como é que vês o argueiro no olho do teu irmão e não vês a trave no teu olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho.*”

Vêde no mesmo Evangelho de Mateus, os v. 2 a 8 do cap. IX: “*Jesus disse ao paralítico. Filho, tem confiança, perdoados te são teus pecados... Pois, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a Terra o poder de perdoar pecados: “Levanta-te, disse ao paralítico, toma o teu leito e vai para a tua casa”.* E ele se levantou, e foi para sua casa. Vede também Mateus, cap. XI, v. 16 até ao fim, etc., etc.

Mais trechos poderíamos ler, para elucidar o ponto que temos em vista. O homem julga segundo a deficiência da sua razão. O homem julga segundo o estado do seu espírito, no tumulto das suas paixões. Sem a dupla vista, que devassa todos os refolhos da alma, o homem julga e erra. O homem peca; o homem não cumpre a lei divina. Não julgueis para não serdes julgados. Não perscruteis a razão por que Zaquaeu subiu ao sicômoro, para ter a dita de contemplar com seus olhos a passagem triunfal do Espírito Redentor da humanidade.

Homens, não julgueis da razão por que Jesus escolheu a casa do Publicano; na fraqueza do vosso juízo, não pratiqueis o atentado de levar o vosso julgamento até aos atos do Cristo. Homens, não julgueis a razão por que Jesus diz ao pobre enfermo que perdoados lhe eram os pecados. Na fraqueza do vosso entendimento, não podeis compreender que Jesus julga, porque representa a lei de Deus na Terra; que Jesus perdoa pecados, porque conhece as leis eternas e pode, num momento, saber até onde se cumpre a justiça de Deus.

Deus julga, não segundo o julgamento dos homens; julga pela suas mesmas leis, tão sábias, tão grandes, que os próprios réus se transformam em juizes implacáveis, num tribunal que se chama — consciência, ao mesmo tempo cárcere que cerceia a liberdade do Espírito e o prende, pela própria vontade, ao poste dos remorsos.

Quando Jesus diz: *Eu a ninguém julgo; sois vós que vos julgais. Eu estou no Pai e o Pai está em mim. Se eu julgasse, o meu julgamento seria justo e reto,* o que Ele quis dizer foi: *Eu não julgo,* porque só quero

dar-vos exemplos de amor e de caridade, até que possais, por essas grandes virtudes, ascender ao elevado ponto onde, figuradamente, disse que se sentariam os apóstolos, para julgar as 12 tribos de Israel.

Quando o Espírito puder lançar um olhar retrospectivo sobre si mesmo; quando sentir o vazio de suas imperfeições; quando puder, pela sua perfeição moral, compreender as leis de Deus sem errar, estará em condições de julgar, sem as incertezas com que o faz o homem; antes, com a clarividência que lhe dá a sua própria perfeição.

Meus filhos, é delicado este ponto, como outros que havemos de estudar. Por não fatigar o vosso companheiro, continuaremos na próxima sessão, ficando hoje assente, pois que isso se evidencia dos versículos que estudamos, o seguinte: o homem absolutamente erra, se julgar.

Jesus declarou que não julgava, para não dar exemplo de julgamento a ninguém; entretanto, pelas suas próprias palavras, vê-se que Ele exerce juízo, pois quem tem o poder de perdoar pecados tem o direito de julgar.

Deus a ninguém julga; julga a sua lei *ab eterno*. Deus vos abençoe.

Ismael

O servo fiel e prudente e o mau servo (Mateus XXIV, v. 45 a 51; Lucas XII, v. 42 a 48)

“Quem julgas que é o servo fiel e prudente, a quem seu senhor constituiu sobre a sua família, para que lhe dê de comer a tempo?”

“Bem-aventurado aquele servo a quem seu Senhor achar nisto ocupado, quando vier.”

Depois do estudo minucioso desses versículos, concentraram-se todos, à espera da palavra do Bom Guia, que logo acudiu ao reclamo dos seus indignos discípulos, pelo médium Frederico, nos seguintes termos:

Paz. Filhinhos, estude-se durante séculos a Doutrina de Jesus e sempre se encontrarão aí ensinamentos divinos que, compreendidos, postos em prática, resolvem o problema da felicidade do homem.

Por mais que procure a criatura, nos desvarios do seu orgulho, da sua vaidade, convencer-se da não existência do seu Criador; por mais presumido que seja o Espírito, jogando com a sua inteligência, no intuito de obscurecer a existência do Ser dos Seres, origem de todas as coisas; por mais que procure disfarçar, por fatuidade, a voz da consciência, todas as criaturas, instintivamente, têm a certeza da existência dum Deus.

Orgulho e vaidade são dois inimigos do homem, que muitas vezes o levam a afirmar a inexistência do Criador e a atribuir tudo a uma mecânica do *acaso*, palavra, como sabeis, sem significação alguma. É que ele experimenta a necessidade imposta pelas paixões, de negar aquilo de que no íntimo sente a percepção. Ele compreende, pelo raciocínio, que teve uma origem, isto é, um princípio e que deve ter um fim; compreende, porque a sentinela vigilante, posta no caminho de sua existência, o seu guia, lhe faz sentir que ele é um servo, baixado por misericórdia divina à grande seara para trabalhar pela sua própria felicidade. Compreende intimamente, embora não o revele, que a existência na Terra é uma passagem efêmera, tendo como único objetivo a luta, para revigoramento do espírito, depauperado pelas suas maldades.

Servos são todos, nessa grande seara a que dais o nome de *mun-do*. Todos, por necessidade do próprio *eu*, foram chamados ao trabalho que Jesus dirige; mas, nem todos empregam o esforço preciso para produzir. Por iludirem a inércia, conseqüente de suas paixões, muitos deixam abandonado o trabalho, como coisa inútil, só cogitando da hora

da vinda do Senhor. Daí o aborrecerem-se com a demora; daí as loucuras de uma fingida saudade, para contemporizarem, às vezes, com uma existência cheia de crimes.

O *Senhor tem de vir*, dizem as *Sagradas Letras*; porém, eu vejo, dizem eles, o mundo cheio de iniquidades, a injustiça suplantando a justiça, o ódio sobre o amor imperando. Onde está, pois, o Senhor, que não vem? Se não vem, é porque se esqueceu de nós e porque tudo é pó, cinza e nada. Gozemos, portanto, a existência, demos toda expansão aos apetites da carne, afoguemos a inteligência, que fala em nós, nas taças que nos possam trazer a embriaguez e o esquecimento das nossas próprias dores. Vamos gozar, vamos transgredir as leis da moral, porque a moral é um mito, uma aberração criada pelo homem, pelo seu egoísmo. Tudo não passa de convenções.

Filhinhos, a essas inteligências desvairadas é que se aplicam os versículos que acabastes de estudar. É a advertência, que vem de séculos, pela boca do Salvador do mundo: “homem, raciocina, medita sobre o teu berço, sobre o teu túmulo; reflete sobre os meus conselhos; não te aborreças pela minha demora; espera que eu venha e imensa será a minha alegria, se encontrar frutos do teu trabalho no amor, na fé, na esperança, na caridade. Não te aborreças pela minha demora; porque a minha demora é ainda misericórdia do nosso Criador comum: — é um tempo a mais que Ele te concede, para repasto do teu Espírito, na mesa farta do seu amor e da sua bondade. Não procures forrar-te ao aborrecimento pela minha ausência, afogando-te nos gozos da matéria. *Ora e espera!* Queres prazeres que compensem as tristezas do teu Espírito? Pratica o bem. O campo é vasto e extraordinário para a sementeira do teu Espírito. Queres forrar tua alma aos martírios da existência? Dilata-a em expansões de amor ao teu semelhante. Se assim fizeres, se assim obrares, como cristão verdadeiro e não fingido, *assistirás sorridente à passagem da tua existência* e terás a suprema dita de viver, senão na face da Terra, na grandiosidade do espaço, porque *Eu virei ter contigo na hora do teu desprendimento*.

Não te iludam os caprichos da frágil carne que, essa, sim, se corrompe. Cuida do teu Espírito, que sobrevive a todos os tempos, em demanda do ponto de sua origem — o seu Criador! Cogita das necessidades da tua alma, porque descendo à Terra, como servo, para o cultivo da seara, ser-me-á doloroso, como teu irmão, ter que dizer, em nome da lei a que todos estão sujeitos: “Filho, precisas de uma terra mais dura, mais saibrosa, para o teu braço indolente!”

Eis, filhinhos, o que o vosso companheiro tira dos ensinamentos estudados hoje. Faço votos a N. S. Jesus Cristo para que tenhais a paciência, a resignação de esperar a sua vinda.

Ismael

Terceira Vigília (Lucas XII, v. 35-38)

Meus filhos, ainda o sol da graça brilha nos vossos dias.

Aproveitai-lhe a luz, que clareia misericordiosamente o caminho curto da vossa existência. Esse sol é o Evangelho, que abrasa todos os corações bondosos e prontos ao serviço do Senhor. Nos seus raios puros, mantém ele em suspensão todas as impurezas morais e, como o sol que conheceis, faz descer sobre as almas branda chuva de graças, para que as flores das virtudes desabrochem e exalem seus aromas inebriantes. Estudai à luz do sol. É dia.

João

Continua o médium:

Vejo presentes todos os nossos Guias e muitos Espíritos protetores. Todos estão ansiosos por ouvir a palavra de João, a quem Bittencourt pediu que se comunicasse de novo. Vejo-o, como nos primeiros tempos do seu apostolado, muito moço, loiros cabelos, caindo-lhe em anéis sobre os ombros, olhar de uma doçura indefinível.

Meu Deus! Eu não sou digno! Discípulo amado, perdoa as impurezas do meu Espírito. Pelo teu poder celeste, purifica a minha alma, para que eu possa aproximar-me de ti e tu de mim.

Prosseguindo, diz em tom de grande suavidade:

Paz. Elevemos o espírito aos pés do Senhor e rendamos graças pela paz que reina entre nós. Elevemos os nossos espíritos ao querido Mestre e graças lhe rendamos por não nos encontrar em completa nudez e poder lançar-nos, do alto da sua glória, o seu meigo e compassivo olhar.

Se não nos encontra cingindo a túnica alvinitente, que Ele distribui, por graça e misericórdia à humanidade inteira; se não nos cobre o Espírito o manto da pureza, que a sua divina palavra tece para as almas, sirva-nos de conforto, de esperança termos cingido os rins com a tênue faixa de uma crença imperecível, de uma certeza imorredoura, que não nos deixará adormecer na primeira, na segunda, ou na terceira vigília.

Filhinhos, que mundo de esperanças se abre diante dos nossos

olhos, quando vos encontramos a meditar sobre as verdades contidas nesse livro, fonte inesgotável de verdades eternas, embora veladas. Quando nós, Espíritos amantes de N. S. Jesus Cristo, sentimos a aproximação dos tempos; quando baixamos à Terra os nossos olhos e percebemos o fervilhar de todas as paixões; quando, em toda parte, nos esforçamos, em nome de Jesus, por provocar no coração do homem a germinação das sementes divinas lançadas em todas as almas; quando os encontramos aborrecidos, torturados e, tomando do facho da verdade para lhes aclarar o caminho, os vemos adormecidos na estrada, sentimo-nos, ainda assim, cheios de esperança, animados para a luta por Jesus Cristo, ao depararmos com um pequenino punhado de criaturas dispostas a secundarnos os esforços, para o triunfo completo da verdade, que é o mesmo Jesus.

Não o percebeis, filhinhos, porque o véu da carne tolhe a visão aos vossos Espíritos, mal lhes permitindo ver materialmente o que se passa em redor de nós; mas, aproxima-se vertiginosamente o momento do *Apocalipse*, a realização desse sonho de que por graça me foi dado gozar, dessa visão absurda, segundo o julgar dos homens, sacerdotes, ou não.

— É a terceira vigília.

Ouvistes o que vos disse este incansável lutador, que vosso companheiro foi na Terra. Ele vai traduzir as minhas visões; eu o acompanharei. Jesus, que me deu todas as inspirações divinas, cujo conhecimento os homens não comportavam, também o há de assistir.

Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros, expurgai os vossos corações de todo esse veneno que vos tem tantas vezes ocasionado a morte; arrancai do imo de vossa alma essa cicuta terrível que tanto vos tem envenenado, os sentimentos que não se harmonizam com a Doutrina de Jesus: o *ódio*, a *avareza*, a *gula*, o *orgulho*, a *vaidade*, o fermento de todas as paixões, que só servem para vos tornar uma geena esse mísero mundo que habitais e para fazer que adormeçais na 2ª vigília, privando-vos de assistir à vinda, na grandiosidade de sua glória e de seu amor, do vosso Divino Mestre, a quem deveis a seara da abundância e todos os frutos da graça e da misericórdia.

Sois poucos; mas, mesmo em pequeno numero, arrastais multidões, que dos sidéreos espaços descem, buscando em cada um de vós um auxílio, um amparo, porquanto os que as compõem ainda precisam de elementos materiais para definitivamente se erguerem.

Aproxima-se a 3ª vigília. João suplica ao seu Criador, a N. S. Jesus Cristo, à Virgem Puríssima que lhe concedam, num sonho igual ao da Ilha de Patmos, ver passar o cortejo dos trabalhadores da cruz e, nesse cortejo, aqueles que aqui estão chorando as suas fraquezas, porém, cheios de crença naquele que personifica a verdade e em cujo seio se abrigam todos os desgraçados.

Que eu, pois, nesse segundo sonho, ouvindo traduzir o primeiro que tive, possa ver-vos, não já cingindo simples tanga ou faixa, mas vestindo alvas túnicas, tão alvas que clareiem o carreiro da salvação.

João Evangelista

Vigilância

(Mateus XXIV, 40 a 44; Lucas XII, 38-40)

Paz. Ele nada omitiu, no seu amor às criaturas. Tinha diante dos olhos não apenas a geração daquela época, mas todas as gerações que se haviam de suceder no cumprimento da lei eterna.

Na sua linguagem parabólica, buscava dar luz a todos os seus irmãos da Terra, a todos os que por suas culpas teriam de nela demorar séculos. O bom pai de família deve precaver-se, deve estar vigilante, para garantia de seus filhos e do seu gado, para segurança, enfim, da sua casa, na incerteza de quando virá o ladrão.

Meus filhos, há quantos séculos vem esse conselho rolando de povo em povo, atravessando almas e corações, fazendo-se compreensível ao que quer compreender que a criatura, no vosso ingrato mundo, precisa estar vigilante contra o ladrão que de surpresa lhe pode roubar, não o gado, não os filhos, não, finalmente, a casa toda, mas a *sementeira do Evangelho*.

Há quantos séculos se vem dizendo ao homem: *Tu és pó; não te iludam os caprichos da frágil carne*, que, amanhã, roubado te acharás nas tuas grandezas. Serás surpreendido pelo ladrão e, perdendo a tua sementeira, irás, terra ainda sem cultivo e seca, apresentar-te ao teu Criador, sem uma flor sequer, mesmo que da carne!

Quantos séculos têm atravessado esses conselhos de Jesus, o Bom, o Puro, a falar para todos os tempos, em todas as linguagens! Homem, não confies em ti; confia em teu Criador, abate os castelos das tuas ambições, derroca a muralha de orgulho de que te cercas, examina-te introspectivamente e, no espelho, embora baço, da tua consciência, vê a morte que te espera, segundo o dizer do mundo!

Ele, o Bom, o amado Jesus, falando de sua morte, de sua paixão, anunciou aos seus discípulos, em linguagem simbólica, que voltaria, dizendo a João Evangelista convir que este ficasse, até que Ele viesse.

No estudo de hoje, temos Jesus, segundo os profetas, os apóstolos, os *Atos* e as *Epístolas*, a falar da sua vinda, advertindo ao homem que não o deve esperar na Terra, porque Ele não quer separar cabritos e ovelhas. Espera-lo aí como? No estado de morte em que vos encontrou, há 19 séculos, quando teve de dar o seu sangue, todo o seu amor para a nossa salvação?

É disso que Jesus adverte as criaturas, como amigo de todas, mesmo das que procedem com Ele como inimigos. É o que lhes pede, na sua linguagem simbólica: que não façam do mundo uma eterna Jerusalém derrocada.

É o que se apreende, em espírito e verdade, dos profetas, dos apóstolos, do Apocalipse: a necessidade de estar constantemente vigilante o homem, sobre o seu *amanhã, que não lhe pertence*. Jesus, numa palavra, vos quer libertos do Juízo final: do juízo da vossa própria consciência, a condenar-vos, por entre as dores do arrependimento, a volver à Terra.

“Eu não vos julgo; sois vós que vos julgais.” Para evitardes esse julgamento, que Ele aborrece, porque muito vos ama, é que deveis vigiar o vosso espírito, como sendo a vossa própria casa, porquanto o ladrão pode vir, a horas mortas, surpreender-vos, quando mais sossegados e tranquilos vos acheis.

Filhinhos, vigiai as vossas casas, ponde-lhes de guarda os sentimentos aconselhados por N. S. Jesus Cristo: a *fé*, o *amor* e a *caridade*. Guardai-as com todos os sentimentos puros que permitem sejais levados ao nosso Criador e Pai, por esse Espírito que muitos ainda desconhecem, mas já de vós outros muito conhecido, pelas manifestações da sua graça.

Temei, filhinhos, o Juízo Final, feito pela vossa própria consciência, perante Deus e perante Jesus.

Paulo

Depois de breve pausa, prossegue o médium:

Sim, essa é a verdade, verdade relativa, como se lê nos próprios Evangelistas. Que Deus me conceda a graça de ir além, dando aos meus companheiros, aos meus amigos, mais um pouquinho de luz no caminho torturante da vida.

Se me for outorgada, como espero, a graça de subir do Calvário à ilha de Patmos e de poder compreender aquele sonho evangélico; se o meu pobre espírito, ainda ontem na Terra, tiver a suprema dita de poder levantar, um pouco que seja, esse véu de mistério que oculta sublimes verdades, oh! então, como serei feliz, quantos ósculos não merecerão aqueles que me acompanharem nesse venturoso labor, que foi a minha preocupação de homem e é minha preocupação como espírito. Nada ainda pedi ao Senhor que me não fosse dado, não por meu merecimento, decerto, mas pelo vosso. É convosco, pois, que quero trabalhar e tenho quase a certeza de que Deus me concederá a graça desse novo esforço, em prol da luz e da verdade.

É o operário na execução dos trabalhos que lhe foram confiados; é o descuidoso que, arrependido, pede energia e força, para acabar a sua tarefa, em nome do Divino Mestre.

Deus ainda uma, vez o ouvirá. — Do Calvário ao Apocalipse, disse eu! Irei, Senhor? — Irás.

Bendita sejas tu, alma divina, que vens alentar o meu sonho, as minhas esperanças. Celina, ainda na Terra, quando os médiuns anunciavam a tua presença, eu sabia que íamos receber muitas graças! Mensageira do infinito, cujo pouso santo e divino é o seio de Maria! Aligeira, como o pensamento, ao perguntar minha alma — Irei, Senhor? tu baixaste e, com o sorriso dos anjos, disseste: — Irás. Oh! meu Deus, mais uma graça peço: quero ir, Senhor, com todos eles. Paulo, tu afirmaste que deles nenhum se perderia. Suplico ao Senhor, de quem tenho recebido tantas misericórdias, que as tuas palavras se tornem realidade. Quero ir com eles! E ela insiste: — Irás. — Tu também? Também tu! — Hoje disseste, quando eu falava pelos lábios deste (Ramos) que Jesus só carregara uma cruz e tu carregas muitas!

Palavra! Às vezes não compreendo o estado de certos Espíritos. Pois, quem tem e já deu provas de crença fervorosa pode dizer tal barbaridade?

Quando vejo esses Espíritos assim falarem, parece-me, desculpas-me, que são diletantes, que fazem do Evangelho uma tribuna de onde simplesmente admirem as belezas do infinito. Jesus carregou uma só cruz e eu carregou muitas! É um médium quem diz isto! É o espírita confesso! Mas, Jesus carregou todas as cruzes da humanidade, todo o peso das suas maldades, dos seus crimes, das suas fraquezas!

E Jesus era um Espírito puro. Jesus podia permanecer eternamente na glória; não precisava descer à Terra, para receber a bofetada, o escárnio dos homens cheios de lepra! E tu? Responde. — Jesus veio da glória impecável. E tu, donde vieste comigo? Compreendi a tua pergunta de há pouco. — Sim, quando eu perguntava se iria até ao fim de todos os meus anelos de espírito, desejoso de reparações, tu, meu Frederico, perguntaste: — Eu também? E Celina, a boa e meiga companheira de tanto tempo, respondeu:

— Tu também! Ouviste? Meu pobre amigo, apesar do que disses-te, irás comigo até ao fim.

Bittencourt

Eu não posso! — diz o médium.

Posso eu! — diz Paulo.

Parábola dos talentos

(Mateus XXV, v. 14-30; Lucas XIX, v. 11-27)

Paz. Nos ensinamentos de Jesus se encontra tudo quanto o homem necessita para seu aperfeiçoamento.

Acabamos de ouvir a leitura dessas páginas luminosas onde, sob o véu da letra, se nos depara a mais solene condenação de dois dos sentimentos que degradam e rebaixam a criatura — a inveja e o ciúme. Levantado esse véu, patenteiam-se-nos esses sentimentos a tumultuar perenemente, através dos tempos, o coração do homem, levando-o a querer achar em Deus a parcialidade, que nele jamais pudera existir, na distribuição das suas graças. Sob o véu desta parábola, o que se nos mostra são os homens, chamados “fortes”, a protestar contra a distribuição da Justiça Divina, porque há seres que têm dez talentos, outros que têm cinco e outros a quem só coube um.

Nos a quem, segundo a linguagem da parábola, coube apenas um talento, efervesce o sentimento degradante da inveja contra aqueles a quem mais fora dado. No que recebera uma única moeda, produziu-se a revolta, por entender que na distribuição dos dinheiros uma injustiça cometera o seu Senhor — e com isso procurou justificar a sua negligência. *Inveja e ciúme.*

Esses sentimentos nefastos o induziram a esconder no seio da terra a moeda e deixar que ela aí se azinhasse, julgando formular desse modo um protesto contra o Senhor egoísta, que procurava auferir lucros do dinheiro que distribuía com tanta parcialidade.

Meus filhinhos, sob o véu da letra dessa divina parábola, encontramos, repito, a mais formal condenação destes dois sentimentos: *inveja e ciúme.*

Aquele que não se dedica ao estudo das coisas santas, que só acredita no seu próprio eu, do qual mesmo duvida muitas vezes, quando lança o olhar sobre o mundo em que se agita e vê e observa a desigualdade que aí existe; quando lança o olhar sobre a massa humana de que faz parte e vê a diversidade das posições sociais e nota, do seu ponto de vista, que os potentados, os a quem a sorte, como dizeis na Terra, sorri e bafeja, são, não raro, os últimos dos miseráveis, permite a falta de orientação evangélica que lhe nasçam no íntimo os sentimentos de *inveja e ciúme* e, longe de aplicar o pouquinho que lhe tocou em

partilha, para aumentar o seu patrimônio espiritual, esconde o que lhe coube no lodo das suas próprias imperfeições e deixa que a alga de todas as maldades o cubra, até tapar-lhe os olhos da própria consciência. Filhinhos, o que vos digo podeis observá-lo no vosso planeta.

Para o mundo, Deus foi sempre injusto, nunca soube distribuir sua justiça e suas graças; é um Senhor parcial, que dá 10, dá 5, dá 2 e até 1 a seus servos, sendo todos, entretanto, iguais, segundo o pensar dos homens. Mas, quem tiver a paz de espírito de que agora gozais, quem puder compreender este versículo, onde Jesus, parabolicamente, diz que aos que mais tiverem se mandará entregar aquele último talento rejeitado e azinhavrado, compreenderá que Deus aumenta os haveres espirituais de seus filhos na proporção dos esforços de cada um; que os talentos avultam e se multiplicam nos tesouros da nossa alma, quando o nosso espírito não se mostra negligente por ser pobre, quando se conforma, quando se humilha, diante da vontade do seu Senhor.

Filhos, se vos coube, pela vossa negligência de outros tempos, apenas um talento, não o enterreis na terra; ide aos banqueiros do espaço, ide ao vosso guia, ide a todos os bons mostrar a pequena moeda que vos foi dada e a eles entregai-a, para que sobre ela vos paguem os juros, que sabem conceder sem usura. Não passareis então pela dor de ver a vossa moeda entregue a outro, que foi previdente e obediente às ordens do seu Senhor.

Meus filhos, os talentos são as virtudes. Fazei-as crescer.

Ismael

Falsos cristos. — Falsos profetas (Mateus XXIV, v. 23 a 28; Marcos XIII, v. 21 a 23)

Sayão, tendo feito o estudo sobre a Fê, pediu mentalmente, conforme depois o declarou, um esclarecimento às suas dúvidas.

Feita a prece do começo da sessão, o médium Frederico escreveu a Comunicação seguinte:

Bondoso é o Senhor, que ainda nos concede a dita de trabalharmos na sua santa seara. Meu bom amigo, quantas venturas desfrutamos neste doce e, ao mesmo tempo, penoso trabalho! Quantas perspectivas de paz e de esperança se abrem aos nossos olhos! Não é? Trabalhem, pois, meus filhos. A vida foge pouco a pouco. Ocupemos o tempo do exílio no trabalho que santifica os nossos Espíritos. Que a paz do Senhor seja contigo e com os teus irmãos em Jesus Cristo. — Marcos.

Lidos aqueles trechos evangélicos e os comentários constantes do livro por onde eram feitos os estudos, estabeleceu-se a discussão sobre a interpretação que se devia dar aos versículos 24 de Mateus e 22 de Marcos, os quais dizem que *falsos cristos e falsos profetas fariam grandes prodígios, maravilhas e portentos, que enganariam, se fora possível, até os escolhidos.*

O médium Frederico declarou que não podia compreender como esses falsos profetas seriam capazes de fazer prodígios, que lhe pareciam estar somente ao alcance de Espíritos elevados.

Entendiam alguns irmãos que era um aviso, uma prevenção contra as mistificações e os recursos de que dispõem os infelizes que, conhecendo a aplicação dos fluidos, capazes se tornam de produzir maravilhas, servindo-se dos médiuns que, desviados do carreiro santo, mercadejam com a graça e se fazem também mercadores do templo. A estas observações respondeu um dos presentes, sustentando que os médiuns que vendem receituários e remédios, para ganharem dinheiro, não podem ser assistidos pelos seus guias, que estes os abandonam aos infelizes das trevas, os quais então se insinuam e lhes ganham as simpatias, para mais seguramente os levarem à perdição e à desgraça em que, infelizmente, cedo ou tarde, cairão. A não ser assim, a admitir-se que os guias assistam aos que de tal maneira procedem, fora atribuir aos guias uma perversidade.

Um outro discordou dessa opinião, não podendo admitir que em

circunstância alguma o guia abandone o seu guiado, ou o desampare, pois que tomou para com Deus o compromisso de encaminhá-lo, até à sua salvação, como condição do progresso de ambos. O guia, porém, no exercício de sua missão, tem de respeitar o livre arbítrio do seu guiado, para lhe deixar o mérito dos atos que pratique. Ao seu ver, os médiuns, que recebem a graça de curar, são sempre instrumentos de Caridade, cabendo-lhes, entretanto, a responsabilidade dos abusos que cometam, qualquer que seja o pretexto de que se valham para receber pagas, o que importa em venderem a graça, que lhes foi outorgada para aliviar as dores dos que sofrem.

Concluído assim o estudo e feita a concentração, levantou-se o médium Frederico, que, em estado sonambúlico, transmitiu a Comunicação seguinte:

Paz. Que o Senhor nos conceda, ainda uma vez, a graça de entendermos, em espírito e verdade, os seus ensinamentos. A dúvida manifestada pelo meu caro amigo (Frederico), com relação ao estudo de hoje, foi obra de sugestão minha. Eu desejava ouvir as opiniões dos meus companheiros, sobre esse assunto melindroso de que trataram os Evangelistas e sobre o qual também uma certa dúvida paira no espírito daquele que dirige o grupo dos humildes.

Muito bem transmitiu o médium as minhas sugestões. Sayão pôde apanhar, ainda que pela rama, a verdade contida nos textos que estudamos. Pena é que não houvesse podido tirar as conclusões devidas, com relação à fé, objeto, atualmente, da sua maior preocupação. Disse ele e disse bem: ao Espírito que quer praticar a caridade, que tem uma missão a cumprir, que importam os meios, dentro do Evangelho? Discordo, porém, de ti, meu companheiro, quanto à proposição que avançaste, de que o guia seria um perverso, se aproveitasse a mediunidade do seu guiado, embora sendo este um mercador do templo, para produzir o bem. Tu, que estudas o Evangelho, meu amigo, como explicas os bens da iniquidade? Julgas acaso que esses bens são apenas os tesouros que os que os acumulam distribuem mais tarde, com as consciências doridas, pelos que necessitam? Não.

Os fatos, os prodígios, os portentos, de que fala o Evangelho, podem ser perfeitamente produzidos com os bens da iniquidade, sem que por isso nem o teu guia, nem o de qualquer outro, seja um perverso. Teu guia, nem por saber que mercadejas com uma graça que te foi confiada, deixa de estar constantemente ao teu lado, atento a todos os teus atos, a todas as tuas palavras, a todos os teus pensamentos e, nessa vigilância de amigo sincero, que procura o mais pequenino incidente para falar ao espírito do delinquente, não se furta aos gemidos do que sofre, não se furta aos frêmitos da fé, antes os aproveita para fazer um bem duplo: àquele que pede o remédio para seu alívio e a ti que receitas. Mas, dirás, o meu guia não devia assistir-me em tais circunstâncias. Achas então

que, pela tua fraqueza, todos os corações se fecham à caridade, para com aqueles cuja fé os leva a procurar-te? Não constituiria razão que o teu guia alegasse perante eles o seres um mercador (hipótese).

Operar-se-iam, pois, os prodígios, os portentos que, se fora possível, até aos próprios escolhidos enganaria.

Quantos dos teus irmãos de longe vêm, deixando de lado os médicos, só para consultar-te? Quantos fazem questão dos remédios que prescreves, certos de que terão alívio? Pergunto-te: se fosses, o que não és, graças a Deus, graças ao teu guia, um mercador, esse teu irmão, que vem de longe, confiado na tua mediunidade, deveria ficar privado da esmola, ser iludido na sua fé? Não. Quanto a ti, em tal caso, se fosses um mercador, darias os bens da iniquidade; sem nenhuma vantagem, entretanto, auferires, por isso mesmo, para o teu patrimônio de virtudes, porque, então, não serias mais do que instrumento mercenário de uma caridade reclamada pelos teus semelhantes, aos quais Jesus tem de atender, servindo-se, desgraçadamente, de todos os instrumentos deste mundo. Eis os prodígios e os portentos, meu amigo.

O Espírito está sempre pronto, cada qual na sua esfera, para o bem, ou para o mal. Se os que se dedicam à perversidade ensejo nenhum perdem de causar dano, permiti também que os bons de tudo se aproveitem para produzir o bem.

Repara, ainda, que não há médium algum que, procedendo em desacordo com a doutrina de N. S. Jesus Cristo, que manda *dar de graça o que de graça é recebido*, não sinta o aguilhão da consciência. Todos procuram um pretexto qualquer para explicar a sua cobiça, para adoçar o travo desse veneno que amortece todas as energias do Espírito — *o amor e a caridade para com os seus semelhantes*. Há sempre uma explicação, há sempre uma evasiva. A consciência, diz, em face do Código Divino: não ultrapasses os limites da caridade. Quer dizer: caminha pari-passo com Jesus, em cuja alma puríssima nunca a ambição, nunca o desejo de riquezas, nunca, permitam-me a expressão, a venalidade se ocultou. Queres curar os teus irmãos, queres produzir, vê se podes, com amor, sem interesse de espécie alguma, seguir a Jesus.

Meus companheiros, preciso dizer em toda a verdade o que sinto no meu espírito, ainda que, dizendo-o, se abram de novo feridas que se me abriram no passado, fazendo-me doer a consciência. Não há pretexto que sirva de justificativa, para que alguém deixe de dar de graça o que de graça receba.

Eis porque tu, meu bom amigo, me perguntas a mim, humilde espírito, e a Espíritos elevados — o que é a fé. Eles, como eu, perguntam a Jesus Cristo, nosso Senhor, o que é a fé. E quem sabe se o próprio Nazareno não volve os olhos para o Pai, a lhe perguntar igualmente: Senhor, que é a fé? A fé, meus amigos, é o sentimento de que necessita o Espírito, na sua passagem por este mundo, para não se deixar con-

taminar pela avareza. A fé, meus companheiros, é o sentimento de que todos vós deveis estar munidos para, sem buscar o pretexto da compra de remédios, impor a mão aos enfermos e ressuscitá-los para a saúde, como N. S. Jesus Cristo a todos ressuscita para a vida.

É essa uma das evasivas de que se vale o médium mercador, perdoem-me dizê-lo: precisa comprar remédios para distribuir. Oh! Senhor! Porque não adquirir antes virtudes, com que transforme as mãos em imenso laboratório, onde se encontrem todos os elementos capazes de produzir o bem? Conseguir-lo-ia, se o quisesse, porque Jesus transmitiu aos seus Discípulos e transmite, a todos os que o amam sinceramente, os dons da caridade. Quantos prodígios, quantos portentos então não se fariam, de encantar os próprios escolhidos! Quantos portentos, quantos prodígios não seriam abençoados por Jesus se, fugindo às ambições mundanas, o homem sinceramente se lançasse nos braços do seu Mestre, do seu Redentor!

Meus companheiros, não sei o que é a fé. Será uma miragem? Talvez, pois que desaparece, muitas vezes, como as ilhas dos oceanos, dos nossos olhos turbados pelo crime. Será uma graça? Não; é virtude. Como a caridade, não se explica; como a esperança, não há palavras, na linguagem dos homens, que a possam definir. *Fé! Esperança! Caridade!* Quantos vos sentem sem vos compreenderem! São sentimentos excelsos, que recebemos ao tomar, pelo hálito divino, a forma de ser. São sentimentos que apagamos, ou desenvolvemos pelo nosso livre arbítrio, pela exclusiva vontade do nosso eu porque Deus assim o quer, para nosso mérito, ou demérito.

No dia em que pudermos compreender a fé, compreenderemos Deus.

Bittencourt

Comemoração do aniversário do passamento de Moisés, que nasceu e desencarnou em casa de Sayão, e do aniversário de Agostinho e de João Batista

Tendo Sayão chamado a atenção dos seus companheiros para o dever de gratidão, que lhes corria, de fazerem aqueles comemoração, Bittencourt discordou, declarando não ver motivo razoável para isso, com o que não concordou Sayão, que lhe pediu desculpa de insistir no propósito que manifestara, o que deu lugar à Comunicação que segue:

Paz. Todos aqueles que no dia de hoje se impõem aos nossos sentimentos, todos aqueles que esqueceis por efeito das preocupações da Terra, estão aqui presentes.

Não me peças desculpas por não concordares comigo. Sinto-me satisfeito, quando vejo contraditadas as minhas opiniões. Sou espírito, tu és homem; mas, isso não quer dizer que, estudando pontos de doutrina, não possas saber mais do que eu, apesar de estar desprendido do mundo.

Dizendo que, para Agostinho, Moisés, João Batista e outros Espíritos elevados, não havia dias de comemoração, disse também que eles eram gratos a essa manifestação dos vossos sentimentos, ontem, como hoje, como amanhã.

Meu caro amigo, sejamos filósofos. Os homens escolheram no Calendário um dia para a comemoração dos mortos. Vê tu até onde vai a fragilidade do Espírito que erra por este mundo: determina um certo dia para dar expansão às suas saudades. O filho ou o pai, a mãe ou o esposo, absorvidos pelas lutas da existência, esquecem os seus bem amados; faz-se preciso, pois, marcar uma data que venha, como um acicate, despertar-lhes os sentimentos bons!

Não vos censuro, mas tenho de obedecer a outra doutrina, a outro calendário, segundo o qual a todas as horas, a todos os instantes, todos os dias, eu me lembro de Moisés, de Agostinho, de João Batista, de todos os Espíritos para com os quais tem sempre a minha alma motivo de recordar o passamento, ou o nascimento. Não vos censuro; mas, precisamos, dia a dia, ir combatendo esses prejuízos que já não têm razão de

ser em face da Doutrina que professamos. Em que contingência não nos veríamos, se quiséssemos os comemorar a Deus!? Como acharíamos um dia, para comemorar o Criador, que existe de toda a eternidade?

Desgraçadamente, meu amigo, o homem, neste mundo, ainda precisa de dias, o filho ainda precisa de um dia em que vá, sincera ou fingidamente, visitar o túmulo de sua mãe! Mas, isso foi um incidente. Escuta:

Vimos de longo tempo numa luta constante, para apanhar, se possível, uma centelhazinha de luz no nosso espírito. Possuídos desse desejo, buscamos, mesmo nas trevas do nosso espírito, um raio de esperança, de amor, de caridade, uma luzinha que nos leve ao seio de Jesus!

Meditando sobre o nosso passado, vemos quão penosa tem sido a jornada. Quantos desgostos, quantas amarguras, se nos não amparasse a misericórdia de Deus, o amor do divino Mestre!

Estive na Terra contigo. Havia entre nós compromissos sagrados que, só depois da chamada morte, me vieram à memória. Compreendi, então, quanto eu sofrera, para me não desligar de ti, para que nunca a tua alma se separasse da minha, irmão, de modo que nos desobrigássemos dos nossos compromissos. Mas, nem tudo se cumpriu. Fora mister que eu voltasse à Terra, me ligasse de novo a ti, a fim de concluirmos a obra que nos comprometêramos a realizar. Graças ao meu Deus, graças a N. S. Jesus Cristo, pude, por *duas vezes*, falar aos meus irmãos, unido a ti, aconchegado ao teu seio amigo.

Porém, precisamos fazer alguma coisa. Revolte-se embora o espírito das trevas, requeime-se-lhe a alma no tremendo fervilhar das paixões, desgoste-se quem quer que me ouça tenho mais ainda a fazer e o farei com os mesmos companheiros. Saiba-o quem quer que me esteja ouvindo. Enquanto houver no mundo Espíritos devotados às obras de N. S. Jesus Cristo, entre eles estarei. Sempre que houver uma lição a aprender, um raio de luz a colher, descerei à Terra e virei também dar a minha esmola, pois que é esse o meu dever. Seja quem for que me esteja ouvindo, se lhe for permitido quebrar o aparelho de que me tenho servido, se acreditar que, inutilizando a pena, abate o Espírito — é louco. O pacto contraído para o bem me fará ir buscar, onde se achar, a pena de que preciso para estereotipar o meu pensamento, a máquina de que necessito, para cumprir essa missão que preciso executar, porque preciso de Deus. A quem quer que me esteja ouvindo, digo: tenho lutado até hoje por salvaguardar o companheiro das ciladas que lhe armam, para sua ruína. Até hoje, tenho vencido. Amanhã, que será? Seja, porém; o que for, venham lágrimas ou sorrisos, afirmo, comemorando o passamento de *Agostinho*, de *Moisés*, de *João Batista*: — darei o *terceiro* livro, contra a vontade de quem quer que me esteja ouvindo: *Do Calvário ao Apocalipse*. - Bittencourt

Moisés

No dia de 28 de Agosto de 1896, 16º aniversário da desencarnação de Moisés, o anjo tutelar da família Sayão, reuniu este alguns irmãos para render graças ao Bom Jesus. O médium Santos, então, escreveu:

Louvado seja N. S. Jesus Cristo. Meus queridos, servos do meu Senhor, reunidos em nome de Jesus, contai com a presença dos vossos Anjos de Guarda. Todos aqui se acham.

Ainda uma vez, meus bons filhos, dai com amor o testemunho da bondade que de Jesus tendes recebido. Prossegui. Deus vos abençoe.

Frei José dos Mártires.

O médium Frederico, sonambulizado, disse:

“Vejo presentes o Guia Ismael, Romualdo, Pedro, José dos Mártires, Felipe Nery, Marcos, Moisés, Celina, Francisco de Paulo, Maria Madalena, Bittencourt e muitos outros Espíritos de elevada hierarquia. Vejo também os nossos antigos companheiros: Isabel, Borges, Silva e Gama, Claudina, Celestino, Francisco, Bernardo, Thereza, Julieta, Mario, Maria José e muitos Espíritos familiares.”

Ismael aproxima-se de Moisés e o conduz para junto de mim. Celina o acompanha.

Depois, diz o médium:

Anjo do meu Deus, apazigua o meu espírito, dá-me calma, para que eu possa traduzir as tuas palavras de amor e de conforto.

Em seguida, o mesmo médium recebe de Moisés e transmite a seguinte Comunicação:

Obrigado por mais esta prova de verdadeira estima cristã, que me dispensais no dia de hoje.

Deus, a quem devemos infinitas graças e misericórdias, a quem procuramos amar, amando ao seu Imaculado Cordeiro, fonte de todo o bem e de todo amor, Deus permitiu que ainda uma vez eu pudesse falar aos corações amigos, que tantas vezes apertaram o meu repulsivo corpo de encontro ao peito, sem outro interesse que não o de repartirem as suas venturas com o desgraçado.

Deus, o Deus de amor e de misericórdia, permitiu que ainda uma vez, a minha palavra fosse ouvida neste santuário, onde encontrei o afago e o carinho paternais, onde pude unir os elos fortes de uma ami-

zade que a morte não conseguiu destruir, porque foram fundidos com as lágrimas da gratidão, por todo o bem que me dispensaram nos meus poucos momentos de vida terrena.

Meu pai adotivo, meu irmão em amor: se, quebrando os sigilos da morte, eu não viesse a vós a todo instante, no mistério do Espírito, na intimidade das consciências, que falam e se compreendem, no perfume do amor que nos une, na doçura da prece que nos unge o espírito quotidianamente, ingrato eu seria.

Estar convosco, sentir as vossas dores, minorar as vossas tristezas é saldar uma dívida de amor e de gratidão. Ver-vos cada vez mais alentados no caminho do bem, cheios de devotamento à causa de N. S. Jesus Cristo, expurgando o vosso espírito, de momento a momento, de todas as fezes do mundo, de todas as impurezas do homem, para alcançar a pureza e a sublimidade das virtudes do verdadeiro cristão; ver-vos esquecidos das coisas da matéria, debruçados sobre uma mesa, em santa meditação do Evangelho, é, para mim, é, para o vosso Moisés, o maior dos júbilos, porque, então, tenho quase a certeza de que a hora do vosso passamento será um desabrochar de amplexos; que a hora do vosso passamento, isento dos terrores da morte, será motivo para que entoem um hino os anjos que vos cercam e que vos alentam na santa cruzada do bem, a demonstrar, instante a instante, momento a momento, aos homens a grande estrada do futuro, que conduz aos pés do Amado Mestre as almas santificadas.

Meus filhos, como é doce, como é suave ao Espírito poder conversar assim com os homens na Terra! Oh! não vos desvieis desse caminho, haja o que houver.

Meus filhos, vivíveis perdidos no labirinto do mundo, tendo por único abrigo as vossas paixões. Deram-vos um bordão — o Evangelho. Mostraram-vos o caminho sagrado de N. S. Jesus Cristo e, como se não fosse bastante essa graça do nosso Criador e Pai, a todo momento descem as virtudes do céu e vêm iluminar esse caminho, para que jamais tropeceis nos escolhos que ele contém. A todo momento, Anjos Protetores despertam a vossa consciência adormecida por longos anos e vos dizem: *marchai, marchai, obreiros do futuro.*

Ora, diante dessas graças do Eterno, diante dessas provas de amor de N. S. Jesus Cristo, não hesiteis um momento. Moisés, seguindo os vossos passos, deseja e espera ter a ventura de receber-vos na verdadeira vida, assim como soubestes recebê-lo na da Terra. São grandes as vossas responsabilidades, porque *a quem muito se dá muito se exige.* Duplamente auxiliados para a missão que pedistes e que retardastes, aproveitai, como disse o vosso amantíssimo Guia, aproveitai a última hora da colheita, dando em abundância aos vossos irmãos da Terra os frutos que tendes colhido do Evangelho.

Daí, saciai a fome dos infelizes, reparti com eles o que vos sobre

em saber. Praticai a caridade cristã em todos os sentidos e aguardai das mãos do Imaculado Cordeiro a moeda indestrutível que pagará todo o sacrifício que houverdes feito na Terra, em favor da sua causa, em favor da humanidade.

E tu, meu Pedro, cujos anos são ainda verdes, segue os passos do teu e meu pai. Procura imitar-lhe os exemplos, estudando a Doutrina do Amado Mestre, transmitindo-a aos teus. Eu, teu amigo, acompanhando-te sempre os passos, incessantemente pedirei a Deus e ao nosso Divino Mestre que façam, da tua alma, a alma de um anjo; que purifique o teu Espírito pelas virtudes do Evangelho, para que sejas aqui recebido, nesta outra vida, com as mesmas carícias com que me recebeste.

Meu Deus, abençoai a todos os vossos filhos, que se reúnem em nome de N. S. Jesus Cristo. Meu Deus, que a paz do vosso Eleito esteja sempre nesta casa, que esteja sempre neste santuário, onde, a receber as últimas provas de que necessitava, desci na forma de um aborto para ressurgir sob as bênçãos do Cordeiro Imaculado.

Meus filhos, muito e muito vos quisera dizer; mas, não devo cansar o meu amiguinho. A ele também uma palavra: que tenha paciência, lembrado de que quem não se mostra digno dos sacrifícios por Ele feitos, não é digno de Jesus. Tenha paciência, Deus é Pai. Quem sabe mesmo se essas provas não lhe são oferecidas, como uma experiência à sua fé e à sua crença? Tenha resignação e não desespere, pois que conta com um guia dedicado e muitos amigos. A sua mediunidade precisa de paz e tranquilidade. Seja resignado, porque, quando menos julgar, quando a provação tocar ao seu ponto mais agudo, será, talvez, quando tudo se torne fácil, quando as suas feridas se transformem em flores e as suas mágoas em verdadeiras alegrias. Adeus.

Moisés

Diz ainda o médium:

Oh! Obrigado, como isto consola! Sim, meu amigo. Celina lhe faz festa, como uma verdadeira criança, cobre-o de beijos. Bittencourt, Ismael, finalmente todos o festejam.

Agora ele se destaca e vai buscar um preto alto. Já vi este tipo. Bittencourt toma-lhe uma das mãos e o conduz. (Sayão esclarece: É Celestino.) Sim, é. Coitado, nem pode falar. Ele quer manifestar-se e não sabe como. Bittencourt, auxiliando-o, diz: Fala. (O médium: aqui está ele.)

“Não, outra vez o farei. Obrigado. Estou no céu, diz o Espírito de Celestino. Sou feliz, muito feliz. Senhor Bittencourt cuidou de mim. Sim, quero estudar, vão me ensinar.”

Bittencourt pergunta-lhe: Conheces estes? Pois bem, virás tomar parte nos nossos trabalhos. Hoje, desapareceram todos os preconceitos; és nosso irmão, nosso amigo e, como tal, tomarás parte nas reuniões

em nosso templo. Tudo foi um incidente da carne, que desapareceu com a morte. Precisamos educar o teu Espírito nas coisas do Evangelho. Precisamos purificar-te e onde encontrarás melhor acolhimento? Sim, espera ainda um pouco.

Prosseguindo, diz, ainda, Bittencourt:

Sois felizes; eu também o sou, porque participo da vossa felicidade. Ouvistes o que disse Moisés? O que ele vos disse e o que dizem todos os vossos guias, todos aqueles que depositam as maiores esperanças no nosso grupo. Preciso é não vos descuideis da fé, que é uma das maiores virtudes, necessárias ao vosso desprendimento. Ela tem em vós suas intermitências, que precisam desaparecer, porque o tempo da criança já passou. Hoje, por exemplo, por que o Frederico não consultou sobre Antonio, logo que lhe pediram? Em que pode a sua mediunidade psicográfica diferir da sonambúlica?

Não estava em condições? Mas, qual é o dever do espírita, senão estar pronto a todo momento para se pôr em contacto com seus amigos de além túmulo? Falta-lhe a fé! Quanto maior é o número das graças, como que na mesma proporção vai diminuindo a confiança. Mas, não deve ser assim.

Desenvolva ele essa virtude, com o mesmo entusiasmo do passado. Lembre-se do muito que obteve em outros tempos, quando, cheio de entusiasmo, sem cogitações estranhas ao seu dever espírita, obrava quase que prodígios. Fé, meu filho. Fé, meu amigo. Tu a tens; mas, deixaste que adormecesse. Desperta essa virtude e trabalha, como todos os teus irmãos. Todos precisam cumprir os seus deveres e estar sempre nos seus postos de honra, em condições de falarem aos seus guias, sem necessidade de descer a vista para o chão, porque para outro fim não lhes foi dada a graça de conhecerem o Espiritismo e o dom da mediunidade.

Quanto à consulta feita sobre a infeliz que se acha no Hospício de alienados, na primeira sessão trataremos desse assunto. É um caso sério, em que devemos ter muita prudência e, antes de resolver, quero mesmo ouvir o nosso mestre. Aceitai as minhas felicitações pelo que recebestes hoje. Continuai a merecer, continuai a dar esse testemunho do vosso amor a Jesus, reunindo-vos em seu Santo Nome.

NOTA — Celestino foi criado de Sayão, atrasado, intelectualmente, distintíssimo, porém, pela moralidade e extrema bondade e dedicação. Fazia parte da família de Sayão, como a sua irmã Joanna, mãe do Moisés, ainda faz.

Joanna desencarnou no dia 9 de Maio de 1902. (Veja-se a Comunicação n° 77.)

Joanna, mãe de Moisés, que fazia parte da família de Sayão, desencarnou a 9 de Maio de 1902 e, logo na primeira sessão que realizou depois dessa data, o Grupo recebeu a Comunicação que se vai ler

Antes, porém, o médium, já sonambulizado, diz:

Que coisa bonita vejo! Preside ao nosso trabalho Ismael; cercam-no os nossos Guias e, dentro da cadeia que eles formam, diviso um quadro que impressiona e arrebatá: — *Moisés, Joanna, Santinha, Bittencourt e Bezerra*. — Bittencourt, sorrindo, declara: “Sobre o estudo, nada pretendo dizer-vos. Ouvi a Moisés. Acalma-te, ele te poupará.”

O médium transmite a Comunicação seguinte:

Glória a Deus nas alturas, paz aos homens de boa vontade. Por efeito do embate forte das ondas, impelidas pelo tufão de todas as paixões, de todas as iniquidades, partiu-se a concha e surgiu a pérola. Ei-la, aí está. O casulo, que repousa sobre a rama e sobre o qual lança olhar indiferente o viandante, rasga-se em dado momento e dele surge a dourada borboleta. Ei-la, aí está.

Guardai convosco, no vosso centro de estudos divinos, a pérola, como grata lembrança daquele que na Terra foi *Moisés*. Prendei convosco a borboleta dourada e deixai que ela espaneje as asas, saturando o vosso ambiente desse fluido, que só as almas boas sentem!

Meus amigos, como é bom ter-se uma mãe assim! Alma acrisolada na dor, nem as algemas do cativeiro puderam turbar o seu Espírito, levando-o à revolta, aliás, tão natural contra aqueles que nos tiram a liberdade! Como é bom ter-se uma mãe assim! Humilde e obscura, passando pela Terra com a epiderme tisonada, a provocar a lágrima dos brancos! Oh! Meu Deus, só vós, Senhor, conheceis esse martírio da alma e do coração humano! Só vós, Senhor, podeis, com a vossa misericórdia, tão recatadamente fechar a concha, escondendo a pérola, formar a crisálida, prendendo a dourada borboleta! Meu Deus, abençoai-nos a todos; abençoai a este que me serve, para que todos, como a minha mãe, no cativeiro das iniquidades, no cativeiro da dor, saibam

atravessar a existência com os olhos fitos no vosso amado Filho, o nosso Bendito Pastor.

Moisés

Que coisas maravilhosas nos reservas, Bittencourt! — diz o médium.

— Não sou eu, é Jesus! É ele, o Bom, que vos dá desses manjares, para que saibais trilhar sempre o caminho da virtude, obedientes às suas leis. Tu, meu amigo, não desesperes; confia em Jesus! Deixa que te persigam; querem agora provar-te que, sendo tu médium receitista, não sabes receitar para ti mesmo! Quando receberes estas intuições, sorri e olha para cima; lembra-te de Jesus, quando a multidão ignara dizia que Ele salvara a tantos e não podia salvar-se a si mesmo.

Só o que te peço é resignação, para o cumprimento da nossa tarefa. Como me sinto bem!

A promessa

Um mundo de esperanças enche o meu espírito, diante dos fatos que tenho observado depois de minha partida daí.

Nesta posição de observador desprendido, palpando os corações dos meus amigos, recebendo deles as suaves emanações evangélicas, de que o nosso caro guia, sempre bondoso, os impregnou para honra dos seus próprios espíritos e para glória de Jesus, eu dia a dia me entusiasmo, encho a minha alma de todas as esperanças que se possam imaginar, de chegarmos ao fiel cumprimento dos nossos deveres de cristãos, para nos desobrigarmos dos compromissos do passado, que nos ligaram na vida e na morte; para, finalmente, sermos aqui, nesta parte do planeta, o eco das vozes do Espírito da Verdade, que fará grande luz no coração da humanidade, em cumprimento das profecias, em cumprimento da vontade do nosso Criador e Pai.

Meus amigos, realmente se aproximam os tempos em que todos nós, com a responsabilidade dos compromissos assumidos, teremos de responder, ante o Espírito da Verdade, pelo que fizemos das graças que nos foram concedidas na Terra; pelo resultado dos nossos trabalhos, que não nos foram impostos, mas gostosamente pedidos, para reabilitação dos nossos espíritos.

Aproximam-se os tempos e Jesus, do alto da sua glória, fitando, na Terra, os seus filhos, inculcando-lhes o amor a todas as virtudes, observa a aplicação que cada um dá às graças e misericórdias dele recebidas. Observa atentamente os que dão a devida importância, o verdadeiro valor à sua santa doutrina e os que, dizendo-se seus discípulos, não fazem obra digna dele; antes, servindo ao espírito das trevas, que ainda é o príncipe do mundo, lhe deturpam os ensinamentos, escandalizam a doutrina e, finalmente, em vez de levarem a conversão ao coração dos homens, levam à mais funesta descrença, o mais cruel ceticismo!

Como tendes notado, há uma como febre, uma como loucura de fazer-se conhecida a nossa doutrina nesta parte do Planeta. A agitação cresce de maneira desordenada, mas que, precisamente por desordenada, chega ao ridículo.

Os Espíritos obscurecidos sentem que alguma coisa de extraordinário vai aparecer na Terra e que se vai estreitando o círculo vicioso em que eles se movem.

A intuição de Deus penetra fundo no coração, na consciência dos homens, e é *preciso*, ao pensar daqueles infelizes, que esse movimento tenha um paradeiro. Negar a evidência dos fatos é impossível; *necessário* então se torna desmoralizar os mesmos fatos.

Tudo se move (observo-o daqui do espaço onde me acho) para que isso, que os homens deviam tomar como revelação do amor de N. S. Jesus Cristo, seja tomado por uns como revelação da influencia de Satanás; por outros, como produto de cérebros desorganizados, que procuram incutir nas massas, não ideias amadurecidas e sancionadas pela razão, mas puras fantasmagorias e frivolidades de indivíduos sedentos de se porem em evidência de qualquer maneira, sem cogitarem dos meios.

Porém, quando olhamos o nosso pequenino reduto de combate, quando apreciamos o sentimento dos crentes que aí se congregam para adorar a Jesus em espírito e verdade, enchemo-nos de esperança e da certeza de conjurarmos todos esses males, porque desse pequeno núcleo saem as mais surpreendentes lições que, tomando corpo sob a forma de livro, vão lá fora, como sentinelas perdidas, gritar — Alerta!

Movem-se os obcecados, movem-se os inimigos de Jesus, mas, movemo-nos também nós. Daqui a pouco, um outro livro sairá do nosso Centro, livro que, sem ser tudo quanto desejáramos, será alguma coisa acima do de que o nosso espírito é capaz, pelas suas imperfeições.

Ele vai correr mundo como uma promessa, promessa de outro trabalho exclusivamente nosso e para o qual toda a nossa vontade, todo o nosso amor devem concorrer, porque será uma síntese da primeira parte dos nossos compromissos. Para levá-lo a efeito, preciso do concurso de todos. Preciso da boa vontade do médium, da sua dedicação, quiçá da sua compreensão da seriedade, da responsabilidade desse trabalho, que não pode ficar sujeito às oscilações do temperamento, do gênio, nem das preocupações materiais de quem quer que seja.

Não. Urge que de uma vez por todas o Espírito se defina perante Deus, perante a própria consciência.

É melhor ser ateu, ser positivista, ou o que outro nome tenha, a dizer-se espírita, sem fazer obra espírita.

Crer, ou não crer. Não há meio termo nesta questão. É um dilema posto à nossa razão, à nossa consciência. Ou o individuo crê e faz obras de crente; ou o individuo não crê e, pela sua descrença, corrompe a consciência e insulta a Deus.

Sei que ha dificuldades, sei quanto pesa sobre o espírito essa miserável carne, com todas as suas contingências. Mas, meus amigos, para que nos foi dada a crença? Como testemunharmos a nossa fé? Desesperando? Buscando filigranas aqui e ali, para desculparmos fraquezas do nosso espírito? Pois, quando diariamente recebeis o conselho amigo, a palavra dos nossos maiores de além-túmulo que, escutando os

vossos gemidos, vos vêm dizer que a felicidade não é deste mundo, porque desesperar? Porque cogitar até de crimes, para fugir às provações necessárias à confirmação da crença e da fé, à reabilitação do próprio espírito?

Pois, será prova de acreditar em Deus, de acreditar em Jesus, o cogitar até do suicídio, nos momentos de dor e de provação? Suicidar o que? A carne? O Espírito? Não se está vendo no surto de tais ideias a acolhida dispensada a perniciosas influências e que estas só se fazem sentir porque a alma não é defendida por sentimentos verdadeiramente cristãos?

Quem assim pensa, quem cogita desses desenlaces para as provações pode usar de todos os títulos, menos do de espírita.

Perdoe-me o amigo a quem as minhas palavras possam ferir; porém, já tive ocasião de dizer que perdi muito na Terra, por não abrir, com toda a franqueza, o meu espírito. Hoje, devo falar abertamente. Por isso, repito: Quem assim pensa não pode ser estudante dos Evangelhos.

Se o estudo, se a argumentação, se o conselho, se as graças, as misericórdias de nada servem, então cuidemos de outra coisa. Mas, Deus que é infinitamente bom e o bom guia Ismael, que me ouve, farão descer sobre o coração dos aflitos e desesperados o bálsamo consolador e a verdadeira luz, que encaminha as ovelhas para a estrada que conduz ao Bom Pastor.

Deus, que é infinitamente bom, há de permitir que, a despeito de todas as lutas, a despeito de todas as influências que procuram produzir o escândalo no nosso amargurado seio, tenhamos a felicidade de nos colocarmos nas condições de paz, de fé e firmeza de ânimo, para recebermos o pequenino trabalho que, por inspiração do meu bom guia, vai aparecer na Terra, tendo por título — *Jesus Perante a Cristandade*.

De cada um de vós recebendo o concurso da boa vontade; do médium, meu amigo, a passividade, a dedicação, o desprendimento das coisas materiais, o aborrecimento da carne, com a sua alma toda voltada para Jesus, espero levaremos a cabo essa tarefa, que será executada, não nas nossas sessões comuns, mas em sessões especiais, tendo o meu Pedro por meu auxiliar.

Oh! Meu Deus! Oh! Meu Bom Jesus! Que eu seja inspirado pelo meu bondoso guia; que eu, embora humilde, tenha a dita de apresentar aos olhos da humanidade a Imagem do vosso Filho Bendito, Nosso Senhor Jesus Cristo, à luz da história do Cristianismo.

Meus amigos, vamos para diante; não me abandoneis um só instante. Adeus.

Bittencourt

Consagração do dia 29 de Junho em que a humanidade festeja os apóstolos Pedro e Paulo

Reunidos os irmãos componentes do Grupo Ismael, feita a prece, recebidas as comunicações dos guias, Sayão, que presidia, disse:

Meus companheiros, a data de hoje é grande, é memorável nos anais da história sagrada, por ser a em que passaram da morte para a vida os eminentes Apóstolos Pedro e Paulo, esses dois santos varões que, na frase do iluminado Mont'Alverne, se podiam considerar destinados a encher largas páginas dos fastos do Universo, a inscrever seus nomes nos calendários da glória e a imortalizar-se por feitos gloriosos de bem-aventurados, depois de terem ressurgido.

Paulo foi designado para o apostolado dos Gentios, Pedro para o apostolado dos Judeus. Ambos constituíram modelos tão sublimados na hierarquia sagrada, que não sabemos qual dos dois se elevou mais em sabedoria e em dedicação.

O que vemos, o que sabemos, não só pela história, como pela tradição, e o que sentimos, pelas graças que deles temos recebido neste pequenino templo, é que nos julgamos indignos de falar de um e de outro, pela distância imensa que medeia entre o verme, ainda rastejante no lodaçal de um mundo onde impera o espírito das trevas, e as águias que adejam nos páramos celestiais.

Mas, se, pelas nossas obras, ainda não podemos chegar a oscular-lhes os pés, permitido nos seja, abençoando o nosso intento o Bom Guia Ismael, manifestar-lhes a nossa veneração, a nossa gratidão, e implorar-lhes que nos venham trazer a luz capaz de dissipar todas as dissensões que, filhas da nossa vaidade e de outros sentimentos inferiores, ameaçam entre nós a unidade de pensamento, a homogeneidade, a harmonia, condições essenciais ao trabalho da Santa Vinha.

Um pescador, chamado Simão Bar Jonas, ao qual Jesus deu o apelido de — Cefas — colocado à testa dos Apóstolos, como pedra fundamental da Igreja do Cristo, começou a sua missão depois da descida do Espírito Santo (Pentecostes) e logo pregou com tanto sucesso em Jerusalém, que converteu num só dia três mil pessoas, Judeus e estrangeiros.

Percorreu depois a Ásia Menor. Fundou a Igreja de Antioquia. Dali, foi a Roma, no ano 42, do qual data o seu pontificado, fato que, aliás, alguns escritores contestam, por não lhe haver Paulo, em suas Epístolas, mencionado a presença em Roma. Pedro fez muitas viagens ao Oriente; presidiu, em 52, ao Concílio de Jerusalém. Em seguida, voltou a Roma, onde foi colhido pela perseguição que Nero ordenou contra os Cristãos. Encerrado por oito meses num cárcere da prisão Mamertina (hoje a Igreja de S. Pedro) daí saiu para sofrer, com Paulo, o martírio, no ano 65 ou 66, obtendo ser crucificado de cabeça para baixo, por se julgar indigno de morrer da mesma maneira que o seu Divino Mestre. Suas relíquias são conservadas em Roma, em capela subterrânea, na magnífica Basílica de S. Pedro, no mesmo lugar onde, segundo a tradição, fora sepultado.

Dele só há duas Epístolas, ambas dirigidas aos Judeus convertidos, que se viram obrigados, pelas perseguições, a retirar-se para a Ásia Menor.

Essas Epístolas foram escritas para firmarem a fé nos Judeus que viviam entre os Gentios, exortando-os a que observassem as máximas evangélicas.

A segunda teve por fim principal refutar os erros dos doutores Simonitas e Nicolaitas, que procuravam tirar aos homens o temor da Justiça de Deus, persuadindo-os de que o mundo subsistiria sempre no mesmo estado em que se achava e que não haveria juízo final.

Tem-se como provável que ambas essas cartas Pedro as escreveu em grego e na cidade de Roma, no ano 65 da era cristã. De acordo com essa crença, pensamos que o v. 13 do cap. V da 1ª Epístola, em que se lê “A Igreja que está em Babilônia, escolhida com vós outros, vos saúda” — se refere a Roma, também chamada Babilônia.

O outro apóstolo, Paulo, apelidado primitivamente *Saulo*, educado em Jerusalém na doutrina do farisaísmo, foi do número dos perseguidores mais violentos do Cristianismo, até que, no ano 35 ou 37, depois da ascensão do Salvador, se converteu, recebendo o batismo e tornando-se um dos mais fervorosos apóstolos da nova fé.

Propagou o Evangelho aos Pagãos, na Ásia Menor e na Península grega, especialmente na Ilha de Chipre, em Pafos, onde converteu o Procônsul Sergio Paulo, de quem tirou o nome e, daí em diante, na Galícia, em Éfeso, em Filipos, em Tessalônica, em Atenas, onde falou perante o tribunal chamado Areópago, finalmente em Corinto, cidade da Grécia. Ao voltar a Jerusalém, em 58, foi assaltado pela população judaica que o quis matar. Chamado ao julgamento do sumo Sacerdote, perante o tribuno Lísias, esteve preso dois anos em Cesareia, por Felix, governador da Judeia. Tendo apelado para César, como cidadão romano que era, foi enviado para Roma, pelo novo governador Festus, e aí absolvido. Depois de haver pregado a fé cristã na cidade dos Césares, voltou ao

Oriente, para consolidar a primeira organização da Igreja.

No ano 63 ou 64, voltou a Roma, onde já havia cristãos até mesmo no palácio dos imperadores. Aí, muito aumentou o número deles. Levado à presença de Nero incorreu, pelas suas respostas corajosas, na animadversão daquele infeliz e foi morto, juntamente com Pedro, no ano 66. Seus restos tiveram sepultura na embocadura do Tibre, no caminho de Óstia, porto romano, sendo depois transportados para Roma e aí depositados na caverna subterrânea ou carneiro da Igreja de S. Pedro. De Paulo possuímos 14 Epístolas.

Embora pequeno e muito incompleto, este apanhado da história dos dois gloriosos Apóstolos de N. S. Jesus Cristo nos dá uma ideia da elevação de ambos. Se, pelos Evangelhos, temos notícia de fatos que os refratários consideram desmerecedores da memória de tão conspícuos varões, para nós esses fatos antes os engrandecem, porque revelam a dedicação e o zelo que votavam ao Mestre divino. Assim pensamos com relação ao de pretender Pedro dissuadir Jesus de ir a Jerusalém; ao de ter cortado a orelha de Malco; enfim, ao de ter negado por três vezes o testemunho que devera dar do Cristo.

Aproveitando o ensejo, que nos oferece a rememoração da existência desses dois Apóstolos, permita-se-nos acentuemos a transcendência das matérias que estudamos, a fim de que, ignorantes como somos, sujeitos a deixar-nos arrastar às discórdias que os inimigos da Santa Doutrina ateiam, nos convençamos de que nada sabemos, que sempre erraremos se interpretarmos literalmente os ensinamentos evangélicos. Como não há de ser assim, se entre os que Jesus escolheu para seus discípulos e Apóstolos, dissensões surgiram francamente, como podemos ver dos v. 11-14 do cap. 2ª da Epístola de Paulo aos Gálatas?

Oferecendo-lhes, nesta comemoração, tudo quanto está nas nossas possibilidades de ínfimos pescadores, aos luminosos Espíritos de Pedro e Paulo pedimos que intercedam a Jesus pelos nossos irmãos sofredores, pelos infelizes que o desconhecem e o aborrecem e, finalmente, pelo nosso Grupo, que luta há 20 anos e agora mais do que nunca, porque, sem competência, sem o critério preciso, cheio de imperfeições, os predicados necessários faltam àquele que humanamente o dirige, donde os defeitos que se lhe notam e que serão os pródromos da sua desorganização, se não baixar sobre ele a misericórdia divina.

Louvado seja N. S. Jesus Cristo. Bendita seja a Nossa Mãe Santíssima, a quem imploramos nos abençoe e cujas misericórdias, cheios de fé, esperamos *ainda uma vez*.

O médium Frederico, que já se achava sonambulizado, disse:

Vejo presentes ao nosso trabalho todos os nossos Guias. Simão Pedro o preside. À sua destra, vejo Ismael sorridente para uma multidão de Espíritos elevados e de sofredores, que vieram saudar o Apóstolo da fé, no dia em que a humanidade entendeu de lhe consagrar homena-

gens e louvores.

“Disseste bem, declara Bittencourt — *o dia em que a humanidade entendeu* — pois que, para, um Espírito de tanta elevação moral, os anos, os dias devem contar-se por instantes. Para nós outros, alheios às convenções do mundo, todos os dias são dias de Pedro. Mas, já que assim entendeu o mundo, transijamos com o prejuízo do mundo nesse ponto e seja o dia de hoje consagrado àquele a quem foi dada a maior soma de responsabilidade na difusão da luz do Evangelho.”

Fala, em seguida, pelo médium, Bittencourt:

Ele aí está, honrando a nossa oficina e, com a sua infável bondade, colocando em nossas mãos o escopro com que devemos talhar a nossa própria felicidade. Ele aí está. Que de todos os lábios lhe subam murmúrios de preces; que de todos os corações se evolem para ele sentimentos de amor, que serão como hinos entoados a Deus por pecadores, dedilhados pela fé em harpas de esperanças.

Pedro, todos os dias sacramos o teu nome; todos os dias folheamos as páginas dos *Atos dos Apóstolos*, para beber nos teus exemplos as energias indispensáveis aos verdadeiros crentes. Relembramos os atos da tua vida e os momentos da tua morte, a fim de neles haurirmos alento para alcançarmos esses bens de que já fruis: a benção, o perdão, a glória, não na vida efêmera, mas nessa que perdura eternamente, ao lado do Divino Mestre.

Pedro, dedicado Apóstolo, séculos são passados depois que, tentando tu pisar as espumas do mar, te assaltou o espírito o temor da imersão. Eles, os meus companheiros, sulcam outro mar. As ondas, como no teu tempo, são revoltas, enegrecidas estão as espumas pelo reflexo do céu brumoso. É o mar das angústias, das dores e dos infortúnios, mar cavo e profundo, não por castigo do nosso Deus, mas porque eles assim o fizeram.

Pedro, do mesmo modo que Jesus te sustentou na superfície das ondas e fez que, de fraco, te tornasses forte, resoluto e destemido, e buscasses a barca, onde Ele, a fé personificada, se achava atento aos escarcéus, também tu, bom Pedro, dirige a tua voz de Apóstolo às almas dos humildes crentes, faze que a bonança suceda à tempestade dos seus males; traça sobre as suas frentes o arco-íris da esperança, cujos extremos sejam — o arrependimento e o seio de Jesus.

Sim, meu Frederico, o que estás vendo é assim sempre. Não julgues que para esses varões haja dias.

Falando por si, diz o Espírito do médium:

Uma falange de Espíritos cerca o grande Apóstolo, que eu vejo. Ah! que felicidade! Vejo-o com a mesma figura que tinha, quando começou a sua propaganda. À sua esquerda está Paulo, que eu não vira ainda há pouco. Espírito igualmente valoroso que, muitas vezes, pelo seu destemor, levantou ao outro as forças que se abatiam. Podemos

dizer que, na infância do Cristianismo, Pedro era o coração e Paulo a cabeça. Sustinham-se reciprocamente na mesma fé ardorosa em Jesus. Se dissensões houve no modo de interpretarem as doutrinas do Mestre, essas dissensões não eram senão efeitos da ansiedade, grande em todos os Apóstolos, por melhor servirem à causa do Crucificado. Bittencourt assim o diz, assim deve ser.

Diz ainda Bittencourt:

Meus caros companheiros, olhemos para os Apóstolos Pedro e Paulo. Se porventura as inconstâncias da razão não esclarecida derem lugar a dissensões entre vós outros, lembrai-vos de Pedro que, de um, lado, representa o coração, e de Paulo, que, de outro lado, representa a cabeça pensante e o braço forte para a execução, e logo as vossas dissensões se apagarão, como as deles, substituídas por este lema simples e harmônico — *Tudo por Jesus*.

80

Sessão do Grupo Ismael, no dia 13 de Junho de 1901, comemorativa do elevado Espírito de Antônio de Pádua, nascido em Lisboa, em 1195 e desencarnado em 1231 em Pádua, onde brilhou principalmente pela santidade de sua vida, eloquência de suas prédicas, ensinamentos teológicos e fatos então considerados milagrosos.

Depois das preces do começo da sessão, de recebidas a Comunicação inicial e saudações dos Guias, Sayão proferiu algumas palavras de louvor e gratidão a esse Espírito elevadíssimo, de quem se declarou protegido desde a infância.

Feita a concentração, o médium Frederico, disse:

Quadro de uma aleluia! Parece que todos os anjos do céu acorrem a saudar Santo Antônio! Vejo Espíritos da maior elevação! Os Anjos entoam hinos ao glorioso Taumaturgo. Ele desce em ondas de luz. Vem com as vestes com que o representam na Terra: É um Frade. Sua frente resplandece de luz intensa, que aos olhos dos pecadores denuncia um Anjo! Vem dar-nos também a nós o pão. Sim, vem, Bom Irmão, trazer-nos uma palavra de conforto e animação; vem proteger o nosso pequenino Grupo, onde precinto o enfraquecimento e o propósito dos inimigos de plantarem nele a discórdia e o ódio entre irmãos.

Em seguida, o médium levanta-se e fala, assim:

Salve! Novos discípulos de N. S. Jesus Cristo. Uma palavra de conforto, uma palavra de animação pedis a Antônio! Mas, quem goza da suprema ventura de ser guiado pelo Anjo Ismael tem conforto à saciedade, tem animação indefinida, tem a segurança precisa do seu tempo, porque Ele é mais do que Antônio.

Filhos, como vós, eu também tive quedas; como vós, também tive

fraquezas; mas, graças ao Pai Celestial, pude reabilitar-me por um sincero arrependimento e tornar-me o humilde Frade, que de todo o orbe recebe glórias imerecidas, porque não fez mais do que o seu dever.

Desde que Deus, nosso Criador e Pai, não predestina uns ao bem e outros ao mal; desde que deu a todos o livre arbítrio e com este a liberdade de seguirem o erro ou a verdade, a Luz ou as trevas, unicamente de nós, suas criaturas, depende a baixa ou a grandeza do nosso espírito. Quando, como vós, ele tem a extraordinária graça de compreender a Nosso Senhor Jesus Cristo, lendo e relendo constantemente as páginas dos Santos Evangelhos, fácil é ao homem reabilitar-se; fácil é ao homem fraco tornar-se forte; ao orgulhoso tornar-se humilde; ao avarento tornar-se pródigo; ao odioso, amoroso; ao inábil, disposto ao trabalho; ao morto, redivivo; ao cego, vidente; ao pusilânime na fé, herói.

Se Jesus vos foi buscar aos torvelinhos do mundo, arrancar-vos aos prazeres nefastos e fugazes das glórias efêmeras, para vos colocar no carreiro sagrado, é que confia em vós; é que nutre a certeza de que, apesar de todos os vossos sofrimentos, de todas as vossas angústias e agonias, haveis de tê-lo sempre diante dos olhos *como farol de redenção, iluminando o caminho da verdade.*

Os vossos sofrimentos, meus filhos, têm razões lógicas. Na consciência do Espírito se encontram agudos punhais, a se lhe enterrarem na alma e no coração. Há culpas do passado; há culpas do presente. O que é preciso, meus amigos, é que não haja culpas no futuro.

O que é preciso é bracejar contra as ondas da maldade, que tentam afogar os vossos espíritos; mas, sem vos esquecerdes nunca de que existe um Deus sobre todas as coisas, de que existe um Pastor das almas, Jesus, que, nos momentos mais aflitivos da vossa existência, acode em vosso socorro, no murmúrio sentido de uma prece, na expansão doce de um suspiro amoroso.

Seus inimigos não suportam a ideia de que o rebanho do Pastor aumente; por isso, formam o cerco dos lobos, procurando extraviá-lo¹⁶. Porém, se estiverdes atentos e vigilantes, perceberéis o cerco e ouvireis a voz do Pastor, que vos chama para abrigar-vos de todos os infortúnios e desgraças, que vos amarguram a existência. E a luta será tão grande, quão grande for a tentação.

Os lobos famintos virão, um por um, sondar a parte fraca da alma, por onde possam penetrar. Cumpre então ao homem criterioso examinar qual é essa parte fraca por onde pode ser atacado fechar essa porta, essa fenda, quebrando assim nas mãos do inimigo as armas com que pretendia vencê-lo.

A tentação não é tanto por vós mesmos, compreendei-o. Quantos Espíritos vos perseguem sem terem um motivo sequer contra vós. Mas,

¹⁶ No original, extramalha-lo. Não encontramos esta palavra no dicionário de Laudelino Freire e J. L. de Campos, substituímo-la por extraviá-lo.

se não são vossos inimigos diretos, são-no indiretos, porque sois amigos do Redentor do mundo, que é deles o mais aborrecido.

Digo o mais aborrecido, porque, em verdade, Ele é o mais querido em toda a criação.

Assim, meus filhos, carregue cada um de vós a sua cruz e com ela caminhai todos contentes, que ela vos iluminará o caminho por onde encontrareis o Divino Jesus, que vos espera, para receber-vos na bem-aventurança.

Tais são as palavras de conforto que vos pode oferecer o humilde Frade.

Antônio

*Sessão comemorativa do 4º aniversário
do passamento de Bittencourt Sampaio,
ocorrido em 10 de Outubro de 1899*

Reunidos os irmãos do Grupo Ismael, depois das preces do começo, o médium Frederico recebeu, psicograficamente, de Elias, guia de Bittencourt, a comunicação que se segue.

Mais uma vez digo: Glória ao Senhor nas alturas e paz aos homens de boa vontade! Glória a seu Filho, nosso Redentor! Glória à Virgem Imaculada, Sua Santíssima Mãe.

Abri vossas almas à luz divina, como ao beijo do sol se abrem as inocentes flores, disse o meu guiado. Abri, pois, hoje, mais uma vez essas almas, onde repousam as nossas esperanças, ao sol de amor que tanto vos ilumina.

Paz, amor e muita humildade.

Elias

O mesmo médium ainda escreveu:

Meu filho, não, importa o estado precário da tua saúde.

Deus tudo pode; concentra-te e procura servir àquele amigo que tanto te prezou na Terra, como ainda te preza no espaço. Deus te abençoe e te acalme, para ouvires e transmitires o eco das suas palavras amigas. Paz.

Marcos

O médium Santos escreveu:

As flores da gratidão são, por seus perfumes, as mais apropriadas a juncar o caminho luminoso do Espírito amigo, que faz motivo da vossa festa. Amor e sempre amor.

Madalena

Paz. Deus vos abençoe e Jesus vos dê paz e amor.

Meus amigos, segui os impulsos dos vossos corações amantes. Eu, vosso amigo e companheiro, farei minhas as vossas palavras, unidas de amor e dirigidas ao bom companheiro e amigo, cujo regresso à

vida espiritual hoje bendizeis. Tende bastante amor e contai com os vossos Protetores amigos que estão presentes à vossa festa de gratidão.¹⁷

Depois das manifestações de saudades ao querido companheiro, mestre e amigo, o médium Frederico, em estado sonambúlico, disse:

Parece-me um templo todo iluminado. Brilha em cada Espírito a chama de um círio. São as almas dos bons que se dilatam para honrar-nos, acompanhando a nossa comemoração.

Preside ao trabalho Ismael, sobre uma espécie de altar. À sua direita, está Elias, à esquerda Bittencourt, não o Bittencourt da Terra, mas o Espírito que, passando pelo crisol das dores, se purificou nas límpidas águas do Evangelho, para merecer tamanha dita! Montam guarda a esse trono ou altar muitos Espíritos sofredores, formando, por assim dizer, os degraus que levam até ele. Todos os nossos Guias e Protetores se acham presentes e, como disse há pouco, de cada um vejo elevar-se uma chama, iluminando o altar.

Que romaria é essa que se encaminha para aqui? São os pobres, são os enfermos, diz o bom Romualdo. Eles também querem um lugar à mesa do festim e ninguém mais do que eles tem direito a sentar-se a ela. São os tocados da gratidão que, como vós, vêm festejar de perto o protetor de longe.

Ah! A nossa Estrela! Nesse foco refulgente adivinho o rosto de Celina! É a Pastora deste bendito rebanho: os pobres de Maria!

Ah! Compreendo, meu amigo, a tua emoção! Já na Terra, nos últimos tempos, te escondias nas dobras de um manto de humildade. Compreendo e respeito esse enleio do teu Espírito. Mal imaginavas, meu bom amigo, que, ao transpores o limiar do infinito, tantas glórias te houvessem de caber!

Mal pensavas na paga extraordinária com que foste recompensado, pelo pouco que fizeste, segundo dizes, mas que só Deus sabe se foi pouco ou muito! Sim, choras! Tuas lágrimas são de luz...

Digo o que todos dizem; dou testemunho do que vejo. Sãoromeiros, que aqui na Terra iam bater à tua porta, às vezes, ao despontar do dia e aos quais recebias com o sorriso nos lábios. São aqueles mesmos com quem distribuístes a esmola que lhes matava a fome e o medicamento que lhes suavizava as dores. Pois bem, como tu, eles também partiram e vêm agora comungar conosco e pedir todas as felicidades para o teu Espírito... Ah! Sim, diz uma velhinha, sou a sua maior devedora; ninguém imagina quanto recebi dele. E todos disputam a primazia de terem sido os mais aquinhoados pela sua caridade!

Dizes bem (dirige-se ao Espírito de Isabel Sampaio) éramos cegos e ele, pela graça de Jesus, nos deu a vista. Diz Silva: éramos trôpegos

17 Aqui existe uma nota, posta na 2ª ed. da obra de Sayão: "Naturalmente por algum lapso de revisão, na primeira edição da presente obra, não veio mencionado o nome do Espírito que deu esta Comunicação."

na estrada da existência e ele, por graça de Jesus, foi o nosso bordão. Gama: eu tinha muito gênio, tinha na minha alma como que ódios concentrados e ele me deu o refúgio do Evangelho e pude ser bom, tanto quanto me cabia. Diz Borges: eu era a escória dos infelizes, já subjogado por más influencias, fugindo do trabalho, desviando-me do bem; ele foi o meu guia e nenhum melhor poderia eu encontrar. Tarde o conheci, diz Bernardino; mas, durante o pouco tempo que com ele convivi, muito ganhei em esmolas do seu coração. Suas palavras, para mim, eram sentenças, que me ficaram gravadas n'alma até hoje.

Que cena deslumbrante! Sim, minha mãe, vejo-te entre os muitos a quem ele protege. Vejo-vos Celestino, Claudina, Moisés, o anjo bendito. Mas, são tantos e eu ainda não os pude ver todos, porque ainda não me desprendi completamente.

Ah! Lá vem Celina com o seu cortejo de anjos, todos com as suas cestinhas de flores, trazendo uma faixa a tiracolo, onde leio em letras de luz — *Honra ao bom discípulo!* Oh! Como é lindo! Cercam-no! Infinitas luzes o iluminam! Olhos pecadores não podem ver tanto!

Sim, acalma-te, em nome de Maria, diz-lhe Celina, e aceita as flores do jardim celeste, discípulo amado de Jesus. Recebe no teu seio estas ovações, como recompensa aos teus esforços de homem e de Espírito. Sejam-te elas, meu amiguinho, mais um estímulo ao trabalho que tens encetado. Vencerás. Tens nas tuas mãos a arma formidável, que resiste a todos os embates: *é o Evangelho*. Tens a couraça extraordinária da fé. Tens as flores da caridade, que germinam no teu Espírito! Isto diz Celina numa linguagem que não posso reproduzir. Ele chora, beija-lhe a fronte e pede-lhe proteção. Sim, responde Celina, vai levar aos teus amigos as tuas palavras também de gratidão.

E todos descem com ele numa profusão de luzes e flores, inundando esta sala que nos serve de templo, de escola e oficina. Como vem lindo! Não é o velho Bittencourt. Está transfigurado. Reconheço-o apenas pelo seu olhar, bom e meigo. Vai falar.

Continuando, noutro tom, o médium profere as seguintes palavras:

A paz do Senhor seja convosco. Perdulários, muito perdulários são vocês. Guardai, avaramente, a flor desses afetos para aqueles que muitos merecimentos mais têm do que o vosso velho companheiro.

Fiz o bem? Mas, se era simples instrumento posto às mãos dos bons, que mal podia eu fazer? Deixai o arado inerte no chão, não venha a mão do homem, do agricultor manejá-lo e será um instrumento inútil.

Fui médium e só médium. Se alguém, se algum Espírito tem direito a essas lágrimas que verteis; ao perfume dessas flores, que me ofereceis, do vosso coração; se a alguém cabe esta festa extraordinária, em que me vejo, pronunciado seja o nome do Santo *Elias*, o meu Guia abençoado, amigo de todos os instantes, que vinha apaziguar as mi-

nhas dores nas horas do infortúnio e que, com a maior perseverança, me incutia o desejo de ser útil à humanidade.

Sim, a ti bom Elias, revertam todas as glórias. A ti entõem os anjos os sacros hinos, porque soubeste, com todo o esforço do Anjo do bem, levantar o meu espírito dos paus da Terra para as alvoradas do Céu. Bendito sejas tu, que me mostraste os umbrais do infinito e que me inspiraste o anseio de incorporar-me ao rebanho do Senhor, para chegar à fonte onde deveria sofregamente beber *a água pura da vida*, oferecida pelo Bendito Mestre à mulher Samaritana.

Bendito e glorificado sejas, bom Elias, que, apesar das minhas grandes imperfeições de homem, nunca me abandonaste um momento e, como se fosses a minha sombra, a me acompanhar no tumulto do mundo ingrato, conseguiste que a minha alma não ficasse apegada ao túmulo, que, antes, ressurgisse imediatamente, nos raios benditos da Providência Divina, ciente e consciente do meu estado.

Meus amigos, meus bons companheiros, assim como, na Terra, a nossa voz se apaga, abafada pelas magnas emoções do espírito, o mesmo aqui acontece.

Confundem-me estas homenagens. Eu, que me venho alentar convosco; que busco tantas vezes beber estímulos na vossa perseverança, que se não abate apesar das lutas tremendas que vos tem assoberbado, devo dizer-vos: a minha gratidão é recíproca.

Todas as vezes que aqui entro e vejo os meus companheiros atentos ao estudo dos Evangelhos, com a alma predisposta ao bem do próximo, ganho novo alento. Na minha alma passa um raio de esperança e esse raio de esperança parece que, alando-se aos pés de N. S. Jesus Cristo, se transforma na fé que tão necessária me é para o cumprimento da minha missão.

Quão satisfeito fico com o vosso desejo ardente de aprender, com essa investigação quotidiana, para perceberdes nos seus mais íntimos matizes a Doutrina do Senhor!

Isso constitui para o vosso Bittencourt uma felicidade extraordinária, porque nos achamos ligados por um compromisso solene com Jesus.

As nossas vidas transcorreram, em diversas épocas, presas por motivos diversos, até que chegamos à época atual, em que, felizmente, o único motivo que nos une, que nos inspira, que nos enleva, é — o amor do Evangelho.

Um que falte, sem motivo que lhe justifique a ausência, nos causa tristeza, porque é um elo que falta na cadeia do nosso amor, da nossa amizade, dos nossos afetos e, apesar da minha confiança naquele que nos dirige, paira então no meu espírito um traço de dúvida, pelo temor de que me roubem esse elo e incompleto fique a nossa cadeia. Fui como vós; como vós, tive paixões; como vós, sofri bastante e gozei mui-

to. Quando Jesus quer experimentar os seus discípulos, isto é, quando pretende conhecer da sinceridade do arrependimento daqueles que se alistaram nas fileiras da sua guarda celeste, permite que as dores venham feri-los, deixa se julguem como que abandonados.

Ai, então, daquele que só tiver Jesus nos lábios. Ai daquele que não o tiver e à sua Doutrina bem dentro do coração. Eis porque não cessam os vossos Guias em seus cuidados. Eis porque a todas as horas mandam que vigieis e oreis, porque não sabeis qual a hora da prova.

O materialista, que só acredita no *grande nada*, enquanto está na Terra, prega que o que se deve fazer é gozar o mais possível, porque, depois da morte, tudo é pó, podridão e nada!

Nós, porém, espiritualistas, nós espíritas devemos pensar de modo contrário. Enquanto na Terra soframos bastante, confundamos as nossas lágrimas com os nossos sorrisos, os nossos gemidos com as nossas preces, que são os nossos hinos, certos de que, depois da morte, não teremos o grande nada, mas o grande gozo de estar no coração do nosso Mestre.

Meus companheiros, esta a chave da nossa felicidade. Amparando-vos mutuamente, procurai atravessar as sendas tortuosas da existência terrena, servindo-vos uns aos outros de esteios, permiti-me a frase, consolando-vos reciprocamente, permutando, entre os corações, afetos e sorrindo às dores, porque, quando menos pensardes, quando o negrume da tormenta envolver as vossas frentes, tudo desaparecerá ante um sorriso do Nosso Mestre. E desse modo a fé, a esperança e a caridade terão tabernáculos nos vossos Espíritos e tereis cumprido o vosso dever.

Oh! Virgem, pura e imaculada, Protetora dos aflitos, Alma da Caridade, lança os teus piedosos olhos sobre os meus companheiros de infortúnios e glórias. Bendita sejas, Senhora Nossa, Rainha dos Anjos! Eles são discípulos do teu amado Filho, faze que nunca o esqueçam, sejam quais forem as suas dores e sofrimentos. Mãe puríssima e imaculada, tu que honraste o último dos discípulos do teu Jesus, mandando que a meiga Celina lhe trouxesse flores do jardim celeste, distribui com eles as flores da tua misericórdia, para que possam tornarse dignos do Pai.

Ismael, tu, a quem muito devo, recebe os ósculos da minha gratidão, vela também por eles, Anjo Bendito. Inspira os discípulos de Jesus, para que possam, cheios de fé, lavar a terra.

Graças a Deus nas alturas, paz aos homens na Terra.

Bittencourt

Manifestação de Bezerra

(Sessão de quinta-feira santa, a 12 de abril de 1900)

O Grupo Ismael, tendo assistido, às 2 horas da tarde do dia acima referido, à inumação do involucro carnal do seu amado companheiro Bezerra de Menezes, reuniu-se, às 7 horas da noite, para comemorar a Ceia do Senhor.

Lembrado foi então que a Ceia Pascoal representava o sacrificio do Mestre, o Manso Cordeiro Imaculado que, para salvação da humanidade, tinha de ser imolado e que, para simbolizar essa imolação, Ele, celebrando-a, fê-lo de modo a mais uma vez dar o significado real do seu sacrificio. Assim foi que a realizou como símbolo da fraternidade e da união entre as criaturas de Deus, como símbolo, pois, da lei de amor, que Ele viera trazer ao mundo.

Também foi lembrado que a desencarnação constitui verdadeira graça, visto que por ela o Espírito se liberta do instrumento que lhe fora dado, para nele passar pelas provas que curam as enfermidades da alma, devendo, conseqüentemente, constituir motivo de alegria e não de dor, motivo para se agradecer ao Pai do Céu as misericórdias de que usa com as suas criaturas.

Entretanto, os membros do Grupo, sentindo no coração os pungentes golpes da saudade, pelo passamento do companheiro, do mestre, do amigo, que lhes prodigalizava exemplos vivos de amor, de bondade, de humildade e de resignação, vertiam lágrimas. E foi com elas a lhes correrem pelas faces que comemoraram, naquela data, a festa das Endoenças.¹⁸

Depois de feitas as preces e recebidas as comunicações dos Guias e Protetores, o companheiro Frederico, sonambulizado, disse:

Ajudem-me! Não há tristezas. Tudo quanto vejo revela alto júbilo. Quadro soberbo, que deslumbra!

Sob uma espécie de dossel, cercado dos mais eminentes Espíritos, presidindo ao nosso trabalho, está Santo Agostinho.¹⁹ Como se diz na Terra, a elite celestial aqui se acha representada: os Apóstolos, a Madalena, todos os nossos Guias e Protetores. Imaginem, é a comparação de

18 Solenidades religiosas da quinta-feira santa

19 Guia do irmão Bezerra. (Nota constante do texto original.)

que me posso servir, uma avenida de luz, onde se enfileiram de ambos os lados anjos formosíssimos. Juncam-na flores, que não existem na Terra, flores de luz, trazendo todas as crianças açafates cheios delas e, pendente dos pescocinhos, a cruz! “Acalma-te”, diz-me Bittencourt - “Observa e dize o que vês”. Fora dessa estrada, vejo muitos Espíritos sofredores, entre os quais se encontram, como pastores em meio de um rebanho, Bittencourt e Romualdo. — “Observa mais”. — Ah! É a nossa Estrela. Como um sol radioso, ela espalha seus raios sobre todo esse quadro! “Acalma-te, sobe.”

Eu já sabia: Celina e Bezerra! Ei-la que o traz pela mão, em triunfo. Parece que a corte celeste o acompanha, tal a multidão que segue a Enviada de Nossa Mãe Santíssima. Oh! Feliz Espírito! Vamos, desce, vem ter com os teus saudosos amigos e ainda uma vez alentá-los com a tua palavra.

Não é surpresa para mim. Eu o adivinhava. Deixa que o último dos teus admiradores venha nesse bando divino.

Ele entra na avenida, como eu disse, sorridente. É o mesmo: calmo, para todos um sorriso e um ósculo. Ei-lo entre, nós, ajoelhado aos pés de Santo Agostinho. Levanta-se. Ah! Ismael lhe depõe um ósculo na frente e diz: — “Sê bem vindo. Fala. Não? Por quê? Obedecei ao programa; lêde as sacratíssimas páginas do Evangelho, para comemorarmos as Endoenças.”

Continua o médium:

Meu Frederico, como agradecer a Deus? Povo a meu espírito um mundo de ideias que não sei como exprimir a vocês, porque não encontro palavras com que o faça. Ouçam a leitura os meus bons amigos. Esperarei.

Procede-se à leitura dos Caps. 13, 14, 15, 16, 17 do Evangelho de João, depois do que Frederico, em estado sonambúlico, diz:

Paz. Quanta ventura gozas, oh! minha alma! Quando sonhei, eu, alma pecadora, filha dos vícios e do crime, no dia em que os meus companheiros, discípulos do Evangelho, comemoram as Endoenças, relendo, para melhor o gravarem nos seus corações, o testamento de Jesus, vir, em espírito, assistir a essa comemoração!

Mãe Santíssima, puro abrigo de todos os infortúnios, manancial celeste, que dessedenta todas as almas, foste tu decerto, meiga Mãe, foste tu decerto, celeste Esposa, que, dirigindo ao Senhor essa oração que só a Virgem Imaculada pode formular, despiste minha alma das fezes do mundo que acabo de deixar e me restituíste ao teu amado Filho, como se eu houvera sido na Terra verdadeiro discípulo seu; como se tivesse direito a sentar-me à mesa do banquete divino, para comer o sagrado pão e beber o generoso vinho! Mãe Santíssima, abrigaste-me sob o teu manto celestial, aqueceste o meu espírito no teu amantíssimo e luminoso seio. Sê bendita, oh! Virgem Gloriosa! Também são teus

filhinhos eles, como eu, que afito gemi e padeci na Terra, sempre com os olhos cravados em ti. Dá que eles possam compreender, oh! Virgem Imaculada, esse ensinamento, em que se vê o teu amado Filho, o rei absoluto deste planeta, curvado diante dos humildes pecadores, como servo humilde, a lhes tirar dos pés o pó da estrada que, peregrinos, palmilhavam! Que eles possam compreender esse — *amai-vos uns aos outros*, certos, convencidos de que o amor que deixarem transbordar de suas almas para as de seus irmãos se evolará aos páramos onde está o teu Filho amado, porque é o amor puro que dele nos vem.

Meus caros companheiros, meus amigos, é demasiada a recompensa! Saudades! Ouvi de mais de um de vós essa palavra. Mas, saudade por quê? Vê tu, meu velho amigo (dirige-se a Sayão) e vejam todos vocês, como é fraco o espírito do homem! Vocês, espíritas, meus companheiros, que podem falar a todo momento comigo, têm saudades e choram! Eu também choro a minha fraqueza. Oh! Deus! Oh! Jesus Cristo, quando, pelo elo santo da amizade, pela verdadeira compreensão dos teus ensinamentos, serão estancadas as nossas lágrimas e essa palavra — saudade — deixará de ter qualquer sentido na linguagem das criaturas, por se acharem todas sempre juntas e ligadas pelo coração? Estou junto de vocês, meus caros companheiros. Peço-lhes: não quebrem a cadeia sagrada.

Como isto é belo, como isto enleva as nossas almas!

Obrigado a todos vocês, a todos vocês obrigado. O Bezerra estará sempre unido aos vossos corações. O Bezerra pede a Deus e Deus há de permitir que ele continue trabalhando com vocês na seara bendita.

Meu velho (dirige-se a Sayão), hoje conheço o peso das tuas responsabilidades. Já tinhas aqui muitos que te auxiliavam: o Bittencourt, o velho camarada; o teu Frei José dos Mártires, a quem vim encontrar satisfeito contigo. Tens agora mais um. Coragem, filho, que viver é sofrer, é morrer para viver, mas viver amando. Amar é viver sofrendo como verdadeiro cristão, alma sempre aberta ao bem. Deixa que as aves do Céu queiram roubar as boas sementes que te foram dadas: não o conseguirão; os frutos não tardam. A todos vós: Dizei à minha velha companheira, aos meus filhos, que eu tinha razão de lhes aconselhar que não chorassem por mim.

Sou feliz, muito feliz. O futuro deles a Deus pertence. São segredos de amor, coisas que só o Bom Jesus conhece. Não temo o porvir. Que eles leiam o Evangelho e meditem as palavras de Jesus, quando disse: *as aves não semeiam, não segam e vivem*. Há uma sementeira celeste sempre abundante de frutos, para aqueles que volem os olhos ao semeador divino.

José (o nosso irmão José Ramos), toma o meu lugar. Jesus há de permitir que eu te possa auxiliar nos trabalhos da caridade. Frederico, ajuda o teu Bittencourt, ajuda o teu Bezerra, a todos que te querem

tanto bem. Vem trabalhar. Não viste? Há pouco ainda, estava eu entre vocês e de momento parti! Sabes quantos sejam os teus dias? Queres ter surpresas? Tu, espírita, tu o médium do Bom Ismael? Presta os teus serviços a Jesus. Deves tanto a Jesus, meu Frederico! Quantas lágrimas com a tua boa vontade enxugas! Quantos amigos ganhas nesta vida em que estou agora. Vem, fuge aos pretextos fúteis, que não são teus. Dãot'os e tu, como médium, aceitas, não faças isto. És doente, vem buscar aqui o remédio, vem adoçar a tua alma no Evangelho.

A todos vocês: assiduidade no trabalho, dedicação. O velho companheiro os estará sempre esperando.

Fala o Espírito do médium, em estado sonambúlico:

Deus, que mansidão! É o mesmo que quando homem! Sim, vi e ouvi os teus conselhos. Estou vendo que mereces. Mas, sim, tanto melhor. Oh! Quem me dera!... Isso pertence às almas boas.

O médium fica como que deslumbrado e estende a mão. Outro médium, o irmão Mattos, diz que lhe deem um lápis e o médium Frederico escreve:

Deus vos abençoe — JESUS.

Continua o mesmo médium:

Divino Mestre e Senhor: Obrigado por eles. Que a tua bênção, vindo lá das celestes alturas, purifique as almas dos pequenos e humildes discípulos teus. Jesus, divino Cordeiro, assim como outrora penetraste na casa dos publicanos a levar a tua palavra sacratíssima, também te dignaste de penetrar no humilde templo onde o teu servo Ismael procura incutir nas almas boas o amor à tua santa doutrina. Eles são enfermos, meu Jesus, dá-lhes o remédio; cura, Senhor, as enfermidades das pobres almas que para ti se voltam cheias de esperança, no dia das tuas endoenças. Senhor, sobre os teus ombros carregaste todo o peso das nossas iniquidades, perdoa-nos.

Oh! Bom Jesus, que os teus piedosos olhos enviem sempre seus raios luminosos e divinos sobre as suas cabeças, iluminando-lhes o caminho da cruz, para que eles, que ainda ficam sobre a Terra, possam, como o filho pródigo que acaba de voltar para o abrigo divino, gozar das alegrias da Bemaventurança.

Pai misericordioso, o teu humilde servo te agradece. Recebestes a bênção de Jesus, caminemos.

Ismael

Sayão pergunta ao médium Frederico: que vês ainda?

Diz-lhe Frederico:

Estou vendo essa glorificação. O nosso Bittencourt está tão satisfeito! Acham-se aqui Isabel Sampaio e todos os nossos velhos companheiros.

Diz, depois: Sim, vou breve.

Responde-lhe Bittencourt:

Isso queres tu; mas, e o nosso livro, e os nossos compromissos? Não tenhas pressa. Sim, desperta.

Despertado o médium e feitas as preces de ação de graças, encerrou-se a sessão.

A verdadeira comemoração de finados

Ao redor de uma mesa, grupam-se alguns trabalhadores da vinha bendita do Senhor, com o pensamento e o propósito de orarem a N. S. Jesus Cristo pelos *desencarnados*.

O que ocupa a cabeceira faz as preces, mal podendo concluí-las, tantas as lágrimas que a saudade o faz verter lágrimas que providencialmente desabafam os corações oprimidos pela dor.

O ambiente se purifica, saturando-se de fluidos suaves. Atraídos, os emissários do céu acorrem pressurosos, trazendo pais, parentes e irmãos de muitos daqueles por quem oram os trabalhadores.

Dentre esses Guias e Protetores, destaca-se um santo luminar da Igreja romana, o Filho de Santa Mônica, o companheiro de Santo Ambrósio, o apelidado Doutor da Graça, Santo Agostinho, que fala pelo médium em estado sonambúlico.

Suas palavras encerram grande ensinamento, tirado da doutrina de Jesus e são, ao mesmo tempo, um protesto contra as exterioridades que em dia de finados se ostentam nos cemitérios e das quais só aproveitam os exploradores dos simples, dos ignorantes e dos fanáticos da má orientação dos Padres de Roma, fiéis substitutos do Sacerdócio hebreu.

*

Disse o Santo Varão:

As lágrimas, mimosas flores do sentimento, se cristalizam, se unem, como verdadeiras pérolas de sagrado amor, e formam a única grinalda que os grandes afetos e as saudades podem enviar aos que se foram, deixando profundos sulcos de dor na alma dos que ficaram.

Benditas lágrimas! Felizes dos que com elas sabem levantar, na imensa Necrópole que é o mundo, esse monumento que, tendo as bases no coração, o tempo não destrói, antes mais e mais consolida; esse monumento que não tem a vida efêmera dos que são mandados erigir pela convenção, muitas vezes pela vaidade; esse monumento que tem a durabilidade do Espírito, entidade que não morre, que não desaparece, que vive e progride, aperfeiçoando-se dia a dia para a eternidade, que é o seu destino.

Um dia para os mortos! Mas, quem são os mortos visitados, quem são os vivos que visitam? Quais os sepulcros que, neste dia, se abrem

com toda a pujança dos afetos, para receberem os vivos? Serão os sepulcros fabricados pelos homens na profundidade da terra? Ou são os sepulcros de carne, onde os verdadeiros mortos se meteram um dia, para expiação de seus erros e crimes, para aperfeiçoarem os seus sentimentos e adquirirem os de amor, de caridade e de fé?

Quem são os mortos visitados, quem são os vivos que visitam? Já sabeis e podeis responder, meus filhos, e graças deveis dar ao Pai infinitamente misericordioso, que já vos fez compreender o que é o dia de finados.

Felizes daqueles que sabem preparar-se, ao menos uma vez no ano, para uma comemoração que vem atravessando os séculos, sem ser íntima e criteriosamente compreendida.

Felizes de vós, que ornais o vosso monumento de carne com a luz que vem dos seios d'alma, na expressão sincera dos vossos fervorosos afetos; que sabeis cobrir-vos das grinaldas da saudade verdadeira, para receber os romeiros do infinito que, atraídos pela pura essência das vossas preces, vêm saudar-vos neste dia!

Felizes de vós, que tendes a luz do Evangelho a iluminar o vosso sepulcro e que, à claridade plena de todo o vosso amor, na sinceridade de todos os vossos sentimentos, podeis ver, como agora, rodeado o vosso templo dos que acorrem a contemplar-vos como *sepulcros*, como *monumentos* perfeitamente adornados do que mais interessa a N. S. Jesus Cristo — os ornamentos da fé, do amor e da caridade.

Meus filhos, em nome dos vivos, em nome daqueles que vos foram caros na Terra, agradeço as preces que por eles fizestes e vos afirmo, com verdadeiro sentimento cristão, que em cada um deles podeis contar com a reciprocidade dos vossos afetos, pois que eles também oram e também pedem a N. S. Jesus Cristo que vos dê, na estrada de amarguras que percorreis, no caminho povoado de sombras, por onde andais, as doçuras do seu amor sem limite, as claridades do seu Espírito imaculado.

*

Assim deve ser, oh! meu Jesus! Neste dia, em que vimos visitar os nossos mortos, pedimos nos seja permitido quebrar as lajes dos sepulcros em que se acham eles encerrados, para que possam elevar-se até aos teus sacratíssimos Pés e receber a benção e as santas recompensas que lhes destinás.

Virgem Pura e Imaculada, a quem cada um deles envia constantemente um pensamento de amor e uma súplica de fé, concede, Senhora, o calor do teu manto às frialdades de seus espíritos. Dá-lhes um raio do teu puríssimo olhar, que lhes sirva de santelmo a guia-los na barca de Pedro até ao porto da salvação futura, onde encontrarão o teu Bendito Filho.

A vós, Guias e Protetores de todos eles, que tendes a árdua tarefa de alentá-los, por vós imploro a N. S. Jesus Cristo que vos dê, como sempre, ânimo para o desempenho de vosso ministério, a fim de que tenhais a suprema dita de entregá-los ao Divino Mestre, puros, retemperados e livres completamente desses *sepulcros* que hoje visitamos.

Agostinho

Amor de Deus e do Próximo

“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças”. (Deuteronômio, cap. VI, v. 5) — “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. (Levítico, cap. XIX, v. 18). — Mateus, cap. XXII, v. 36-40. — Marcos, cap. XII, v. 28-31. — Lucas, cap. X, v. 25-37. “E estes mandamentos que hoje prescrevo te estarão gravados no coração e tu os referirás a teus filhos; e os meditarás assentado em tua casa, andando pelo caminho, ao te deitares para dormir, e ao te levatares; e os gravarás como um sinal sobre as tuas mãos, os escreverás também no limiar e nas portas da tua casa. Ouve, oh! Israel, e tem cuidado de fazer o que o Senhor te mandou, para seres ditosa, e te multiplicares mais, assim como o Senhor Deus de teus pais te prometeu a terra que mana leite e mel”. (Deuteronômio, cap. VI, v. 6-9, 3) — “Toda a lei e os profetas estão nestes dois mandamentos”. (Mateus, cap. XXII, v. 40.)

Amar a Deus é prestar homenagem ao princípio do Amor, à causa da vida.

Criatura ínfima, que *pode* o homem, que *pode* o Espírito que anima essa forma grosseira oferecer em testemunho de *reconhecimento* ao Senhor onipotente, por todos os tesouros que lhe pôs nas mãos, a fim de que deles se utilize incessantemente?

Amar, porquanto o amor inspira a submissão, o respeito e a gratidão; *amar*, porquanto o amor é o único laço que prende a criatura ao Criador. Deve, pois, esse amor manifestar-se de todos os modos, visto que representa a *criação inteira*.

Para amar a Deus deve o homem limpar seu coração, seu Espírito, seu corpo de todas as nódoas, pois o amor induz à aproximação e o que seja impuro não pode aproximar-se de Deus.

Deve limpar o corpo, como o coração e o Espírito, porque o corpo é o instrumento com que este cumpre suas provas e realiza, encarnado, sua marcha ascensional pela senda do progresso moral, intelectual e físico. Deve limpar seu coração, seu Espírito e seu corpo, para, por meio do progresso moral e intelectual, obter a depuração do coração, do Espírito, e, por efeito desta, conseguir o progresso físico e a consequente depuração do invólucro corpóreo, isentando-o da liga impura da matéria,

com o desprender-se dela cada vez mais, no curso das vidas sucessivas e progressivas, através da hierarquia ascensional dos mundos.

Para amar a Deus, deve o homem trabalhar continuamente por elevar sua inteligência, por desenvolvê-la, por alargar seus conhecimentos, por dilatar a sua ciência, porquanto a ignorância não pode aproximar-se da onisciência e tudo o que é amor tende a unir-se.

Amar a Deus é fundir-se na humanidade, é absorver-se no amor fraternal, por isso que todo homem — como todas as criaturas do Senhor — provêm do mesmo princípio, tende ao mesmo fim — é uma parte do ser dividida ao infinito, para o efeito de chegar do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na individualidade e na imortalidade.

Estas palavras — uma parte do ser dividida ao infinito — devem ser bem compreendidas, para não darem lugar a falsas interpretações, do ponto de vista das ideias panteístas, ideias errôneas e falsas.

Deus, o Criador incriado, é pessoal e distinto da Criação, da criatura, como a causa é pessoal e distinta do efeito que a gera, como o infinito, o incriado, é pessoal e distinto do finito, do criado, como a eternidade é pessoal e distinta do tempo, da duração que ela engendra, que ela produz, relativamente à criação, à criatura.

As criaturas tiram do Criador o ser, são d'Ele, por Ele e n'Ele; mas, não são Ele. São, pois, nesse sentido, uma parte do ser dividido ao infinito, para o efeito de chegar do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na individualidade e na imortalidade.

Deus é o Criador incriado, o termo absoluto de todas as perfeições; d'Ele parte e o toca o fluido universal, que constitui o instrumento e meio de que Ele se serve para realizar, no infinito e na eternidade, pela ação da sua vontade onipotente, a criação de todos os mundos, de todos os seres, de tudo o que se *move, vive, é*.

De Deus dimanam todas as leis absolutas, que se enfeixam todas na grande lei da atração magnética, cuja ação se exerce por intermédio do fluido magnético que nos envolve, fazendo formemos como que um só ser, a fim de nos ajudar a subir para Deus, pela conjugação das nossas forças. É ainda essa grande lei que liga, no universo infinito, todos os mundos, todas as criações e todas as criaturas, formando um todo universal, de que fazemos parte, tudo e todos tendo *d'Ele, por Ele e n'Ele*, o ser, tudo e todos presos pelos laços da unidade e da solidariedade.

A humanidade inteira deve, portanto, considerar-se como uma individualidade única, um imenso corpo que, em cada indivíduo, tem um membro ligado ao todo. Tudo, portanto, deve tender para a harmonia humana, aguardando o momento de poder elevar-se à harmonia celeste.

Assim, amar ao próximo como a si mesmo é uma consequência do amor de Deus. Foi do ponto de vista dessa unidade e dessa solida-

riedade em Deus que Jesus, depois de haver dito que o amor a Deus é o primeiro e o maior dos mandamentos, declarou que o amor ao próximo constitui o segundo, semelhante ao primeiro.

Declarando contidos nesses dois mandamentos toda a lei e os profetas, Jesus os proclamou para todos os homens, Judeus e Gêntios, para toda a *Israel* que, simbolicamente, personifica a humanidade inteira. Proclamou-os como sendo o caminho único para a perfeição e, portanto, para a vida eterna, isto é, para a vida dos puros Espíritos, onde tudo são delícias, claridade, ventura, atividade e perseverança no estudo, para um progresso contínuo e cada vez maior em ciência universal; onde tudo é amor e devotamento, para o progresso universal, na vida e na harmonia universais.

Homens, praticai incessantemente, com sinceridade e zelo, esses dois mandamentos, nunca fazendo aos outros o que não quereríeis que vos fizessem; fazendo, ao contrário, do ponto de vista do bem e do belo, do que é justo, bom e verdadeiro, tudo o que desejaríeis vos fizessem, porquanto igualmente proclamou que a cada um será dado de acordo com as suas obras, sendo cada um julgado pela suas obras, no tribunal da própria consciência, sede do Tribunal de Deus.

Compreendendo todos e praticando, desse modo, em espírito e verdade, o direito e o dever, dos pontos de vista social, familiar e individual, é que preparareis o advento da fraternidade humana, que só ela fará que reinem na Terra a liberdade para todos e a igualdade entre todos, o advento, pois, do reino de Deus no vosso mundo, sob o império e a ação da lei de amor e de unidade.

Moisés, Mateus, Marcos, Lucas e João
Assistidos pelos Apóstolos.

Fé, Amor e Caridade

Diz o médium:

Vejo presente, presidindo ao nosso estudo, Ismael. Todos os nossos Guias e Protetores também estão presentes. Bittencourt, ao lado de Paulo, me pede muita calma, dizendo que eu não me tema da moléstia, pois está presente quem me pode curar.

Falando, em seguida, noutra tom, diz:

Paz. É assim que vos quero ver. Serenos, no remansoso seio do Bom Guia Ismael, é que precisamos achar-vos agrupados e unidos, resolutos e prontos para os maiores sacrifícios que porventura se exijam de vós, porque, por maiores que sejam as vossas dores, por mais pungentes que sejam os acicates que se vos cravem nas almas e nos corpos, jamais poderão igualar-se ao sofrimento de que acabais de inteirar-vos, relatado que se encontra no Evangelho do Senhor!

Entretanto, o Senhor era um justo, era um puro Espírito que das regiões serenas do amor baixara à Terra para lavar com o seu puríssimo sangue todas as nódoas, todas as manchas dos nossos espíritos.

Notai, meus companheiros de longas lides, que ainda hoje Barabás é preferido a N. S. Jesus Cristo. Não é somente nos paços da Galileia que reboia a voz dos escribas sanguinários, pedindo o sacrificio do Justo; é em todo o orbe. A multidão desvairada, que se estende por toda a superfície da Terra e fora da Terra, ainda prefere sejam libertados os réus de todos os crimes e atado ao poste infamante o Cordeiro Imaculado, a quem tudo devemos, pelo seu amor sem limites, que o levou a todos os sacrificios, a fim de gozarmos da felicidade a que aspiramos e de que a todo transe e a todo momento tentam privar-nos os inimigos do bem, procurando anular os nossos esforços, quebrar as nossas energias, abater a coragem de que necessitamos para atingir a meta de nossos destinos, o fim da nossa jornada, cheia de incidentes, mas que forçosamente havemos de concluir, porque nenhum de nós ficará perdido nesse turbilhão de ódios que se levanta, por toda parte, visto que, embora pobres estropiados, recebemos a graça de nos sentarmos à mesa do banquete do Senhor.

Meus companheiros, sei que fui áspero ainda há pouco, quando a vós me dirigi, censurando o vosso procedimento, depois de tantas graças recebidas e taxando-vos de ingratos.

Mas, preciso ser franco convosco, despertar as vossas consciências, que já tendiam para o adormecimento, fazendo-vos esquecer os compromissos que havíeis tomado para com o vosso Deus, para com Jesus, para com a Mãe Santíssima.

Vemos o que se passa com o vosso Grupo. Mal se anuncia qualquer trabalho proveitoso aos que desejam enveredar pelo carreiro da Cruz, os lobos se assanham e tudo é pretexto para que se não realizem as vossas reuniões, para que aqueles sobre quem pesam as maiores responsabilidades pelos destinos do Grupo Ismael sejam feridos pelas costas, caiam em laços habilmente preparados e neles se deixem, pela sua, imprevidência, emaranhar. Quando precisamos, ainda que apenas para orar, estar sempre unidos, apresentando os nossos espíritos como antemural à onda invasora da maldade, é exatamente quando, quais crianças, vos deixais segurar, tornando-vos deles títeres, por aqueles que tudo podem, porque não lhes ofereceis a necessária resistência. Nem por um instante podeis estar descuidados; desconfiai de todos os vossos atos, porque em todos eles intervêm duas vontades: *a vontade do vosso guia, falando pelas vossas consciências, e a vontade dos maus, falando pelas vossas paixões.*

Dissestes, e nós ouvimos enunciada pela vossa própria boca, a sentença: “Já sabemos o Evangelho, o que precisamos é aplica-lo.” Mas, como se aplica o Evangelho? Será tratando cada um dos seus interesses? Limitar-se-á em vós a sabedoria a tirar do entendimento esclarecido o que convém unicamente ao vosso interesse privado e às vossas paixões? Essa, porém, era a sabedoria dos doutores da Palestina; essa a sabedoria que, tendo-a por aprendida no Antigo Testamento, possuíam os Escribas e Fariseus.

A vossa não pode deixar de ser luminosa, porque tendes a formá-la a luz do Evangelho, luz que não deve ser colocada debaixo do alqueire. A vossa sabedoria deve ter a forma da sabedoria verdadeiramente cristã e manifestar-se em toda a amplitude, por estas três virtudes sublimes: a fé, o amor e a caridade

Meus companheiros, sobre este tema continuarei a falar-vos na próxima sessão. Disse-vos, ao terminar, da última vez que vos falei: — Façam vocês o que quiserem, eu seguirei o meu caminho; mas, o meu caminho é o vosso e, assim, os nossos sentimentos devem ser os mesmos. A nossa amizade, ungida por N. S. Jesus Cristo, há de permitir que se tornem realidade os nossos esforços que, apesar de todas as fraquezas, obedeçamos à orientação de Ismael, que traça, no recesso dos nossos espíritos, a rota segura, para chegarmos aos nossos destinos: primeiro, ao Gólgota, depois à Redenção e à Felicidade.

Vais ser tentado (dirige-se ao médium) mais uma vez; previne-te, orando sempre com os teus irmãos. O teu Marcos estará vigilante, para que não aconteça que, depois de tantos esforços, de tantas lutas, caias

ferido no caminho. Quando te sentires triste, procura os teus companheiros, desenvolve por esse meio a amizade que todos devem consagrar uns aos outros, pedindo o socorro necessário a N. S. Jesus Cristo.

Desconfia dos teus próprios sentimentos. Antes de dares qualquer passo na vida, calcula todas as consequências, e do mesmo modo devem todos proceder. Quando acontecer de novo ser arrebatado, não provoques: ora, chama por Paulo, que é um verdadeiro domador de feras. Contas muito com a força do teu espírito, esquecendo que és homem.

Não vos preocupeis com o livro; ele virá a seu tempo. Tudo estava previsto; para nós não houve surpresas. Volta. Que a benção do Senhor desça sobre todos.

Bittencourt

A espada que Jesus mandou que seus discípulos comprassem

(*Mateus XXVI, v. 31, 35; Marcos XIV, v. 27, 31; Lucas XXII, v. 31, 38; João XVI, v. 32.*)

É recebida a seguinte Comunicação inicial:

Meus filhos, paz, amor e caridade. *Paz*, para poderdes estudar e compreender os santos ensinamentos do Divino Mestre; *amor*, para mais fortalecerdes a união que deve existir entre vós; *caridade*, finalmente, para poderdes abrir, pelos próprios esforços, a porta estreita que vos dará passagem para a vida eterna, para chegardes ao sacratíssimo seio de onde emanastes.

Marcos.

Diz o médium, em estado sonambúlico:

Preside ao nosso trabalho Ismael. Vejo todos os nossos guias, protetores, familiares. Vejo o Bittencourt junto de Bezerra. Conseguiram a paz pedida pelo Bom Marcos.

Continua o médium:

Por ela, abriu-se-vos o entendimento para a interpretação, em espírito e verdade, das palavras de Jesus a seus discípulos, quando próxima vinha a hora da sua agonia. A verdade penetrou nos vossos espíritos em toda a plenitude. Com efeito, tendo seus discípulos de agir cada um por si, em meios diferentes, para a propagação da *Boa Nova*, mister se fazia que, cautelosos, se aprestassem de todo o necessário aqueles que iam demandar estrangeiras terras, com uma missão a cumprir. A Palestina já não bastava para a pregação do Evangelho, à qual tinham sido eles chamados; a romagem tinha que ser mais longa, através de meios heterogêneos; a ação a empregar demandava fê e amor, a palavra precisava de eloquência, como bem dissestes, para vibrar golpes decisivos em corações endurecidos. Era necessário o *alforje* para as viandas; a *bolsa* para a aquisição dos alimentos, das roupagens, das sandálias; a *espada da palavra* inflamada pelo Verbo divino, que Ele, Jesus, dentro em poucos instantes, tornaria uma realidade, como vimos no Evangelho.

Para terem-na, para a possuírem perfeitamente aparelhada, bem

compreendestes que até, se necessário fosse, deveriam despojar-se da própria túnica que lhes encobria a nudez, hipérbole propositadamente empregada por Jesus para mostrar, àquela geração e às gerações vindouras, o de que o homem pode e deve ser capaz, quando investido de uma missão divina. Assim bem o compreendestes.

Na discussão, houve o tratamento carinhoso que é nuncio do amor e da fraternidade, a enlaçar os irmãos possuídos de uma mesma ideia santa e purificadora. Ainda nesse ponto, Marcos ficou satisfeito.

Passemos agora à terceira parte. Vamos, em perfeita homogeneidade de pensamento, subir às plantas do nosso Criador e Pai, implorar socorro para um infeliz. Vamos, num impulso de compaixão e de piedade, pedir a Jesus um raio da clemência divina para aqueles que, desconhecendo-o, desvairam nas trevas, retardando a marcha do seu progresso espiritual.

Tem paciência, meu amigo, ainda uma vez; trata-se de outra doente. — Estou vendo, dizes, mas, sinto-me cansado. — Não é natural esse cansaço, que de há muito te acompanha. — Sim. Vejo um homem junto de Romualdo, bisonho, como que entregue a funda meditação. Pela sua atitude, parece alheio ao que se passa ao seu redor. Romualdo fala-lhe com carinho; ele, porém, parece não escutar.

Manifesta-se um Espírito a quem Romualdo dirige a palavra.

.....

 Diz Bittencourt: Obrigado; vocês fizeram completa aplicação do estudo de hoje. Bem souberam manejar a espada de Jesus.

Depois de breve discussão, o Espírito se mostra arrependido e protesta desistir da perseguição à pobre enferma.

Médium: Frederico.

Negação de Pedro

Fala o médium:

Vejo presentes os nossos Guias. O Bom Ismael preside ao trabalho. Acham-se também presentes o mestre, Bittencourt, Bezerra, Siqueira Dias, muitos Espíritos protetores e sofredores.

Em seguida, diz:

Sobre a lição de hoje, pouco temos que dizer, pois que muito já se tem dito. Essa passagem da negação de Pedro, segundo vimos no Evangelho, é uma advertência a todos aqueles que esposam uma causa santa e se declaram, como o fizera aquele apóstolo, capazes de defendê-la em qualquer terreno. Percebendo que se avizinhava a hora do martírio para o divino Mestre, a alma, os corações de seus discípulos se enchem de prematura saudade.

Pedro declarara que por Ele daria o seu sangue, a sua própria vida e, sem dúvida, era verdadeiro na sua afirmativa; era sincero o ditame da sua vontade, quando assim falava. Mas, como bem disseram os Evangelistas na revelação feita a Roustaing, Pedro confiara demais nas suas forças para tão grande empresa.

Não foi o terror de se confundir com o Nazareno, seu Mestre, perante o tribunal, que o impeliu a negá-lo. Obedeceu a outro sentimento, que se lhe apoderara suavemente da alma, convencendo-o de que era mister acompanhasse o Mártir do Gólgota até ao final do seu martírio para, com o seu companheiro de Apostolado, receber, do seu derradeiro olhar, a luz necessária a lhes clarear o caminho tormentoso que iam trilhar. Ele sentia a necessidade de ouvir, até à última instância do seu martírio, as palavras do bendito Pastor; palavras que seriam certamente de alento e de conforto para a jornada da propaganda.

Com o que Pedro não contava e, como homem, não podia contar, era com a tentação da mentira. Jesus, porém, já a tinha previsto, tanto que contra ela o prevenira no horto das Oliveiras. Aquele sono pesado, de que Pedro e seus companheiros se viram tomados, já era devido à ação do espírito das trevas, que preparava as coisas para que o chefe da Igreja de N. S. J. Cristo fosse o primeiro a mentir, a negar a comunhão que fizera com o seu Divino Mestre na mesa do banquete da Páscoa. Eis porque o Senhor, por mais de uma vez, os acordou e advertiu de que era preciso velar, ter o espírito constantemente em oração, para não

ouvirem a voz funesta que em segredo os espíritos escutam, mas que os homens não podem perceber de onde vem, pois fala de tal modo que a este último parece, o que ela diz, vindo do seu próprio eu. O fato, como vos disse ao começar, se produziu para servir de advertência a todos aqueles que se empenham nas cruzadas do bem e da verdade, seguindo a Jesus.

Não confieis em vós mesmos; tende sempre o vosso espírito predisposto à oração, a fim de que os vossos sentimentos mais delicados, como eram os de Pedro, não sejam aproveitados para um proceder iníquo, qual o da mentira.

Como bem disse Sayão, ao principiar, se Pedro era susceptível de tal fraqueza, sendo, entre os discípulos, o mais preparado, pela grandeza da sua fé, para chefiar a Igreja de N. S. Jesus Cristo, que não acontecerá àqueles em quem ainda embrionários são os sentimentos que caracterizam o verdadeiro crente, o verdadeiro discípulo de Jesus? Acautelai-vos, pois; tende os ouvidos atentos ao suave pisar dos que de vós se aproximam para vos segredar conselhos que, postos em pratica, desmintam a vossa fé e a vossa crença; tende os ouvidos atentos para escutar, a todo instante, a voz da vossa consciência, que é a voz do vosso Anjo da Guarda, apontando constantemente os vossos desvarios, condenando as vossas fraquezas, mas, ao mesmo tempo, dando-vos os meios de reabilitação moral, o ensinamento grandioso do dever para com o vosso Criador, fazendo, finalmente, que às trevas do vosso espírito, embora modorrado pelas vossas imperfeições, desça a luz benéfica das verdades que aqui estudais nas páginas dos Evangelhos, as únicas que vos podem abrir de par em par as portas da felicidade.

Bittencourt

Do Calvário ao Apocalipse (Sessão de 8 de Abril de 1902)

Paz. Vocês seguirão; eu fico no caminho. Isto disseste (dirige-se ao Espírito do médium) banhado em lágrimas. Vocês seguirão. Por quê? É que no teu espírito impera a vontade de um Deus, dizes, vontade que me falece. Vocês seguem, eu fico no caminho, porque, com certeza, fui banido da mesa do banquete de N. S. Jesus Cristo. Isto é o que provavelmente querias dizer.

Mas, meu filho, foste advertido a tempo e, em tempo, devias precaver-te contra as emboscadas. Os aborrecidos da luz, aqueles a quem não convém que a verdade seja revelada ao mundo, te espreitam no caminho e, lançando aqui uma pedra, mais adiante um espinho, pretendem, quando não obstar de todo a que a vontade do Senhor se cumpra, pelo menos retardar-lhe o cumprimento. Será, entretanto, possível que, depois de tantos sacrifícios, de tantas lutas, fiques no caminho? Não pode ser. Teu espírito tem que obedecer à lei; tens que caminhar, embora contra a tua própria vontade, porque o progresso é de lei e a lei é de justiça e de amor. Não podes ficar chumbado ao solo como um condenado, porque, apesar de todas as fraquezas, Jesus tem o seu olhar posto sobre ti e sobre todos os teus irmãos. Sei que a agonia é dolorosa, meu amigo; porém, ainda hoje, vimos, no nosso estudo, qual o néctar delicioso que deram ao Redentor; ainda hoje recordamos o que a maldade do homem pode conceber de mais acre e mais repulsivo para dar ao agonizante! Vinagre e Fel! E, cheios de ódio, de rancor contra o inocente, mandaram que Ele fizesse o derradeiro brinde ao mundo. Se isso aconteceu ao lenho verde, que será de nós, lenho seco, já pronto para o fogo?

Meu bom amigo, a crença, não é palavra, é sentimento. Quando tu e os teus companheiros não puderdes compreender o que é a verdadeira crença, não serão esses, que talvez me ouçam e procuram deter-vos os passos no caminho do dever, quem nos mande sentar e convide outros a seguir! Eu também sofri, quando foi da vontade do Senhor que concebesse a Divina Epopeia. Fez-se o cerco em volta do meu lar. Muitas vezes me concentrei no meu gabinete de trabalho e chorei, como choraste hoje. Tudo, diante dos meus olhos, era uma nuvem negra. Os que me assediavam impunham que eu afastasse de mim os meus amigos, aqueles em cujo seio podia encostar a minha fronte e segredar os meus

sofrimentos. Mandavam que os afastasse de mim e m'os mostravam com todos os defeitos, como se eu pudesse julgar alguém! Fechado nesse círculo de ferro, o teu amigo pedia a Elias que o não desamparasse, suplicava a N. S. Jesus Cristo que lhe fosse permitido tornar realidade aquilo que para ele era ainda apenas uma ideia.

Fez-se a Divina Epopeia; mas, não era tudo o que o teu amigo podia fazer e Deus, na sua infinita bondade e misericórdia, chamando-o à verdadeira vida, consentiu que ainda pusesse em atividade o seu espírito a favor da propaganda da Doutrina de N. S. Jesus Cristo, o nosso Bendito Pastor! Tomei-te por meu instrumento. Cresceram as lutas que me envolveram na Terra. Vencemos, não por merecimento, mas pela graça do nosso Criador, pelo carinho do nosso Divino Mestre, que ainda não podemos compreender em toda a sua grandeza. Vencemos a luta e vim e disse: Não está completa a nossa missão; temos que ir do *Calvário ao Apocalipse*. Foram bastantes estas palavras, para que de novo sobre ti, como sobre todos os que me hão de acompanhar, chovessem os ódios, as agressões ferozes de todas as horas, de todos os momentos.

Meu Frederico, meu amigo, quando despertares, lê o que acabo de dizer e ajuda-me pelo amor de Deus. Não te sentes no caminho, não. Quero cumprir a minha palavra. Sim, tu, Paulo, ajuda-me. O meu espírito é fraco, sê o meu Cireneu nesta cruzada, que enceto em nome do nosso querido Mestre. Ajuda-me.

Meu amigo, quando sentires abatido o teu espírito, fecha-te em teu quarto e, embora eu nada valha, hás de me ver aí a esmolar-te a caridade de um pouquinho mais de coragem.

Estamos ligados, tu comigo, eu com todos. Lê o que agora te disse, desperta, ora e vigia.

Bittencourt

Amai-vos uns aos outros (Sessão de 22 de Maio de 1932)

Diz o médium em estado de desprendimento sonambúlico:

— Que negros caminhos! Que atmosfera penetra o meu espírito! Dir-se-ia que atravesso camadas de chumbo pulverizado no espaço. Apavora-me. Uma força oculta, entretanto, me atrai. Tenho medo. Quem quer que sejas, deixa-me voltar, eu te suplico. Que monstros! É a corte do demônio. Mas, o demônio não existe.

— Existo eu, diz uma voz.

— Que queres? Já te não confessei a minha fraqueza? Deixa-me descer. Que riso infernal!

— Acalma-te... Precisamos conversar.

— Sinto-me mal aqui.

— Tem paciência. É o mesmo que me acontece, quando vou lá em baixo, entre vocês. Sinto-me mal. Há apenas uma diferença: é que, ficando lá cada um de vocês, tenho nojo, tenho asco. Aqui... que é o que te incomoda?

— O teu fluido, que me abafa; o teu olhar, que me queima; a tua voz, que me escalda; a tua presença, que me horroriza.

— Ouve: não tenhas medo que eu quebre o laço imundo que te prende à Terra. Poderia fazê-lo; mas, quero ver até onde vai a tua coragem.

— Já te confessei que não a tenho.

— Quando te sobreveio isso? Não há muito tempo, tu me desafiaste, até me insultaste... (O Espírito repele o nosso companheiro, ameaçando-o, bem como a todos nós, e jurando que dentro em pouco se abririam as portas do inferno, para despejar sobre nós as suas legiões, horrível tufão que tudo destruiria, não poupando nem velhos, nem mulheres, nem crianças). Vai, diz ele, desce, conta ao teu Paulo que aqui estiveste a meus pés, banhado em lágrimas... Desce e narra aos teus companheiros tudo o que eu te disse:

O médium, após alguns instantes, mais calmo, diz:

— Bittencourt, que foi isto?

Diz então o Espírito:

Prova de fogo. Não te entristeças, por teres tido medo; não te arrependas do perdão que pediste banhado em lágrimas. Ah! meu amigo,

são necessários esses embates, para que se abrande a tempestade que pouco a pouco se desencadeia sobre as vossas cabeças. Infelizmente, são precisas essas provas, para que a nossa fé se firme na rota que havemos traçado ao nosso próprio espírito.

Disseste, lá nessas regiões verdadeiramente infernais, que, houvesse o que houvesse, não abandonarias o teu posto. Isto não é tudo; resta, meu amigo, que cumpras a tua palavra. É de bronze a cruz que nos colocam sobre os ombros; mas, Jesus, agora, é o nosso Cireneu.

Ora e vigia; deixa que sobre ti e sobre teus irmãos desça a mão pesada e cruel dessas iniquidades. Impávido encara a tua provação, sorri às tuas amarguras, põe os olhos bem no alto, assim como os teus irmãos, e busca, nesse espaço infinito, a Alma da Caridade, o Espírito de todas as misericórdias: busca a Jesus. Deixa que, como lá te disseram, a milhões de léguas da Terra, se abram as portas do inferno. Jesus abrirá também as portas do Céu e teremos então a ventura de usar das nossas armas, juntamente com os defensores da Cruz, como levitas da vida, enfrentando os levitas da morte. Deixa que se abram as portas do inferno. O grito de alarma, por misericórdia de Deus, ecoou dentro do nosso templo. Alerta, meus companheiros! Ao tufão que vem varrer tudo o que encontrar na sua frente, antepoñamos a couraça de Paulo, a túnica de Ismael, para que nos resguardem de todos os infelizes. Eu já contava com isso. Não tens que temer, desde que sejas cuidadoso contigo mesmo.

Pedro, meu bom amigo, não te amedrontes com o mal que provocam no teu organismo. Richard, sorri às ameaças que te fazem. Meu velho amigo, perdoa e tem calma. Todos vocês vigiem e orem. Ao menor descuido, podem ser varridos pelo furacão. Bom amigo, em cujo coração encontramos o desejo do bem, o desejo de acertar, perdoa, vigia e ora.

Vocês não sucumbirão. Como que ainda ouço, a repercutir neste templo abençoado, a voz do Mestre, dizendo: *Amai-vos uns aos outros*. É que Ele sabe que no amor está a vossa força. Amai-vos, pois, e avante!

Bittencourt

As virgens loucas. Vigilância (Mateus XXV, 1-13.)

Paz. Horas benditas as que damos ao Espírito, para enriquecer-se desses primores celestes, que baixaram à Terra pelo *Verbo de Deus*. Horas amenas, em que o Espírito se sente bem e confortado e humildemente busca com carinho a grande luzerna que lhe há de aclarar a estrada nos domínios do mundo. Se assim é, se sentimos ser assim, jamais se abram os nossos lábios para pedir a Ismael que nos perdoe o exame a que no entregamos, por necessário à base das nossas convicções religiosas, dentro deste pequenino templo, onde ele preside com amor.

Quando a febre do saber porventura obrigue os vossos Espíritos a cogitarem daquilo que não pode estar ainda na vossa compreensão, cautelosos, os vossos Guias saberão encaminhar as questões, de sorte que tenhais a parte que vos possa caber na conquista da ciência divina. A leitura a que procedestes da Divina Epopeia de João, trabalho que tive a graça de coordenar na Terra, vos fez compreender o Verbo de Deus, na personalidade de N. S. Jesus Cristo, e esse ensinamento ainda vos foi renovado no livro — *Jesus perante a Cristandade*.

Estamos, portanto, de perfeito acordo neste ponto, seguros pelo estudo que fizemos, pelas revelações que nos foram dadas, asseverar que erra a Igreja, ensinando que N. S. Jesus Cristo é o próprio Deus.

Mas, meus amigos, não foi somente o convite ao estudo, que me fez deixar a minha mudez, para vos dirigir a palavra. Precisamos refletir muito sobre os fatos que se estão passando; precisamos de uma vigilância apurada sobre tudo o que nos cerca, porque algo vimos que, se se manifestar de surpresa e nos encontrar nas condições das virgens loucas, pode acarretar profundos desgostos aos nossos espíritos, pode entravar a marcha ao carro triunfante que arrastamos pela estrada do Nazareno, trazendo em seu bojo os solenes protestos do nosso arrependimento.

Ainda hoje, este que me serve se achou transido de pavor. Cruel tristeza se apoderara do seu espírito, provocando-lhe a inércia dos próprios sentidos. E ele interrogava a Deus, porque *colocara a dor na Terra*.

Vede, ouvi. É o médium de Ismael, é o estudante, há longos anos, do Evangelho, é o crente em N. S. J. Cristo, que protesta contra a dor —

dupla manifestação da sua misericórdia!

Meus companheiros, será esse, realmente, o pensar do indivíduo, ou é o pensar do médium? O indivíduo de há muito protestou firmar-se no caminho da Cruz, suportando todas as agruras da jornada! O médium, descuidado, esse sim, recebe e aninha em seu seio o torvo eco, que vem de longe, reboando como um grito de blasfêmia e explode na alma, produzindo as feridas que todos os dias se nos patenteiam.

Observai o que se passa com todos vós. Qual dos que aqui se reúnem tem estado a coberto dessas intuições infernais, que produzem desgostos, desenvolvendo ímpetos que já deviam estar domados pela força dos estudos que fazemos?

Solicitos, os vossos Guias se colocam ao vosso lado; mas, no vosso *eu*, impera o *livre arbítrio* e é para este que chamo a vossa atenção.

Sabei aplicá-lo. Uni os vossos corações uns aos outros; fundi os vossos Espíritos, para que formem um só e constituam trincheira capaz de resistir a todos os ataques da maldade, aos inimigos de Jesus, de quem somos simples e humildes servos. A raça dos escribas e fariseus ainda não foi destruída e eles muitos Calvários talvez ainda desejem levantar na Terra e fazer que muitas vezes mais o divino Espírito de N. S. Jesus Cristo escale a sombria encosta do Gólgota!

Infelizes! O Calvário não será mais de Jesus! O Calvário será vosso. Diante de vós ele se erguerá quando, chegados a termo final os vossos desvarios, pela ação da Lei do Eterno, baixardes à terra das provações, para sofrerdes essa dor, sobre cuja utilidade ainda há quem interrogue o Criador, para sentirdes esses estiletos que hoje muitos, impiedosamente, cravam em pleno peito dos seus irmãos!

Meus companheiros, repito, uni-vos. Aquele que mais amor possui, reparta-o com seus irmãos. Orai, orai incessantemente. Tempestades se vão desencadear, trazendo no seu bojo a destruição de todos os templos, onde, em espírito e verdade, se procure compreender e amar a Deus. Cimentai as colunas do vosso templo, para que ele não seja derrocado.

Cimentemos-lhe a base, para que resista a todos os embates e nos abrigue da destruição, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Orai e vigiai incessantemente.

Bittencourt

Tanque de Betsaida

(João V, v. 1-14)

É recebida psicograficamente a seguinte Comunicação inicial:

À chuva e ao sol, sai o pobre trabalhador em demanda do campo, donde deve tirar o grão maduro para o alimento dos seus; à chuva e ao sol, mesmo sob tormentas, ide, afanosos, em busca da verdade, filhos do meu Senhor, cantando estrada em fora os salmos da esperança, certos de que colhereis o grão maduro, escondido no seio do Pai, colheita, porém, que só com muito amor podereis fazer.

João

Com os ensinamentos que nos traz o Consolador prometido, os densos véus dos mistérios se vão rasgando, para irmos divisando a verdade e substituirmos a fé cega, outrora necessária, pela convicção matemática acerca dos princípios eternos, em que pese aos falsos profetas que ainda exploram a ignorância, o fanatismo e a indiferença dos seus fiéis!

Era preciso que, naqueles tempos, as curas que se operavam no *tanque das ovelhas*, bem como as que se efetuavam pela simples vontade do Imaculado Cordeiro de Deus, tivessem como explicação o sobrenatural, o milagre, enfim, o mistério, que só isso podia impressionar homens unicamente governáveis pelo medo, pelo terror.

As águas do tanque de Betsaida continham, impregnando-as, matérias termais e calcárias; a nascente donde derivavam era às vezes agitada por abalos vulcânicos e elas, aquecidas e saturadas daquelas substâncias, se tornavam apropriadas à cura de certas enfermidades, como acontece presentemente com as nossas águas chamadas virtuosas. As curas devidas simplesmente à vontade de N. S. Jesus Cristo, da mesma maneira, resultavam da ação de uma força natural e positiva, manejada por quem dispunha dos fluidos espalhados no espaço, como a eletricidade, cujos efeitos vamos conhecendo e aplicando sem que os atribuamos a um milagre, antes considerando-os naturais, porque decorrentes de leis emanadas do foco da onisciência e da onipotência!

Indo o Divino Mestre àquele tanque e vendo, num dos cinco alpendres, entre a multidão de enfermos, um homem deitado, paralítico havia 38 anos, dele se compadeceu e perguntou-lhe: *Queres ficar são?*

O enfermo respondeu: “Senhor, não tenho quem me meta no tanque.” Disse-lhe, então, Jesus: *Levanta-te, toma a tua cama e anda.* No mesmo instante ficou são o homem, tomou a sua cama e começou a andar. Encontrando-o depois no templo, o Mestre lhe deu um grande conselho, um ensinamento que deve merecer a atenção de todos nós, míseros pecadores, que gememos e choramos neste vale de lágrimas. Disse Jesus, ao homem a quem havia curado: *Olha que já estás são; não peques mais, para que te não suceda pior* (v. 14).

Mas, que tem o pecado com as dores e os sofrimentos? Por que a dor?

A resposta se contém no grande conselho e ensinamento do nosso divino Pastor: “não tornes a pecar, para que não venhas a sofrer mais ainda.”

A dor que a enfermidade produz é o aviso, o indicio que a mesma enfermidade nos dá, para que tratemos de procurar o remédio; a dor que tanto nos aflige é, pois, uma graça, uma misericórdia, que nos é concedida para evitarmos a morte e, pela sua ação purificadora, alcançarmos a vida eterna.

Tal, em resumo, o estudo feito no Grupo presidido pelo Bom Anjo Ismael, sobre a ocorrência do tanque de Betsaida, estudo que o mesmo Grupo concluiu suplicando lhe fosse dado ouvir a palavra de um dos Enviados do Céu.

Concentrados todos, o médium Frederico manifestou o seu contentamento por ver presente o companheiro Bittencourt, a quem felicitou, chamando-o de bom e carinhoso, e pediu um conforto para as enfermidades de sua alma. Em seguida, transmitiu esta Comunicação:

Espírito carinhoso e bom é Jesus. A Ele e só a Ele, que transmite todas as vontades do Eterno às suas criaturas, devemos as grandes misericórdias que vêm como um pálio de luz cobrir todas as nossas misérias. Nós todos e não tu somente, meu Frederico, somos míseros enfermos em busca do *tanque das ovelhas*; todos nós, pelos nossos crimes, fomos atontados por esse mal funesto que provoca a dor, como bem disseses, em duplo sentido; todos nós, sentindo o egoísmo, a indiferença do mundo, nos alojamos tristonhos num alpendre. E, quem sabe! talvez lá permanecêssemos eternamente, se o Médico das almas não viesse, bondoso, sem precisar do movimento das águas termais, restituir-nos a saúde com a sua palavra, que é a expressão da caridade e do amor.

Tanque das ovelhas! Seja-nos o Evangelho do Senhor esse tanque! Tanque das ovelhas, Tanque de Betsaida seja para as nossas almas esse adorado livro, onde buscamos a saúde do Espírito, o bálsamo suavizador de todas as nossas dores, o filtro divino para todas as nossas misérias, o sol para todas as nossas tristezas, a expansão glorificadora para todas as nossas angústias! Seja ele sempre o almo sonho de nos-

sas almas, onde viva e refulja nossa esperança em Jesus!

Caros companheiros, meus verdadeiros amigos, almas que deixei na Terra pensando em mim constantemente, peçamos ao Senhor que, antes do cair da noite, possamos levantar-nos do alpendre, amparados pela sua mão divina, para sermos curados do pecado, curados de toda a nossa miséria! Pouco temos que andar; o tempo que, para vós, na Terra, parece lento no seu perpassar, voa como o turbilhão da corrente. Do pouco que ele é façamos *muito* em amor, em caridade, em estudo! Levantemo-nos no espírito da fê — corpo e espírito — para fazermos como o instrumento de que ora me sirvo e que voou sobranceiro por sobre uma legião de corvos, a sorrir porque via a Jesus! Via-o na sua fê, na sua crença reavivada, no seu amor à doutrina do Mestre, em tudo o que preside às cogitações do seu ser! — É o que todos vós deveis fazer!

Dor, para que serves, senão para me provares! Quando de mim te aproximás, meu corpo desfalece, vergam-se-me os músculos da matéria putrescível; mas, o meu espírito, oh! dor! contrito se recolhe ao alpendre da sua consciência e, procurando ouvir o marulhar das águas, espera, no silêncio profundo da indiferença humana, sentir os passos sutis do Manso Cordeiro que vem perto, para, penalizado de minha fraqueza, dizer-me:

Levanta-te e anda!

Bittencourt

Sobre as “Elucidações Evangélicas”

No dia 5 de Novembro de 1896, Sayão reuniu os irmãos Frederico, Santos e Pedro, para ouvir o seu Guia sobre o livro que ele estava fazendo, antes de remeter as últimas paginas para a publicação.

Santos escreveu:

Ainda uma vez vos digo: Paz seja convosco. Abri os vossos corações às santas palavras do mensageiro do Senhor, que pressuroso vem ao vosso reclamo.

Bittencourt

Imediatamente sonambulizado, Frederico disse:

Paz. Bendito seja o Senhor, que nos concede a graça de, no seu Santíssimo Nome, reunirmo-nos em amor. Filho amado, ainda uma vez, correndo ao teu chamado, suplico ao Senhor poder instruir-te na tua santa missão, dar-te os conselhos que reclamas, para conclusão da tua obra, tão almejada por aqueles que amam a Jesus e avidamente procuram testemunhar-lhe amor, dedicação, aproveitamento no estudo da sua doutrina. Fala, pois, e que Jesus me inspire o que deva dizer, que te aproveite.

Sayão pede ao seu bom Guia que emita opinião sobre este trabalho, que vai entregar à publicidade, desejoso de que ele, o Guia, lhe dê, por chave de ouro que o encerre, as bênçãos que o santifiquem, santificando as intenções que nutre em sua alma.²⁰

O médium diz:

Filho, se as intenções não fossem as mais puras, certamente eu não viria ao teu chamado. Agradeço de toda a minha alma as distinções que me deferes, antes de dares à publicidade um belo livro de ensinamentos cristãos.

É uma sublime promessa de outro trabalho mais glorioso, de maior fecundidade em ensinamentos, que levará os homens à meditação séria, sobre o seu futuro, de que tanto se têm descuidado até hoje. Convém, no entanto, meu filho, que esse trabalho se apresente ao público como fruto do teu esforço, dos teus estudos.

O meu nome obscuro em nada poderá influir para o seu merecimento. O trabalho, quanto a mim, está completo. É esperado ansio-

²⁰ Tratava-se da 1ª edição do *Elucidações Evangélicas*

samente e, em si, tem o bastante para assegurar, aos que cuidam seriamente das coisas divinas, a existência de um núcleo de corações homogêneos, que procuram sinceramente orientar seus irmãos, apontando-lhes o meio de construírem o edifício da sua fé, não sobre a areia movediça, das paixões desencontradas, mas sobre a rocha inamovível da verdadeira crença, que dilata os seios da alma para o bem e para a luz.

Esse livro, como eu disse, é uma promessa. Concluindo-o, deves fechá-lo com a última comunicação que recebeste do teu guia na Terra, Bittencourt, e solenemente declarar à família espírita que, através de todas as dificuldades, de todas as lutas esperadas, te acharás empenhado, com teus irmãos de trabalhos, em resistir a todos os perigos e em saldar uma parte dos vossos compromissos, apresentando Jesus à Cristandade.

Tal deve ser, meu amigo, a chave de ouro do teu livro, e eu, o teu Guia, assim como o Bom Ismael, Guia de todos nós, elevaremos os pensamentos ao Senhor, para que essa chave de ouro abra as portas do futuro, a fim de que, em jorros, a claridade do céu venha banhar todas as almas que esquecem o mundo do pecado, por se lembrarem de Jesus, a quem devem a sementeira da verdade para remissão das culpas.

Filho, eu te saúdo. Do teu caminho de Espírito, uma grande pedra já foi removida. A peregrinação, de ora em diante, mais suave te será. Deixas na Terra um pouco da luz que recebeste do céu e os homens do futuro, bebendo ensinamentos nos teus esforços e produzindo também alguma coisa de útil aos seus irmãos da Terra, bendirão o teu nome.

Filho, eu te saúdo e a Jesus suplico que abençoe o crepúsculo da tua existência, para que possas, no pouco tempo que dessa existência te resta, produzir o necessário à higiene da tua alma, a que ressurgas homem novo, abraçado à cruz de N. S. Jesus Cristo, emblema da redenção de toda a Cristandade.

Tais os meus votos, tais as minhas súplicas, assim por ti, como pelos teus irmãos.

Frei José dos Mártires

Sagração de uma verdadeira filha de Maria

Seguindo o prognóstico de abalizados médicos, que diagnosticaram como dilatação da aorta a moléstia de que sofria, Balduina Sayão, já havia seis anos, ela teria de vida apenas alguns meses. À vista disso, Sayão, seu esposo, procurou, como último recurso que lhe restava, os conselhos do médium receitista Bittencourt Sampaio, no dia 12 de Setembro de 1878.

Iniciado o tratamento pelo sistema homeopático, a enferma logo obteve melhoras consideráveis e, daquele dia em diante, Sayão, tendo sempre ao lado Bittencourt, observou fatos tão extraordinários, que o seu sorriso, a princípio de mofa e descrença, se tornou em contemplação mística, de que só é capaz um Espírito cheio de fê, num templo de caridade, presidido por um Ente Divino!

Acalmados por algum tempo, os padecimentos de Balduina recrudesceram, fazendo-a, alguns anos, muito sofrer. Continuava a ser medicada por Bittencourt, o apóstolo da caridade, que se consagrava com toda a abnegação a aliviar os sofrimentos da humanidade.

A vida dessa irmã, por 20 anos mais ou menos, foi cheia de dores e aflições, em que o seu Espírito oferecia admirável e constante exemplo de submissão, de paciência, de resignação e humildade!

Nas ocasiões em que maiores se lhe tornavam as angústias, ela, com abafados gemidos, suplicava ao Senhor, dizendo: Meu Deus, não posso mais... Seus íntimos, como todos os que a conheciam, a olhavam com uma espécie de adoração; seus fâmulos apelidaram-na a Mãe da paciência.

No dia 27 de Outubro de 1902, na mesma casa, nº 137 da rua Itapirã, onde nascera Pedro e falecera Claudina, mãe de Sayão, desencarnou Balduina, nos braços de seu filho Pedro, a quem idolatrava.

Momentos depois, presente, o médium Filgueiras referiu, sonambulizado e presa de grande emoção, o seguinte:

“Meu Deus, vejo o Espírito de Balduina cercado de luz deslumbrante! Acham-se com ele Espíritos adiantados. Ela diz: Pedro; meu filho, sou muito feliz! Bittencourt, cheio de alegria, junto dela diz: Agora, que já a ouviram, deixem que eu tenha a felicidade de acompanhá-la até aos Pés da Santa Virgem Imaculada!”

Três dias depois, reunido o Grupo Ismael, para continuação do estudo dos Evangelhos, presentes: Sayão, que o preside, e seu filho Pedro, que toma as comunicações dos médiuns, aquele esposo e este filho de Balduina, concluído o estudo, o médium Frederico, sonambulizado, disse:

Deslumbra o meu Espírito o que estou vendo lá em baixo! Agrupados ao redor da mesa do estudo, vejo o nosso Guia, Ismael, tendo à sua destra Paulo. Os nossos Guias, banhados de fluido luminoso, me apontam, sorridentes, um grupo onde estão Bittencourt, Santinha, Balduina, Joanna e Celestino. — Como formando grupo à parte, vejo outros Espíritos também satisfeitos, cheios de luz. Vejo Isabel Sampaio, Silva, Gama, Bernardino, Frutuoso e, por detrás deles — Moisés.

Onde me levas? Ah! Atravessando o espaço, vejo a nossa meiga *Celina*, acompanhada de uma senhora, de um Frade. São Frei José dos Mártires e Claudina.

“Descansemos, diz a meiga Celina, quero que assistas e descrevas aos teus irmãos *a sagração de uma verdadeira filha de Maria*.

“Penosa foi a sua tarefa na Terra; mas, graças ao Senhor, soube cumpri-la e, daí, o prêmio que recebe.”

Continuando, exclama o médium:

Meu Deus! Ela se aproxima do grupo onde está Balduina chorando e a abençoa em nome da Virgem. Diz-lhe Celina:

“Santas lágrimas, benditas lágrimas! Vê, minha filha, como Deus é bom! Julgavas superior às tuas forças a tarefa e foi tão fácil! Baixaste ao mundo para fazer do teu companheiro um cristão. O tumultuar do mundo muitas vezes vinha perturbar a serenidade dos Espíritos e o teu, quando se desprendia, chorava, julgando não poder dar conta da sua tarefa. Ofereceste com prazer ao sofrimento a carne que vestia o teu Espírito, para assim chamá-lo ao redil do Senhor, à crença que hoje o absorve, abençoado por N. S. Jesus Cristo.

“Conseguiste voar para o Além nas asas do teu Guia, sem as perturbações da morte, compreendendo que havias cumprido a tua missão. Teu prêmio é viveres conosco; teu prêmio é a bênção que te trago; teu prêmio é dizer-te eu: Serva bendita do meu Senhor, sê para sempre feliz e abençoada, nestas paragens onde não mais a dor virá ferir o teu Espírito, onde poderás crescer mais ainda na tua humildade, na tua crença, no teu amor ao nosso Divino Pastor.

“Vê tu, todos te querem, todos quase que te adoram. Enxuga as tuas lágrimas. Dá-me a tua mãozinha.”

— Eu nada fiz lá: por mim tudo fizeram. Meu Deus! Pedro! Sayão!

Continuando, profere o médium estas palavras do seu próprio Espírito:

Não chores mais. Como te invejo! Através da tua matéria tão sofredora, já eu percebia a elevação do teu Espírito! Sempre humil-

de, sempre boa, num meio onde as grandezas podiam seduzir-te, pois recursos tinhas para isso, preferiste sempre a humildade! Só te sentias bem entre os humildes! E, sem que ninguém o pudesse descobrir, nem o teu próprio esposo, nem o teu filho, quanta caridade fizeste! Meu Deus, o meu Espírito se conturba diante de tudo o que vejo! Sim, ela transformou seus escravos em irmãos seus, porque dizia e com verdade — escrava sou eu da sorte, que me colocou para ter escravos. Meu Deus, suplico-te, dá que em breve também eu possa desferir desta Terra imunda o voo e ter a ventura de gozar de tudo o que vejo. Logo que termine a minha tarefa com Bittencourt, chama-me Senhor. Alivia-me deste pesado fardo, que arrasto.

— Não ores assim, diz Frei José dos Mártires. Há súplicas que ofendem a Deus. Sejam quais forem as tuas aflições, pede unicamente ao Senhor que te dê forças para suportá-las. Jesus, para dar o exemplo aos homens, disse: Pai, se for da tua vontade, afasta-me dos lábios o cálice de amarguras. Assim devem orar todos os seus discípulos, mas desejosos de que prevaleça sempre, meu filho, a vontade de Deus. Assim é que se ora.

— Bittencourt, meu bom amigo, como estás satisfeito. Que glória para o teu Espírito, que foi o instrumento da realização do que estou vendo! Ainda não é tudo, diz-me ele. Ajudem-me e ainda maior e mais resplendente vocês verão a glória de Deus.

Desce aos teus; dize a Sayão, pai e filho, que eu os felicito. Assim. Sim.

Comemoração da Sagrada Paixão de N. S. J. Cristo

(Sessão de 28 de Março de 1902)

Lidos os capítulos XVIII, XIX, XX, XXI do Evangelho de João, concentrados todos, o médium Frederico, em estado sonambúlico, fala:

Vejo presentes todos os nossos Guias; vejo também juntos a nós Bittencourt, Bezerra, Siqueira Dias, Dias da Cruz, Isabel Sampaio, Silva, Borges, Gama, Tereza, Moisés, Santinha, Claudina e muitos Espíritos de parentes e amigos nossos.

Depois de uma pausa prolongada, o referido médium levanta-se e transmite a Comunicação que se segue:

Paz. E depois de ter maravilhado o povo com o seu verbo inspirado e divino, depois de ter abrandado muitas dores e muitos infortúnios, Jesus se entrega, como o último dos homens, às mãos dos seus perseguidores, para sofrer a morte mais afrontosa que a criatura tem observado na Terra! Em vão clamavam os pobres a quem Ele muitas vezes socorrera em seus tugúrios, matando-lhes a fome, com os prodígios de que só Ele era capaz, pela grandeza do seu Espírito. Em vão clamavam as criancinhas — rebanho grácil que Ele, amoroso, apertava ao peito, ensinando a seus discípulos, como a todos os povos vindouros, que elas representam, perante Deus, Seu Pai, aquilo que mais lhe agrada, aquilo que mais o comove na sua justiça — a inocência. Em vão clamavam as mulheres de Jerusalém, como que adivinhando os dias sombrios de horrores que iam surgir para a cidade do grande profeta.

Era chegado o momento. Jesus precisava desaparecer da Terra, deixando nesta o seu testamento, fazendo de todos os homens seus herdeiros, herdeiros do seu amor, herdeiros da sua caridade, herdeiros do seu carinho, herdeiros de todos os sentimentos que só Ele podia revelar no mundo.

Era chegado o momento. O homem, no desvario de suas paixões, reclamava o sangue do justo, temendo que esse Justo lhe usurpasse os poderes terrenos! O homem, amedrontado diante do Cordeiro, temia que se lhe escapasse das mãos o domínio das gentes e em altos brados pedia o sacrificio. E o Justo curva a cabeça, de Senhor se torna escravo, de Rei se faz o último dos súditos e recebe gostosamente a túnica que a todas as gerações futuras havia de apresentá-lo como um condenado!

Era chegado o momento, vós o sabeis, meus filhinhos. Jesus podia, perfeitamente, no instante em que a turba sequiosa de sangue o perseguia, confundi-la. Jesus, Deus na Terra, podemos assim dizer, porque Ele representava a vontade, o amor do Pai, tinha em suas santíssimas mãos todos os poderes para abater os seus feros inimigos. Entretanto, Jesus, para dar aos homens, para dar à humanidade a epopeia da dor, se submete a todas as afrontas, à brutalidade cruel de seus algozes, porque, em seu amor, julgava necessário deixar ao homem o exemplo do martírio! Ele precisava deixar a lei do sofrimento, contingência a que todas as almas que baixam a este mundo estão sujeitas, pelo erro, pelo crime, pelo pecado de outras existências.

Disse então, segundo o Evangelho de João (cap. XV, v. 22): Agora já não há fundamento para a vossa ignorância acerca do pecado; até aqui imperavam sobre os vossos espíritos a lei da força, as leis mosaicas, apropriadas à dureza das vossas almas. Apenas como uma lenda chegavam aos vossos ouvidos as promessas da vinda do Messias. Agora, os vossos crimes, os vossos pecados caem sob a sanção da lei, porque estive convosco; agora, as vossas paixões se acham sob o domínio da minha doutrina; agora, para o abrandamento do vosso ódio, há o remanso do meu amor; agora, aos vossos sentimentos de vingança se contrapõem os meus sentimentos de piedade; agora, para abafar os vossos desesperos no sofrimento, tendes a coroa do meu martírio.

Homem, acompanha-me ao Calvário, assiste à tragédia do Gólgota. Vê de um lado os algozes, que até nas agonias da Cruz me insultam, me esbofeteiam. Olha, porém, para o outro lado, vê uma Mãe aflita — a Virgem Puríssima. Apercebe-te, se podes, das suas dores e confronta-as com as tuas. Velando o rosto sem uma queixa, sem uma palavra de recriminação, Ela, como que quer, ainda nesse momento de suprema dor, agasalhar no seu regaço divino os algozes de seu amado Filho!

Mater dolorosa! Quem poderá compreender, filhinhos, as dores de Maria, na noite do Calvário? Um oceano de angústias lhe invadia a alma e o seu semblante era sereno como as madrugadas! Ferviam-lhe no peito as dores mais pungentes e o seu olhar era piedoso e, a fitar a multidão, como que em cada um dos raios desse olhar, pedia por todas aquelas criaturas, como o seu próprio Filho pedia pelos seus algozes.

Filhinhos, são boas e necessárias estas comemorações. No estreito passo que atravessais neste mundo, nessas aflições perenes que, por assim dizer, montam guarda às vossas vidas, nesse peregrinar angustioso a que vos trouxeram as vossas próprias paixões, as vossas faltas, os vossos crimes, lembrai-vos do dia de hoje, lembrai-vos de N. S. Jesus Cristo, o Bendito Pastor que a sanha dos homens roubou da face da Terra, mas que vive e acaricia as vossas almas, como sol dos sóis, aclarando o caminho do seu rebanho para o aprisco divino.

Na hora dos vossos desfalecimentos, lembrai-vos do Manso Cor-

deiro; tomai do seu testamento, fruto saboroso do seu eterno amor e, com a consciência pesarosa, que Ele não tinha, segui resignadamente o vosso caminho. Subi ao vosso Calvário, que lá encontrareis o conforto para todas as vossas dores — a Mater dolorosa, aconchegando ao seu manto divinal as almas aflitas, os corações compungidos pelo pecado! Oh! Mãe amantíssima, Virgem piedosa! Deixa, Senhora, que te dirija a minha súplica no dia de hoje, em que a humanidade comemora a Sagrada Paixão de N. S. Jesus Cristo! Mãe Santíssima, aqui estão os teus filhos humildes, chamados ao trabalho da Vinha de teu Amantíssimo Filho! Dá que *Ismael*, o último dos discípulos do teu Filho amado, possa conduzi-los sempre sorridentes, por essa estrada de flores e de espinhos! Que eu possa, sempre unido a eles por um mesmo amor, por um mesmo afeto, comemorar a Paixão de Jesus e as suas sacratíssimas dores.

Ismael

* * * * *

APÊNDICE

MAIS TRÊS MENSAGENS

Quando da primeira edição de “Elucidações Evangélicas”, de Antônio Luiz Sayão, três das mensagens da edição de 1896 dos “Trabalhos Espíritas” não foram nela inseridas, por razões que desconhecemos. Reunimos a seguir estas mensagens que ficaram pendentes, para termos neste volume a coleção completa das mesmas.

Paz, Amor e Caridade (João, Cap. VII)

Obreiros do meu Senhor!

A alma verdadeiramente cristã enche-se de festas no dia de hoje, e comemora a glorificação do libertador dos homens entoando hinos de graças ao Altíssimo, por ele haver deixado sobre a Terra as faixas do laço do seu amor, presas a todo o gênero humano - essa verdadeira escada de Jacó por onde as almas se purificando vão subindo a se encontrar com ele na sua excelsa glória!

Sim! Há festa nos corações cristãos; e é justamente a esse tabernáculo que Jesus vem constantemente trazer as oferendas do seu amor, de sua justiça, de sua misericórdia!

Felizes, mil vezes felizes aqueles que enchem esse templo com os perfumes sagrados das santas virtudes! E assim o recebem, dando pleno testemunho do seu aproveitamento aos seus ensinamentos contidos no Evangelho, arca salvadora de todas as criaturas em meio ao dilúvio das paixões e dos ódios!

Meus filhos! Vós que recebestes do Amado Mestre a influência do Espírito Santo, também vós a quem foi confiada uma grande parte da sagrada Terra para florescência do Evangelho, dia por dia ganhais novas forças no estudo da sua Doutrina e, chaçando a terra com toda a virilidade do vosso espírito, suplicai e - sereis ouvidos - os orvalhos da misericórdia divina para o vosso eirado.

Se nele existem urzes e cardos, arrancai-os pelas raízes, e queimai-os ao fogo da vossa fé, - urzes e cardos que figuradamente vos falo, querendo tratar das vossas imperfeições, único e verdadeiro embaraço para o derramamento da semente, o crescimento da planta e colheita dos frutos. Se a fé é um baluarte tão poderoso que pode transportar montanhas, premuni-vos dela, e operai esse trabalho reparador para as vossas almas, e ao mesmo tempo proveitoso a todo o gênero humano.

Discípulos de Jesus - não podeis deixar de segui-lo, desde a sua humilde palhoça de Belém até a grande altura do seu Calvário! Discípulos de Jesus, - se hoje tendes o direito de participar de toda a sua glorificação, por isso que recebestes a influência do Espírito Santo -, não podeis deixar de participar de todos os seus martírios, sentir as suas dolorosas agonias, para o levantamento moral do espírito do homem.

Mestre e discípulos devem estar unidos.
Uni-vos a Jesus pelas boas ações.

João Evangelista

Diz um irmão: Como tendo nós evocado o nosso Guia Ismael, em vez dele se comunica o Evangelista?

Resposta: Ismael pediu ao bom Evangelista para dar-nos a comunicação de hoje. Diz Ismael - que também está presente: “- Que melhores harmonias podem ser vibradas nos corações de seus caros companheiros, sendo produzidas pela voz amiga do Discípulo amado, ao recordar-se da Ascensão do Senhor?”

Ismael, como todos os nossos guias, desde o princípio está presente, bem como uma multidão de espíritos sofredores assistindo aos nossos trabalhos. Vejo mais três meninas muito risonhas, vestidas de branco com uma faixa a tiracolo em que leio esta frase latina - Glória in excelsis Deo - Fé, Esperança e Caridade. Com efeito! Há festa, pois a luz me deslumbra, e como que o meu Espírito, desprendendo-se, ouve cânticos celestes! Quero subir mais, porém não posso! como que a luz me fere! São cítaras ou harpas que escuto! vozes que entoam hinos sacros! ... (o médium arfa muito). Ah! Uma nuvem vem descendo: abre-se e a estrela sempre amiga maior luz ainda derrama sobre nós! ... Ah! Ah! é o Espírito da Verdade! ... Ah! ... mas eu quero vê-lo! (riso de contentamento)

Médium: Frederico

Comunicação de Fagundes Varela¹

Felizes aqueles que sabem seguir os passos da esposa de Jesus. Felizes porque chegarão com ela ao lar das suas núpcias e gozarão também do banquete da vida.

Segui sim, oh! meus amigos, a caridade, porque encontrareis Jesus, isto é, encontrareis sempre a suma felicidade e não mais provareis a morte. Ela foi a sua eterna companheira. Aqui era a piedosa mulher, enxugando nos sedosos e bastos cabelos a fronte suarenta e ensanguentada do Filho de Maria. Ali era o filho de Sirene dividindo sobre os seus ombros o peso enorme do lenho legendário.

Foi ainda a sua mão que levantou a pedra de uma cova impoluta para guardar os mistérios de um Deus, se por ventura Deus quer dizer amor.

Segui, pois, esta desvelada companheira do Divino Mestre e, abrindo os seios da alma aos seus eflúvios, tereis vos acrisolado no amor, tereis vos unguído na piedade cristã, esses sentimentos únicos que abrem as portas do reinado do Pai, únicos sentimentos que nos podem aproximar do Redentor dos homens.

Oh! se na minha existência última, servindo-me do Evangelho unicamente para dar tratos à fantasia, para maravilhar as turbas, que sequiosas me pediam versos; se o Evangelho nas minhas mãos tivesse a mesma utilidade que tem nas vossas, oh!, certamente não teria chorado lágrimas de sangue, quando deixando tombar o barro, pude penetrar nesta outra vida que vos espera.

Meus amigos, sois muito felizes; eu faço votos ao Altíssimo, ao Ser dos Seres, que nas vossas mãos esse divino tesouro, na frase do vosso e meu bom guia, tenha todo o valor, todo o apreço que lhe deve dar o verdadeiro cristão. Que ele seja o vosso bordão no peregrinar terreno; que ele seja o vosso conforto nas horas da agonia; que ele seja toda a poderosa força da fé nas horas dos vossos desfalecimentos.

1 Luís Nicolau Fagundes Varela (Rio Claro, 17 de agosto de 1841 — Niterói, 18 de fevereiro de 1875) foi um poeta brasileiro, patrono na Academia Brasileira de Letras. Desencarnado, participa como co-autor do “Parnaso de Além-Túmulo”, primeira obra mediúnica recebida por Francisco Cândido Xavier, onde é apresentado nos seguintes termos: “Este é o sempre laureado cantor do Evangelho nas Selvas, a voz sonora e doce do Cântico do Calvário. Fluminense, desencarnou com 34 anos, em 1875 – depois de uma existência tormentosa”.

Bom Jesus, querido e amado Mestre! Eu vos agradeço de toda a minha alma a permissão que me destes de vir trabalhar com estes tão bons amigos. Que eu seja aqui, Senhor, inspirado pelos meus maiores, não para encantar com as minhas palavras os seus ouvidos, mas para tocar os seus corações, e em vosso nome falar de sentimentos que nobilitam e elevam as criaturas.

Perdoai-me, meus bons amigos, se roubei o vosso precioso tempo, mas Varela, o infeliz do passado, o esperançoso do presente, também precisa trabalhar, beber na mesma fonte que bebeis, saciar toda a sua sede de amor, de fé e de caridade.

Comunicação de Benjamin Constant²

O médium Frederico, sonambulizado, diz:

Preside ao nosso humilde trabalho o bom Ismael. Um homem decentemente trajado traz uma bandeira brasileira, procedido de duas alas muito compridas de meninas, vestidas de branco com fitas encarnadas, trazendo a da frente a fita a tiracolo. Acham-se Paulo, Dias da Cruz, Allan Kardec, Romualdo, Zacarias. O homem que impunha o estandarte brasileiro é Benjamin Constant, que vem nos falar; aproxima-se. O médium levanta-se e diz:

“Perdoai-me se abusando da bondade do vosso presidente, venho interromper o vosso proveitoso trabalho. A necessidade, porém, que eu tenho neste momento é imperiosa, pois bem sei que mais tarde os meus concidadãos terão ocasião de conhecer o estado do meu espírito além desta vida material pela publicidade dos vossos trabalhos.

Deus, infinitamente misericordioso, como em outros tempos, deixava que o seu Amantíssimo Filho distribuisse o pão do seu amor pelos eleitos, pelos convertidos, pelos gentios; Deus permite que o último dos seus servos receba após a sua peregrinação na Terra, o amor, a orientação para futuras vidas e então desassombrado de doutrinas falsas e errôneas.

Meus amigos, como cada um de vós, eu tenho também a minha missão. Enganam-se, iludem-se aqueles que apreciando pela rama os últimos acontecimentos da nossa Pátria, em tudo vêm a precipitação,

2 Benjamin Constant Botelho de Magalhães (Niterói, 18 de outubro de 1833 — Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1891) foi um militar, engenheiro, professor e estadista brasileiro. Adepto do positivismo, foi um dos principais articuladores do levante republicano de 1889. Em sua obra “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, psicografada por Francisco Cândido Xavier, Humberto de Campos refere-se a ele como um dos “espíritos eminentes” que lideraram o movimento:

“Todas as grandes cidades do país, com o Rio de Janeiro na vanguarda, se entregam à propaganda aberta das ideias republicanas. Os espíritos mais eminentes do país preparam o grande acontecimento. Entre os seus organizadores, preponderam os elementos positivistas, para que as novas instituições não pecassem pelos excessos da paixão sanguinolenta dos sectarismos religiosos e, a 15 de Novembro de 1889, com a bandeira do novo regime nas mãos de Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva, Lopes Trovão, Serzedelo Corrêa, Rui Barbosa e toda uma plêiade de inteligências cultas e vigorosas, o Marechal Deodoro da Fonseca proclama, inopinadamente, no Rio de Janeiro, a República dos Estados Unidos do Brasil”. (“Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, Cap. “A República”)

a falta de senso e a ingratidão. Pois seria possível, cabe na razão dos homens esclarecidos, a possibilidade de transformar-se a vida de um povo, unicamente pela vontade do homem?

Pois seremos tão deserddados da sorte que fazendo uma exceção à lei geral, Deus na sua infinita misericórdia deixasse de presidir aos nossos destinos?

Não; não pode absolutamente se transformar o sistema de regência de um povo sem a sanção da vontade divina.

Lamento sim não ter sabido soffrear o orgulho do meu Espírito para pautar todos os meus atos, políticos ou não, pelo único código que hoje reconheço que existe - o Evangelho do Divino e Amado Mestre.

Deixei-me cegar pela ciência; dei todas as expansões possíveis ao meu cérebro, ao ponto do seu transbordamento, e fechei o meu coração às verdades do Cristianismo, que deviam ter sido o meu guia e o meu norte na penosa jornada que acabo de encetar.

Meus amigos, no entretanto vêde até onde chega o grande amor de Deus para com as suas criaturas. Uma vez desprendido das misérias deste mundo, quando o fogo da geena devia calcinar o meu Espírito para extinção de todo o meu orgulho, que foi a minha perdição, quando os meus olhos espirituais deviam verter lágrimas de sangue, eu vejo-me cercado da inocência, eu recebo aplausos das criancinhas, unicamente porque, mesmo sem Deus, eu procurei minorar os sofrimentos dos cegos!

Obrigado, meu Deus, obrigado!

Meus amigos, faço votos para que todos aqueles que compreendem o amor da humanidade tenham como estímulo, como incitamento ao desenvolvimento desse sentimento, a Doutrina do Divino e Amado Jesus, e possam compreender que a ciência não se rebaixa quando encara no infinito a Imagem do Divino Mestre, pelo contrário, ela mais se eleva, mais pura e mais verdadeira se torna, porque a única ciência é Deus.

Trago-vos este estandarte ainda, porque ele é o símbolo da minha pátria estremecida, porque, vêde bem, a minha missão ainda não está de todo cumprida, e eu tenho de voltar.

Pedi ao Senhor, rogai por mim no momento sincero de vossa concentração, do desprendimento do vosso Espírito para os páramos da luz e da verdade, para que nessa outra existência, que vou encetar, eu possa completar a minha missão abraçado ao Evangelho.”

Benjamin Constant

**MENSAGEM
SOBRE CELINA
RECEBIDA POR
CHICO XAVIER**

Celina

“Quando elevamos ao céu nosso olhar suplicante, há para todos nós, os que se afligem na provação, uma carinhosa e compassiva Mãe que nos ampara e consola...

Compadece-se de nossa dor, contempla-nos com misericórdia e manda-nos então o anjo da sua bondade, para balsamizar nossos padecimentos... É Celina, a suave mensageira da Virgem, a Mãe de todas as mães, o gênio tutelar da humanidade sofredora...

Quando o pranto aflora nos olhos das que são filhas e irmãs, das que são esposas e mães na Terra, no coração das quais, muitas vezes, se concentra a amargura, vem Celina e toma-as nos seus braços de névoa resplandecente e, através dos ouvidos da consciência, lhes diz com brandura:

“Veio a dor bater à vossa porta? Coragem... Não desanimeis nas ásperas lutas que objetivam vosso aprimoramento moral. Pensai n’Aquela que teve sua alma recortada de martírios, lacerada de sofrimentos, atormentada de angústias.

Ela se desvela do céu por todas aquelas almas que escolheram sua pegadas de Mãe amorosa e compassiva.

Foi ela que, escutando a oração de vossa fé, me enviou para que eu vos desse as flores de seu amor sacrossanto, portadoras da paz, da humildade e, sobretudo, da paciência: porque o acaso não existe e tudo na vida obedece a uma lei inteligente de causalidade que foge aos vossos olhos, que se sentem impossibilitados de ver toda a verdade: Tomai minhas mãos! Cumpri austeramente, fechai vossos olhos àquilo que pode obstar vossos passos para a luz e caminhai comigo. Os anos são minúsculas frações de tempo e, um dia, sem vos deterdes com o cansaço, chegareis ao pé d’Aquela que é vossa Mãe desvelada de todos os instantes!...”

E todas aquelas que ouvem, sentem-se sustentadas por braços tutelares, na noite escura das dores, e vertendo lágrimas amargosas, preparam-se e se iluminam na pedregosa senda da virtude para respirar os ares felizes do encantado país onde desabrocham os lírios maravilhosos da esperança!”

**PRIMEIRA VISITA DE
CHICO XAVIER AO
GRUPO ISMAEL**

Primeira Visita de Chico Xavier ao Grupo Ismael

Foi a 7 de junho de 1936 que o médium Francisco Cândido Xavier veio, pela primeira vez, ao Rio de Janeiro, a serviço da Repartição de Pedro Leopoldo, onde trabalhava.

Aqui chegando, foi recebido por Manuel Quintão, que o levou a ver as belezas naturais da terra carioca, o mar principalmente, que o médium sempre sonhara em ver, frente a frente.

Solucionados os problemas da Repartição, e após outros passeios pela cidade maravilhosa e visitas a pessoas de suas relações, Chico Xavier compareceu, na quarta-feira, ao Grupo Ismael, célula-máter da FEB.

Antes, porém, o Diário da Noite descobre que o médium se achava hospedado na casa do Quintão. O repórter do conhecido jornal carioca invade o “esconderijo” e obtém, após séria resistência, uma reportagem com o médium, boa no todo, apesar de algumas omissões e cincas do repórter. Fez o mesmo, a seguir, o jornal Pátria.

À noite, no Grupo Ismael, Chico Xavier psicografou sucessivamente sonetos de Cruz e Souza, Auta de Souza e Hermes Fontes, bem como excelente página doutrinária, em prosa, do Espírito Bittencourt Sampaio.

Na quinta-feira, em casa de Quintão, onde Chico Xavier já havia recebido espontaneamente a significativa crônica – “A Casa de Ismael”, do Espírito Humberto de Campos, escrito que na ocasião foi estampado nos jornais acima citados e que se acha publicado no livro Crônicas de Além-Túmulo –, realizou-se uma sessão íntima, na qual, por intermédio do jovem de Pedro Leopoldo, uma filha de Quintão, desencarnada, se identificou nos mais mínimos detalhes, só conhecidos dos membros da família, trazendo a todos a inabalável certeza de sua presença.

Sexta-feira, Chico Xavier passou o dia a passear e a visitar alguns confrades, e, à noite, participou da reunião pública da Federação Espírita Brasileira, em sua sede à Avenida Passos.

Perante um milhar de assistentes, o médium recebeu o soneto “Templo da paz”, do Espírito João de Deus, e, logo a seguir, a magistral mensagem de Emmanuel intitulada – “Pela Revivescência do Cristianismo”, incluída, posteriormente, no livro – Emmanuel.

No dia imediato, Chico Xavier se despedia, na antiga gare Pedro II, dos diretores da Federação, levando os abraços e os votos de felicidades da família espírita carioca.

Em complemento a essa sùmula recordativa da primeira visita de

Francisco Cândido Xavier ao Rio de Janeiro, inserimos, em seguida, a mensagem de Bittencourt Sampaio, a que acima nos referimos [...]:

Meus amigos.

Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade. Meu coração se afoga subitamente no pranto, lembrando-me de que todos nos poderíamos encontrar no divino banquete. O mundo, porém, atraiu grande parte dos nossos companheiros com as seduções de seus efêmeros prazeres. Entretanto, os baluartes do templo de Ismael permanecem inabaláveis, edificadas na rocha das grandes e consoladoras verdades do Evangelho de Jesus.

Minha voz, amigos, é hoje mais familiar e mais íntima. Substituindo, no momento, aquele cuja tarefa vem sendo penosamente cumprida, está o nosso irmão Xavier, para vos transmitir a minha palavra de companheiro e de amigo. Não me dirijo a vós senão para vos falar ao coração, muitas vezes despedaçado, ao longo do caminho, pelas perfídias atrozadas de todos aqueles que concentram suas energias no ataque ao instituto do Bem, à palavra do Evangelho e ao estatuto da Verdade.

Mas, filhos, se o espaço que vos é vizinho está cheio de organizações poderosas do mal, objetivando a destruição da obra comum, há uma esfera divina, de onde partem os alvitres valiosos, a inspiração providencial, para quantos aqui mourejam com o propósito de bem servirem à causa da luz e da verdade.

Não necessito alongar-me em considerações sobre a grande e sublime tarefa do Brasil, como orientador, no seio dos povos, da revivescência do Cristianismo, restabelecendo-lhe as verdades fecundas, nem preciso encarecer a magnitude da obra do Evangelho, problemas esses de elevado interesse espiritual para as vossas coletividades e cuja solução já procurei indicar, trazendo-vos, espontaneamente, a minha palavra humilde de miserável servo de Jesus.

Agora, amigos, cabe-me solicitar a vossa atenção para a continuidade do nosso programa, traçado há mais de cinquenta anos.

A Federação não pode prescindir da célula primordial do seu organismo, representada pelo Santuário de Ismael, onde cada um afina a sua mente para a tarefa do sacrifício e da abnegação, em prol da causa da Verdade, nem pode desviar-se do seu roteiro, delineado dentro do Evangelho, com o objetivo da formação da mentalidade essencialmente cristã.

Todas as questões científicas, no seio da doutrina, repetimo-lo, têm caráter secundário, servindo apenas de acessórios na expansão das realidades espiritualistas.

Na atualidade, mais do que tudo, necessita-se da formação dos espíritas, da disciplina cristã, da compreensão dos deveres individuais, ante as excelências da doutrina, a fim de que se possam atacar os grandes cometimentos.

Firmai-vos na orientação que vindes observando, sem embargo das ideologias ocas que vos espreitam no caminho das experiências penosas. Somente dentro das características morais e religiosas pode o Espiritismo cooperar na evolução da Humanidade.

As criaturas humanas se envenenaram com o excesso de investigações e de empreendimentos científicos, para os quais não prepararam seus corações e seus espíritos. Derivativo lógico dessa ânsia mal dirigida de conhecer a verdade é o estado atual de confusão, em que se debatem todos os setores das atividades terrenas, no campo social e político. Não que condenemos a curiosidade, porquanto ela representa os pródromos de todos os conhecimentos; mas, é que acima de tudo se faz necessário o método e a legitimidade da compreensão individual e coletiva.

Preparai-vos, portanto, preparando simultaneamente os vossos irmãos em Humanidade, dentro do ensinamento cristão, e amanhã compreenderéis, se não puderdes entender ainda hoje, a sublimidade da nossa tarefa comum e a grandeza dos seus objetivos.

Que Maria derrame sobre os vossos Espíritos a sua bênção e que o divino Mestre agasalhe sob o manto acolhedor da sua misericórdia todas as esperanças e anseios de vossos corações.

F. L. Bittencourt Sampaio”

(Fonte: Reformador, ano 85, n. 7, p. 21(161)-22(162), jul. 1967. Transcrito de Reformador, ano 126, n. 2.156, p. 16(414)-17(415), nov. 2008).

CONHEÇA TAMBÉM OUTRAS OBRAS PUBLICADAS PELA CRBBM:

- “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APÓSTOLO DO ESPIRITISMO”, DE JORGE DAMAS MARTINS E STÊNIO MONTEIRO DE BARROS
- “CONVERSAS FAMILIARES SOBRE ESPIRITISMO”, DE EMILIE COLLIGNON, ORGANIZAÇÃO JORGE DAMAS MARTINS
- “EM VERDADE VOS DIGO”, ORGANIZAÇÃO DE JULIO DAMASCENO
- “EXAMINAI TUDO”, ORGANIZAÇÃO DE JULIO DAMASCENO;
- “A EDUCADORA EMILIE COLLIGNON, GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA”, ORGANIZAÇÃO DE JORGE DAMAS MARTINS;
- “O DOM DE DEUS”, ORGANIZAÇÃO DE JULIO DAMASCENO.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA:
PEDIDOS PELO EMAIL
CRBBM@HOTMAIL.COM

PARA BAIXAR NO FORMATO PDF ACESSE
WWW.CRBBM.ORG